IV COLÓQUIO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

SEDES SAPIENTIAE

Pensando a sexualidade da criança no século XXI

O DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS do Instituto Sedes Sapientiae, promoveu nos dias 26 e 27 de agosto de 2016 o **IV COLÓQUIO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: Pensando a sexualidade da criança no século XXI.** Se a sexualidade da criança teve uma função disruptiva à época de seu desvelamento, o que pensar da sexualidade da criança na atualidade? A criança-anjo da era vitoriana hoje transborda sexualidade. Assistimos a uma brutal sexualização da infância: concursos de beleza, sutiens para meninas, salto alto para bebês, coaching infantil, entre outros. Como pensar os desdobramentos da subjetividade em tempos da "ditadura da criança" e do enfraquecimento dos adultos?

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ada Morgenstern
Clarissa Ferreira Martins
Fernanda Fazzio
Fernanda Ferrari Arantes
Julia Eid
Ligia P. Silber Rabinovitch
Maria Engracia Perez
Patrícia Vaz Prudente Correa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Angela May
Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila)
Maria Laurinda Ribeiro de Souza
Mary Ono
Wagner Ranna

SUMÁRIO

DIVERSIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA 6

Alberto Luiz Rodrigues Timo | Izabela Dias Velludo Roman | Fábio Roberto Rodrigues Belo

O PEQUENO HOMENZINHO: ÉDIPO AINDA ESTÁ ENTRE NÓS 11

Alcimeri Kühl Amaral Veiga Prata

SEXUALIDADE INFANTIL EM TEMPOS DE ACESSOS E EXCESSOS 16

Bruna Ferreira Fernandes, Camila Lopes Allegretti | Fabiana Lorenzoni Castillo, Fernanda Dornelles Hoff | Luciana Rechden da Rocha, Marina Lucia Tambelli Bangel | Thais Cristine Chies

MAMÃE, EU POSSO SER DIFERENTE? – A IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO E OS SENTIDOS DO DESEJO 20

Christiane Carrijo | Patrícia Porchat

A SEXUALIZAÇÃO NA CRIANÇA-SINTOMA COMO EFEITO DO GOZO MATERNO: QUAL O MANEJO DO LUGAR DOS PAIS NA ANÁLISE? 25

Cristiani Minga Beltran Fanti

AS PESQUISAS SEXUAIS E A PRODUÇÃO DE SABER NO TRATAMENTO DE UM CASO DE DEBILIDADE 30

Ana Lícia Pegorelli | Daniel Amiro Basilio Gonçalves | Fernanda Lacanna | Izabel Abreu Kisil

REINVENÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO: PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE FAMÍLIA E GÊNERO 35

Danielly Passos de Oliveira

VOLTAR A SER BEBÊ : AS REGRESSÕES COMO FORMA DE PROTEÇÃO DO PSIQUISMO AOS EXCESSOS CAUSADOS PELA SEXUALIDADE. 53

Denise Arisa dos Santos Dias

PAIS: QUEM VAI ARRUMAR ESTA DESORDEM? 58

Eduardo Fraga de Almeida Prado

DESDOBRAMENTOS DA CULTURA DO CONSUMO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: O SUJEITO ENTRE O SER E O TER 64

Helena Julio Rizzi | Victor Oliveira de Carvalho

A SUPLÊNCIA DOS IRMÃOS DIANTE DO DESMENTIDO DOS ADULTOS NOS CASOS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR 69

Isabella Ferraz Lacerda de Mello

ABUSO SEXUAL E SUICÍDIO: A LUTA PELA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE 73

Izabela Dias Velludo Roman | Laura Facury Moreira

O ENLACE ENTRE O CORPO E AS REPRESENTAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE UM CASO DE ATENDIMENTO PSICANALÍTICO MÃE-BEBÊ COM IMPASSES NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO 78

Julia Garcia Durand

DISFLUÊNCIA, DIFICULDADE DE ARTICULAÇÃO E *ACTING OUT*: UM DIZER QUE TRANSBORDA 83

Lia Lima Telles Rudge

O COMPLEXO DE ÉDIPO NA HISTÓRIA: DE SEU INÍCIO ÀS "NOVAS" CONFIGURAÇÕES FAMILIARES 87

Érica Silva do Espírito Santo | Jhonatan Jeison de Miranda | Julinéia Soares | Marcus Vinicius Neto Silva | Olívia Loureiro Viana

O TRAUMA NO ABUSO SEXUAL INFANTIL 93

Margarete dos Santos Marques

O SINTOMA NEURÓTICO NA CRIANÇA: IMPASSES E SAÍDAS DO COMPLEXO DE ÉDIPO 97

Maria Carolina Accioly de Carvalho e Silva

A FALTA DE AR NO LUGAR DE PALAVRAS: A POSIÇÃO SUBJETIVA E O LUGAR DE GOZO NA INCIDÊNCIA DO FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO 102

Mariana Rodrigues Anconi

A CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA DIANTE DOS IMPASSES NA FUNÇÃO MATERNA E NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA INFANTIL 108

Mariana Fontoura Terra Bento | Thais Siqueira

ABUSOS CURTIDOS? REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL E MÍDIAS SOCIAIS 114

Mira Wajntal

INCIDÊNCIAS DAS PALAVRAS DO ADULTO ACERCA DO ABUSO SEXUAL INFANTIL 119

Anna Paula Njaime Mendes | Nívea de Fátima Gomes

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL À LUZ DA TEORIA WINNICOTTIANA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO 125

Omar Moreira Del Bianco | Prof.ª Dr. ª Rosa Maria Tosta

OS NOMES DO PAI: A RESSIGNIFICAÇÃO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA 130
Paul Kardous

DO TRAUMA AO DESENHO: EXPRESSÕES DE DEFESAS PSÍQUICAS 134
Rafaela Cristina Bittencourt Garcia

REFLEXÕES ACERCA DA UTILIZAÇÃO E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAISDOS BLOGS MATERNOS NA ATUALIDADE E SEUS POSSÍVEIS EFEITOS NA CONSTRUÇÃO DA FUNÇÃO MATERNA 139
Patrícia L. Paione Grinfeld | Roberta Alencar | Silvia Paula Leite Bicudo

ALGUNS CUIDADOS NA ESCUTA DE CRIANÇAS E DAS QUESTÕES DE GÊNERO 144
Vanessa Chreim

DIVERSIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Alberto Luiz Rodrigues Timo (apresentador)
Izabela Dias Velludo Roman
Fábio Roberto Rodrigues Belo

RESUMO

As questões relativas às identidades de gênero e suas implicações clínicas estiveram, por muito tempo, negligenciadas pela psicanálise. No entanto, quando esta temática ganha espaço nas discussões teórico-clínicas, ainda aparece pautada nas concepções de gênero marcadas pelo binarismo masculino/feminino que tanto perpassou a obra freudiana e de seus sucessores. Como tentativa de superar esta postura, iremos apresentar algumas contribuições de Jean Laplanche sobre a problemática do gênero a fim de encontrar possíveis respostas para as seguintesquestões: como os analistas têm atendido seus pacientes diante do cenário de manifestações de gênero mais fluidas e diversificadas? Tendo como base a formação clássica dos estudos da obra freudiana e dos seus principais sucessores, os analistas estariampreparados para lidar com a multiplicidade de orientações sexuais e identidades de gênero?

PALAVRAS-CHAVE: identidade de gênero, formação do psicanalista, diferença sexual.

As recentes discussões teórico-clínicos desenvolvidas em torno da noção de gênero têm demonstrado que as noções de homem e de mulher requerem ainda muita reflexão justamente por influenciarem diretamente a forma com que os pacientes são acolhidos e acompanhados nos consultórios de psicanálise. Se as concepções do que são homens e mulheres, do que é o masculino ou o feminino são fundamentais para o atendimento de pacientes homossexuais ou transexuais, cuja vida é atravessada por violência de gênero e conflitos concernentes à assunção e definição de uma identidade, para o atendimento de pacientesheterossexuais, essas concepções estão distantes de irrelevância. Nossa proposta é realocar a discussão partindo do pressuposto radical de que todo e qualquer ser humano precisa se haver com as questões de gênero que remontam ao estabelecimento dos primórdios de sua constituição. Mesmo as pessoas que se estabelecem dentro da heteronormatividade compulsória, nela se mantém à custa da reiteração de práticas defensivas e violentas, consigo mesmas e com os outros.

O presente trabalhotem como objetivo principal responder uma questão semelhante: os analistas da atualidade encontram subsídios teóricos suficientes para atender seus pacientes diante do cenário de manifestações de gênero mais fluidas e diversificadas? Na tentativa de encontrar caminhos possíveis de atuação dos psicanalistas, iremos retomar sucintamente as contribuições freudianas sobre as noções de masculino e feminino para posteriormente, problematizá-las e propor concepções alternativas a partir da leitura de Jean Laplanche.

Embora Freud não tenha utilizado a expressão “identidade de gênero” podemos considerar que o autor já se debruçava sobre o assunto na medida em que procurava desenvolver teorias a respeito das noções de feminilidade e masculinidade e seu papel na formação psíquica de homens e mulheres, ou seja, mesmo que ainda não tivesse sido feita uma separação entre os termos sexo e genêro, tal como foi proposta por Robert Stoller em 1975, a psicanálise freudiana pode ser entendida como uma teoria do desenvolvimento humano sobre a aquisição do gênero. Isto porque desde seus trabalhos fundamentais como “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”(1905), como também em volumes posteriores, em seus textos “A dissolução do Complexo de Édipo”(1924), “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925), “A Sexualidade feminina” (1931), e “Feminilidade” (1932) Freud buscou esclarecer os processos envolvidos na aquisição da masculinidade e da feminilidade pelo homem e pela mulher.

No entanto, mesmo fazendo a concepção da sexualidade avançar para um caminho oposto ao de uma concepção natural e essencialista, principalmente a partir da postulação da sexualidade infantil nos Três ensaios (1905), Freud muitas vezes incorre em concepçõesbiologicistas de masculino e feminino.No próprio texto dos Três ensaios, após propor no primeiro e segundo ensaios que a sexualidade humana não encontra normatividade, sendo perversa e polimorfa por excelência, publica um adendo à obra, o terceiro ensaio, no qual defende que a puberdade seria o momento em que a sexualidade humana organiza-se em torno dos genitais e sob a égide da atividade reprodutiva. Um capítulo inteiro que contraria a própria definição de pulsão em sua lógica anormativa e sua carência definitiva de um objeto cuja ligação seja superior a uma solda de má qualidade. No texto"A dissolução do Complexo de Édipo"(1924), Freud afirma categoricamente que "a anatomia é o destino" ao recusar "a exigência feminista de direitos iguais para os sexos" já que "a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico" (p. 197). Além disso, no texto "Análise terminável e interminável" (1937) Freud afirma que "para o campo psíquico, o campo biológico desempenha realmente o papel de fundo subjacente. O repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo" (p. 270). Nesses momentos, Freud retoma a força do determinismo biológico no desenvolvimento da sexualidade humana. Um Freud avesso a si mesmo, ou pelo menos avesso à concepção da sexualidade humana definida pela primazia do pulsional e descolada do campo instintivo.

Além disso, o fundador da psicanálise concebe uma organização genital infantil marcada pela existência de um só órgão sexual, o órgão masculino, o que implica no reconhecimento de uma polaridade fundamental, fálico-castrado, que estará situada entre tantas outras, ativo-passivo, masculino-feminino, que exercerão papel principal na estruturação da vida sexual. Este tipo de consideração reforça a ideia de que a sexualidade é marcada por uma percepção da diferença – ter ou não ter o órgão masculino, em detrimento de um reconhecimento da diversidade dos corpos – cada um diferente do outro (Laplanche, 1988).

Esta divisão binária das identidades reforçada por Freud em sua compreensão do desenvolvimento humano, rege as concepções sociais e teóricas da psicanálise desde seu fundador.Tal binarismo é o principal alvo das críticas de teóricas feministas que atuam a favor do reconhecimento de todos os indivíduos enquanto humanos, principalmente aqueles marcados por uma identificação de gênero não-inteligível. Patrícia Porchat (2014) resume as questões de Judith Butler, maior representante do movimento *queer*, da seguinte maneira:

> ***em primeiro lugar, qual é a necessidade de se organizar a sociedade em termos de homens e mulheres como gêneros estanques na medida em que essa divisão – que define os gêneros um em relação ao outro – não coincide com o que desde há muito tempo se vê pelo mundo? Em seguida, pergunta-se sobre onde está a abertura (teórica) para se fazer crer que na sociedade os seres humanos não se limitam a esses dois gêneros? (Porchat, 2014, p. 81)***

Essa corrente teórica visa reforçar a ideia de que não há nenhuma natureza ontológica na sexualidade "não há nenhuma diferença anatômica entre os sexos, que não seja sempre já incluída numa instituição cultural do gênero, construída socialmente e definida historicamente." (Ayouch, 2015, p. 27). Trata-se de uma concepção performática do gênero: ele precede, fabrica e define os sexos, ou seja, ser homem ou mulher não passa de uma reprodução de gestos, atos, discursos, desejos e atitudes que são impostos por uma interpelação social, resultado de uma prescrição coletiva de normatividade. Para utilizar o vocabulário da psicanálise, o gênero é o resultado de reiterados processos de defesa, repressão, recalcamento, recusa e foraclusão de tudo aquilo que não diz respeito à orientação normativa imposta. Trata-se aqui de questionar, inclusive, o uso do termo gênero para pensar as variações possíveis de manifestações identitárias da sexualidade.

Como tentativa de superar esta concepção binária de gênero dentro da teoria psicanalítica, iremos recorrer às contribuições de Jean Laplanche para fundamentar nosso argumento principal de que o uso dos termos masculino e feminino como têm sido empregados pela psicanálise reproduzem práticas discursivas e disciplinadoras dos corpos,cuja consequência é umapatologização da diversidade dos gêneros e tem como implicação uma dificuldade do analista em realizar uma prática clínica que deveria estar pautada em todo seu poder de matizar as construções de gênero marcadas pela repressão e pelo recalcamento.

No texto "O gênero, o sexo e o sexual" Laplanche inicia sua exposição com as seguintes afirmações:

> ***O gênero é plural. É geralmente duplo, como o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social.O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fálico/castrado. O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise. Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo. (Laplanche, 2015, p. 155)***

É importante assinalar que Laplanche distancia-se de outros autores que trabalham a relação entre sexo-gênero por partir de uma concepção anti-realista do sexo, ou seja, por considerar que os corpos não se definem pela anatomia biológica, mas sim por uma anatomia sempre fantasiada, marcada pela condição do animal humano. Neste sentido, Laplanche irá propor que a anatomia do sexo – homem e mulher - convida o sujeito a traduzir suas manifestações de gênero como sendo masculino e feminino, tal como a teoria psicanalítica o fez a partir de Freud. No entanto, o grande diferencial das postulações deste autor é o fato de considerar que estas são apenas duas traduções possíveis para o sujeito, mas que existem muitas outras possibilidades de tradução do sexo para a construção do gênero.

O autor irá defender a ideia de que a diferença anatômica é apresentada à criança – e não simplesmente percebida por ela, de maneira implicada com as questões sociais, culturais e políticas que estão presentes no entorno da criança, no pequeno grupo dos socci próximos (pai, mãe, amigo, irmão, tio, primo, etc). Ou seja, o adulto que cuida da criança designa à ela, através de "um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno" (Laplanche, 2015, p. 166) um gênero, que estará fortemente marcado pelo sexual do adulto. São as mensagens de designação do gênero, portadoras de ruídos – fantasias, expectativas inconscientes ou pré-conscientes, marcados pela sexualidade infantil reativada no adulto que estão diante da criança. Neste sentido, o termo designação, que será utilizado por Laplanche para definir o gênero, sublinha a importância e primazia do outro no processo de construção da identidade de gênero na criança.

Estas afirmações são possíveis a partir da Teoria da Sedução Generalizada (TSG) proposta pelo autor como situação antropológica fundamental. A dissimetria essencial existente entre a criança pequena e o adulto que dela se ocupa, determinada pela presença de um inconsciente sexual constituído no adulto, apresenta-se na forma de gestos, olhares e palavras dirigidos à criança, que serão considerados como "mensagens enigmáticas". Neste sentido, os conteúdos de gênero aparecem como um enigma que provém deste tempo originário e constitutivo do sujeito. A criança usualmente, a partir das injunções culturais, deverá simbolizar este e outros enigmas na tentativa de traduzir as diversificadas mensagens de gênero em termos de sexo anatômico e binário. Esta ação recalca toda a subjetivação plural e diversificada de gênero, mas também constitui o inconsciente a partir dos restos da tradução, o sexual.

Laplanche propõe, portanto, a realocação em primeiro plano do caráter diverso e múltiplo da pulsão. O autor nos lembra que, apesar de existir uma organização forçada dessa pluralidade de formas de satisfação em torno do genital, não podemos advogar a favor de uma organização biunívoca entre a pulsão e seu objeto, e por isso, não importa o genital de origem, não importa qual é a anatomia primária, a pulsão não se organiza por via do genital, mas perverte a função genital, conferindo-lhe sempre múltiplas significações. A partir destas considerações, devemos conceber o complexo de castração como uma operação lógica libidinal que trabalha em favor de uma colagem entre o órgão sexual – pênis, com sermasculino, fálico e ativo. No entanto, estas são apenas algumas das representações possíveis que podem funcionar como tradução simbólica do que é ter um pênis. Neste sentido, o trabalho de análise deveria funcionar como uma abertura para o reconhecimento de outras traduções possíveis, não marcadas pelo binarismo.

Esta proposição fica mais clara a partir da discussão que Laplanche faz dos termos diferença e diversidade. De acordo com o autor estamos acostumados a pensar a sexualidade como binária, concebida a partir dos pólos masculino e feminino. No entanto, a sexualidade mesmo pensada a partir do ponto de vista biológico, não implica,

necessariamente, a existência de apenas dois sexos, uma vez que a anatomia é sempre lida e interpretada e nunca apreendida por si mesma. Além disso,

> ***E nada impede, nesse nível anatômico, que se imagine um terceiro ou um enésimo tipo de ser humano, um terceiro ou um enésimo gênero marcado por um terceiro ou um enésimo tipo de órgão. Em outras palavras, ao nível da anatomia não existe princípio do terceiro-excluído, e nada impede tampouco que se imagine não só esse terceiro órgão sexual, completamente diferente dos outros dois, mas também um indivídio portador, simultaneamente, dos atributos de um e do outro sexo. A imagem do hermafrodita é uma imagem corrente, particularmente pregnante tanto no mito quanto no sonho. (Laplanche, 1988, p. 44)***

Trata-se de desconstruir todo um conjunto de noções psicanalíticas, principalmente aquelas que partem de uma leitura lacaniana, de uma primazia do falo, confundido propositadamente ou não com o pênis,como uma marca única do corpo humano,que se impõe em relevância entre todos os outros. Esse falo que alcança quase um caráter transcendental não se opõe a uma série de outros órgãos, muito menos aos órgãos representantes do que seria o feminino, como o útero e os seios,em uma concepção tributária do próprio Freud que desenvolve a ideia de que a possibilidade que a fase fálica oferece nem mesmo é a escolha entre masculino e feminino, mas sim entre fálico-castrado, ou seja, entre fálico e não-fálico. Em oposição a Freud e a Lacan, Laplanche (idem) defende que o falo deve ser considerado a partir de uma série indefinida, sendo apenas um termo entre diversos outros nas séries simbólicas possíveis.

O fundamento dessa reconstrução proposta por Laplanche é priorizar a sexualidade e o desejo em todo o seu aspecto transitório, perverso e polimorfo, já que a noção freudiana de sexualidade introduz uma desbiologização inédita da sexualidade ao desvincular a pulsão de qualquer aspecto inerente ao seu objeto.

Nossa hipótese é a de que os analistas não estão preparados para lidar com a multiplicidade das traduções pulsionais possíveisao se depararem com as angústias dos pacientes marcadas pelo sentimento de inadequação às exigências sociais dos seus desejos sexuais e de suas construções identitárias. Isto se deve ao fato de terem sido formados com base em uma concepção teórica sobre o desenvolvimento humano tributária do binarismo e pautada na diferença, e não na diversidade. Diante das manifestações clínicas de pacientes hetero, homo, trans e quais mais forem possíveis,nós psicanalistastemostrabalhado com concepções essencialistas de homem e mulher, tal como a sociedade, a cultura e as teorias biológicas tantas vezes nos impõem. A clínica psicanalítica tem o poder de problematizarconstruções de gênero marcadas pela repressão e isso requer do analista a consideraçãoda diversidade em detrimento de uma concepção binária e restrita da sexualidade, do gênero e das identificações. Estejamos atentos ao fato de que esta postura pode representar um ataque ao núcleo da identidade de gênero do próprio analista, pois não raras vezes verificarmos a violenta contratransferência que as questões trans provocam nos profissionais. Tal fato ressalta a importância dessa discussão no meio acadêmico e nos centros de formação, pois a postura adotada nestas instituições irá determinar a forma com que os processos de análise e de supervisão dos analistas em formação abordarão essa abertura para a diversidade.

A teoria psicanalítica precisa dessa abertura para o acolhimento da diversidade de manifestações de gênero e isso só será possível se encararmosuma luta discursiva capaz de rever e questionar os termos utilizados pelos psicanalistas que não fazem mais que reforçar estereótipos e concepções binárias de gênero e da sexualidade. Conceitos caros à nossa teoria como o masculino, o feminino, nome-do-pai, função materna, falo, mulher, precisam ser revistos ou a psicanálise permanecerá na contramão daquilo que Freud, em seus momentos mais revolucionários, foi capaz de conceber como subversão teórica e social, a saber, a relação do ser humano com sua existência pulsional produz configurações psíquicas idiossincráticas, nunca formatáveis às normas na natureza, muito menos à moralidade de determinada época. Precisamos discutir as implicações práticas de nossos dispositivos teóricos utilizados na formação de nossos analistas, pois, se não há ideologia ou ciência neutra, quem escolhe a neutralidade opta necessariamente pela concordância com a posição do poder instituído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUCH, T. (2014). *A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções*. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 48, n. 4, pp. 58-70.

_____. (2015). *Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais*. Percurso, n. 54, pp. 23-32.

FREUD, S. (2006a). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

FREUD, S. (2006b). *A dissolução do Complexo de Édipo*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp. 189-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

FREUD, S. (2006c). *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp. 271-286). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

FREUD, S. (2006d). *A sexualidade feminina*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 229-254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

FREUD, S. (2006e). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise – Conferência XXIII: Feminilidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).

FREUD, S. (2006f). *Análise terminável e interminável*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 223-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

LAPLANCHE, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense.

_____. (1988). *Problemáticas II: castração – simbolizações*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.

PORCHAT, P. (2014). *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá.

SOUZA, E. M. e Carrieri, A. P. (2010). *A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero*. Rev. Adm. Mackenzie, v. 11, n. 3, Edição Especial. São Paulo, SP. pp. 46-70.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Os fora-do-discurso podem ser incluídos?* Desafios da educação inclusiva in *Retratos do mal-estar contemporâneo na educação*. VOLTOLINI, R. (org.) São Paulo, Escuta/FAPESP, 2014

Alberto Luiz Rodrigues Timo
Doutorando em Estudos Psicanalíticos pela UFMG (Bolsista CAPES), Mestre em Estudos Psicanalíticos pela mesma instituição. Professor convidado do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica UFMG.

Izabela Dias Velludo Roman
Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela UFMG, Mestre em Estudos Psicanalíticos pela mesma instituição, pesquisadora do Projeto CAVAS/UFMG e psicóloga clínica. Atuou como Analista de Políticas Públicas da Prefeitura de Belo Horizonte.

Fábio Roberto Rodrigues Belo
Doutor em Estudos Literários (FALE – UFMG) e Professor Adjunto II, de Psicanálise, no Departamento de Psicologia, da UFMG.

O PEQUENO HOMENZINHO: ÉDIPO AINDA ESTÁ ENTRE NÓS

Alcimeri Kühl Amaral Veiga Prata

RESUMO

O complexo de Édipo é, inequivocamente, um dos eixos norteadores da teoria psicanalítica. Em seu único texto que versa exclusivamente sobre esse tema, intitulado "A dissolução do complexo de Édipo", Freud (1924) afirma que se trata de conceito fundamental na estruturação psíquica do sujeito. Muitos acréscimos foram feitos desde então, dentre eles, o de Melanie Klein, que pôde observar, por meio de sua experiência clínica, a presença desse complexo desde muito precocemente na vida do indivíduo. Com base nos princípios presentes na obra freudiana e na elaboração do conceito de complexo de Édipo kleiniano, este trabalho relata e analisa o caso de um menino atormentado pelo desejo culposo de ter a mãe só para si, negando a existência dos pais como pessoas que possuem seus próprios desejos e que se voltam para outros campos que não somente a criança. Os medos e as ansiedades puderam ser trabalhados durante o processo psicanalítico, levando à reelaboração do lugar que o menino ocupava no imaginário dos pais e nele próprio.

PALAVRAS-CHAVE: complexo de Édipo, caso clínico, Melanie Klein, relação triangular.

Em 1905, quando afirmou a existência da sexualidade em crianças, Freud abriu um caminho tortuoso, mesmo nos dias atuais, para explicar a neurose infantil. Vinculada a esse quadro, a construção conceitual do complexo de Édipo, como operador clínico e teórico, foi então se edificando ao longo de sua obra.

Em 1909, na quarta das "Cinco lições de psicanálise", Freud apontou que os sentimentos nascidos nas relações entre pais e filhos não são apenas de natureza positiva, de ternura, mas também negativos, de hostilidade. Mais adiante, em 1910, no texto "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições a psicologia do amor)", usou o termo "complexo de Édipo" pela primeira vez, destacando: "O mito do rei Édipo que, tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é uma manifestação pouco modificada do desejo infantil, contra o qual se levantam mais tarde, como repulsa, as barreiras do incesto" (FREUD, 1910/2006, p. 58).

Fundante do superego, o complexo de Édipo é, de fato, conceito norteador na psicanálise. Cintra e Figueiredo (2010) acreditam que Klein possa ter sido influenciada pelos textos de Freud, como "Três ensaios sobre a sexualidade" (1905) e "Inibição, sintoma e angústia" (1926/2006), para formular sua teoria sobre o complexo de Édipo arcaico. Já em um dos seus primeiros artigos sobre o tema, intitulado "Estágios iniciais do conflito edipiano" (1928/1996), Klein aponta que as tendências edipianas começam a ser liberadas como uma das consequências do desmame, e completa: "desde o início, porém, os desejos edipianos ficam associados ao medo da castração e a sentimentos de culpa incipientes" (KLEIN, 1928/1996, p. 216).

Klein (1928/1996) dá o nome de "complexo de castração" nas meninas e "complexo de feminilidade" nos meninos para o desejo frustrado de possuir um órgão especial. Diante do caso que será relatado na sequência, busco privilegiar a explicação que a autora dá ao complexo de feminilidade.

No menino, existe uma tendência de roubar e destruir os órgãos que ele presume serem de receptividade e fartura, como a vagina e os seios (fonte do leite). Como em sua fantasia o menino teme ser punido pela destruição desse corpo que recebe e que nutre – o corpo da mãe –, o medo que surge pode ser relacionado aos desejos de castração da menina. Isso porque, ao mesmo tempo em que deseja destruir e mutilar o corpo da mãe, a retaliação é uma ameaça; e dessa forma, ele próprio também pode ser castrado (desmembrado).

> **(...) a mãe que toma as fezes do menino também representa uma mãe que o desmembra e castra. Não é apenas através das frustrações anais impostas à criança que a mãe abre caminho para o complexo de castração: em termos de realidade psíquica, ela já é o castrador (KLEIN, 1928/1996, p. 220).**

Para além do medo no menino de ser castrado pela mãe, soma-se o medo de ser castrado pelo pai, que de fato possui o pênis. Assim, a fase da feminilidade no menino se caracterizaria pelas imagens que são formadas a partir da mãe e do pai, ao mesmo tempo. Hanna Segal (1975) chamou esse processo de "fantasia de pais combinados"[1], o que corresponde a uma ansiedade relacionada ao útero e ao pênis. Essa ansiedade submeteria o menino à tirania de um superego que devora, mutila e castra. O desejo frustrado de ter um filho faria com que o menino supercompensasse o fato de ter um pênis, fazendo com que a sua sensação de desvantagem fosse deslocada para um plano intelectual, atribuindo um valor narcisicamente excessivo a esse órgão. Para Klein (1928/1996), é na fase da feminilidade que existe uma longa luta entre as posições pré-genital e genital da libido, e será essa luta que poderá ser reconhecida como o conflito edipiano.

Tendo esclarecido minimamente o complexo edipiano em Freud e Klein, passo a apresentar o caso[2] de Maurício, de nove anos de idade, que, tal como Édipo, vivia a ambivalência entre o gozo de ter derrotado o pai e a culpa por ter tomado posse da mãe. No real da cena, corroborando com as fantasias destrutivas do menino, o pai ausentava-se com frequência, e a mãe fazia do filho seu "pequeno homenzinho" (sic), também para tentar reverter suas supostas falhas. Em um interjogo de amor e ódio por seus progenitores, o pequeno homenzinho reservava para si a angústia da relação incestuosa, tornando seu mundo interno sombrio e assustador.

Comunicativo, apresentando ótimo rendimento escolar e boas relações sociais, Maurício, muitas vezes, se dispersava em sala de aula e em outras, conversava demasiadamente com os colegas. Em certa ocasião, conjuntamente com outras crianças, fez algum tipo de brincadeira sexual que chamou a atenção da orientadora escolar. Foi após esse episódio que os pais foram orientados a procurar uma psicóloga.

No âmbito familiar, por motivos profissionais, o pai passava a semana em outra cidade, retornando apenas nos finais de semana. A mãe também vivia muito ocupada profissionalmente, mas ambos tentavam estar presentes o máximo possível na rotina diária de Maurício. Na entrevista inicial, ambos relataram que ele apresentava muita dificuldade para dormir e que a mãe, também cansada com a rotina do dia, acabava por permitir que o filho dormisse na cama com ela (inclusive nos finais de semana, quando o pai estava em casa). Outra queixa dizia respeito ao não comprometimento do menino com os estudos e lições de casa, o que fazia com que a mãe precisasse sempre estar presente para que ele desempenhasse esses compromissos.

Em nosso primeiro encontro, Maurício mostrou-se confortável com o ambiente do *setting* terapêutico, apresentou riqueza expressiva na criação de símbolos, buscando, ao seu redor, elementos que pudessem veicular suas fantasias e conflitos. Logo nas primeiras sessões, tendo estabelecido um vínculo de confiança comigo, Maurício me relatou uma série de sonhos que ele identificava como sendo pesadelos, pois traziam conteúdos muito amedrontadores. Relato alguns deles a seguir:

- Sonho do tubarão: um de seus melhores amigos, com quem estava brincando, se transformou em um tubarão. Maurício ficou com medo e gritou. Essa atitude chamou a atenção de um homem forte que veio ao seu socorro. O homem forte bateu no tubarão e ele virou um zumbi. Sentiu muito medo porque era forçado a entrar na água, mesmo com aquele tubarão tão perigoso. A mãe também apareceu no sonho, já o pai não: "meu pai nunca está, ele sempre viaja".

- Sonho do escorpião: Maurício me contou que este sonho aconteceu há muito tempo, apenas lembrava que fora picado por um escorpião azul gigante e voador, o que lhe causara muita dor e medo.

- Sonho dos bichos: em um terceiro sonho, uns bichinhos pequenos e estranhos o amedrontavam tanto que precisava correr para não ser picado.

---

1 A fantasia de pais combinados desempenha um importante papel no complexo de Édipo primitivo. Primeiramente o bebê se dá conta que sua mãe é um objeto total, mas ainda não consegue diferenciar plenamente seu pai de sua mãe, por isso fantasia o pênis ou o pai como uma parte de sua mãe, fazendo – a partir de sua idealização dela – que esta mãe seja continente de tudo o que é desejável, como o seio, bebês e pênis.

2 Os pormenores da história, personalidade, nome, idade e outras circunstâncias que, de alguma forma, pudessem identificar os envolvidos, foram alterados ou omitidos.

- Sonho do furacão: em um shopping, chega um furacão que o "suga", e também a mãe e o pai. Maurício e o pai conseguem sair de dentro do furacão, mas a mãe não consegue, e o pai fica muito bravo.

- Sonho do jacaré: um jacaré que tinha uma boca enorme entrou no rio que se formou entre as pedras e o piso novo que colocaram na escola. Uma luz muito forte apareceu dentro da boca do jacaré e explodiu. Maurício acordou assustado e viu que a mãe já não estava mais na cama ao lado dele.

Além dos sentimentos de insegurança, medo e fragilidade presentes nos sonhos, percebi que também começava a surgir a rivalidade com o pai, quando Maurício acreditava que este o culpava por não ter protegido a mãe do furacão - mas ponderou que o próprio pai também não o fez. Em consonância, o medo de ser devorado também estava muito presente - o tubarão que ataca, os bichinhos pequenos e assustadores e o escorpião que picam, talvez, fossem uma referência ao medo que sentia de ser devorado, mutilado e castrado. O bom e o mau estavam igualmente representados nos sonhos: o melhor amigo que se transforma em um tubarão e o pai e a mãe que o protegem me pareceram representações dos objetos bons internalizados, mas que, diante da forte angústia de ser devorado, sucumbem aos maus objetos e se transformam em medo e angústia. É possível supor que existia uma intensificação da ansiedade depressiva, pois ele próprio sentia que havia destruído ou estava destruindo um objeto inteiro com a sua voracidade e agressão, sentia que esses impulsos destrutivos eram dirigidos contra uma pessoa amada (KLEIN, 1952/1996).

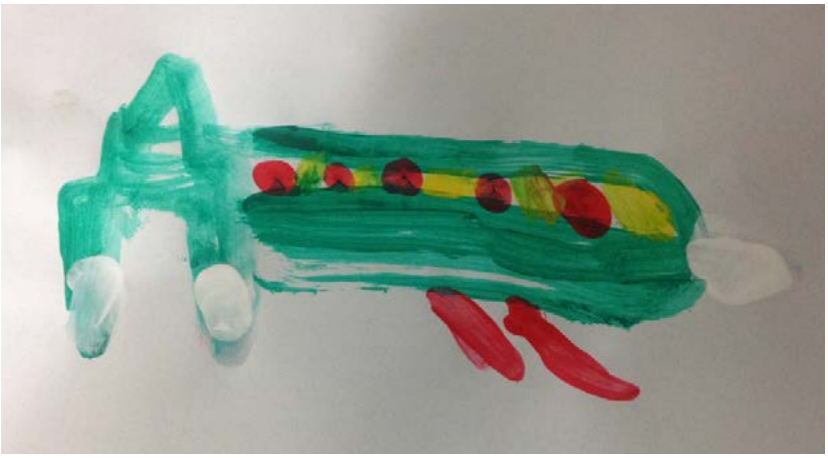
Em uma determinada sessão, Maurício chegou muito sonolento, explicando que não dormira bem, pois a mãe, por iniciativa própria, havia insistido para que permanecesse em seu próprio quarto naquela noite, o que o fez ficar acordado por um longo período. Questionei os motivos pelos quais precisava dormir ao lado da mãe, e ele respondeu: "não é apenas dormir ao lado dela, eu fico agarradinho nela porque é quentinho e, assim, também sei que eu estou protegendo ela". Foi então ficando cada vez mais claro como Maurício internalizou a incumbência de cuidar da mãe e assumir o lugar do pai, tornando-se o responsável da casa. Em termos psicossexuais, essa confusão de papéis foi, gradativamente, prejudicando o desenvolvimento psíquico e afetivo do menino. Como ainda não poderia ser um homem como o pai, também não conseguia viver plenamente sua idade de nove anos.

As brincadeiras de cunho sexual faziam-se muito presentes nas sessões de análise. Representações do ato sexual, alusão à cena primária, curiosidade sobre a anatomia do homem e da mulher e comentários escatológicos eram constantes nas sessões. Podemos pensar, a partir dessa perspectiva, que os sonhos narrados logo no início do processo de análise representavam seu próprio ataque à figura dos pais combinados, já que a ansiedade desencadeada "põe em movimento métodos de defesa mais arcaicos do ego" (KLEIN, 1930/1996, p. 252).

Penso que Maurício necessitava lidar com o seu próprio sadismo e com a fantasia de retaliação por parte do objeto, fazendo com que o ego precisasse se defender através de mecanismos ainda pouco elaborados. De modo a lhe oferecer um espaço em que pudesse, de alguma forma, dar vazão a essas fantasias, procurava disponibilizar em nossos encontros materiais para desenhos e pinturas. Em uma mesma sessão, fez os dois desenhos a seguir:

DESENHO 1: MONSTRO DEVORADOR DE RAIOS COM MÃOS TRITURADORAS

DESENHO 2: PICADOR COM UMA PICADA VENENOSA



Embora ambos não apresentassem formas distintas, a verbalização que se seguiu a essas produções, por si só, foi esclarecedora. O monstro devorador de raios com mãos trituradoras absorve os raios (introjeta) através de suas antenas, para então armazenar esses raios como energia. As mãos servem apenas para se proteger, caso o monstro seja atacado. O monstro, apesar das pessoas terem medo dele, não é mau e suas mãos trituradoras servem, na verdade, como arma e, ao mesmo tempo, para triturar os alimentos. O desenho 2, feito logo na sequência, retrata a figura de um "picador com uma picada venenosa". Esse picador possui um ferrão mortal que jorra muito sangue. Ele pode fazer muito mal ao monstro (desenho 1).

Por meio dessas verbalizações, pude compreender que Maurício sentia que o pênis do pai (o picador com uma picada venenosa) poderia ser um perigo para a vagina da mãe (o monstro devorador de raios com mãos trituradoras) e que dependia dele, Maurício, fazer com que o "monstro" e o "picador", ou seja, a vagina da mãe e o pênis do pai, não se encontrassem. Essas interpretações foram, em uma linguagem lúdica e compreensível para a criança, pontuadas para Maurício.

Foi a partir dessas figuras que Maurício pôde começar a elaborar suas angústias, representadas pela figura dos pais combinados, passando então a tolerar a pressão das situações de ansiedade que participavam efetivamente do interjogo das pulsões. O pequeno homenzinho foi entendendo que o pênis do pai não feria a mãe e, por consequência, a vagina da mãe pôde se tornar receptiva e fonte de energia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do processo psicanalítico, Maurício pôde começar a compreender que a fantasia da mãe contendo o pênis do pai e do pai dentro do corpo da mãe precisava evoluir para um lugar no qual essas figuras fossem percebidas como separadas. Aspectos positivos presentes no relacionamento do casal passaram a perpassar as fantasias destrutivas que vinham causando ansiedade e preocupação na mente do paciente, algo que é comum no universo infantil. Os medos, muito presentes no início do tratamento, criaram formas de representação simbólica por meio da atividade lúdica e do manejo acolhedor e sustentador exercido durante as sessões, sendo possível o trabalho psíquico de reelaboração do lugar que o pequeno homenzinho ocupava no imaginário dos pais e nele próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Claudio. Melanie Klein: estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2010.

FREUD, Sigmund (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 121-252.

_____ (1909). *Cinco lições de psicanálise.* In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 163-195.

_____ (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições a psicologia do amor).* In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 167-180.

_____ (1924). A *dissolução do complexo de Édipo* In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 245-252.

_____ (1926). *Inibições, sintomas e ansiedade.* In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 81-174.

KLEIN, Melanie (1928). *Estágios iniciais do conflito edipiano.* In: KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227.

_____ (1930). *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego.* In: KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 249-264.

_____ (1952). *As origens da transferência.* In: KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 70-79.

SEGAL, Hanna. I*ntrodução à obra de Melanie Klein.* Rio de Janeiro, Imago: 1975.

Alcimeri Kühl Amaral Veiga Prata

Psicóloga, mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, psicanalista formada pelo Centro de Estudos Psicanalíticos – CEP/SP, especialista em maternidade e puerpério, bacharel em Administração.

SEXUALIDADE INFANTIL EM TEMPOS DE ACESSOS E EXCESSOS

Bruna Ferreira Fernandes, Camila Lopes Allegretti
Fabiana Lorenzoni Castillo, Fernanda Dornelles Hoff
Luciana Rechden da Rocha, Marina Lucia Tambelli Bangel,
Thais Cristine Chies

AUTOR RESPONSÁVEL: **Marina Lucia Tambelli Bangel**

RESUMO

Partimos da leitura de Freud em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905) para considerar a presença de um intenso trabalho psíquico nos processos constitutivos envolvendo a apropriação das diferenças entre eu e o outro, entre os sexos e gerações, e as pesquisas sexuais infantis. Esses processos se dão no encontro com a cultura, na qual o sujeito que cresce está inserido, sendo a clínica um espaço privilegiado que tem nos permitido acompanhá-los em seus desdobramentos a partir das marcas atuais do excesso, da pressa e da ditadura da criança. A pressa, ao capturar o trabalho psíquico, obstrui o movimento de transitoriedade próprio da constituição subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, sexualidade, trabalho psíquico, excesso, cultura.

"Uma característica da ideia popular sobre o instinto sexual é que ele está ausente na infância e só desperta no período da vida descrito como puberdade. Isto, contudo, não é puramente um erro simples, mas um erro que tem tido graves consequências, pois é principalmente a esta ideia que devemos nossa atual ignorância das condições fundamentais da vida sexual. Um estudo completo das manifestações sexuais da infância provavelmente revelaria os caracteres essenciais do instinto sexual e nos mostraria o curso do seu desenvolvimento e a maneira pela qual ele se consolida a partir de várias fontes." (Freud, 1905, p. 177).

Iniciamos nossa produção com a citação que dá abertura ao capítulo II - A Sexualidade Infantil - dos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade***. Nesse recorte fica expressa a importância fundamental de podermos trabalhar com o conceito de sexualidade na forma como Freud se propôs a pensá-lo. Ele amplia a concepção deste conceito - o que gera inúmeras controvérsias, é verdade - ao mesmo tempo em que abre novas perspectivas teórico-clínicas.**

E é nesse mesmo sentido que nos propusemos, ao retomar constructos freudianos e pós-freudianos, a fazer trabalhar teoricamente questões que se colocam na clínica contemporânea às quais nos deparamos. Entretanto, o ponto que nos interessa discutir hoje é o do impacto do excesso – oriundo das mais diferentes fontes e das mais diversas formas – na construção da subjetividade e da sexualidade na infância. Evidentemente, sabemos que a sexualidade se introduz por um excesso. E que, neste processo, o mesmo agente que excita, instaurando a pulsão, ao estar atravessado pela castração e pelo recalque, viabiliza a organização da sexualidade infantil.

No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895) aponta que há estímulos endógenos que não são simplesmente descarregados pela via motora. A ação específica promovida por um semelhante, que é originada a partir do seu reconhecimento de uma necessidade corporal do bebê, possibilita a experiência de satisfação, instaurando a sexualidade e o desejo. Nesse momento, os estímulos internos não serão mais apenas da ordem do autoconservativo, mas também da ordem do sexual. Por exemplo, o que era apenas fome transforma-se em desejo de mamar. A mamada não é sempre igual, precisa ter um ritmo impresso aos poucos pela mãe: uma qualidade aí começa a se fazer presente. Para que o psiquismo possa processar e reter marcas deste encontro ritmado é necessário que as quantidades que ingressam neste não sejam excessivas. O tempo de processamento do psiquismo é lento, necessita ritmo, contiguidade, presença e ausência do objeto, e envolve um intenso trabalho de qualificar as quantidades.

Nesse sentido, é de suma importância sublinhar a função que cumpre a sexualidade adulta em relação à constituição da sexualidade infantil, bem como, a importância da existência de um sujeito adulto que possibilite o registro da alteridade, sendo justamente este que propiciará a condição de transitoriedade própria do sujeito em construção (Bleichmar, 2014). Assim, para pensar o psiquismo, seus processos constitutivos e desdobramentos, é preciso refletir sobre a trama relacional entre o sujeito e seus objetos primários, considerando que ambos aportam realidades psíquicas singulares.

Freud (1914) nos diz que o amor parental tão comovente, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que se transforma em amor objetal, mas que revela sua antiga natureza. Marucco (1999) também nos lembra que a coroação da criança, *Sua Majestade o bebê**, é também a coroação de *Sua Majestade os Pais*. Consequentemente**,** ao destronarem os filhos, também os pais o são. Sabe-se da importância na construção de um sujeito que esses dois processos possam se dar - tanto do coroar, quanto do destronar. Tanto a ilusão narcísica é fundamental para que se dê o processo de filiação, quanto manter-se nessa ilusão é impor uma versão falsa, evitando a castração e fazendo imperar o infantil desde suas versões da sexualidade perverso-polimorfa: do prazer imediato e parcial, da toxidade dos excessos e da indiferenciação.

Assim, sair do campo do narcisismo requer renúncias, tanto para a criança quanto para os pais. A vivência edípica é que confere a abertura necessária para sair das amarras narcísicas abrindo espaço para que as identificações viabilizem o investimento no ideal de ego. Nesse sentido é que Freud (1925) define o Complexo de Édipo como o ponto nodal do desenvolvimento sexual infantil.

Hornstein (2009) destaca que o Complexo de Édipo é produto da dupla diferença: entre os sexos e entre as gerações. Para ele, o ideal de ego faz as articulações entre narcisismo, objetalidade, princípio do prazer e realidade, implicando projetos e temporalidade. Frustrações e gratificações impulsionam o sujeito a se desprender de certas satisfações para buscar outras. As satisfações devem ser suficientes e insuficientes para que se preserve o desejo de continuar buscando o interesse por novos prazeres. É desde o ideal que se investem os projetos futuros, mas esse ideal somente se sustentará se puder se apoiar a esse olhar que também se dirige a certas conquistas do passado. Sem que se possam investir as imagens que representam para si o que se pensa ter sido e realizado não haveria aposta no tempo futuro.

O que queremos propor é que crianças inseridas em um cenário de indiferenciação - no qual os adultos capturados no seu próprio narcisismo, assumem, predominantemente, uma posição infantil – estão impedidas de ascender ao ideal de ego.

Assim, se uma menina fantasia ser a namorada do pai e está na cama com ele, o que ficaria projetado para o futuro está em cena no presente. A perspectiva de desejar crescer se perde e o tempo futuro não é vislumbrado. A castração falha e, o processo de recalque fica fraturado. A satisfação imediata impera e o interdito fica impedido de entrar em cena, pois a geração que teria que apresentar os enunciados proibitórios capazes de instituir legalidades não tem se posicionado nesse sentido. Fato é que a criança inserida num contexto de avanço da sexualidade do adulto sobre ela – como, por exemplo, em situações de co-leito, banho em conjunto, beijo na boca e até mesmo assistir vídeos e/ou filmes e novelas com cenas do ato sexual – se vê frente a um excesso de difícil metabolização.

Tal intensidade também é observável no que diz respeito ao campo das pesquisas sexuais infantis. Sabemos que a criança recorre a diversas fontes de informação para saciar a sua curiosidade. Se, em outros tempos, uma criança tinha o acesso às informações de modo restrito através de revistas, livros, etc; hoje, ao digitar no Google, palavras como “pepeca” ou “tico” ou simplesmente Barbie, abre-se um leque de conteúdos, inclusive pornográficos, que podem invadi-la com cenas difíceis de elaborar com os recursos psíquicos que dispõe. Ao acessá-las, a presença do excesso captura o trabalho psíquico, obstruindo o movimento de transitoriedade próprio da constituição subjetiva, já que traumático.

Mayer (2012) destaca um paradoxo. Se por um lado a contemporaneidade promove um aumento de informações, inclusive pela tecnologia, por outro, ocorre um encurtamento do tempo para as ações. Assim, como podemos pensar na atualidade as pesquisas sexuais infantis, quando as fontes de conhecimento são inúmeras e de acesso livre?

O que temos claro é que a ação específica necessária para que os processos internos ocorram fica impossibilitada quando uma vivência não é mediada pelo outro que cuida; ação que se faz presente quando as pesquisas sexuais se realizam através de perguntas que chegam ao adulto - pai, mãe ou cuidador - que se dispõe a ajudar a construir tais respostas pouco a pouco. Conforme nos referimos a pouco, um excesso é necessário para colocar em marcha a construção da sexualidade infantil, mas queremos marcar que este, põe o psiquismo em transbordamento. Quando a força da pulsão ainda em desordem dentro de si impõe uma satisfação que submete o adulto que teria que auxiliar na sua organização, estamos frente a uma inversão de posições. A dificuldade dos pais de ocuparem seu lugar diferenciado impede-os de assumir a posição de quem tem algo a dizer, borrando, assim, a diferença adulto-criança - imprescindível para a construção da sexualidade e do desejo no sujeito.

Um efeito possível seria a criança ficar com a ilusão de tudo poder. É comum vermos crianças no comando, elegendo o que querem comer, onde querem ir ou com quem querem estar; temos aí uma verdadeira ditadura da criança. Outro é estarmos frente a crianças dominadas por angústia e/ou com dificuldades importantes, senão impossibilidade de simbolização. Pensamos que muitos padecimentos da infância atual, tais como o que seria psiquiatricamente diagnosticado com TDAH se devem justamente a falhas ao longo deste processo de organização da sexualidade e constituição do psiquismo.

PSICANÁLISE, ESCUTA E ESPAÇO DE ELABORAÇÃO PSÍQUICA

Em contextos como estes da nossa cultura atual, onde a relação entre a criança e o outro humano encontra-se fortemente marcada por acessos e excessos, vale incluir a psicanálise enquanto escuta e intervenção terapêutica, que oferece um espaço importante para a criança e seus pais. Na medida em que a alteridade se faz presente, construções e caminhos diferentes podem ser viabilizados. Ressaltamos ainda, a importância do trabalho tanto com a criança quanto com os pais, pois conforme desenvolvemos acima a constituição do psiquismo ocorre na relação da criança com o outro humano sexualizante e sexualizado.

Bleichmar (2005) sugere uma metáfora interessante: a mãe pulsante, ou tomando o tema desse trabalho, a sexualidade do adulto, como um pernilongo. No momento em que a criança é picada pela sexualidade adulta o que num primeiro momento era externo torna-se interno e passa a agir desde dentro. O que a autora trabalha é que, nesses casos, seria um pensamento raso pensar que tudo se resolveria simplesmente eliminando-se o pernilongo. Assim, a intervenção analítica com a criança precisa agir sobre o que já tornou-se interno e singular promovendo as recomposições psíquicas necessárias e criando um entramado simbólico que possibilite a ligação do excesso, traumático.

É importante ressaltar que essa construção não se realiza através de medicação uma vez que esta, como destaca Bleichmar (2009), pode aplacar ou estimular processos neuroquímicos, mas não cria as redes simbólicas que permitam reorganizar e, ao mesmo tempo, preparar o psiquismo para novas experiências. Para isso é necessário uma intervenção analítica que considere o intenso e complexo trabalho necessário para a construção do sujeito psíquico abrindo a possibilidade de que novos destinos se deem.

E quanto aos pais? Retomando a metáfora da autora, o fato de que tenhamos que trabalhar com o interno na criança não retira a necessidade de escuta e trabalho também com eles especialmente nas situações marcadas pelo excesso. Diz: “Devemos exercer nossas intervenções a partir de um lugar que – sem sermos punitivos – ajudemos os pais a trabalhar o que lhes impossibilita cumprir certas legalidades.”. (Bleichmar, 2005). O analista coloca-se então como um terceiro que acolhe com respeito tanto o infantil da criança quanto o infantil dos pais. Destacamos que não se trata de dizer como os pais devem cuidar dos seus filhos, mas sim de fazê-los pensar nas implicações que aquilo acarreta para suas vidas, bem como identificar as fantasias, vivências anteriores e registros inconscientes que os levam a tais movimentos. Do contrário, estaríamos com uma escuta inocente conforme aponta Bleichmar, acreditando no simples remover da picada do mosquito.

Frente às questões abordadas, entendemos que a clínica psicanalítica tem muito a contribuir com sua escuta. Em especial, na direção da construção de um espaço para a circulação das diferenças e para a assimetria constitutiva que permita acompanhar e sustentar o trabalho psíquico da busca por respostas acerca dos enigmas, das descobertas e das pesquisas sexuais na infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEICHMAR, Silvia. *Las Teorias Sexuales em Psicanálisis.* Buenos Aires: Ed. Paidós, 2014.

BLEICHMAR, Silvia. *La Subjetividad en Riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2009.

BLEICHMAR, Silvia. *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Anablume, 2005.

FREUD, S. (1996). Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (J. Salomão, trad.). In J. Strachey (org.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira*. (Vol.VII, pp. 119- 232). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. Obra originalmente publicada em 1905.

FREUD, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica (J. Salomão, trad.). In J. Strachey (org.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira*. (Vol.1, pp. 381-529). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. Obra originalmente publicada em 1895.

FREUD, S. (1996). *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (V. 14, pp-77-108). Rio de Janeiro: Imago. Obra originalmente publicada em 1914

HORNSTEIN, Luis. *Narcisismo – autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera, 2009.

MARUCCO, Norberto C. *Cura Analítica e Transferência*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1999.

MEYER, Hugo. *Fragilidad del sostén interior em las adicciones*. In: Sig: revista de Psicanálise – Vol. 1, n. 1; Porto Alegre: Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2012.

Bruna Ferreira Fernandes
Psicóloga. Psicanalista em Formação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Camila Lopes Allegretti
Psicóloga. Psicanalista em Formação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Fabiana Lorenzoni Castillo Dal Ponte
Psicóloga de Orientação Psicanalítica. Em formação de Psicoterapia de Crianças, Adolescentes e Adultos pelo Instituto Bion. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Fernanda Dornelles Hoff
Psicóloga e Psicanalista. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e da Sociedade de Psicologia do RS. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Luciana Rechden da Rocha
Psicóloga e Psicanalista. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Marina Lucia Tambelli Bangel
Psicóloga. Psicanalista. Membro Pleno, Membro do Corpo Docente e de Supervisores da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Mestre em Teologia/Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais pela Faculdade EST. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Thais Cristine Chies
Psicóloga. Psicanalista em Formação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Especialista em Transtornos do desenvolvimento na infância e adolescência – abordagem interdisciplinar pelo Centro Lydia Coriat. Participante do Grupo de Investigação Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

MAMÃE, EU POSSO SER DIFERENTE? – A IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO E OS SENTIDOS DO DESEJO

Christiane Carrijo
Patrícia Porchat

RESUMO

O objetivo desse trabalho é pensar o corpo e a imagem inconsciente do corpo de um menino de sete anos de idade com questões referentes ao gênero a partir de fragmentos de sua história clínica. Desde a gestação, sua mãe queria que ele fosse um "menino diferente" e percebemos a relação desse desejo com a genealogia transmitida pelo banho de linguagem. A psicanálise analisa como o corpo não é redutível apenas ao biológico e dá a ele um outro estatuto. Françoise Dolto postula que a imagem inconsciente do corpo é a síntese viva das experiências emocionais de um sujeito relacionadas ao desejo e mediadas pela linguagem na comunicação entre sujeitos. O corpo do indivíduo se constrói a partir da imagem de um outro que lhe seja familiar e da rede discursiva significante de sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, sexualidade, trabalho psíquico, excesso, cultura.

INTRODUÇÃO

Toda criança está em construção do seu psíquico e, nesse sentido, não se pode dizer que uma criança seja neurótica, psicótica ou perversa, ou mesmo que já tenha uma identidade de gênero definida. Contudo, a reflexão desse caso é a respeito da dinâmica envolvida na construção da identidade de gênero e de questões teórico-clínicas que a perpassam e, para tal intento, tomaremos os conceitos de imagem inconsciente do corpo e o estádio do espelho, como propostos por Françoise Dolto, como eixos norteadores da discussão. Levar-se-á em consideração a reflexão de Ceccarelli (1997) sobre a necessidade de se investigar as relações entre os processos identificatórios e a construção do sentimento de identidade de gênero. A psicanálise analisa como o corpo não é redutível apenas ao biológico e dá a ele um outro estatuto; este se relaciona incondicionalmente à existência do inconsciente e do desejo. O corpo é o lugar de inscrição do somático e do psíquico (Fernandes, 2011), é um corpo pulsional. Esta ligação do psíquico com o corporal exige trabalho psíquico para lidar com grandes cargas de excitação do interior do indivíduo e toda esta ação é submetida a um sistema de representações. Nesse sentido, o corpo pulsional é construído a partir de investimentos libidinais, mediados pelos fantasmas e submetido a representações inconscientes.

Françoise Dolto (2002) postula que a imagem inconsciente do corpo é a síntese viva das experiências emocionais de um sujeito relacionadas ao desejo e mediadas pela linguagem na comunicação entre sujeitos; ela não é um dado anatômico natural. Nesse sentido, a imagem inconsciente do corpo não pode ser confundida com o esquema corporal. Este é uma realidade de fato, é o mesmo para todos os indivíduos da espécie humana e se relaciona com o contato que estabelecemos com o mundo físico. O esquema corporal é, em parte, inconsciente, mas também é pré-consciente e consciente. A imagem do corpo é sempre inconsciente, podendo tornar-se, em parte, pré-consciente e é acessada apenas por meio da linguagem verbal com figuras de linguagem (metáforas e metonímias) referidas à imagem do corpo. Na psicanálise de crianças, é acessada também por meio dos desenhos e modelagens produzidas pelos pacientes no transcorrer do processo psicoterapêutico e, assim, capturadas por essas imagens plásticas e pelo discurso que emerge referente a elas (DOLTO, 2002). A imagem é inconsciente e não-especular, por ser um substrato relacional da linguagem e nesse sentido, a palavra imagem é para dar ênfase às implicações relativas à identidade que, para Dolto, se relaciona com as identificações e em estreita relação com as imagens arcaicas do corpo, situadas na base do narcisismo (DOLTO e NASIO, 2008).

O estádio do espelho em Dolto (2008) é entendido como objeto de reflexão do audível, do sensível e do intencional e não apenas do visível, sendo esta uma das três diferenças essenciais entre o "espelho" de Dolto e o de Lacan. Para Nasio, refletindo sobre a proposta da psicanalista: "Isso mostra o quanto, em sua teoria, a

imagem refletida do espelho não passa de um estímulo entre outros estímulos sensíveis na modelagem da imagem inconsciente do corpo" (DOLTO e NASIO, p. 35, 2008). A segunda diferença é a relação do corpo real da criança e da imagem que é devolvida pelo espelho, pois, em Lacan esta é uma experiência inaugural e primordial, pois antecipa no imaginário a unidade do simbólico de um corpo infantil imaturo e fragmentado, mas, para Dolto, o corpo real já é um continuum (já existe uma individuação narcísica primária a partir do narcisismo fundamental) e o estádio do espelho se passará entre duas imagens: a imagem inconsciente do corpo e a imagem especular, esta última auxilia a modelar e a individualizar a primeira (DOLTO e NASIO, 2008). A terceira diferença é quanto ao que Nasio (2008) chama de natureza afetiva do impacto que a imagem do espelho produz na criança e, se em Lacan este impacto produz "jubilação", em Dolto produz uma castração, na qual a criança constata a distância que a separa da imagem e da superação dela não ser a imagem refletida que o espelho lhe devolve; a imagem escópica só toma sentido de experiência viva por meio da presença de uma pessoa com a qual a criança possa reconhecer a sua imagem do corpo e seu esquema corporal, ao mesmo tempo em que a criança reconhece a própria pessoa refletida na superfície do espelho e assim, esse outro está ali para falar com ela e lhe explicar o que vê e também para, se mostrando um adulto, deixar que ela se descubra uma criança. É a passagem pelo espelho – verdadeira ferida, furo simbólico – que dá a criança à percepção de que a sua imagem do corpo não era suficiente para corresponder, para os outros, a seu ser conhecido por eles. Dessa ferida decorre a inadaptação da imagem do corpo e do esquema corporal, do qual muitos sintomas aparecem para reparar, segundo Dolto, o estrago narcísico.

Trabalhar-se-á com a história clínica de F., sete anos, fruto do desejo de uma mãe que queria que ele fosse um "menino diferente" desde a gestação e, neste caso, a proposta de refletir sobre os processos identificatórios e a construção do sentimento de identidade de gênero a partir dos conceitos de Dolto brevemente descritos acima, será sobreposta à discussão de Ayouch (2015), de que em psicanálise não existe identidade de gênero e sexuada definitiva – "mas identificações que resultam de processos psíquicos e de relações do sujeito com o/a outro/a" (AYOUCH, p. 87, 2015). O autor propõe a ênfase na pulsão e não no objeto da pulsão para pensar a plasticidade psíquica e para se posicionar contrário a existência de uma identidade fixa e, sim, partidário da existência de movimentos identificatórios provisórios: "A identificação é sempre inacabada, situada na história subjetiva e coletiva, e prescrita pelo/a outro/a. O sujeito se forma e se transforma sendo identificado pelos outros: apropriando-se, em momentos da sua evolução, elementos, atributos, rasgos distintivos dos seres do seu entorno" (AYOUCH, p. 87, 2015).

A importância de autores como Ayouch (2015), Porchat (2014), Ambra (2015) e Butler (2003) é a de questionar possíveis engessamentos do discurso psicanalítico e de lembrar que a variedade e plasticidade da sexualidade humana são contrárias a qualquer universalização de uma suposta normatividade e, consequentemente, de uma patologização de sua expressão ou mesmo dos corpos; a bissexualidade psíquica é constitutiva dos sujeitos e isto tanto para a sexualidade como para a sexuação. A psicanálise precisa refletir que a orientação sexual, bem como a identidade de gênero de uma pessoa, a partir do desenrolar considerado "normal" ou não do Édipo, não garante sua saúde mental e como diz Ayouch (2015), não garante sua maturidade ou imaturidade psíquica. Nesse sentido, as autoras desse artigo querem frisar que no estudo de todo e qualquer caso clínico cuja questão central seja o questionamento ou construção da identidade de gênero e, logo, a ênfase na questão da sexualidade e da sexuação, será imprescindível levar em consideração dois pontos: de um lado, a escuta clínica norteada pela transferência e pelo próprio processo psicanalítico, visando uma enunciação discursiva que dê conta da alteridade do sujeito e, de outro lado, as representações sociais e históricas, culturais e políticas que perpassam o processo psicanalítico.

VINHETA CLÍNICA

Este é um caso clínico acompanhado por dois anos. Os pais de F. procuram atendimento psicanalítico para o filho porque ele adora brincar com brinquedos de "menina" e fazer "coisas de menina" e eles querem saber se o filho é "gay"; disseram estar dispostos a aceitar uma possível homossexualidade do filho, embora não queiram, mas que se preocupam porque ele sofre. As pessoas ficam falando do filho, na escola e também conhecidos e estranhos que o veem. Entretanto, a mãe diz que pede para ele não brincar com brinquedos de "menina" e ele passou a fazer isto escondido; ele também gosta de dançar e quer fazer ballet. F. repara muito nas unhas e cabelos de mulheres nas ruas, televisão e revistas. Ele tem uma irmã, dois anos mais velha que ele e alguns primos e primas, estes, todos da parte do pai, pois a mãe é filha única.

Durante as entrevistas clínicas com os pais, a história da gestação de F. chama a atenção. A mãe conta que fez tratamento para engravidar do filho. Esse tratamento, segundo ela, foi feito para que ela pudesse ter um menino, porque queria ter um de todo jeito. Durante toda a gestação a mãe contou que dizia para o filho, "falando com ele na barriga" que gostaria que ele fosse "um menino diferente". A gravidez foi difícil, com problemas físicos e depressão e mais, foi assaltada e por causa do nervoso sofrido, apesar de ainda um pouco fora do prazo, ela entrou em trabalho de parto; ela verbaliza este dia como o "dia do acidente". Ela teve depressão pós-parto e se trancava no quarto, não recebia visitas, não deixava ninguém se aproximar dos filhos e, principalmente, se preocupava e cuidava, sobretudo, da filha mais velha, com quem falava enquanto amamentava F., pois ficava preocupada da menina sentir ciúmes do irmão. Na história da genealogia da mãe, seu pai (avô materno) nunca a reconheceu como filha. Quando ele descobriu a gravidez de sua mulher, ele disse que teria que ser um menino e que, se não fosse, ele iria matar a criança ainda na barriga da mãe. Sua mãe (avó materna), ao descobrir que estava grávida de uma menina se afastou dele, se escondeu com medo do que ele pudesse fazer e ele procurou pelas duas até encontrar. Ele realmente quis matá-la, tentou várias vezes; hoje ele é falecido.

F. tem dois prenomes, chama-se J. F., inclusive seu primeiro nome foi dado pelo pai, no momento do registro da certidão de nascimento, sem a mãe saber. Esta queria que o filho tivesse apenas o mesmo nome da irmã, no masculino. Coube ao pai contrariar o desejo materno e também nomear o filho com seu próprio nome, J. Contudo, o menino é chamado de F. Nas sessões com F., sua preferência por bonecas fica evidente, assim como a sensação de estar sendo vigiado e o desconforto por brincar com alguém observando. Ele gosta muito da avó materna, tem uma relação de extrema identificação e "cola" tanto com a mãe, como com a irmã, muitas vezes se confundindo com ela (irmã). Demonstra em relação à irmã um sentimento de admiração, amor e inveja, quer ser como ela e, ao mesmo tempo, tem raiva por não poder ser assim. Ele tem uma fantasia de que ser menina é melhor e mais legal, de acordo com suas próprias palavras. Ao mesmo tempo em que tem grande identificação com o feminino e uma ideia negativa do masculino, inclusive em relação ao pai, F. tem uma conduta destruidora em relação à figura feminina em algumas das brincadeiras; a figura que ele agredia nas sessões era sempre a boneca da Barbie, com a qual representava a "mamãe", e as figuras das crianças, um casal de irmãos, que sempre brigavam.

Outra questão bastante recorrente nas sessões, após já algum tempo de terapia, foi o lugar dado à figura do bebê, na brincadeira. Esse bebê era sempre desprezado, abandonado, se perdia por um cano e parava em um esgoto; em outro momento, dava ao bebê, um lugar de dejeto, de algo sujo. Levantamos a hipótese de que esse bebê é ele próprio. Relatou que para esse bebê era mais legal ficar dentro da barriga da mãe. Quando a analista trouxe o princípio de realidade, perguntando o que ele pensava ser mais legal, fora ou dentro da barriga da mãe, veio à resistência, um longo período em silêncio (racionalização?) e ele respondeu que achava mais legal fora. F. trouxe em várias brincadeiras, na análise, a fantasia de ser gêmeo de sua irmã e mais, por causa do "assalto" a mamãe teve de escolher se protegeria a ele ou a irmã do ladrão e que ele nasceu logo; a mãe teria de escolher entre ele e a irmã.

A mãe foi orientada a relatar para F. a história do nascimento dele, o que aconteceu no dia, e o que ela queria dizer quando falava para ele, ainda em sua barriga, que queria "um filho/menino diferente". Segundo a mãe, todo aniversário do filho é muito difícil para ela, pois se lembra do ocorrido – assalto- e se deprime; F. percebe isso, dizendo que a mãe fica mais feliz no aniversário da irmã.

Quem é F. em toda essa trama identificatória e geracional? Difícil saber, pois inicialmente, na análise, ele não aparece como um garoto que quer ser menina ou se vê como tal, como aparece em algumas crianças que apresentam precocemente questões relativas à identidade de gênero. Contudo ao final do segundo ano de seu processo, F. já verbaliza em 3 sessões frases como "todo dia peço a Deus para eu acordar menina", ou "eu prefiro ser menina". O desejo de ser como uma mulher está a atender a uma demanda que não é sua? Uma demanda que vem da mãe, que desde os tempos da gravidez espera que o filho seja um "menino/filho diferente" e que vê na figura masculina algo violento demais, algo de ruim? Interessante parece ser o fato da mãe ter feito tanto esforço para ter um filho, um menino, assim como seu pai queria que sua mãe fizesse. Ao questioná-la sobre o porquê de querer esse filho homem, ela não soube responder; quando foi dito que talvez fosse uma forma inconsciente de dar o filho que o seu pai queria, ela paralisou na frente da analista e respondeu, espantada, que nunca tinha pensado nisso e que fazia todo sentido para ela.

Nossa preocupação clínica não está no sentido de "curar" F., ele não é doente, ou de fazê-lo se comportar como culturalmente um menino deve ser, mas sim, que ele não viva para responder a um desejo que é do outro e não o seu. O cuidado é para que ele não construa sua identidade de gênero em cima de uma fantasia ou de um não-dito de sua mãe. Além desse desejo inconsciente materno do filho ser um menino diferente desde a gestação, ele parece ter construído sua imagem inconsciente do corpo pela mãe através da irmã, pois, quando bebê, ele ouvia muito mais a mãe se dirigindo à irmã, do que a ele. Quando a mãe o trocava, ou o amamentava, era com a filha que ela conversava. Além disso, existe a forte fantasia de ser gêmeo dessa irmã. Nesta questão identificatória, ainda tem a passividade do pai, que se ausentou e deixou que a mãe tomasse para si todo o cuidado com os filhos e que eles vissem apenas nela a figura capaz de salvá-los, de cuidá-los.

DISCUSSÃO

Pensamos que nos processos identificatórios de F. e, especificamente, no estádio do espelho, uma hipótese possível é dele ter percebido uma distância e incompatibilidade entre sua imagem inconsciente do corpo (construída desde a gestação, imagens acústicas - ser um menino diferente - e mais os significantes da voz da mãe dirigidos à irmã de F.) e a imagem escópica devolvida pelo espelho e que não corresponderia, para os outros, a seu ser conhecido por eles, provocando, segundo Dolto (2008), uma ferida, um furo. Lembrando que a imagem refletida do espelho é um estímulo entre outros sensíveis na modelagem da imagem inconsciente do corpo, pois o espelho é uma superfície onirrefletidora de toda a forma do sensível (e não exclusivamente visível), destacando sua função relacional "do ser do sujeito no outro" ((DOLTO e NASIO, p. 34, 2008). Por isto para Dolto (DOLTO e NASIO, 2008), a experiência do espelho é uma castração, porque é uma prova e para que esta tenha um efeito simboligênico, é necessária a presença de um adulto que nomeie o que está acontecendo e que a criança observe que sua imagem é diferente de um adulto e se descubra criança. Esta ferida é de onde decorre, segundo a psicanalista, a inadaptação entre a imagem do corpo e o esquema corporal. Ora, a imagem escópica recalca a imagem do corpo porque a distorce; distorce porque mostra apenas uma única face do sujeito e porque vivemos de tal maneira presos à aparência que nos atribuímos pelo espelho, que a imagem que não vemos – a imagem inconsciente do corpo – permanece em geral negada pela imagem do espelho. Seria este o sofrimento de F.? Sua percepção profunda, da imagem inconsciente do corpo (que não se vê) é de ser menina/mulher ou um "menino/homem diferente", porém esta permanece negada pela imagem refletida pelo espelho – homem/menino?

Dolto (2002) afirma que a imagem inconsciente do corpo começa a ser formada no útero e a imagem do corpo mais arcaica é a respiratória, por ela ser um cordão umbilical e uma placenta comum à criança e a mãe (pertence a ambos) e que o bebê se inscreve em um mundo de linguagem onde os significantes genealógicos já estão presentes e funcionando desde a gestação. Podemos, nesse sentido, retomar os conceitos doltonianos (LEDOUX, 1991) de herança, dívida e genealogia, ou seja, de que toda a concepção humana é linguajeira, simbólica, e os filhos são portadores das dívidas dos pais, no sentido de uma dinâmica não resolvida do que foi mal vivido e recalcado: "Françoise Dolto chega a dizer que "o corpo da criança é a linguagem da história de seus pais" (LEDOUX, p. 64,1991). Reconhecer os efeitos da genealogia não seria negativo ou positivo, mas, sim, efetivo, dinâmico, vitalizante ou desvitalizante. Dolto reconhece que, às vezes, às dificuldades de certas crianças provém de uma história genealógica. Segundo LEDOUX (1991), para Dolto, o filho pode ser portador de uma dívida genealógica vinda, então, através de seus pais desde a gestação e com não-ditos que prejudicam a constituição do indivíduo: "Trata-se, portanto, de filhos que carregam os pais e são seus primeiros terapeutas, porque, 'tendo [esses pais] recalcado, quando crianças, uma parte de sua história, rejeitam-na no filho quando este chega à idade em que eles sofreram sem ser ouvidos'" (LEDOUX, p. 65, 1991).

CONCLUSÃO

Os não-ditos da herança e genealogia maternas na concepção, gestação e nascimento de F. seriam, em parte, fundadores da sua imagem inconsciente do corpo e do seu sentimento de ser um "menino diferente"? Seus processos identificatórios a partir do desejo de sua mãe de ter um "menino diferente", sua "cola" com a genitora, sua fantasia de gemelaridade com a irmã e a valorização dos enunciados da voz materna que se dirigiam primordialmente à filha, enquanto cuidava de F., quando este era bebê, podem ter contribuído para a dissonância sentida por F. e, consequente, sofrimento, por sua imagem escópica não refletir sua imagem inconsciente do corpo?

Se a bissexualidade psíquica é constitutiva dos sujeitos tanto para a sexualidade como para a sexuação, qual a importância dos processos identificatórios na construção da identidade de gênero e na orientação sexual de uma pessoa? Bem, podemos afirmar que a maturidade ou imaturidade psíquica não são frutos de um Édipo "normal" ou "não normal" porque não existe uma escolha da orientação sexual e de uma identidade de gênero que garantam isto, mas, sim, existe uma tendência social e política de nomear que existem escolhas corretas, positivas. O que fica é o sofrimento de um sujeito massacrado, de um lado, por um sócio-cultural-político normativo e discriminatório e, portanto, violento e produtor de um discurso do ódio, e de outro lado, um sujeito portador de uma história genealógica de dívidas, de não-ditos que o amarram a uma alienação ao outro. O percurso da análise apoia a criança em seu dizer e na superação da prova da confrontação das três imagens – escópica, do corpo e esquema corporal – oportuniza espaços para o não-dito ser enunciado e resgata uma história genealógica. A partir do campo da fala e da linguagem na transferência, em uma psicanálise, podemos indagar: qual será a orientação sexual de F.? Qual será a identidade de gênero desta criança? Respondemos: a que ele desejar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRA, P. *O que é um homem? Psicanálise e História da Masculinidade no Ocidente.* São Paulo: Annablume Editora, 2015.

AYOUCH, T. *Psicanálise & Homossexualidades - Teoria, Clínica, Biopolítica.* Curitiba: Editora CRV, 2015.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECCARELLI, P. R. *Os Destinos do Corpo.* IN: FERRAZ, F.C.; VOLICH, R. M. & DE A. C. ARRANTES M. A. (Org.). *Psicossomática Psicanalítica II.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 107-113.

DOLTO, F. *A Imagem Inconsciente do Corpo.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

DOLTO, F. e NASIO, J.- D. *A Criança do Espelho.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

FERNANDES, M. H. *Corpo. Coleção Clínica Psicanalítica. S*ão Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, 4ª.ed.

LEDOUX, M. H. *Introdução à obra de Françoise Dolto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

PORCHAT, P. *Psicanálise e Transexualismo – Desconstruindo Gêneros e Patologias com Judith Butler.* Curitiba: Juruá Editora, 2014.

Christiane Carrijo
Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia da UNESP-Bauru. Supervisora do Estágio em Psicologia Clínica: Psicanálise com Crianças – CPA-UNESP. Mestre em Psicologia Clínica – PUC-SP. Doutora em Filosofia – UFSCar-SP.

Patrícia Porchat
Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia da UNESP-Bauru e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP-Araraquara. Mestrado e Doutorado pelo Instituto de Psicologia da USP-SP. Autora do livro "Psicanálise e Transexualismo: Desconstruindo Gêneros com Judith Butler".

A SEXUALIZAÇÃO NA CRIANÇA-SINTOMA COMO EFEITO DO GOZO MATERNO: QUAL O MANEJO DO LUGAR DOS PAIS NA ANÁLISE?

Cristiani Minga Beltran Fanti

RESUMO

A clínica psicanalítica com crianças remete ao analista à questão do manejo do lugar dos pais na análise. No presente trabalho trata-se de analisar como a criança ao ocupar o lugar de gozo do adulto, permanece como sintoma da família e não consegue haver-se com seu próprio desejo, numa relação de objeto e com implicações para a sexualidade tanto da criança quanto da mãe. Para isto, apresentam-se alguns fragmentos de um caso clínico de um menino de 7 anos cuja queixa inicial refere-se ao desinteresse pela aprendizagem na escola. Discutem-se o papel das entrevistas iniciais com os pais para o direcionamento do tratamento, e o lugar que estes ocupam na análise da criança. Também são abordadas questões referentes ao gozo materno, as implicações na escolarização, e o desejo para o devir de um sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: sexualização – gozo materno – sintoma – inibição intelectual.

"Os pais comeram as uvas verdes e por isso os filhos ficaram com os dentes embotados"
Françoise Dolto

A clínica psicanalítica com crianças traz para o analista a interpretação do sintoma na criança, e seu atrelamento à posição subjetiva da mãe. Esta concepção para o tratamento da criança em análise foi discutida por Lacan (1986) quando colocou o sintoma da criança na situação de responder por aquilo que há de sintomas na estrutura familiar, como um representante da verdade do casal.

Rosenberg (2002) acrescenta que em muitos momentos, as crianças reatualizam conflitos enterrados e não resolvidos dos pais. A inclusão dos pais na psicanálise com crianças, já foi tratada de diversas formas (Priszkulnik,1995): com Anna Freud, os pais estão na posição de fornecer informações sobre a criança e se necessário receber orientações sobre a educação do filho. Para Melanie Klein, que confere muita importância para os processos internos, ao tratar a criança deve-se, se necessário, encaminhar os pais a outro analista para orientação. Mas para Françoise Dolto e Maud Mannoni (1971 e 2004), que incluem a posição parental no tratamento da criança, é preciso, escutar os pais em entrevistas, com o objetivo não de orientá-los, mas, de ajudá-los a redimensionar os problemas do filho e a situarem-se em relação aos próprios problemas.

É partindo deste ultimo referencial que se fundamenta a escuta aos pais nas entrevistas preliminares, tal qual aponta Whitaker (2003) : "*O analista, para responder à sua ética e não trair o seu fazer que é propiciar ao paciente buscar a realização de seu desejo, precisa intervir junto aos pais, sem submeter-se nem fazer acordos.... é interpretando elementos inconscientes dos próprios pais, que será possível continuar o trabalho, não pelo sintoma que deslocam na criança, mas porque eles são a causa do sintoma que atuam na transferência.*" (p.37).

A inclusão de entrevistas com os pais teriam assim um estatuto de entrevistas preliminares na analise da criança (Kupfer, 2002) e isto é possível de se verificar em um caso clínico de um menino aqui denominado Hélio, 7 anos, encaminhado por uma psicóloga que não conseguiu estabelecer um vínculo com ele.

A mãe de H. não quis recorrer a uma avaliação médica, por temer o uso de medicamentos, muito utilizados para as crianças conseguirem prestar atenção na escola, por isto persiste nos tratamentos psicológicos. Na primeira entrevista relata que seu filho, não tem nenhum interesse pela aprendizagem, e ainda diz: Eu não quero aprender a ler!. Segundo ela H. conhece dinheiro, ouve música, canta, fala palavrão, não tem medo dos adultos, parece bem mais velho (quer paquerar), usa o celular para tirar foto das nádegas das funcionárias em sua loja. Enfim para ela, ele desafia muito tanto ela quanto o pai, e este por sua vez, brinca com ele e leva tudo numa boa.

O pai de H. não demonstra interesse em vir para os atendimentos, comenta com a mãe que isto é problema dele (filho). Ele simplesmente não se vê como necessário para ajudar nas questões do filho. Fato este que deixa a mãe bastante irritada e que irá comentar em uma sessão posterior o quanto seu marido se coloca também como um filho, parece que ela tem duas crianças em casa. Desautoriza-a na frente de H. e ainda fica o tempo todo pedindo para ela onde estão suas coisas, roupas etc.

Por outro lado, H. parece que ainda é muito infantilizado, pois a mãe relata que H. só consegue dormir com ela e o pai, além disso, tem o hábito de dormir cheirando-a e com a mão no seio dela, não se limpa sozinho quando vai ao banheiro, sempre chama a mãe e diz que não quer se limpar porque tem nojo. Reclama que H. não dá um passo sem ela e ainda fala com certo constrangimento que já pegou ele com o "pipi duro" e várias vezes esfregando-se no sofá (masturbação).

A mãe diz ainda que toma banho de porta aberta e que troca de roupa na presença de H. até então não havia se questionado sobre o desenvolvimento da sexualidade de H. em relação a esta exposição. Mas ao relatar tudo isto para a analista, se questiona se isto é correto, se ela própria não estaria estimulando a sexualidade de H. e reclama que já não aguenta mais viver só para ele.

Esta entrevista com a mãe de H. e com o posicionamento do pai remete-nos a questionar qual seria afinal a função dos pais? Recorrendo a Julien (2000**,** p.46**)** este nos diz que:*"a verdadeira filiação é ter recebido dos pais o poder efetivo de abandoná-los para sempre ..... assim, os pais que, graças à sua conjugalidade, permanecem em sua própria geração não fazem recair sobre os filhos adultos o peso de uma dívida de reciprocidade".*

Também Lacan no texto **Duas notas sobre a criança**, nos faz pensar sobre o valor de uma transmissão de uma geração para outra, que segundo ele não é da ordem das satisfações das necessidades, mas sim da constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo. Para atender a constituição subjetiva do filho, a função da mãe deve portar a marca de um interesse particularizado, pela via de suas próprias faltas, e o pai ser o vetor da encarnação da Lei no desejo.

O pai de H. não conseguiu vetorizar a lei para este, já a mãe demonstra que sua vida esta atrelada ao atendimento das necessidades de H. que ocupa um lugar de objeto, saturando toda e possível falta, não havendo outro desejo para ela. Como diria Lacan (1986) a criança se torna o "objeto" da mãe e não tem outra função que a de revelar a verdade desse objeto. Ela aliena em si todo o acesso possível da mãe à sua própria verdade.

No decorrer das entrevistas, ela percebe o quanto sua vida gira em torno do filho, reclama que vive para o trabalho e para ele, que não faz mais nada, ainda se surpreende com o desenvolvimento da sexualidade, e percebe como tem deixado a sua própria sexualidade comprometida. Não dorme mais sozinha com seu marido, não tem privacidade nem para tomar banho e resolve que fará algumas mudanças nesta rotina.

A queixa inicial que se refere a negação para a aprendizagem por parte de H. recebe um outro lugar, uma vez que a analista pontua: como é possível saber se ele tem alguma dificuldade de aprendizagem, se ele se nega a aprender? Quais são os interesses que ele tem? E a mãe realmente questiona os motivos pelos quais ele está sempre se negando a fazer o que pedem, pois interesses ele tem, mas não estão relacionados a escola, e sim aos namoros e até viu um vídeo pornográfico no celular.

A mãe então observa o quanto os interesses dele não estão de acordo com os de um menino de 7 anos, e resolve intervir para que estes comportamentos até então pouco valorizados, tenham um outro destino: a interdição. Souza (1995) denomina de inibição intelectual a impossibilidade de utilizar-se dos recursos dos quais dispõe, mediante a verificação da inexistência de fatores orgânicos ou déficits intelectuais. Sobre as crianças ditas não leitoras, Bounes-Bergès (2008) afirma que a proximidade incestuosa mãe-filho é muito frequente, e que as crianças parecem deixar, mais frequentemente, o saber e suas consequências do lado da mãe. Há um barramento para o conhecimento e o recalque em torno do que ele deveria saber: a leitura pelas significações da letra escrita.

Afinal será que quem sabe de H. é só a mãe? não há barramento para seu gozo, tendo o acesso livre ao corpo da mãe. Como pode H. desejar ler, aprender? Não há desejo que não surja de uma perda de gozo, mas também é preciso criar um véu que desperte a ânsia de saber (Flesler, 2012).

A mãe de H. não faz este barramento entre seu corpo e o do filho, e não faz esforços para que ele tenha perda desse gozo, então como poderá surgir o desejo? Além disto, trata-se de uma mãe que não apresentava outros desejos na vida, somente no decorrer das entrevistas é que percebe que não faz mais nada para si.

Aqui cabe dizer a respeito da necessária castração materna, para a estruturação da subjetividade da criança, conforme dito por Lacan *apud* Faria (2010). É porque a mãe pode estar presente ou não, que pode ser situada uma falta, uma hiância, entre a criança e a mãe. Entretanto, essa falta, não esta necessariamente ligada às saídas ocasionais da mãe. Trata-se do efeito de um elemento particular, que seja capaz de indicar que há, na mãe, um desejo outro que não pela criança. É em relação a este desejo que a criança irá estruturar-se. O vinculo da mãe com seu filho depende, desse investimento fálico, marcado pelo lugar que a criança ocupa na economia do desejo materno.

É um investimento fálico, pois se relaciona ao falo – a exigência do falo pela mãe, e como esclarece Farias (2010, p.147)"*o que permite à criança sair de sua posição inicial de identificação com o falo, é o desejo do Outro, que indica que mais além da própria criança, há um X, um enigma. É por isso que, para Lacan, a castração tem incidência, em primeiro lugar, na castração materna*".

A respeito dos interesses para a sexualidade de H. e do comportamento masturbatório, Freud (1901) relata que uma das consequências das vivencias sexuais prematuras é a perversão. Mas é preciso compreender a perversão para a psicanálise, visto que a criança foi considerada por Freud como "perverso polimorfo", sendo portadora de uma sexualidade ainda não domesticável. (Zornig, 2008). Freud esclarece o que denominou de perversões, em fragmento de um caso de histeria (1897): "*As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou re-direcionamento para objetivos assexuais mais elevados – sua "sublimação" – destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais*" (Mascarenhas, 2007 p. 41).

Mascarenhas (2007) relembra ainda que Freud justifica a perversão como sendo um resíduo que se origina do complexo de Édipo - uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto-erótica, só pode, ser considerada como um traço primário de perversão, que não resultará, necessariamente, numa perversão no adulto.

A autora salienta que a dissolução do complexo de Édipo para Freud estava vinculada a um posicionamento da criança com esta questão: abandonar a atividade masturbatória e afastar-se de seu objeto de amor – a mãe – e devido às fantasias de amor e ódio ligadas aos progenitores, surge a culpa junto com a fantasia que será fator fundamental para gerar a repressão. Sendo assim o complexo de castração constitui elemento decisivo para a solução do complexo de Édipo.

Como a mãe de H. com sua dificuldade de operar a interdição incide no sintoma de H.? sua recusa a ler e escrever? Bounes-Bergès (2008) traz sua experiência clínica sobre isto e diz que é na dimensão de sua relação ao estatuto da letra na mãe, supostamente contendo todas as letras sem exceção, não havendo qualquer falha da mãe, nenhuma castração, que a criança não-leitora acampa como fornecedor insaciável da completude da mãe. Em lugar de se constituir como o significante da falta na mãe, significante fálico, ao contrário, ela aparece como um soldado do falo da mãe – soldado dessubjetivado.

Finalmente H. vem para a análise, inicia os atendimentos sem vontade de fazer nada, responde muitas vezes de forma agressiva, conta que já viu um vídeo "daquilo" no celular do irmão, e que agora está dormindo no quarto deste. Senta para desenhar e pega um lápis e o alisa, fazendo movimentos idênticos a masturbação, com o lápis na calça, enquanto olha o papel e pensa no que vai desenhar. Na maioria das vezes, logo que inicia uma brincadeira, perde o interesse, também não gosta de falar sobre a escola, ou sobre os motivos do tratamento.

Mas ao longo dos atendimentos, gradualmente, inicia alguma brincadeira, pois a analista não insiste para que brinque, e ele se vê sem alternativas. Deita-se e cobre a cabeça com almofadas, nada acontece... mas depois de um tempo vai procurar o que brincar. É preciso que não desejem por ele, não insistam para que ele próprio se depare com seus desejos, e as brincadeiras surgem, inicialmente sempre há um namoro entre os personagens, beijos etc.. Gradualmente demonstra outros interesses: lutas, super heróis etc.

A mãe vem para atendimento e relata feliz o quanto ele, após as mudanças em casa (dormir em outro quarto, não ter mais acesso ao corpo dela etc.) começou a se interessar pela escola, mas ainda não consegue ler, porem está muito interessado e agora tenta ler coisas na rua. Diz como foi difícil no começo porque ele chorava que queria dormir com ela etc. mas foi muito firme ao perceber que o estava tratando como um bebê. Também comenta que nunca mais ficou se esfregando ou tirou fotos das moças na loja, fato este que ela repreendeu no inicio e que agora ele não tem mais interesse.

Ao que parece a repressão ocorreu para H. e os interesses da mãe foram para além dele, retomou as aulas de dança de salão, o que gerou muito ciúmes e insegurança no marido, que diz o quanto ela está diferente. Mas o relacionamento do casal não está bem, pois ela se irrita cada vez mais com as atitudes do marido, que para ela fica evidente que se coloca como uma criança gerando muita discussão. O pai perante as mudanças da esposa assusta-se muito, e diz que se é para ir à psicóloga e piorar, é melhor parar, mas como a mãe está à frente das determinações na casa, não desiste do tratamento. Após um período o pai finalmente vem para as entrevistas, chegou muito desconfiado e quis saber como estava a análise de H. Fala o quanto a esposa reclama dele, e também não deixa que se imponha com o filho, suas ordens são menosprezadas e brigam muito na frente dele. Faria (2010) e Kupfer (2002) relatam sobre a necessidade de se trabalhar com os pais simbólicos, e não os pais reais ou imaginados pela criança, e fazer esta distinção é fundamental.

Faria (2010) ainda argumenta que é dessa mediação que se trata na entrada do pai enquanto função simbólica, a partir da substituição do desejo da mãe pelo Nome-do-pai, na metáfora paterna. A articulação da função paterna enquanto função simbólica não depende de nenhuma característica especifica do pai, fraco ou castrador, não é garantia de sua função ou que venha a falhar. Depende do lugar da lei na singularidade do vínculo da mãe com a criança. O pai acha-se em uma posição metafórica, na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal da lei. É preciso que a mãe de H. autorize o pai, a exercer a lei. Dolto (2004) vai além ao dizer que toda substituição do papel do pai pela mãe é patogênica, quer a mãe decrete a insuficiência do pai, colocando-se no lugar dele, ou não se refira a ele em seu desejo.

Cabe a analista escutar o pai e autoriza-lo na sua função paterna, e este traz outra visão do sintoma: o filho é muito inteligente, mas a professora, não ajuda, está dando tudo “mastigado”, escreve as respostas para ele na prova, ele responde e ela escreve para ele copiar. Parece que a professora não suporta o não saber de H. e com isto ele tem sempre notas altas, mas isto é um engodo promovido pela professora e impede que H. sinta qualquer frustração. Mas isto já é outro assunto. Considera-se assim que o presente caso clínico demonstra o quanto as entrevistas com os pais representam um instrumento muito importante para o analista desmontar o gozo da mãe frente a sexualização de uma criança-sintoma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUNES-BERGÈS, Marika . "Eu não sei.. é minha mãe que sabe.." in: Bergès Jean, Bounes-Bergès, Marika, Jean-Calmettes, Sandrine. O que aprendemos com as crianças que não aprendem?. Porto Alegre: CMC, 2008.

DOLTO, François. Prefácio. In: Mannoni, Maud. A primeira entrevista em psicanálise. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

FARIA, Michele Roman. Constituição do sujeito e estrutura familiar: O complexo de Édipo, de Freud a Lacan, Taubaté-SP: Cabral editora e Livraria Universitária, 2010.

FREUD, Sigmund. Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade, in: Rio de Janeiro, ESB, Imago. 1974. (original publicado em 1901).

FLESLER, Alba. A psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

JULIEN, Philippe. Abandonarás teu pai e tua mãe. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KUPFER, Maria Cristina, Pais: melhor não tê-los? In: Rosenberg, Ana Maria Sigal (org.) O lugar dos pais na psicanálise de crianças, São Paulo: Ed.Escuta, 2002.

LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança, Revista do Campo Freudiano, n.37. 1986.

MANNONI, M. A criança, sua doença e os outros. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

MANNONI, Maud. A primeira entrevista em psicanálise. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

MASCARENHAS, Claudia, Mascarenhas. A criança em cena: o infantil e a perversão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

PRISZKULNIK, Léia. A criança e a psicanálise: O "lugar" dos pais no atendimento infantil. Psicologia USP, São Paulo, v. 6, n. 2, p.95-102, 1995.

ROSENBERG, Ana Maria Sigal (org.) O lugar dos pais na psicanálise de crianças, São Paulo: Ed. Escuta 2002.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de, Pensando a Inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

WHITAKER, Christiane. O sintoma da criança como efeito do gozo materno: entrevistas preliminares. Estilos da Clínica, V.8. N.15, SP, 2003.

ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. A criança e o infantil em Psicanálise. São Paulo: Escuta, 2008.

Cristiani M. Beltran Fanti
Psicóloga e psicanalista, mestre em Psicologia do Desenvolvimento – UFBA. Reside em Sorocaba e é uma das fundadoras do NEPS-r (Núcleo de Estudos em Psicanálise de Sorocaba e região), responsável pela organização dos Cartéis. Atua em clínica com crianças e adolescentes.

AS PESQUISAS SEXUAIS E A PRODUÇÃO DE SABER NO TRATAMENTO DE UM CASO DE DEBILIDADE

Ana Lícia Pegorelli
Daniel Amiro Basilio Gonçalves
Fernanda Lacanna
Izabel Abreu Kisil

RESUMO

A proposta de trabalho do Grupo de Invenção e Pesquisa (GIP) é a oferta de um espaço de tratamento para jovens que apresentam graves sofrimentos psíquicos e, consequentemente, modos particulares de se relacionar com o outro, com a linguagem e com o conhecimento. Este grupo se estabelece como um espaço de convivência, onde cada um, com seus interesses particulares, pode criar, inventar e construir conhecimento e saber a sua maneira. Nosso objetivo neste trabalho é refletir sobre o caso de Carlos, um jovem numa posição de debilidade. Quando convocado a dizer do que sabe, Carlos recua e se dirige ao outro como aquele que sabe sobre ele. Na condição de objeto diante do saber do Outro, não consegue fazer valer suas vontades. É como se ele se esforçasse para não existir. Durante o trabalho, Carlos vai construindo um lugar para si no grupo e inaugura-se uma investigação sexual. Consideramos relevante apresentar o percurso e os efeitos deste tratamento onde as questões sobre a sexualidade abrem a possibilidade deste sujeito reconhecer a falta no Outro e por em curso seu processo de constituição subjetiva, o que lhe permite se apropriar de seu corpo, colocar em cena seu desejo e produzir um saber próprio.

PALAVRAS-CHAVE: Debilidade, Saber, Pesquisa, Grupo

No presente texto, iremos apresentar recortes clínicos do trabalho com Carlos no GIP (Grupo de Invenção e Pesquisa) e em acompanhamento terapêutico (AT). O GIP é um dispositivo de tratamento em grupo voltado para adolescentes e jovens adultos com graves transtornos psíquicos. Diferentemente de um espaço educativo ou de uma oficina onde todos se debruçam sobre uma mesma atividade proposta de antemão pelos coordenadores, sustentamos o vazio de demanda para dar espaço aos interesses legítimos de cada sujeito, considerando o modo próprio de cada um funcionar. Na parceira com esses sujeitos, damos extensão e consequência ao que apresentam como interesse, construindo com eles desdobramentos possíveis na via da produção de um conhecimento e saber próprios.

O trabalho com Carlos, hoje com 25 anos, começou com um AT, no qual Daniel, um dos membros da nossa equipe, o acompanhava a uma aula de teatro que acontece no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). Passados 2 anos do início desse trabalho, Carlos começa a frequentar o GIP.

No carro, quando o AT lhe perguntava se queria ir no banco da frente ou de trás, ou qual estação de rádio gostaria de ouvir, Carlos respondia com silêncio. Às vezes dizia: *"Deixe eu pensar"*, mas até o fim do percurso não falava nada e ficava visivelmente angustiado. No caminho Carlos falava da previsão do tempo que havia visto no telejornal e comentava se o carro estava ou não com o tanque de gasolina cheio. Eram conversas que, muitas vezes, pareciam servir para que ele se defendesse de ocupar na relação com os demais uma posição subjetivada, que colocasse em cena o seu desejo. Carlos falava amenidades, repetia o que ouvia na televisão, mas não podia falar em nome próprio ou responder perguntas que o convocassem no lugar de sujeito.

No início de seu trabalho no GIP, quando lhe perguntávamos qualquer coisa, era comum que Carlos respondesse: *"O Daniel* (seu AT) *sabe"*. Pedia insistentemente para que o outro respondesse em seu nome. Era como se Carlos se esforçasse para não existir.

Rapidamente, Carlos passa a se apresentar no GIP por sua falha. Ao longo de seu processo de escolarização e de suas análises, diversas tentativas de alfabetização foram feitas sem sucesso. Essa continuava sendo uma

questão delicada para seus pais, que queriam muito que ele pudesse ler e escrever. No entanto, Carlos é um rapaz que diferencia muito mal as letras e não consegue escrever seu próprio nome. No GIP, ele passa a produzir uma espécie de "desenho da escrita". Pegava uma folha e com semblante de quem estava trabalhando fazia vários traços no papel. Além disso, mandava inúmeras mensagens de texto pelo *whatsapp* para os membros da equipe com sequências ininteligíveis de letras. Quando estava digitando no computador, perguntava-nos sobre como escrever algumas palavras, seduzindo-nos a mais uma vez tentar alfabetizá-lo. Fomos entendendo que nessas cenas, Carlos dava a ver sua incapacidade, se apresentando mais uma vez na condição de quem nada sabe e deixando o Outro no lugar de quem sabe e que, portanto, vai lhe "ensinar".

A partir desses elementos e do que vivíamos na transferência com Carlos, fomos construindo a hipótese diagnóstica de um sujeito numa posição de debilidade. A partir do referencial psicanalítico lacaniano, podemos entender o sujeito nesta posição como aquele que vela a falta do Outro, à medida que se identifica ao objeto imaginário que satura o desejo materno. Assim como na psicose, o que está em jogo é uma falha na operação de separação, deixando o sujeito alienado ao Outro e ao seu saber.

> **"Mas, diferentemente do psicótico, a criança não encarna a falta do grande Outro, porque a ele nada faltaria. Na debilidade o objeto a permanece incluído no Outro não barrado." (VORCARO, 2005. p.38)**

Certo dia, Carlos começa a listar as atividades principais que cada jovem realiza no GIP. "*Joana faz bolos, Marcos vê filmes, Paulo desenha.*". Ao ser perguntado sobre qual seria a sua atividade no grupo ele diz: "*Eu não faço nada*". Alberti e Miranda (2002, p. 36) afirmam que "*para não passar do estado de objeto para o de sujeito, (a criança débil) escolhe 'fazer-se de morta'*".

No seminário XI, Lacan afirma que a debilidade é efeito da holófrase da primeira dupla de significantes (S1 e S2). Uma vez que a operação de separação não pode incidir, os significantes S1 e S2 se aglutinam sem fazer intervalo. Como efeito disso, o sujeito fica plenamente representado pelos significantes que o designam no campo do desejo do Outro, sem que se produza um sujeito dividido como efeito da cadeia. A holófrase aponta, portanto, para uma submissão absoluta do sujeito a suas primeiras identificações e para a impossibilidade de interpretar a sua maneira seus significantes primordiais (S1) produzindo um saber (S2).

> **"A mobilidade significante fica detida, a ponto de a criança aferrar-se a uma relação sígnica entre significantes, sem deslizamentos, já que o Outro não está barrado por um saber que lhe faltaria." (VORCARO, 2005, p.38)**

Como discute Santiago (2005), nesse contexto o S1 se torna uma verdadeira potência em função da identificação extrema do sujeito ao significante imaginário da falta no Outro. Como nos aponta a autora, essa identificação pode ser constatada na sua produção discursiva, uma vez que o sujeito na posição débil é este que repete os enunciados dos outros para fazer semblante de quem fala de si, mas sem nisso se representar. Como aponta Lacan no seminário XIX, o débil, é aquele que não se instala em nenhum discurso, ele flutua entre dois discursos.

Na debilidade, o S1 ganha uma consistência imaginária que faz com que o sujeito se conte como unidade ao invés de contar-se como falta. Ou seja, ao crer na verdade do Um do corpo, ao crer que ele é um corpo, ele não apreende a dimensão do equívoco, negando a existência de um resto de real não simbolizável (objeto *a*) que faz furo no Outro e recusando o estatuto de sujeito dividido.

> **"(...) ele se identifica com esse lugar que ele não é inteligente, que não pode suportar ler entre as linhas a falha do outro. (...) Para ler entre as linhas, é preciso poder suportar a suspensão da suposição do reflexo do corpo. Este é o real impossível de suportar para o sujeito débil." (LAURENT, 1991, p.133)**

Diante dessa leitura sobre a posição de Carlos, compreendemos sua insistência nesse "desenho da escrita", não como um desejo de aprender, mas como uma forma de se oferecer como objeto, convocando o Outro a fazer suplência de saber diante de sua falha. Entendemos que, naquele momento, era preciso fazer o luto de um

Carlos capaz de ler e escrever, para que pudéssemos recuperar um Carlos sujeito. Frente a isso, decidimos falar claramente que a escrita e a leitura eram difíceis para ele, mas que existiam outros recursos que poderíamos usar. Passamos a trocar mensagens de voz pelo *whatsapp*, a pesquisar com ele no *google* usando o microfone e, quando algo da escrita ou da leitura atrapalhava alguma atividade, nós mesmos escrevíamos ou líamos para que ele pudesse seguir em frente. Com o tempo, esse "desenho da escrita" diminuiu significativamente.

A partir da fala: "*eu não faço nada no GIP*", passamos a investir na possibilidade de que seus interesses pudessem se desdobrar em um fazer que pudesse lhe dar um lugar no grupo. Como já apontamos, Carlos muitas vezes, se apresentava a partir do que via e ouvia na televisão. O que por um lado se tratava de uma colagem à fala do Outro, no encontro com os analistas se transforma num lugar para Carlos no grupo. "*É o Carlos que nos traz as notícias da semana!*". Toda semana ele chegava contando alguma coisa: "*teve terremoto no Japão, a água da Cantareira está acabando*". Dávamos importância às noticias que ele trazia, compartilhávamos com os colegas do grupo, pesquisávamos novas informações e cada vez mais ele nos falava sobre o que gostava de assistir na TV. Depois de algum tempo, Carlos formula um pedido: *"Eu quero ir no programa da Luciana Gimenez".*

Diante disso, ao testemunhar um sujeito ousando querer, nosso trabalho foi garantir que sua fala não caísse no vazio. Para isso, nós o ajudamos do ponto de vista prático a fazer com que esse pedido se concretizasse. Seu pai inicialmente tomou esta proposta como algo tolo e foi preciso uma posição firme da nossa parte, reconhecendo a importância desse rapaz que nada queria, ter seu pedido atendido.

No final de seu primeiro semestre de trabalho no GIP, Carlos propõe que o grupo faça uma saída a uma pizzaria. Até esse momento, o GIP funcionava só como um espaço de atendimento, mas a proposta de Carlos institui uma nova modalidade de atividade dentro do grupo – as saídas.

Nesse tempo do tratamento, é como se Carlos ainda não pudesse saber, mas já pudesse querer. No caminho para o MAM, ele escolhe se sentar no banco da frente e ouvir a estação de rádio que toca música sertaneja, seu tipo preferido.

Um dia Carlos pergunta para Daniel: *"Por que os homens têm pipi?"*. No GIP, pede ajuda na digitação para pesquisar na internet imagens de *praias de nudismo*. Nós reconhecemos sua curiosidade e numa intensa parceria o ajudamos a nomear o que ele queria ver: "*pipi, pinto grande, pinto duro, o buraquinho do nosso corpo"* e o autorizamos a pesquisar, tanto na internet quanto em um Atlas do corpo humano, sobre o corpo nu, sem que ele precisasse da "desculpa" da praia de nudismo.

Carlos, aos 24 anos naquela época, parecia pela primeira vez ter se encontrado com seu corpo e ter ficado curioso. Vale apontar que, algum tempo antes dele iniciar essas investigações, durante uma reunião com a equipe, seu pai comentou sobre sua preocupação com a higiene do pênis do rapaz, chegando até mesmo a cogitar uma operação de fimose caso isso não melhorasse. Intervimos apontando a importância de garantir para este adulto privacidade nos momentos de intimidade com seu corpo, sem a vigilância e a intromissão de ninguém.

Essa preocupação do pai nos revela quão intrusiva era sua relação com o corpo do filho. Entendemos que uma vez que esse corpo era objeto de saber e de controle de seu pai, Carlos não podia se perguntar, nem saber sobre seu próprio corpo. Esta intervenção com o pai parece ter permitido a ele começar a se apropriar do corpo.

Freud (1908) nos ensina que a sexualidade infantil, é o motor da curiosidade que leva as crianças a fazerem seus primeiros questionamentos. É importante lembrar que o sujeito na posição débil é este que vela a falta no Outro às custas de fazer "*a verdade existir no seu próprio corpo*" (Santiago, 2005, p.177). Uma vez que o débil supõe que o Outro sabe sobre o real do seu corpo, ele não pode se interrogar sobre isso.

Portanto, como nos apontam Alberti e Miranda (2002, p.35), o débil "*não pode processar sua pesquisa sexual infantil e, portanto, esta não só não chegou a um final pelo recalque sexual, como nunca pode realmente começar*".

Segundo Freud (1905) a pulsão de saber é despertada pela investigação sexual. Toda pulsão epistêmica, todo desejo de saber tem sua origem na pulsão sexual e na pergunta sobre o real do corpo, pergunta esta que um sujeito na posição débil não pode formular.

Freud (1908) discute ainda que nesse processo de investigação a criança recorre aos pais, que ela acredita serem a fonte de todo o conhecimento. No entanto, elas não acreditam nas respostas fantasiosas que recebem dos adultos que excluem as mudanças no corpo da mãe já observadas por elas. Iniciam assim sua independência intelectual e tentam produzir por conta própria respostas para suas perguntas. Desta forma, entendemos que a independência intelectual de uma criança se inaugura a partir dessa possibilidade de desconfiar do Outro. O sujeito na posição débil, uma vez que não pode interrogar ou duvidar do saber do Outro, tende a ficar refém da fala dos adultos.

Nesse tratamento, acompanhamos Carlos, ainda que tardiamente, se apropriar de seu corpo e construir suas perguntas. O GIP vai se configurando como o espaço seguro para sua investigação sexual, onde um saber se produz em transferência. Aos poucos, ele vai podendo falar do que vive no próprio corpo e se aproximar da questão das diferenças sexuais. "*Como nascem os pêlos? O que aparece quando a mulher tira a roupa? Como o bebê vai pra barriga? Como o bebê sai da barriga? Corta a barriga e depois costura? Homem tem pinto, mulher não tem. Como que nasce pinto?*". E a partir disso, constrói suas teorias sexuais "infantis". *"Quando um bebê nasce menino, nasce sem pinto (...) Quando eu nasci, nasci sem nada e depois começaram a nascer os pelos. (...) O pinto nasceu sozinho"*.

Com o tempo, começamos a notar que, quando Carlos estava fazendo suas pesquisas na internet, sozinho ou na parceria com um profissional, se outro participante ou analista se aproximava, ele disfarçava, falava alto de outro assunto, comentava sobre a temperatura, ou dizia que havia moscas ali, interrompendo temporariamente sua pesquisa, até que o ambiente mais reservado se restabelecesse. A tentativa de garantir o segredo sobre suas pesquisas coloca em cena a dimensão do ocultamento, uma novidade para Carlos. É possível que o Outro não saiba de tudo, é possível esconder, disfarçar, enganar o Outro. Isso aponta para a possibilidade de um esburacamento do Outro.

Como aponta Jerusalinsky (2014), a mentira e a transgressão na infância têm importância, uma vez que apontam para a possibilidade da criança supor que Outro não sabe tudo. Mesmo fora do tempo, Carlos vai trilhando os passos lógicos necessários no processo de constituição subjetiva.

É importante considerar que as pesquisas sexuais permitem que o sujeito se aproxime não só do que se refere às diferenças sexuais e o nascimento dos bebês, mas do que, de fato, o instiga, o desejo do Outro primordial. O que o Outro quer de mim? Esse é o grande enigma, sempre sem resposta, que mobiliza o sujeito neurótico na direção do conhecimento. Como apontamos acima, é a falta no Outro que dá margem para um sujeito construir um saber próprio e poder se dizer. Assim, diante de um Outro que não sabe de tudo, Carlos começa a se contar como sujeito e vai armando uma nova relação com o saber.

Além de seguir com suas investigações sexuais, Carlos experimenta um lugar potente para si no GIP, fazendo uso de seu *saber fazer* no laço social e da possibilidade de reconhecer a falta no outro. Atento às dificuldades ou inadequações dos colegas do grupo, ele muitas vezes lhes dá broncas ou tenta ajudá-los: *"Joana, porque você estava chorando? Tá brava com a sua mãe? Marcos, você já comeu muito, assim vai engordar!"*, *"Marina, não esquece o carregador do seu celular, põe na sua mochila!"* A partir disso, Carlos nomeia um traço próprio: "*eu sou bom de cuidar...*".

Recentemente, quando estamos no GIP conversando sobre aniversários e signos, antes mesmo de ser perguntado, Carlos, pela primeira vez, diz a data correta de seu aniversário. Num outro dia, ele vai até a lousa e escreve "CAO". Algumas semanas depois ele apaga e escreve "CALO"/"CAROS", Na semana seguinte, ele encara sua escrita e diz: "*Eu errei aqui*", apaga e escreve "CARLOS".

É importante notar que nossa decisão de não tomar a escrita como direção no trabalho com Carlos, teve efeitos para além do que podíamos calcular. Foi só porque a escrita deixou de ser um ponto na relação com outro, isto é, deixou de se apresentar como uma demanda do Outro, que Carlos pode escrever seu nome. Longe da demanda pela escrita, justamente o ponto onde falha, ele não precisa fazer consistência de débil para o Outro.

Aquele que se apresentava como quem "não faz nada", a partir do que experimenta na transferência, pode realizar suas pesquisas, ficar em dúvida, perguntar-se, perguntar para o outro, errar... Pode querer saber e aprender. *"Joana, me ensina a fazer pão de queijo?"*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Sonia; MIRANDA, Elisabeth da Rocha. A debilidade mental na estrutura. Psychê. Ano VI, n 9, p. 33-53. São Paulo, 2002.

FREUD, S. (1905) Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Volume VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1908) Sobre as Teorias Sexuais Infantis. Volume IX. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JERUSALINSKY, J. *Por que as crianças fazem artes? A necessidade de uma certa desobediência na infância.* Blog Criança em Desenvolvimento, 05 de setembro de 2014.

http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/por-que-as-criancas-fazem-artes-a-necessidade-de-uma-certa-des/obediencia-na-infancia.

LACAN, J. (1964) O Seminário – Livro 11: Os Quatros Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1971-72) O Seminário – Livro 19: … Ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

LAURENT, E. O gozo do débil. In: J. Miller (Org.), *A criança no discurso analítico* (p. 131-135). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SANTIAGO, A. L. A Inibição Intelectual na Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

VORCARO, A. Crianças na Psicanálise – Clínica, Instituição, Laço Social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

Ana Lícia Pegorelli
Psicóloga formada pela PUC-SP, psicanalista, acompanhante terapêutica. Membro da equipe do Trapézio – Grupo de Apoio à Escolarização (2009-2011).

Daniel Amiro Basilio Gonçalves
Psicólogo formado pela PUC-SP, psicanalista, acompanhante terapêutico. Especialização no curso Bases Clínicas para o Atendimento em Saúde Mental da Infância e Adolescência pelo CRIA-UNIFESP, psicólogo do CAPS Infantil Sé (2008-2011).

Fernanda Lacanna
Psicóloga formada pela PUC-SP, psicanalista, acompanhante terapêutica. Aprimoramento clínico pelo Espaço Palavra – tratamento a crianças e jovens com psicopatologias graves pela Clínica Ana Maria Poppovic / PUC-SP, membro da pesquisa "Detecção precoce de psicopatologias graves" coordenada pela Dra. Silvana Rabello, PUC-SP (2008-2012).

Izabel Abreu Kisil
Psicóloga formada pela PUC-SP, psicanalista, acompanhante terapêutica. Especialização em tratamento e escolarização de crianças com transtornos globais do desenvolvimento pela Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida IP-USP, mestrado em psicologia e educação pela FEUSP.

REINVENÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO: PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE FAMÍLIA E GÊNERO

Danielly Passos de Oliveira

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as mudanças e as permanências nos conceitos de família, feminilidade e masculinidade no Brasil contemporâneo, segundo a percepção de crianças. Partindo do pressuposto de que a constituição da subjetividade se dá mediante uma complexa interação de mecanismos intrapsíquicos e intersubjetivos (elaborados e constituídos através dos vínculos), buscamos compreender e situar as consequências da mudança do lugar social da mulher, do desenlace entre sexo e reprodução, do surgimento do casal de iguais sustentado pelos ideais do amor romântico, da reconfiguração e ampliação do conceito de família e da crise das funções parentais sobre as narrativas e produções de meninos e meninas, entre cinco e seis anos de idade, residentes na cidade de São Paulo e estudantes de escolas pertencentes à rede pública e à rede privada. As crianças serão convidadas a participar de atividades lúdicas (no formato de oficinas) sobre os diferentes arranjos familiares e sobre homens e mulheres exercendo papéis considerados tradicionalmente masculinos ou femininos e também papéis tidos como "novos", não tradicionais. A partir das produções e narrativas infantis, iremos explorar como essas crianças (pertencentes a diferentes contextos) elaboram e relacionam o conceito e a vivência que têm de família, assim como os aspectos, as atribuições e os comportamentos que aproximam ou diferenciam homens e mulheres, masculinidades e feminilidades.

PALAVRAS-CHAVE: família, crianças, percepção, masculino, feminino.

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA

Este projeto de pós-doutorado surgiu a partir de questionamentos suscitados pela elaboração da tese de doutorado em Sociologia: "Narrativas modernas e contemporâneas do amor e da feminilidade" (OLIVEIRA, 2008). Para a realização da pesquisa de doutorado, foram entrevistadas mulheres brasileiras e francesas altamente escolarizadas, residentes em grandes centros urbanos (como Rio de Janeiro, São Paulo e Paris) e sem filhos. A análise das entrevistas trouxe considerações interessantes acerca das transformações no campo das relações de gênero e das configurações familiares, em sociedades ocidentais pós-industrializadas.

Chamou a atenção a presença de aspectos recorrentes nos discursos das francesas e das brasileiras. O principal deles residia no impacto da maternidade sobre as relações de gênero e a configuração familiar. As entrevistadas não tinham filhos, e enfatizavam a importância da igualdade de direitos e deveres nas relações entre homens e mulheres, nos espaços públicos e privados. Ressaltavam a própria liberdade, salientando a importância de seus investimentos profissionais, e destacando a falta de necessidade de um homem que as mantivesse, quer no sentido financeiro, quer no emocional.

A maternidade emergiu nos discursos das mulheres entrevistadas como um projeto e como uma necessidade. Além disso, ao discorrer sobre esse tema, apareceram de modo contundente concepções tradicionais acerca da família e do casamento. Brasileiras e francesas destacaram que, para se tornar mães, deveriam antes estar formalmente casadas, preferencialmente com um homem capaz de manter a família tanto emocional quanto financeiramente. Enfatizaram também que uma mulher, ao ter filhos, depara-se com a necessidade de reavaliar sua carreira profissional, suas escolhas e seu estilo de vida. De algum modo, era como se a diluição das fronteiras entre o masculino e o feminino (que até então tinha sido um elemento comum às entrevistas) estancasse diante das representações sobre a maternidade.

Essa irrupção de concepções tradicionais vinculadas à perspectiva de formação de uma família suscitou o interesse em estudar as configurações familiares, com o objetivo de compreender como se articulam as mudanças e as permanências no cenário das relações de gênero. Desse modo, a possibilidade de investigar de modo mais aprofundado as questões subjetivas - ingressando no Programa de Pós-Doutorado do Instituto de Psicologia da USP, na linha de pesquisa de "Investigações em Psicanálise", sob a supervisão da prof.ª Isabel Cristina Gomes - após ter enfatizado durante o doutorado os aspectos sociais imprescindíveis à compreensão das produções de subjetividade no contemporâneo, tornará mais complexos e também mais acurados os instrumentos com os quais abordamos a relação entre os sujeitos, os vínculos e os contextos grupais que os sustentam e constituem.

A escolha de abordar as mudanças nos arranjos familiares e nas relações de gênero sob a perspectiva das crianças conduz-nos a pensar a infância e sua relação com as questões contemporâneas. Para isso, é fundamental investigar tanto os contextos familiares e sociais em que a experiência de infância se constitui quanto compreender os modos pelos quais as crianças se relacionam com as diversas produções culturais.

A especificidade da pesquisa *com* crianças decorre não somente da necessidade de criarmos alternativas metodológicas que facilitem a interlocução entre o pesquisador e as crianças sobre o tema estudado, mas, sobretudo, da relação de alteridade adulto-criança presente em toda a situação da pesquisa (PEREIRA, SANTOS: 2012, 100).

Diante dessa inevitável alteridade, realizar uma pesquisa com crianças *implica o reconhecimento destas enquanto interlocutoras e autoras do processo, na medida em que suas respostas e ações interferem nos destinos da pesquisa* (op. cit: 101). Para tanto, torna-se imprescindível instaurar um diálogo entre o pesquisador e as crianças com o objetivo de falar *menos delas, sobre elas ou para elas, e mais com elas* (idem: 102).

A delimitação da faixa etária das crianças com as quais realizaremos a pesquisa está inicialmente vinculada ao pressuposto de que, entre cinco e seis anos de idade, as crianças estão atravessando o Édipo, deparando-se com o imperativo de definir e de diferenciar os lugares do masculino e do feminino na família e na sociedade.

O complexo de Édipo, conceito considerado a "pedra angular da psicanálise", constitui a matriz da identidade sexual de homens e mulheres, *pois é durante a crise edipiana que a criança sente pela primeira vez um desejo masculino ou feminino em relação ao genitor do sexo oposto* (NASIO, 2007: 16). Não pretendendo examinar com profundidade as diferenças da vivência do Édipo para o menino e para a menina, iremos nos concentrar naquilo que pode ser considerado uma consequência ou fruto do Édipo, a saber: a assunção progressiva da identidade sexual.

O menino, devido à angústia de castração que marca a possibilidade de perder o falo (equiparado ao pênis), abandona os pais (a mãe como objeto amado e o pai, como rival temido) como objetos sexuais para mantê-los como objetos de identificação. Se até os três anos não existe uma diferenciação clara entre masculino e feminino, mas apenas entre fracos e fortes – aqueles que possuem e aqueles que não possuem o falo – , inicia-se, entre os três e cinco anos, um intrincado processo de instalação das bases da identidade sexual:

> **Pouco a pouco, ele se forjará uma identidade sexual de homem e ao mesmo tempo descobrirá que a masculinidade e a feminilidade são antes de tudo comportamentos que não correspondem necessariamente à realidade fisiológica e anatômica de um homem e de uma mulher. Aprenderá assim que todos os seres humanos, em virtude de sua condição bissexual, possuem ao mesmo tempo características masculinas e femininas (NASIO, 2007: 41).**

Pensar que, de um lado, existe uma condição bissexual inerente aos seres humanos (FREUD, 1905) e, do outro, encontra-se a construção de uma identidade sexual - a qual passa pela aquisição de um conjunto de comportamentos em detrimento de outros -, abre o espaço para a problematização do social nos processos identificatórios de meninos e meninas.

Enquanto o menino entra no Édipo ao eleger a mãe como objeto de desejo e começa a resolver a crise edipiana quando pode desejar outra mulher que não sua mãe, a menina ingressa no Édipo após ter atravessado uma fase pré-edipiana em que sexualiza e depois rejeita a figura materna para, somente depois, desejar o pai e, gradativamente, poder desejar outro homem que não o pai e se identificar com a mãe. Nas palavras de Nasio: *o comportamento edipiano da menina inspira-se plenamente no ideal feminino encarnado pela mãe; a criança é toda olhos e ouvidos na observação da mãe* (op.cit: 56).

Mais uma vez, trata-se de pensar a construção das identidades sexuais ancorada em aspectos culturais. Meninos e meninas se diferenciam e se assumem enquanto sujeitos masculinos ou femininos seguindo um repertório de performances e de comportamentos encenados na família, mas socialmente legitimados. Os ideais masculinos e femininos são engendrados pela cultura, e com ela se transformam: sendo progressivamente revistos, afirmados ou negados.

Se Freud viveu num período em que as fronteiras entre o masculino e o feminino eram tidas como naturais e se encontravam claramente demarcadas no que se refere aos papeis sexuais assumidos por homens e por mulheres nos espaços públicos e privados (COSTA, 2004, KEHL, 1998) a contemporaneidade, nas sociedades ocidentais pós-industrializadas, caracteriza-se por uma diluição e desnaturalização dessas fronteiras. Atitudes e comportamentos que numa Europa vitoriana seriam considerados eminentemente masculinos, como a agressividade, por exemplo (haja vista que o ideal de feminilidade vitoriano era sintetizado pela imagem da mãe amorosa, encerrada no espaço doméstico), hoje podem ser partilhados por homens e mulheres. Do mesmo modo, o cuidado e a atenção para com as relações afetivas que, na Europa, entre os séculos XIX e começo do século XX, seriam considerados atributos *essencialmente* femininos, atualmente são vistos como qualidades fundamentais tanto aos homens quanto às mulheres (RAUCH, 2004).

Dessa maneira, ao postular que a vivência da crise edípica e o percurso de resolução do complexo de Édipo constituem e conformam as identidades sexuais de meninos e de meninas, e os territórios da masculinidade e da feminilidade, a Psicanálise ancora, a um só tempo, as permanências e as mudanças nos conceitos de gênero nos campos: subjetivo, familiar e cultural. Portanto, ao investigar as imagens e concepções que alguns meninos e meninas elaboram sobre família, masculino e feminino estaremos desvendando processos intersubjetivos, nos quais as singularidades se desenham com as tintas e os moldes ofertados no território cultural.

1.1. NOVOS AMORES, NOVAS FAMÍLIAS – "NOVOS" HOMENS E "NOVAS" MULHERES?

De acordo com Moguillansky e Nussbaum (2011a), a invenção do casal moderno - sustentado pela ilusão do amor recíproco e pelo enlace entre paixão amorosa e sexualidade - difundiu-se no decorrer do século XX como um modelo: uma rede imaginária tecida e sustentada como uma espécie de garantia e de promessa do encontro da felicidade individual.

O casal moderno foi parte de uma configuração sócio histórica bastante específica, na qual a rígida divisão dos papéis sexuais, característica do modelo de família nuclear, foi gradativamente sendo posta em questão. Os ideais do amor romântico - presentes na mentalidade ocidental desde a Idade Média e consolidados pelo Romantismo - a ele se incorporaram, ajudando a dar legitimidade a uma nova configuração conjugal que se democratizou no ocidente após a Primeira Guerra Mundial: o casal de iguais unidos pelo amor (MONGUILLANSKY, NUSSBAUM, 2011B: 145).

A democratização do modelo do casal moderno, consolidada durante a primeira metade do século XX, esteve diretamente relacionada ao enfraquecimento das fronteiras de gêneros. Fronteiras estas que adquiriam visibilidade, sobretudo, na determinação e na divisão dos papéis atribuídos a homens e mulheres, nos espaços público e doméstico. A entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, a invenção das pílulas anticoncepcionais, as reivindicações do feminismo, a generalização da possibilidade legal de dissolução do vínculo conjugal e o desenvolvimento de novas técnicas de fertilização foram acontecimentos que, em conjunto, contribuíram para desestabilizar os territórios, as funções, os lugares e as concepções acerca da masculinidade e da feminilidade.

Para se compreender as atuais transformações nos padrões de masculinidade e de feminilidade, é preciso inicialmente entender como se delinearam os perfis tradicionais do feminino e do masculino na modernidade. Para tanto, faz-se necessário examinar mais detalhadamente as características da família nuclear burguesa: uma configuração familiar que foi erigida como modelo nas sociedades ocidentais industrializadas do século XIX.

Na família nuclear, o homem e a mulher ocupavam posições e exerciam atribuições tão diferentes quanto complementares. Valorizada em detrimento da família extensa como a matriz de formação das crianças em futuros cidadãos saudáveis (necessários a um mercado de trabalho em franca expansão), a família nuclear funcionava a

partir de uma separação precisa dos lugares e das funções: ao homem cabia trabalhar para assegurar o sustento de todos. O pai provedor se encarregaria dos assuntos práticos, abstendo-se das questões domésticas referentes ao cuidado com os filhos e com a casa. Caberia à mulher, na posição de mãe amorosa e dedicada ao lar, ocupar-se não somente das atividades domésticas mas também das questões sentimentais e da formação moral dos filhos.

Segundo Badinter (1985), o conceito de amor materno - consolidado nas sociedades europeias durante o século XIX - ancorava-se numa visão de que a maternidade não constituía um dever, e sim a mais importante realização da feminilidade. Para que isso ocorresse, foi fundamental a composição de uma ideia de natureza feminina vinculada aos filhos e ao amor sentido por eles.

Nesse sentido, é possível afirmar que, nos discursos das sociedades industrializadas europeias do século XIX, a feminilidade foi delineada como um conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função da particularidade de seus corpos e de sua capacidade procriadora (KEHL, 1998: 58). Já a masculinidade deveria escapar aos imperativos do corpo, desenvolvendo-se como uma conquista da liberdade sobre a domesticidade, da autonomia sobre a submissão, do raciocínio sobre a sentimentalidade. Os homens modernos aprendiam primeiro aquilo que não poderiam ser ou fazer, com o objetivo de assegurar a própria masculinidade, antes de aprenderem o que, de fato, poderiam ser. A masculinidade se desenvolvia como uma batalha constante, na qual a vitória só seria assegurada pela recusa de tudo o que fosse definido como feminino (SCHNEIDER, 2000).

De acordo com Elisabeth Roudinesco (2003), é possível situar, nas sociedades ocidentais, a existência de três configurações históricas dos arranjos familiares. A primeira configuração corresponderia à família tradicional sustentada e definida pelo pai, o qual se encontrava investido de uma autoridade semelhante à divina. A principal missão da família tradicional consistia na transmissão do patrimônio, que ocorria através dos casamentos arranjados. Nas sociedades tradicionais, o grupo familiar extenso constituía também uma comunidade relativamente autônoma: responsável pela produção, o comércio e o consumo de bens. O pai - enquanto chefe da família - tinha em suas mãos poder suficiente para gerir o funcionamento do grupo e para decidir sobre a vida de seus membros.

Com a industrialização, estratégias e políticas higienistas atuaram com o objetivo de distribuir a autoridade que antes se concentrava sobre a figura paterna. Surgiu, então, a família conjugal moderna, ou família nuclear. Esse tipo de arranjo familiar é diferente do anterior por se resumir à célula formada pelo pai, a mãe e os filhos do casal morando juntos e não mais diretamente vinculados à família extensa. Além disso, ele tem como peculiaridade a rigidez aliada à complementaridade dos papéis sexuais, ambos mencionados anteriormente. Contudo, diferente do que acontecia na família tradicional, o relacionamento entre o pai provedor, a mãe senhora do lar (sustentáculos da família conjugal moderna) e os filhos não poderia mais se justificar pela autoridade: sua razão de ser deveria residir no sentimento amoroso.

Nesse sentido, embora o homem ainda ocupasse uma posição hierarquicamente superior à mulher, uma vez que era o responsável pelo sustento familiar, sua autoridade não se equiparava àquela exercida pela figura paterna na família tradicional. Isto porque a mulher - na figura da mãe amparada por uma série de especialistas em saúde e educação - foi investida de autoridade, tornando-se uma aliada fundamental do projeto de criação de uma prole saudável e produtiva. Os filhos, por sua vez, passaram a ocupar um lugar muito mais relevante no grupo familiar, uma vez que a principal missão social da família nuclear burguesa consistia num compromisso assumido com o futuro. Tal compromisso se firmava na necessidade de transformar as crianças em futuros cidadãos, capazes de trabalhar em nome do progresso de suas nações. (COSTA, 2004).

A partir da segunda metade do século XX, após os movimentos sociais deflagrados na década de sessenta, despontou um novo tipo de arranjo familiar cuja principal característica consiste na diversidade. Trata-se da família contemporânea, a qual leva às últimas consequências a crença de que o amor deve ser o eixo de sustentação e a justificativa para a criação e também para a dissolução do laço conjugal. Na família contemporânea, individualista, a conjugalidade deve persistir apenas enquanto trouxer satisfação a ambos os cônjuges (GUIDENS, 1993). Nessa configuração familiar, as expectativas em relação ao casamento se modificam profundamente, tornando-se mais amplas à medida que passam a abranger - além do projeto de ter filhos que pode ou não existir no casal (LIMA, 2013) - o desejo de realização pessoal mútua, de companheirismo, de satisfação sexual, de uma divisão mais igualitária dos papéis na rotina conjugal e do encontro da felicidade (DINIZ, 2011: 15).

Tendo o amor como motivo e a busca da felicidade como meta, a família contemporânea torna-se plástica e fluida: não se justifica por contratos, tampouco pela responsabilidade do casal em relação aos filhos ou ao grupo social. Por isso, as uniões tendem a se dissolver com mais facilidade. Ao mesmo tempo, ela possibilita a emergência da diversidade, o que contribui para o questionamento da crença na existência de um modelo de família mais adequado, mais saudável e potencialmente mais feliz do que os demais. Outro traço marcante das famílias contemporâneas consiste na substituição do princípio de hierarquia por uma divisão mais igualitária dos papéis atribuídos a homens e mulheres, nos espaços públicos e privados. Como consequência de uma maior equidade nas relações, as fronteiras de gênero se revelam também menos precisas e definidas, e a autoridade patriarcal é profundamente abalada (ROUDINESCO, 2003: 153).

A família contemporânea, ao desestabilizar as referências que orientavam o funcionamento da família conjugal moderna, abriu terreno para a complexidade e a incerteza. De acordo com Gomes (2009), atualmente homens e mulheres se angustiam e se sentem inseguros diante da multiplicidade de papéis que são chamados a desempenhar. O questionamento dos modelos anteriores teve como consequência uma dificuldade em se definir e delimitar tanto o lugar quanto as atribuições de cada membro do grupo familiar. Antes claramente delimitadas, as funções conjugais, parentais e fraternas passam a necessitar de explicitação, e o equilíbrio entre parentalidade biológica, adquirida e conjugalidade se mostra cada vez mais delicado (op. cit: 35-36).

Segundo Féres-Carneiro (2013), cresce, atualmente, o número de pais confusos e ambivalentes quanto ao exercício de suas funções parentais. O enfraquecimento da autoridade repercutiu não apenas sobre a figura paterna, que atualmente é instada a exercer uma paternidade participativa: atenta e envolvida em todos os aspectos necessários ao cuidado com os filhos. Ocorreu um processo generalizado de horizontalização das relações, o qual, não raramente, tem superinvestido de sentido a expressão cunhada por Freud (1914): "sua majestade, o bebê". Tal como afirma Féres-Carneiro: nas famílias contemporâneas, a autoridade parental é contestada, sendo a criança alçada a um novo lugar nesse dinâmica, podendo ser proposta, assim, a questão de uma "autoridade infantil" (2013: 90).

Diante da falta de novos referenciais externos suficientemente consistentes e capazes de orientar homens e mulheres no exercício das funções parentais e em suas experiências de conjugalidade, é nítido o descompasso entre as diferentes formas de se relacionar e de viver junto que, de fato, ampliaram o conceito de família (GOMES, 2009) e os modelos tradicionais que ainda servem de parâmetros para os sujeitos em suas trajetórias amorosas e familiares. Embora o casal moderno tenha perdido sua hegemonia diante da pluralidade de configurações vinculares existentes na contemporaneidade, ele ainda constitui um ideal bastante presente no imaginário social (MOGUILLANSKI; NUSSBAUM, 2001b).

A preservação da fé no ideal de amor moderno, numa época em que um em cada dois casamentos termina em divórcio (JABLONSKI, 2011), não é o único dos paradoxos que habitam os arranjos familiares na contemporaneidade. A revisão e o enfraquecimento das fronteiras existentes entre os masculinidade e feminilidade não incidiram sobre as práticas de homens e mulheres de maneira óbvia nem tampouco regular.

Segundo Roudinesco (2003), enquanto o feminino em Freud encontra-se marcado pela passividade, por uma baixa capacidade sublimatória, pela inveja do masculino e por uma dependência da maternidade, nas mulheres contemporâneas ele se apresenta de maneira bastante diversa. A possibilidade de separação entre feminilidade e maternidade ampliou sobremaneira os contornos da feminilidade. Se a mulher freudiana encontrava na vida familiar seu único destino, se sua travessia amorosa parecia remeter inapelavelmente à maternidade (KEHL, 1998), as mulheres contemporâneas se deparam com uma multiplicidade de saídas e de encruzilhadas, as quais desestabilizam a concepção freudiana de que o feminino e o materno, o ser mulher e a procriação, o sexo e o gênero constituem territórios inseparáveis. *Feitas para o amor, as mulheres não são em nada encorajadas por Freud a exercerem uma profissão, a militarem pela igualdade ou a se tornarem as concorrentes dos homens no domínio da arte e da sublimação* (ROUDINESCO, 2003: 134).

No que se refere aos homens contemporâneos, repercutem em seus processos de subjetivação tanto a diminuição da autoridade paterna quanto a exigência de que os homens não representem apenas o apoio

financeiro, mas que participem ativamente da educação dos filhos ou que, no mínimo, sejam coadjuvantes no cuidado com as crianças e na divisão das tarefas domésticas (FÉRES-CARNEIRO et al: 2013).

Desse modo, em face da diversidade dos arranjos familiares atuais, as figuras da mãe dona-de-casa e do pai provedor, que conferiam legitimidade e solidez às identidades femininas e masculinas modernas, vão se liquefazendo: tornando as vicissitudes da constituição subjetiva cada vez mais complexas, solitárias e fragilizadas.

Seria, então, legítimo afirmar que o modelo "antigo" - no qual os dois sexos são considerados "naturalmente" diferentes nos aspectos biológico, psíquico e social, e as identidades masculina e feminina são precisamente demarcadas em comportamentos, sentimentos, atitudes e tendências (FÉRES-CARNEIRO et all, 2013) - revelou-se completamente anacrônico e hoje se encontra obsoleto?

Segundo Rocha-Coutinho (2007), apesar da rígida divisão de papéis de homens e mulheres na esfera doméstica estar sendo posta em questão, as concepções antigas ainda prevalecem, exercendo seus efeitos sobre os sujeitos. Por exemplo, aquela que diz: "mãe é mãe" é reiterada no sentido de reafirmar que mãe continua sendo vista como a principal responsável pelo cuidado com os filhos, enquanto ao pai permanece cabendo o papel de provedor da família.

Na tentativa de conciliar as exigências da vida profissional com aquelas decorrentes da maternidade, mulheres brasileiras tentam criar soluções em meio a um processo marcado pelo ressentimento e a culpa. Algumas delas acabam mudando suas trajetórias profissionais (reduzindo o número de horas de trabalho, tornando mais modestas as expectativas de crescimento na carreira, ou mesmo abrindo mão do mercado de trabalho para se dedicar à tarefa de criar os filhos). Apesar disso, muitas são as mulheres que se sentem constantemente culpadas por julgarem não conseguir dar atenção e cuidado suficientes aos seus filhos (ROCHA-COUTINHO, 2011).

Nesse sentido, é possível constatar que coexistem na família contemporânea, de modo nem sempre pacífico, modelos de família "antigos" e "novos" os "novos" homens e mulheres e também os "antigos" (FÉRES-CARNEIRO; NEGREIROS: 2004). Essa convivência - que pode se tornar tangível no descompasso entre as atitudes, os comportamentos, as percepções e as práticas de um mesmo sujeito - ressoa e incide sobre as relações familiares e também sobre a educação de crianças e adolescentes.

Segundo Gomes (2013), na multiplicidade de formas característica da família contemporânea habitam o arranjo representado por um homem e uma mulher que desejam ou não ter filhos, as uniões homoafetivas ou homoparentais, as monoparentais por opção, as famílias reconstituídas, dentre outras possibilidades. Nesse caleidoscópio de configurações, a hegemonia da família heterossexual e do modelo patriarcal é abalada pela disseminação de relações familiares mais democráticas e mais igualitárias. Em suas palavras:

> **A família reproduz, em seu anterior, todo o processo de transformação sócio histórico, cultural e psicológico pelo qual a sociedade ocidental vem passando nesse último século. Ela é cenário de um movimento paradoxal: de um lado, continua a ser o centro perpetuador da "tradição"; de outro, é geradora do novo, em termos de ordem simbólica. Uma ordem formadora de identidade e alteridade, que define papéis e funções de gênero ao longo da história, bem como preserva a atemporalidade das instâncias de constituição psíquica (2013: 187,188).**

Ao investigar as percepções de crianças acerca da família, da masculinidade e da feminilidade, poderemos analisar como e em que medida uma nova ordem simbólica está sendo gerada, e também compreender de que modos a influência das heranças geracionais incide sobre tal formação. Assim, será possível vislumbrar como o embate entre o novo e o antigo se estrutura e repercute sobre a constituição das subjetividades contemporâneas.

1.2. TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL

Em "introdução ao Narcisismo", Freud (1914) afirma que o indivíduo, em si mesmo seu próprio fim, constitui também um elo de transmissão de uma corrente geracional da qual é ao mesmo tempo beneficiário, servidor e herdeiro. Freud enfatiza que o narcisismo da criança se ancora nos sonhos tecidos pelos desejos irrealizados de seus pais. Assim, desde o nascimento, o sujeito se encontraria submetido e engendrado por desejos inconscientes que lhe concedem um lugar, ao mesmo tempo que o precedem e o instituem.

Em Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921), Freud enfatiza que o outro participa da vida psíquica individual de forma regular e irredutível: enquanto modelo, apoio e adversário; isso de tal maneira que seria possível afirmar que toda psicologia individual seria, simultaneamente, uma psicologia social.

René Kaës, aprofundando essas e outras formulações freudianas, considera que o sujeito singular tem seu inconsciente mantido e moldado nos vínculos subjetivos dos quais faz parte, nas alianças inconscientes que o precedem e que ele contrata por conta própria, nos espaços psíquicos comuns que ele partilha com outros (2011: 11).

Segundo Kaës (2011), a psique individual é formada nas diversas modalidades de vínculos intersubjetivos que antecedem o sujeito, que ele próprio estabelece, e que o constituem como sujeito do inconsciente. Nesse sentido, o sujeito do inconsciente se encontra inelutavelmente enredado e submetido a um conjunto intersubjetivo de outros sujeitos do inconsciente. Para Kaës, a singularidade do psiquismo individual, a saber: a organização pulsional, as fantasias, os mecanismos de defesa, as identificações, as relações de objeto, os conteúdos recalcados; tudo, enfim, que faz de *cada subjetividade um arranjo único tem sua origem naquilo que o sujeito herdou, no que ele adquiriu e transformou, ou no que permaneceu para ele sem transformação* (2011: 54).

Retomando Freud, Kaës (1997, 2011) reitera a dupla existência à qual está condenado todo indivíduo: ele é um fim para si mesmo ao mesmo tempo em que constitui, sem o ter escolhido, um elo de uma cadeia à qual se encontra submetido. A partir dessa tensão entre um sujeito que é simultaneamente o elo, o beneficiário, o servidor e o herdeiro de uma cadeia intersubjetiva que o transcende, define e singulariza, abre-se espaço, no escopo da psicanálise, para se abordar a questão da transmissão psíquica entre gerações.

O conceito de transmissão psíquica pressupõe a continuidade e a sucessão da vida psíquica dos sujeitos, os quais são tanto herdeiros forçados quanto criadores daquilo que lhes é transmitido pelos vínculos que os constituem. A transmissão psíquica entre gerações ocorre, assim, através de alianças: pactos e contratos inconscientes que organizam e instituem os laços entre os sujeitos nos grupos.

Segundo Granjon, a família constitui o lugar e o aparelho da transmissão psíquica, e a transmissão consiste em *fazer passar um objeto, um pensamento, uma história, afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra* (2000: 24). Para que isso ocorra, faz-se necessário pressupor a existência de uma série de ligações entre diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos, a saber: um espaço "intrapsíquico" singular, um espaço "interpsíquico" dos vínculos e um espaço "transubjetivo" que engloba o mundo sociocultural (KAES, 2011: 55).

Ganjon (2000) considera que a transmissão psíquica intergeracional consiste num trabalho que permite a cada geração situar-se em relação às outras, inscrevendo cada sujeito numa cadeia; situando-o diante de uma herança que lhe é imposta e assumida no processo de transmissão. Segundo a autora, aquilo que é transmitido por uma geração será recebido pelos filhos no tecido formado pelas identificações e pelo arranjo dos diferentes laços familiares. A transmissão é continuamente imposta a cada sujeito desde seu nascimento: nas "mensagens" que são dirigidas ao bebê enquanto ele é cuidado, educado, carregado e falado por outros.

Investigando os processos de transmissão psíquica, Granjon (2000:25) diferencia a transmissão intergeracional - na qual a passagem de uma geração para outra é acompanhada pela modificação daquilo que é transmitido - da transmissão transgeracional a qual ocorre pelas gerações e contém o que não pode ser facilmente modificado a favor da integração psíquica. Nesses termos, a transmissão transgeracional é, portanto, uma transmissão forçada que é imposta a cada sujeito desde seu nascimento e que lhe concede de antemão um lugar no grupo familiar. Herdeira daquilo que se teceu e daquilo que se calou nos laços de aliança de seus pais, a criança, que se beneficia do investimento narcísico desses, assegura a continuidade do conjunto e adquire a possibilidade de sua própria subjetividade (op. cit: 28).

De acordo com Granjon (2000: 29), a criança, ao ser recebida e cuidada no mundo adulto, é envolvida por mensagens de todas as ordens. Enquanto algumas irão responder ao seu processo de busca de sentido, e outras irão adquirir sentido mais tarde, existirão aquelas que vão permanecer enigmáticas e incompreensíveis sendo impostas à criança, que delas se torna a depositária e herdeira forçada.

Para a referida autora, não são os acontecimentos mais dolorosos necessariamente os mais alienantes, mas justamente aqueles que não podem ser elaborados: seja porque os afetos que suscitam não podem ser tolerados, seja porque não foram produzidos em torno desses acontecimentos pensamentos que pudessem contê-los e representá-los. O que é assim "confiado" à criança, por falta de poder ser elaborado pelo(s) pais(s), não lhe é, entretanto, "dado", mas nela depositado. *A criança não pode possui-lo, já que ele ainda pertence aos ancestrais, aos pais, constituindo uma zona de alienação entre a criança e os pais* (GRANJON, 2000: 32).

Investigar as mudanças e permanências do masculino e do feminino na família contemporânea a partir das falas das crianças implica refletir sobre o embate entre o que se almeja transmitir de maneira voluntária, consciente (as atitudes, as opiniões e os posicionamentos do grupo familiar mediados pela sociedade) e aquilo que atravessa as gerações enquanto resto (traços que inconscientemente são transmitidos e dos quais a criança se faz herdeira).

Granjon enfatiza que aquilo que uma geração transmite aos filhos é recebido por estes de modo complexo, uma vez que tanto a singularidade das identificações individuais quanto a posição ocupada por cada sujeito no enredamento dos laços familiares modificam o que é transmitido. *Assim, certos elementos podem ser impostos aos descendentes, mas estes sempre vão ter de adquiri-los em função de vários fatores* (2000: 27). Nesse sentido, é possível considerar que, ao escutar crianças discorrendo sobre família, masculinidades e feminilidades na contemporaneidade, poderemos vislumbrar os contornos de novos arranjos subjetivos em processo de construção e compreender de que formas (e com quais consequências) essas crianças podem ser as portadoras de mensagens mais antigas que suas próprias existências.

1.3 GÊNERO E IDENTIFICAÇÃO

Discorrendo sobre gênero e psicanálise, Kehl afirma que a dicotomia entre "homem" e "mulher" constitui o primeiro significante que define um sujeito, antes mesmo de qualquer possibilidade de escolha ou de desejo. *Somos desde o início e para sempre "homens" ou "mulheres" porque a cultura assim nos designou e nossos pais assim nos acolheram a partir da mínima diferença inscrita em nossos corpos* (1998: 11).

Segundo a autora, seria possível considerar que a sexuação opera no campo das certezas subjetivas. Nesse sentido, *ser homem ou ser mulher constitui uma certeza que, a partir do momento em que se instala, torna-se parte do nosso ser, e custa um preço muito alto para se alterar* (1998: 31). Contudo, considerar a identidade sexual uma certeza subjetiva implica saber que ela não se encontra necessariamente vinculada ao sexo biológico, tampouco está obrigatoriamente relacionada à orientação sexual. As posições femininas e masculinas não correspondem precisamente aos lugares onde se encontram homens e mulheres: elas circulam de forma variável nos diferentes contextos históricos, sociais e familiares.

Pensar que a masculinidade e a feminilidade são distribuídas entre homens e mulheres de formas variadas, e que tal distribuição é diferente em cada contexto sociocultural (KEHL, 1997: 13), é considerar que não existe uma relação fixa entre gênero e sexualidade. Partindo desse pressuposto, podemos conceber o masculino e o feminino como construções de gênero. Nesse sentido, o gênero se inscreve sobre o sexo como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1990).

Contudo, embora para o feminismo moderno apenas o gênero fosse concebido como um fenômeno histórico-cultural (produzido e reproduzido diferentemente ao longo do tempo e dos diversos contextos sociais); enquanto o sexo era definido como algo da ordem do biológico, do "natural"; o feminismo contemporâneo subverte essa lógica ao afirmar que o sexo não constitui apenas uma superfície neutra onde se imprimem as marcas do gênero. Sexo é, desde o início, linguagem e, portanto, gênero: formado num arranjo complexo das relações tecidas entre o sujeito, a família, as gerações, a cultura e as instituições (BUTLER, 2003).

A definição de gênero remete também diretamente ao exame do conceito de papéis sexuais. Segundo Goffman (1975), os papéis sexuais podem ser compreendidos como tipificações do que seria pertinente a homens e a mulheres num determinado contexto. Os papéis sexuais englobam, portanto, um conjunto de atitudes, comportamentos, emoções e sentimentos que - transmitidos ao longo das gerações - são aprovados, restritos, proibidos ou considerados como "naturais" ou "avessos" a cada gênero.

Segundo Féres-Carneiro e Negreiro (2004: 35), a dicotomia sexual entre "homem" e "mulher" é assumida como um requisito fundamental para a socialização, seja pelos pais e familiares, seja pela escola e os meios de comunicação, seja pelas diversas instituições sociais. Devido a isso, as diferenças psicossociais entre meninos e meninas são absorvidas desde a mais tenra infância.

Qual seria, então, a relação entre gênero, identidade sexual e os papéis sexuais? De acordo com Tucker e Money (1981), a identidade e o papel sexual constituiriam aspectos diferentes de uma mesma questão, sendo o papel uma expressão pública da identidade sexual. A identidade sexual se expressaria nos papéis sexuais (que são construções de gênero), e se elaboraria através do processo de identificação: *processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto ou uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro* (LAPLANCHE. PONTALIS, 1992: 226).

Em Freud (1921), a identificação constitui a forma mais primária de laço afetivo com um objeto; podendo ser compreendida como o principal recurso ou mecanismo de constituição da subjetividade humana. Todo processo de identificação estaria, de acordo com o autor, inapelavelmente marcado pela ambivalência: ancorado e tecido numa relação de amor e ódio, de obediência e rivalidade entre o sujeito e os outros.

Freud (1921) considera que, através do processo de identificação, é formado o ideal do eu, o qual remete às relações estabelecidas pelo eu com uma pluralidade de outros. Nesse sentido, *cada indivíduo faz parte de vários grupos, está ligado por identificação de vários lados e construiu o seu ideal do ego segundo os mais diversos modelos* (op. cit: 22). Segundo Laplanche e Pontalis (1992: 223), o ideal do eu seria elaborado a partir de um conjunto de identificações que não são necessariamente harmônicas entre si.

Nesses termos, a complexidade do processo de identificação sexual na contemporaneidade estaria relacionada à transmissão de modelos cada vez mais díspares, os quais contêm, simultaneamente, as dúvidas e as certezas, os perfis novos e os antigos, a tradição e a transgressão. Nesse processo, as crianças aprendem a se definir como meninos ou meninas - e a se implicar em relação à masculinidade e à feminilidade - de formas diversas e não previsíveis.

Se, por um lado, a divisão de papéis estabelecida pelo "modelo antigo" de família cada vez menos consegue dar conta da complexidade das famílias contemporâneas, por outro, não existem modelos suficientemente consistentes e capazes de orientar os comportamentos individuais e as expectativas sociais. Segundo Velho (1981), no "modelo antigo" de família os sexos são concebidos como naturalmente diferentes - em seus aspectos biológico, psíquico e social - e as identidades masculina e feminina são bem demarcadas. Já no "modelo novo" - ancorado no individualismo - há o questionamento da ideia de natureza, visível na desestabilização da submissão do gênero pelo sexo. Isso torna fluidas e permeáveis as fronteiras entre a masculinidade e a feminilidade. Desse modo, o já mencionado desmapeamento ocorre quando o novo e o antigo convivem nas subjetividades, sem que o primeiro tenha, de fato, substituído o segundo (VELHO, 1981 e FÉRES-CARNEIRO, NEGREIRO: 2004).

Borges e Rocha-Coutinho (2008: 45) consideram que a família, por comportar em seu interior diferentes gerações, revela-se como uma instituição privilegiada para se observar tanto as mudanças quanto as permanências de antigos padrões sociais. Vaitsman (1994), por sua vez, ressalta que existe uma diversidade de mundos sociais e simbólicos, os quais convivem simultaneamente num mesmo segmento social e até num mesmo sujeito. Nesse sentido, a família contemporânea teria como uma de suas características mais marcantes o fato de combinar estratégias e recursos tradicionais (antigos) aos modernos (novos).

Na concepção de Borges e Rocha-Coutinho (2008), a chamada "crise" da família contemporânea decorreria justamente de um paradoxo entre a expansão do individualismo e a ênfase na importância da instituição familiar para o equilíbrio social. Assim, de um lado a repercussão dos valores individualistas levaria a se pensar a família como uma configuração sustentada pela liberdade, pela realização dos projetos individuais e pela busca da felicidade pessoal; de outro lado, a importância dada ao grupo familiar exaltaria a importância dos laços de dependência estabelecidos entre seus membros.

Como as mulheres, na configuração familiar nuclear ou moderna, eram educadas para serem as responsáveis pela intimidade e pelo cuidado com os outros (CHODOROW, 1990), a transformação da condição social feminina

na contemporaneidade repercute diretamente sobre a dinâmica das relações familiares. Borges e Rocha-Coutinho consideram que atualmente impõe-se um novo ideal para as mulheres: o de companheira do homem, igual em direitos e em deveres (2008: 51).

Segundo Rocha-Coutinho (2003:51), para as mulheres brasileiras contemporâneas, a conciliação entre os dois papéis - de "trabalhadora" e de "rainha do lar" - é vista como algo possível. Isto porque os dois papéis são transmitidos e apropriados como referências fundamentais para a construção das identidades femininas.

De acordo com Gomes (2013:182), a forte influência das heranças geracionais tem gerado situações de crise tanto na conjugalidade quanto no exercício das funções parentais. Para a autora, o material psíquico transmitido aos sujeitos contemporâneos encontra-se associado a um modelo de feminilidade tradicional, submisso e passivo. Paiva (2008), por sua vez, enfatiza que, dependendo da forma como o sujeito a recebe, a história passada das gerações anteriores pode fazer do sujeito um prisioneiro - condenado incessantemente à repetição - ou um criador de sua herança.

Para Ramos (2003), a falta de referências estáveis sobre o que significa ser homem e ser mulher na contemporaneidade tem provocado perplexidade, deixando um vazio, uma indefinição quanto aos lugares que homem e mulher devem hoje ocupar. Tal indefinição influencia o processo identificatório de um e de outro (op.cit: 58).

Em se tratando de crianças, é fundamental compreender as formas a partir das quais elas se reconhecem como meninos ou meninas, situando como tal reconhecimento repercute e se relaciona com suas concepções de feminilidade e de masculinidade.

1.4. GÊNERO E ESCOLA

Pesquisar com crianças implica pensar a infância como uma construção social demarcada por processos culturais específicos. Nesse sentido, a concepção da infância enquanto um período de desenvolvimento e de aprendizado, diferente das demais épocas da vida e dotado de características emocionais e cognitivas próprias, é correlata à proliferação das escolas como espaços destinados às crianças. Segundo Ariès (1981), a infância passa a ser vista como uma fase singular de transição para a vida adulta (que requer cuidado) à medida que a instituição escolar evolui, deixando de ser um asilo para os pobres e convertendo-se – na Europa dos séculos XVII e XVIII - num lugar importante para a formação dos futuros cidadãos.

Considerando que a concepção moderna de infância e a escola nasceram juntas, é fundamental para refletir sobre como infância e escola se relacionam na contemporaneidade. Segundo Bernardes (1993), a escola constitui um espaço privilegiado de convívio social entre meninos e meninas. Espaço este que não deve ser visto apartado do contexto social mais amplo no qual se inscreve, haja vista que as práticas escolares estão intrinsecamente relacionadas às práticas sociais. Desse modo, ao relacionar escola, infância e gênero, é fundamental considerar que, nos processos educativos, os sujeitos são construídos como masculinos ou femininos mediante um conjunto de expectativas e de atribuições designadas aos gêneros (BOURDIEU, 2002). Na escola, as crianças aprendem a definir o que cabe ao homem e o que cabe à mulher, uma vez que os comportamentos masculinos e femininos são diferenciados e legitimados a partir de um esforço contínuo de normalização social. Portanto, é possível afirmar que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e de sexualidade que circulam na sociedade, ela também as produz (LOURO, 2003: 81).

A identidade de gênero pode ser compreendida como a percepção que os sujeitos têm de si mesmos relacionada às formas através das quais o masculino e o feminino são culturalmente definidos e classificados. Louro (2003) enfatiza que as identidades de gênero, na sociedade brasileira, são construídas a partir de modelos de normalidade. Ela adverte que *todo nosso sistema educacional colabora com a manutenção de ideias obsoletas em relação às identidades baseados em critérios fixos sobre as possibilidades de ação e personalidade de homens e mulheres* (op. cit: 26).

Nossas escolas fazem gênero à medida que reiteram a visão hegemônica dos gêneros materializada, por vezes, de maneira irrefletida no conjunto das práticas pedagógicas. Assim, nas narrativas que encerram as mulheres nas atividades de cuidado e no espaço doméstico e voltam os homens para a ação nos espaços públicos, a escola contribui para organizar e naturalizar a conformidade de gênero.

Enquanto instituição social, a escola absorve as formas de organização e de representação da sociedade na qual está inserida, portanto, as desigualdades e discriminações de gênero, classe, raça e religião, vivenciadas externamente, são reproduzidas, endossadas, produzidas ou transformadas nas relações que os sujeitos estabelecem no contexto escolar (CUNHA, ALVES, In: BERTONI, GALINKIN, 2014: 74).

A escola pode, através de discursos e práticas curriculares, reforçar a legitimação de uma visão binária e estanque do masculino e do feminino, mas é também capaz de desnaturalizar os papéis de gênero, promovendo *o diálogo entre as diferentes identidades de gênero presentes no espaço escolar, com o objetivo de reforçar uma visão crítica de mundo, pautada no combate ao preconceito e à discriminação* (PULCINO et al, In: BERTONI, GALINKIN, 2014: 130).

Nesse sentido, ao investigar as imagens e percepções sobre as relações de gênero e as atuais configurações de família elaboradas por crianças em escolas, é importante considerar o ambiente escolar como um território privilegiado de socialização das crianças. Nele, o gênero organiza de forma concreta e simbólica as relações sociais, assim como os instrumentos de ensino, os métodos e as expectativas de aprendizagem. Torna-se, então, de grande relevância a busca por uma maior compreensão acerca dos modos pelos quais cada escola (implícita ou explicitamente) lida com as questões de gênero e abre espaço para as crianças refletirem sobre o masculino, o feminino e as transformações da família contemporânea.

1.5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Castro (2008), a pesquisa com crianças coloca questões que demandam a renovação do dispositivo de pesquisa. Isto porque, ao pesquisar com crianças, é imprescindível desnaturalizar a desigualdade estrutural existente entre pesquisador e pesquisados. Nesse sentido, torna-se fundamental não apenas dar destaque à profunda implicação do pesquisador com aquilo que pesquisa - admitindo que somos objetivados por aquilo mesmo que pretendemos objetivar (CASTRO, op.cit: 29) - como também problematizar as concepções sobre a infância e seu lugar na cultura.

A opção pela metodologia social-clínica da pesquisa-intervenção se justifica por esta abrigar um conjunto de métodos que tornam possível *enfrentar a estrutura de desigualdades que permeia as relações entre adultos e crianças e conforma o dispositivo de pesquisa como reprodutor de determinados interesses em detrimento de outros* (idem: 37). A pesquisa-intervenção pressupõe a não existência de uma hierarquia indissolúvel entre o adulto pesquisador e as crianças pesquisadas no que se refere à produção de sentidos sobre o tema investigado. De acordo com a metodologia da pesquisa-intervenção, as crianças são, simultaneamente, os *pacientes* que agem de acordo com as demandas do pesquisador e os *agentes* que inventam novos lugares de enunciação e constroem suas próprias demandas. Desse modo, pesquisar consiste *num acontecimento que pressupõe uma ativa relação entre os sujeitos que se põem em diálogo, o tema sobre o qual eles dialogam e o contexto no qual esse diálogo se dá* (PEREIRA, In: PEREIRA, MACEDO, 2012: 62).

Na pesquisa-intervenção, o *infantil* não é visto como um estorvo: algo que o pesquisador precise *contornar* ou *traduzir* ao perscrutar uma temática tendo crianças como *objeto de estudo*. Os conceitos e as concepções acerca da infância e da relação estabelecida pelas crianças com a sociedade em que vivem são considerados imprescindíveis para o desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção. Este tipo de pesquisa rompe com os paradigmas que concebem as crianças como seres desprovidos de razão e de reflexão ao afirmar seu papel enquanto construtoras de cultura, uma vez que *as crianças não estão isoladas nem são impermeáveis aos contextos onde se movem, nem os contextos são imunes às crianças* (TOMÁS, In: PEREIRA, MACEDO, 2012: 39). Desse modo, a pesquisa-intervenção constitui fundamentalmente um trabalho situado e não totalizante pois, ao considerar as crianças parceiras na investigação, deve atentar para as especificidades das infâncias, situações e contextos sociais e escolares sobre os quais se debruça.

Considerando que as crianças se movimentam e atuam não somente nos mundos da brincadeira, do cuidado e da aprendizagem aos quais são constantemente remetidas, mas no mesmo mundo em que todas as pessoas vivem (ALANEN, In: CASTRO, 1992: 76), é possível afirmar que as problemáticas da contemporaneidade são construídas e reconstruídas pelas crianças a partir das formas como elas interpretam e compreendem suas experiências, e também de acordo com os lugares em que se encontram (CASTRO, 2008: 26).

Segundo a proposta de uma pesquisa-intervenção, o pesquisador é um ator que desencadeia junto às crianças um movimento de produção de significados. Juntos, pesquisador e crianças elaboram sentidos para suas experiências no âmbito das práticas de significação. Nesse processo contínuo onde a ação do pesquisador é complementada pela interlocução das crianças, todos se transformam: o pesquisador, as crianças e a própria pesquisa que, ao dar voz às crianças, se abre inexoravelmente ao imprevisível. Na pesquisa-intervenção, *a produção de um saber sobre as crianças é resultante de sua própria ação e conhecimento* (op. cit: 27).

Ao postular a existência dois agentes - o adulto e as crianças - envolvidos numa produção contínua de novos sentidos, a metodologia da pesquisa-intervenção considera a narrativa como o dispositivo principal de construção do conhecimento, uma vez que ela impele os sujeitos a revelar o que são, o que fazem e fizeram, e também como o fazem e o fizeram.

> **Salientamos, também, aqui um modo de pesquisar a infância e seu universo lúdico em que o pesquisador se posiciona como interlocutor na relação com a criança, não apenas para compreender o que ela faz ou diz, mas para aproximar-se de seus valores, de sua cultura e dos modos como ela traduz os signos de seu tempo e os transforma em fantasias, medos, desafios, heróis, ogros e brinquedos (...) Brincando e criando narrativas, as crianças estão falando de si próprias, de seus medos, coragem, angústia, sonhos e ideais. Estão falando de seu tempo, da cultura em que vivem, aprendem e crescem, das promessas e mal-estar dessa mesma cultura (MARASCHIN, In: CASTRO, BESSET, 2008: 512).**

Na pesquisa-intervenção, pesquisador e crianças criam respostas e novas indagações para a problemática da pesquisa. Para que isso ocorra, no entanto, é preciso que as crianças se sintam fortalecidas para interpelar o adulto. Segundo Castro (2008), o pertencimento a um grupo torna as crianças mais seguras e também mais dispostas a se engajar ativamente no processo da pesquisa. Para Tomás, as crianças tendem a se tornar parceiras da pesquisa quando esta ocorre em seus ambientes naturais e não em ambientes separados dos lugares em que vivem e costumeiramente transitam (CASTRO, BESSET, 2008: 401).

As oficinas se apresentam como uma metodologia bastante adequada para a realização de uma pesquisa-intervenção com crianças pequenas (MARSCHIN, In: CASTRO, BESSET, 2008: 500). Nelas, o lúdico é enfatizado como um instrumento que possibilita a emergência de um diálogo entre o pesquisador e as crianças. As oficinas se assemelham aos grupos operativos: possuem tarefas e objetivos, incorporando também os conflitos e um espaço para o debate. O formato de oficinas é interessante também por dar espaço à criação de narrativas a partir de jogos, dinâmicas e uma diversidade de atividades lúdicas (MOREIRA, In: CASTRO, BESSET, 2008: 440).

Para implementar esta pesquisa-intervenção voltada para a investigação das permanências e das rupturas nas concepções e imagens que algumas crianças entre sete e oito anos de idade elaboram sobre a família, o masculino e o feminino, iremos realizar oficinas com três módulos diferentes que se complementam, abordando as seguintes temáticas: a) os jeitos de ser família; b) como são e o que fazem meninos e homens?; c) como são e o que fazem meninas e mulheres? Para a realização das oficinas, contaremos com materiais lúdicos, como: papel sulfite, cola, revistas, canetas e lápis de cor, livros infantis, etc. Após a introdução de cada tema, pediremos às crianças que produzam algo que, para elas, defina o tema exposto. Essa produção pode ser em formato de estória, desenho, pintura, colagem ou outra forma que for conveniente ao grupo. As produções individuais serão apresentadas e discutidas pelos participantes. Em seguida, será aberto um espaço de debate onde as conclusões do grupo sobre a temática desenvolvida serão sintetizadas.

As oficinas serão realizadas em escolas públicas e privadas de diferentes localidades da cidade de São Paulo. A princípio, as escolas serão selecionadas a partir de uma amostra de oportunidade construída através

de contatos e de recomendações (WOODS, 1999). Por esta razão, optamos por não delimitar de início o número de escolas em que pretendemos realizar esta pesquisa. Nosso objetivo consiste em implementar as oficinas em escolas situadas nas diferentes regiões (zonas norte, sul, leste e oeste) da cidade de São Paulo.

O projeto de pesquisa será apresentado nas escolas, deverá primeiro suscitar o interesse e a aprovação da equipe técnica e dos professores para, finalmente, ser solicitada a permissão dos responsáveis e estabelecido um contrato de participação com as crianças.

De acordo com Castro (2008), é fundamental que o dispositivo da pesquisa seja construído num "contexto vivo" para as crianças: ou seja, num lugar ao qual elas sintam que "pertencem", e onde as questões propostas pela pesquisa possam se tornar relevantes para elas. Desse modo, a escola se converte numa espécie de coadjuvante da ação das crianças. Por isso, é inevitável considerar que a pesquisa-intervenção realizada em escolas vai ser afetada pelos interesses institucionais de cada ambiente escolar. Na concepção de Sarmento (2005), a possibilidade de realização de uma pesquisa-intervenção em escolas só se dá de fato quando crianças e professores se engajam individual e coletivamente enquanto parceiros ativos do projeto.

A escolha de realizar esta pesquisa tanto em instituições públicas quanto privadas condiz com o intuito de abordar crianças em ambiente escolar, em diferentes enquadres socioeconômicos e culturais. No entanto, não supomos que os grupos de crianças com os quais iremos trabalhar possam dar conta do universo das infâncias existentes no Brasil ou mesmo na cidade de São Paulo. Nossa tentativa é a *de abarcar uma diversidade de infâncias e situações,* (TOMÁS, In: CASTRO, BESSET, 2008: 390), não com o intuito de enfocar as diferenças de classe social que possam existir entre as crianças das escolas públicas e aquelas das escolas privadas; nem tampouco enfatizar as diferenças entre os ambientes das escolas públicas e os das escolas privadas, ou entre as crianças pertencentes a famílias mais letradas ou menos letradas. Nosso objetivo, ao escolher fazer esta pesquisa tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas, é apreender a multiplicidade das configurações familiares e dos papéis de gênero situados em contextos socioculturais diversos.

A faixa etária escolhida para a realização da pesquisa é um recorte arbitrário realizado segundo determinados pressupostos. Trabalharemos com crianças que provavelmente ainda não estão se aproximando da puberdade, mas que já possuem (ou se encontram em vias de adquirir) uma capacidade de simbolização mais ampla do que a de crianças mais novas. A opção por concentrar a pesquisa em crianças de cinco a seis anos se justifica porque, assim, teremos condição de conhecer as crianças, de observar suas rotinas na escola e de conversar com os professores para entender melhor as características dos seus alunos e de suas respectivas famílias. Além disso, buscaremos saber como as relações de gênero e as diversas configurações familiares são abordados curricularmente e tematizados em sala de aula. Para tanto, nossa conversa com os professores será conduzida a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada com perguntas sobre a rotina escolar, os tipos de famílias encontrados na turma escolhida, assim como os espaços e situações em que são trabalhadas as concepções de gênero e abordadas as diferentes formas atuais de família. Nosso principal objetivo é ter mais conhecimento a respeito das escolas, de suas características e das crianças com as quais trabalharemos antes da realização das oficinas.

Como foi abordado anteriormente, podemos considerar que crianças entre cinco e seis anos de idade, através de suas vivências edípicas, já tenham definido com certa clareza as diferenças dos papeis sociais associados ao masculino e ao feminino. Podemos considerar que essas crianças (quando comparadas com crianças mais velhas), embora possuam um determinado grau de independência, ainda são bastante dependentes do grupo familiar de origem no que se refere aos meios de definir e de elaborar os conceitos de família e de identidade de gênero. Assim, é possível supor que a relação que estabelecem com o mundo ainda seja fortemente mediada pelo contexto familiar que vivenciam. Outro aspecto relevante consiste no processo de alfabetização, o qual lhes propicia mais recursos simbólicos para se engajar em conversas, entender concepções, perceber diferenças, semelhança e contradições (CORREA, In: CASTRO, BESSET, 2008).

Finalizando, ao eleger as crianças como sujeitos de uma investigação sobre as transformações nas vivências e concepções de família e no cenário das relações de gênero, consideramos que as narrativas e as

produções infantis têm também o potencial de revelar de modo bastante contundente as tensões existentes entre as transmissões intergeracionais e as transgeracionais: o embate entre a busca pela singularidade e o peso das heranças coletivas.

2. RESULTADOS PARCIAIS

Até este momento, foram realizadas oficinas, no formato de rodas de conversa, em cinco turmas diferentes, de duas escolas particulares da cidade de São Paulo. Cada turma tinha em média 16 crianças. As rodas de conversa foram formadas com o auxílio das professoras. Inicialmente, as crianças foram solicitadas a falar sobre quem morava na mesma casa que elas. Apenas em uma turma, com oito crianças, todos os participantes moravam com o pai, a mãe e irmãos (quando havia). Nas outras quatro turmas, havia crianças que moravam apenas com a mãe, outras que moravam com a mãe e o namorado desta, outras que passavam alguns dias da semana com a mãe e os outros com o pai e namorada, e ainda algumas que moravam com a mãe e os avós. Somente uma criança relatou viver num arranjo homoparental, residindo com o pai e o namorado deste. A diversidade de arranjos familiares encontrada durante a pesquisa vai ao encontro do conceito de família contemporânea, o qual é marcado por uma diversidade de configurações que não pode mais ser reduzida ao modelo da família nuclear (ROUDINESCO, 2003)

Após a pergunta sobre as pessoas que moravam com elas na mesma casa, começávamos a explorar as diferentes brincadeiras infantis. Questionadas sobre suas brincadeiras prediletas, as crianças deram diversas respostas. Por exemplo, algumas meninas afirmaram gostar de brincar de mamãe e filhinho. Quando indagados se os meninos também brincavam de mamãe e filhinho, em geral, as crianças respondiam em coro que sim. O mesmo ocorria com as brincadeiras mais "masculinas", como brincar de super-heróis ou de luta. Quando algum menino dizia ser uma dessas sua brincadeira favorita, e eu perguntava se as meninas também brincavam disso, todos respondiam em uníssono que sim. A ausência de demarcação das fronteiras entre os gêneros, no que se refere às brincadeiras infantis, pareceu ser fruto de um certo discurso de igualdade assimilado pelas crianças no espaço escolar, e provavelmente reforçado em casa. Esse tipo de discurso tem sido reiterado nas camadas médias como uma maneira de dar visibilidade às mudanças sociais que atualmente atravessam o campo das relações de gênero.

No decorrer das perguntas sobre as brincadeiras prediletas, apareceram também as atividades extra-curriculares, como futebol, natação, balé e judô. Quando perguntados se os meninos podiam fazer balé ou se as meninas podiam fazer judô ou futebol houve nas cinco turmas um acordo: meninos podiam fazer balé e meninas podiam fazer judô ou futebol. No entanto, quando perguntava para algum menino se ele fazia balé, geralmente havia um espanto seguido da réplica: "Não! Porque sou um menino". As meninas, no entanto, quando indagadas, diziam que já tinham jogado futebol ou que podiam participar do judô sem demonstrar espanto com a pergunta. Se considerarmos essa diferença entre meninos e meninas sob o aspecto da construção da masculinidade, percebemos que ela está em consonância com a concepção de que o aprendizado da masculinidade se dá pela exclusão de tudo o que remete à feminilidade. Nesse sentido, o masculino seria mais frágil por se encontrar constantemente ameaçado pela invasão de elementos femininos (SCHENEIDER, 2000). Além disso, a reação contrária dos meninos (que antes tinham respondido junto com a turma que meninos e meninas podiam sim fazer as mesmas atividades) ao serem indagados se eles faziam atividades de "meninas" mostra uma cisão entre discursos e práticas. Os discursos de igualdade de gênero parecem operar uma espécie de homogeneização sobre estas crianças - levando também em consideração que elas se encontram no ambiente escolar e numa atividade junto com a professora. Porém, quando elas são levadas a refletir sobre suas práticas específicas, o discurso da igualdade de gêneros muitas vezes deu lugar a uma divisão tradicional de papéis masculinos e femininos.

Essa divisão tradicional apareceu também quando as crianças foram levadas a refletir sobre o que uma menina é e o que um menino é. Dentre as características mais citadas por meninas, a beleza se destacou. As meninas foram definidas como bonitas, como aquelas que usam vestido e maquiagem. Já os meninos foram descritos como bravos, corajosos, desobedientes e que usavam cuecas. A relação entre o que podem e o que não podem fazer meninos e meninas também foi marcada por uma divisão mais tradicional dos territórios de gênero.

Meninos não podiam usar saia, brigar com os colegas, usar o banheiro feminino, usar vestido, maquiagem, cabelo comprido, presilhas no cabelo, brincar de bonecas cor de rosa, etc. Meninas não podiam lutar, usar o banheiro masculino, usar cueca, ter cabelos curtos, jogar futebol, etc. É interessante observar o aparecimento de uma demarcação mais rígida das fronteiras de gênero voltada para os usos do corpo: as roupas, os acessórios, as maneiras. No entanto, ocorreu com frequência a presença de contradições nessas linhas demarcatórias. Por exemplo, quando algum participante dizia que um menino não podia usar cabelo comprido, outro replicava ter visto um homem de cabelo comprido na rua, ou quando alguma das crianças afirmava que meninos não usam a cor rosa outra respondia que o pai tinha uma camisa dessa cor. As contradições podem ser compreendidas como parte de um processo em que as fronteiras de gênero estão se tornando mais fluidas, contudo ainda se encontram em embate com concepções mais tradicionais do masculino e do feminino.

Sobre a divisão das tarefas domésticas, como por exemplo: lavar louca, arrumar a casa, cuidar dos filhos, ao serem perguntados sobre quem fazia isso em casa, os participantes das cinco turmas disseram que tanto o pai quanto a mãe assumiam essas funções. Novamente, houve a presença de um discurso homogêneo das crianças afirmando que o pai e a mãe distribuíam essas tarefas entre si igualmente. Porém, quando a pergunta era sobre como ocorria na casa de cada criança, houve a preponderância de uma divisão tradicional dos papéis: a mãe – ou a empregada doméstica – era citada como aquela que lavava a louça, arrumava a casa e cozinhava. Sobre tal divisão, é ilustrativo o diálogo entre dois meninos de uma turma. Todo o grupo havia acabado de responder que tanto o pai quanto a mãe lavavam a louça e arrumavam a casa. Após a pergunta, um menininho afirmou que tinha visto o Papai Noel. Perguntei, então, quem na casa do Papai Noel lavava a louça. Um outro menino logo respondeu: “a Mamãe Noel! ”. Na grande maioria dos casos, meninos e meninas afirmaram que ajudavam a mãe na execução das tarefas domésticas, o que pode apontar para a presença de uma divisão ainda rígida dos papéis sexuais no que se refere à distribuição das tarefas domésticas.

Após falar sobre a divisão das tarefas domésticas, as crianças foram indagadas sobre quem saia de casa para trabalhar. Em todas as turmas, a maioria das crianças afirmou que tanto a mãe quanto o pai trabalhavam fora de casa. Em todas as turmas apareceram casos de crianças afirmando que o pai não saia de casa para trabalhar. Em dois casos, conforme salientaram as professoras nas conversas que tínhamos antes de iniciar as atividades com as crianças, tratavam-se de famílias em que a mãe trabalhava fora de casa e o pai permanecia em casa cuidando dos filhos. Um garoto, cujo pai trabalha cuidando da casa e dos filhos, disse que o pai cozinhava e sabia fazer bolos enormes. Apareceram também, com frequência menor do que as mães que trabalhavam fora de casa, as mães que não trabalhavam fora de casa. Uma menina afirmou que, na sua casa, enquanto o pai saia para trabalhar, a mãe ficava em casa brincando.

Finalizando as rodas de conversa, as crianças eram levadas a refletir sobre o que gostariam de ser quando crescessem. Neste ponto, as diferenças de gênero se mostraram bastante fluidas, principalmente para aqueles que mencionavam profissões. Meninos e meninas disseram que iriam ser médicos, astronautas, veterinários, professores de balé, educação física, dentre outras profissões. Em apenas uma turma uma menina disse que gostaria de ser uma mãe e um menino disse desejar se tornar um pai (este menino faz parte de um arranjo doméstico em que a mãe trabalha fora de casa como médica e o pai cuida dos filhos e da casa). Uma diferença entre meninos e meninas foi que, enquanto as meninas mencionavam profissões ou atividades, diversos meninos afirmaram que gostariam de ser super-heróis quando crescessem. Nenhuma menina mencionou um personagem de ficção para falar do que gostaria de se tornar enquanto meninos disseram que queriam ser o Batman, o Super-homem, o Papai-Noel e até Hot Wheels.

A pesquisa, até o presente momento, foi realizada apenas em duas escolas. Ambas de classe média, privadas, localizadas em áreas nobres da Zona Sul de São Paulo e com metodologia de ensino tradicional. Percebemos a presença de uma forte homogeneidade nos discursos das crianças das cinco turmas; o que pode ser justificado pelas características comuns das escolas escolhidas. Acreditamos ser necessário expandir nosso espectro de análise, inserindo a diversidade no que concerne à classe social, às escolas públicas e àquelas de metodologia não tradicional. Nosso objetivo, no decorrer desta pesquisa, é o de efetuar as rodas de conversa em diferentes tipos de escolas, para que possamos fazer contraponto à homogeneidade constatada até o presente momento.

3. CRONOGRAMA

Ano de 2016

Abril - realização das rodas de conversa em escolas públicas + apresentação de um artigo para publicação em revista científica

Maio – realização de rodas de conversa em escolas públicas

Junho – realização de rodas de conversa em escolas públicas + apresentação dos resultados parciais da pesquisa em mesa redonda no evento "Interlocuções sobre identidade, gênero e busca de si mesmo", no Instituto Sedes Sapientiae, no dia 29/06.

Julho – análise das rodas de conversa

Agosto – análise das rodas de conversa

Setembro – realização das rodas de conversa em escolas de pedagogia não tradicional

Outubro – realização de rodas de conversa em escolas de pedagogia não tradicional

Novembro – realização de rodas de conversa em escolas de pedagogia não tradicional.

Dezembro – análise parcial de todo o material coletado.

Ano de 2017

Janeiro – inicio da analise comparativa entre escolas.

Fevereiro – realização das últimas rodas de conversa + finalização da analise dos dados

Março – escrita final do relatório de pesquisa + elaboração de um segundo artigo.

Abril – entrega do relatório final e submissão do artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANEN, L (2001). Estudos feministas/estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: CASTRO, L. R. (org). Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: NAU, 69-92.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERNARDE, N. M.G. Relações de gênero na escola: ações e significações de meninos e meninas de classes populares. Temas em Psicologia, n.3, 1993.

BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

BARBOSA, P. Z; ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol. 19, nº1, p. 163-185, 2007.

BERTONI, L, M; GALINKIN, A. L (orgs). Gênero e educação. Em Aberto, Brasília, v.27, n.92, p. 1-212, ju/dez. 2014.

BORGES, C. C; ROCHA-COUTINHO, M. L. (2008). Família e relações intergeracionais no Brasil hoje: novas configurações, crises, conflitos e ambiguidades. In: GOMES, I. C. (coord). Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, L. R; BESSET, V. L. (orgs). Pesquisa-intervenção na infância. RJ: FAPERJ, 2008.

CHODOROW, N. Psicanálise da maternidade: uma crítica de Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COSTA, J. F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

DINIZ, G. (2011). Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In: DITTMAR, M. C. V. M. Escuta e interpretação na análise de crianças: primeiras aproximações. In: GUELLER, A. S; SOUZA, A. S. L (orgs). Psicanálise com crianças: perspectivas

teórico-clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T (org). Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. Casal e família: transmissão, conflito e violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

FIGUEIRA, S. A. (org). Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahaar, 1987.

FREUD, S (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. 1989.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FREUD, S (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOMES, I. C. (coord.). Clínica psicanalítica de casal e família: a interface com os estudos psicossociais. São Paulo: Livraria Santos Editora, Grupo Editorial Nacional, 2009.

_____. Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas. RJ: Guanabara, 2008.

_____. (2009). Famílias reconstituídas: um novo desafio para a clínica contemporânea. In: GOMES, I. C. (coord.). Clínica psicanalítica de casal e família: a interface com os estudos psicossociais. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2009.

GOMES, P. B (org). Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003.

GRANJON, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA, O. B. R. (org). Os avatares da transmissão psíquica geracional. São Paulo: Escuta, 2000.

GUIDENS, A. A transformação da intimidade. São Paulo: UNESP, 1993.

KAES, R. (org). Transmissão da vida psíquica entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KAES, R. Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Loyola, 2011.

KEHL, M. R. A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LAPLANCHE, PONTALIS. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: M. Fontes, 1992.

LIMA, M. G. R. Filhos? Só depois: um retrato da mulher contemporânea. São Paulo: Zagodoni, 2013.

LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONGUILLANSKY, R. NUSSBAUM, S. L. Psicanálise vincular – teoria e clínica vol 1. São Paulo: Zagodoni, 2011a.

MONGUILLANSKY, R. NUSSBAUM, S. L. Psicanálise vincular – teoria e clínica vol 2: discussões clínicas vinculares. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011b.

NASIO, J. D. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NEGREIROS, T. C. G; FÉRES-CARNEIRO, T (2004). Masculino e feminino na cultura contemporânea. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, ano 4. nº 1, 2004, p.34-47.

OLIVEIRA, D. P. Narrativas modernas e contemporâneas do amor e da feminilidade. Tese de Doutorado em Sociologia, UFC, Paris VII: 2008.

PAIVA, M. L. S. C. (2008). A transmissão da vida psíquica familiar. In: GOMES, I. C. (coord). Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

PEREIRA, R. M. R ; MACEDO, N. M. R (orgs).Infância em pesquisa. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

RAUCH, A. L'identité masculine à l'ombre des femmes – de la Grande Guerre à la Gay Pride. Paris: Hachette Littératures, 2004.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o executivo é uma "dama": a mulher, a carreira e as relações familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org). Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, p. 57-78, 2003.

ROUDINESCO, E. A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da infância. Educação e Sociedade, 26 (91): 361-378.

SCHNEIDER, M. Généalogie du masculin. Paris: Flammarion, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990.

TUCKER, P; MONEY, J. Os papéis sexuais. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAITSMAN, J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

WOODS, M. Investigar a arte de ensinar. Porto: Porto Editora, 1999.

Danielly Passos de Oliveira
Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e pela Université Paris 7. Pós-doutoranda em Psicologia Clínica, no núcleo de Investigações em Psicanálise, no departamento de Psicologia Clínica da USP.

VOLTAR A SER BEBÊ
AS REGRESSÕES COMO FORMA DE PROTEÇÃO DO PSIQUISMO AOS EXCESSOS CAUSADOS PELA SEXUALIDADE

Denise Arisa dos Santos Dias

Julho/2016

------ estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro.
(Lispector, Clarice, A Paixão Segundo G.H., Rio, 2014, p.09)

PALAVRAS-CHAVE: Trauma, desorganização, regressão, manejo clínico.

Podemos prever como enfrentaremos as dificuldades provindas das novas fases da vida? Estaremos realmente preparados para elas?

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre os possíveis efeitos traumáticos no desenvolvimento da sexualidade na adolescência, bem como os caminhos encontrados pelo sujeito frente a desorganização psicossomática, resultantes dos excessos psíquicos sofridos.

Como sabemos, a adolescência configura-se por uma fase de reorganização e reinscrição psicodinâmica, a fim de que o sujeito possa ter condições de voltar-se para a busca de si e de sua identidade. Maurício Knobel (1981) observa que o adolescente vivencia "desequilíbrios e instabilidades extremas", com expressões psicopatológicas de conduta, mas que podem ser analisadas como aceitáveis para o seu momento evolutivo, pois constituem vivências necessárias para se atingir a maturidade. Ao conjunto de sinais e sintomas que caracterizam esta fase da vida, Knobel denomina de "Síndrome Normal da Adolescência". Porém, todas essas vivências, poderão deixar o adolescente mais suscetível e com maior fragilidade tanto psíquica quanto física.

É importante que fiquemos atentos para poder diferenciar os sinais "normais" do desenvolvimento do adolescente, de sintomas importantes que podem nos mostrar quando a evolução natural desta fase não vai bem.

O CASO ANA

Ana é uma adolescente de 15 anos. Aos 8 anos de idade, começou a apresentar crises muito intensas de descontrole, reagindo agressivamente a tudo e a todos. Os pais eram os principais alvos de seus ataques. Nessa época, fui procurada e iniciamos o tratamento.

Sempre vinha bem às sessões, apesar de encontrar-se bastante desorganizada. Parecia que a minha presença como uma "estranha" naquela situação a acalmava e aos poucos, Ana conseguiu abandonar o comportamento agressivo e impulsivo, substituindo por pensamentos e palavras. Era uma criança muito inteligente e criativa; com o tratamento, foi sendo capaz de associar, simbolizar e elaborar o conflito que vivia em relação a dificuldade de crescer e separar-se de sua mãe, apesar de seu pai ter muita dificuldade para fazer o corte necessário na relação

dual em que mãe e filha viviam.

No entanto, surgiram outros sintomas que aos poucos tomaram lugar em sua vida. Começou a apresentar uma organização neurótica obsessiva, com seus rituais e tudo mais. Mas, apesar de ainda sintomática, mostrava um progresso no tratamento, pois indicava que estávamos transitando no campo da neurose, bem mais evoluído que a desorganização na qual se encontrava anteriormente. Durante a análise, suas angústias que antes eram impensáveis, puderam encontrar representações para serem compreendidas e elaboradas. Com esses recursos, pôde lidar com suas frustrações e perdas, aceitando regras e limites, o que foi extremamente organizador para ela. O comportamento obsessivo e os rituais foram desaparecendo e Ana aos poucos pôde voltar a ter uma vida tranquila, fazendo coisas normais para uma menina de 13 anos. Foi um tratamento intenso e difícil que durou 5 anos.

Aos 15 anos, Ana desorganiza-se completamente de novo; os sintomas obsessivos retornam violentamente e nem mesmo as altas dosagens dos medicamentos prescritos pela psiquiatra são eficazes para controlá-los. Voltam também as crises de descontrole e agressividade com maior frequência e intensidade. Nesse momento os pais me procuram novamente muito assustados.

Contam que a filha não sai mais de casa para nada, nem mesmo para ir à escola. Fica no quarto deles dia e noite deitada na cama. Dorme ou assiste à programas infantis na TV. Exige a presença da mãe o tempo todo para servi-la, pedindo comida ou água e quando é contrariada, chora, grita e xinga muito. Os pais perderam completamente o controle da situação, não conseguindo dar mais nenhum limite à filha.

Nos momentos mais tranquilos, os pais tentam conversar com a filha, mas ela não consegue dizer ou explicar o que sente. Também não consegue mais cuidar-se sozinha, precisando que a mãe faça tudo por ela, dar banho, comida e fazê-la dormir, como se fosse um bebê. Queixa-se também de intensas dores em todo o corpo.

Como Ana se recusa a sair de casa, até mesmo para vir ao meu consultório, proponho aos pais que venham a alguns encontros, para tentarmos compreender o que pode estar se passando. A partir do relato dos pais, tentamos construir algumas hipóteses. Contam que a filha, há pouco tempo, tinha começado a sair com suas amigas a programas de adolescente para tomar um lanche ou comer uma pizza, mas todas as vezes ela voltava transtornada. Contava que suas amigas saiam para encontrarem os seus namoradinhos e às vezes convidavam outros amigos para ela conhecer. Ana entrava em pânico e ligava para a mãe imediatamente ir buscá-la.

A hipótese dos pais é que ela ainda não estava preparada para isso e achava que se isolando em casa, fugiria de tal situação. Também concordo com essa possibilidade, porém me chama muito a atenção a intensidade de suas reações, pois tomaram proporções tão absurdas que a impede de viver.

Situações como essas parecem ser bastante comuns na adolescência, mas para Ana esses acontecimentos foram aterrorizadores demais para que ela pudesse dar conta.

Será que não estava preparada para enfrentar as angústias e conflitos normais ao desenvolvimento dos quais todos nós estamos sujeitos? Será que algo do passado toma outro significado a posteriori? Podemos pensar também em fantasias incestuosas por conta de um pai que não exercia a sua função na castração?

Penso que algo de muito assustador e excessivo se passou com Ana. Talvez as manifestações dos desejos provindos do desenvolvimento da sexualidade adolescente causassem um excesso de excitação, o qual seu psiquismo não pôde dar conta de assimilar e elaborar.

Spigel (1961) assinala que a sexualidade parece agir como uma força que irrompe *sobre* ou *no* indivíduo ao invés de ser vivido por este como uma expressão de si mesmo. Para alguns, essa força pode ser aniquiladora.

Inundada de sensações que se tornaram traumáticas, desencadeou-se uma grande desorganização.

Ana continuava se recusando a vir aos atendimentos e respeito tal decisão. Continuo os encontros com os pais, a fim de que eles possam ser capazes de dar à filha alguma contenção, propiciando assim um ambiente mais protegido. Com isso, ela apresenta uma melhora significativa e aproveito o momento para encaminhá-la a outro terapeuta, para que pudesse acompanhá-la. Sabíamos que o “estranho”, ou seja, alguém fora da família, era para Ana um elemento organizador.

Este é um caso que suscita muitas questões a serem pensadas, porém meu intuito é que possamos analisar e refletir sobre os efeitos traumáticos que eventos, aparentemente normais e esperados no desenvolvimento humano podem causar, mostrando até que ponto a desorganização psicossomática pode chegar.

O TRAUMA, AS DESORGANIZAÇÕES E AS REGRESSÕES NA COMPREENSÃO DA PSICOSSOMÁTICA PSICANALÍTICA

Freud[1](1920) descreve como "traumáticas" quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para ultrapassar o escudo protetor ou barreira eficazes contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo, está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis.

Volich (2010) mostra a importância de lembrar que o caráter traumático de uma vivência, resulta tanto dos recursos que a pessoa conseguiu desenvolver ao longo da vida para lidar com ela, como da intensidade do estímulo e/ou evento ao qual ele está submetido.

O trauma, em termos econômicos, caracteriza-se pela quantidade de excitações intoleráveis para o sujeito elaborar psiquicamente. Uma grande quantidade de excitações tem o caráter excessivo de estímulos e este torna-se uma condição potencialmente desorganizadora. A forma de reação da economia psicossomática dependerá dos recursos alcançados pelo sujeito durante o seu desenvolvimento. Dois tipos de funcionamentos podem ocorrer: *A regressão ou a desorganização progressiva. (P. Marty,1976)*

As regressões remetem a um ponto de fixação, o qual é um marcador no desenvolvimento orgânico e psíquico. Existe um valor positivo nas fixações, pois são pontos de reorganização no movimento contra evolutivo, porém dependerá também da qualidade dos recursos da fixação, para que possam cumprir tal propósito. Quanto mais pontos de fixação existirem, maiores serão as chances de os movimentos contra evolutivos serem interrompidos e buscarem uma reorganização. Tais movimentos agem de forma a protegerem o psiquismo que se encontra fragilizado e incapaz de assimilar e digerir conteúdos excessivos e traumáticos.

Mas se a regressão e a fixação não forem suficientes, o desequilíbrio da energia psicossomática tende para uma desorganização progressiva, na qual acarretará nas desorganizações somáticas cada vez mais arcaicas, destruição dos equilíbrios biológicos primários, podendo até levar a morte. Enfim, a desorganização progressiva é uma regressão que foi longe demais e nada a pôde parar.

Todos estamos sujeitos a situações que podem ser traumáticas e viver momentos de desorganizações somáticas e em alguns casos causar uma profunda sensação de desamparo.

No caso de Ana, o movimento regressivo parece ter sido um recurso para proteger-se do risco de desintegração e assim poder reorganizar-se num ponto de fixação localizado num momento bastante primitivo do desenvolvimento, anterior a fase edípica. Voltar a ser bebê talvez a protegeu de uma desorganização progressiva muito mais perigosa.

Buscamos assim em nossas experiências e na nossa história, algum lugar que nos pareça mais confiável, organizado e seguro; com a regressão podemos encontrar esse lugar. Dessa forma, teremos a chance de nos acomodarmos ali até que possamos adquirir condições para nos organizarmos novamente, nos protegendo assim de algo que poderia ser avassalador. Um ponto de apoio é essencial e extremamente importante.

Apesar de as regressões parecerem um recurso psíquico "não tão nobre", são elas que possibilitam a oportunidade de nos recompor emocionalmente.

Porém, dessa forma, as organizações das dinâmicas neuróticas ficam comprometidas, impossibilitando o tratamento psicanalítico pelo método clássico, baseado em interpretações e associações. Pacientes que apresentam funcionamentos marcados por dinâmicas mais primitivas, aquém da linguagem e da representação não apresentam condições para as análises tradicionais e muito menos para o uso de divã. É então necessário um

1 FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: Obras C*ompletas de Freud.* p.40.

outro tipo de abordagem para receber tais demandas, que nos convocam oferecer um atendimento com um olhar diferenciado ao funcionamento mental e orgânico.

Estamos falando da clínica da não-neurose, marcada principalmente pelo acolhimento dos movimentos pulsionais do paciente e pela empatia com o seu sofrimento, exigindo grande disponibilidade afetiva do terapeuta no manejo clínico. A função materna[2] do analista nesses casos se torna essencial.

A FUNÇÃO MATERNA DO TERAPEUTA

Todo bebê humano, ao nascer, apresenta uma natureza de imaturidade estrutural como também de total desamparo. Para que ele sobreviva, torna-se imprescindível os cuidados de um outro ser humano, para garantir-lhe proteção. Assim, desde o início da vida, fica configurado uma situação de relação e vínculo entre dois seres, fator fundamental para o processo de desenvolvimento das estruturas físicas e psíquicas.

D.W.Winnicott[3] propõe uma discussão sobre a questão do relacionamento mãe-bebê em sua fase mais inicial e sua importância para o desenvolvimento posterior do bebê e a formação de seu eu. Ele aponta ser de extrema importância levar em consideração o lugar da mãe.

Nos últimos meses da gravidez, a mãe entra em um estado psicológico que o autor chama de "Preocupação Materna Primária". Com isso, ela é capaz de identificar-se com seu bebê, para poder propiciar-lhe não apenas a satisfação das necessidades fisiológicas, como alimentação e higiene, mas todo um equilíbrio emocional para contê-lo e protegê-lo dos estímulos externos e internos, os quais ainda não é capaz de lidar sozinho.

Dessa forma, a mãe exerce uma função de paraexcitação[4] desses e de outros estímulos, que podem ser muito perturbadores no início da vida, colocando-se como tradutora, intérprete e organizadora dos comportamentos de seu bebê. Assim, conhece cada vez mais sobre suas necessidades e seu ritmo, ajudando-o a desenvolver suas competências, para torná-lo autônomo em níveis mais evoluídos de seu funcionamento. A toda essa experiência, Winnicott como também L. Kreisler chamam de Função Materna.

Em casos marcados pela desorganização e funcionamentos arcaicos, a função materna do terapeuta se torna peça central no tratamento. Somente assim é possível lidar com os movimentos mentais mais primitivos e da economia psicossomática como um todo, para que consigamos, a partir do *holding*[5] e função de paraexcitação, conter os excessos sofridos que causam enorme sensação de desamparo. Com isso, o terapeuta pode oferecer um lugar seguro e protegido, legitimando, nomeando e pensando nas angústias antes impensáveis, propiciando a reorganização do sujeito.

Diante de um funcionamento tão primitivo, as interpretações e intervenções tradicionais do tratamento analítico tradicional poderão ser ineficientes, intrusivas ou até traumáticas.

A partir de um verdadeiro encontro com nossos pacientes, poderemos ajudá-los a construir simbolizações, oferecendo-lhes representações psíquicas que ainda não conseguem ter, devido a precariedade de seus recursos mentais. Com isso, serão capazes de fazer associações que deem algum sentido à sua dor e sofrimento.

Casos de desorganização como de Ana sempre chegaram ao meu consultório. A maioria eram pacientes adultos, sem demanda, sem angústias, mas com enorme sofrimento físico ou psíquico. Atendia-os então, a partir do raciocínio clínico construído para atender crianças e bebês, muito mais voltado para a compreensão da

---

2 Termo usado por D.W.Winnicott para designar a função da mãe ou cuidador do bebê, o qual deve oferecer os cuidados e condições físicas e emocionais necessárias para seu desenvolvimento.

3 Donald Woods Winnicott - médico pediatra e psicanalista inglês. Sua extensa obra foi dedicada à construção da teoria do amadurecimento do sujeito e suas relações com o ambiente.

4 Tipo de proteção dos traumatismos e das excitações excessivas pelo trabalho de filtragem e de ligação, dando sentido e coerência ao que a criança vive.

5 Termo que tem um significado abrangente para Winnicott, além de dar a ideia de tornar seguro, firmar, amparar, impedir de cair, apoiar, mas também provisão ambiental total e ideia de relações objetais do estado de estar fundido com a mãe. (Winnicott, 1960-1979).

constituição do sujeito e necessidade de oferecer acolhimento e contenção. Sentia-me fortemente convocada a isso e, por algum motivo, esses pacientes apresentavam melhora significativa.

Com a Psicossomática Psicanalítica, pude compreender e tratar as manifestações contemporâneas do sofrimento, mais desorganizadas e complexas do que as da psicopatologia clássica. O trabalho realizado junto a pacientes com desequilíbrio da energia psicossomática é na verdade muitíssimo similar com o trabalho que realizamos no atendimento a bebês e crianças.

Quando pensamos em psicossomática, imediatamente associamos a algo relacionado ao corpo como doenças graves, dores ou sofrimento físico, porém um grande número de pacientes que chegam a nós terapeutas, principalmente encaminhados pelos médicos, nem sempre apresentam-se com essas queixas. Geralmente, esses pacientes vêm à consulta sem nem mesmo saber o porquê estão ali, ou seja, sem demanda alguma.

Com o acolhimento, a sensibilidade e a contratransferência, nossos mais valiosos recursos, somos capazes de propiciar a esses pacientes a possibilidade de reorganizem-se para seguir a vida.

Enfim, com crianças, adolescentes ou adultos, muitas vezes somos convocados ao encontro e ao trabalho com o infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WINNICOTT,.D.W. (1979) – *O Ambiente e os processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* Trad. Por Irineu Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1896-1971) – *Da Pediatria à Psicanálise*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2000.

DAVIS Madeleine e WALLBRIDGE, David – *Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott*, Trad. Eva Nick, Rio de Janeiro, Imago, 1982

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: Obras Completas de Freud.: p.40.

VOLICH, RUBENS MARCELO – Psicossomática: De Hipócrates à Psicanálise, 7 eds., São Paulo: Casa do Psicólogo, Coleção Clínica Psicanalítica, 2010

KNOBEL, Mauricio e ABERASTURY, Arminda – *Adolescência Normal, um enfoque psicanalítico*, Ed. Artmed, 2000

LISPECTOR, Clarice, A Paixão Segundo G.H., Ed. Rocco, Rio, 2014.

Denise Arisa dos Santos Dias
Psicóloga e Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, Especializanda em Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae (ano de conclusão: 2016). Integrante da Comissão para a Formação do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do mesmo Instituto. Atuação na área clínica com crianças, adultos e na intervenção precoce na relação pais/bebês.

PAIS: QUEM VAI ARRUMAR ESTA DESORDEM?

Eduardo Fraga de Almeida Prado

RESUMO

O título deste trabalho faz alusão a uma função que aparentemente se encontra em crise, a saber, a função paterna. Tributária de modelos alicerçados no patriarcado, as novas configurações familiares parecem ter colocado em cheque essa função que- naquilo que toca às tentativas de lidar com as diferentes expressões do sofrimento infantil-estruturava saberes e formas de intervenção específicas. Diante deste cenário, muitos pais acreditam não mais estarem apropriados dos conhecimentos para lidar com seus filhos e recorrem a instituição escolar ou especialistas de diferentes campos do saber em busca da possível solução dos conflitos cotidianos. Este cenário concorre para a emergência de dois fenômenos sócio-culturais, quais sejam: a medicalização e a judicialização da infância. Enquanto psicanalistas de crianças, como exercer nossa prática clínica diante desta complexidade? O presente trabalho tem por objetivo demonstrar como o discurso e prática psicanalítica- desde que não se rendam à sedução de uma ideologia da competência- podem ser formas de reinvestir o saber parental a respeito de seus filhos e auxiliá-los no sentido de se aproximarem e buscarem compreender as diferentes formas de manifestação do mal-estar infantil. Para tanto, ilustraremos uma tentativa de resgate do saber parental a partir de um manejo clínico exercido no contexto de um Serviço-Ecola de uma universidade privada do estado de São Paulo, cujo objetivo reside em promover um maior contato entre pais e seus filhos por meio do resgate do lúdico e de uma prática que se encontra um tanto esquecida nos dias atuais, a saber: a narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: função paterna; medicalização; judicialização; narrativa

Não raro, escutamos atualmente que a família contemporânea se encontra em crise. No entanto, de que se trataria esta crise?

Para aqueles que, de algum modo, 'naturalizaram' o modelo de família nuclear burguesa- cuja gênese se encontra no século XVIII- tornando-a universal e ahistórica, nosso atual panorama com as mais variadas configurações familiares acabam deixando os partidários daquele modelo um tanto desorientados. Se antes, os fatores determinantes das alianças residiam em laços de sangue e transmissão de patrimônio, hoje, os motivos que levam as pessoas a se unirem residem principalmente na afetividade. Neste sentido, vemos a construção e reconstrução constante de famílias homo ou monoparentais, adoção de crianças por casais de orientação homoafetiva e assim por diante. Neste cenário plural, muitos adultos parecem não mais se sentirem capazes de cuidar de suas crianças.

Um dos fenômenos tributários desta possível incapacidade de prestar os cuidados necessários ao desenvolvimento de seus filhos viria a lume como a terceirização ou judicialização da infância. Trata-se, de fato de fenômenos que se manifestam, dentre outras formas, por uma desresponsabilização dos pais naquilo que toca à educação de seus filhos. No caso da judicialização da infância, por exemplo, os pais acreditando não mais saber como lidar ou mesmo educar seus filhos, relegam esta função para a escola. Esta, por sua vez, diante de seus fracassos, pode convocar à cena a figura do especialista (psicólogo, psiquiatra ou psicanalista, por exemplo). Diante da falha do especialista, ainda é possível recorrer ao Judiciário como uma última tentativa de lidar com estas crianças ou adolescentes incapazes de serem compreendidos (BIRMAN, 2005).

Neste panorama, o que estou procurando demonstrar é a hipótese de que muitos pais parecem já não mais se sentirem capazes de educar seus filhos e, ao fim e ao cabo, delegam esta tarefa a outras instâncias. Assim, assistimos uma hipertrofia dos saberes 'dos especialistas', isto é, testemunhamos uma supervaloração daquilo que Chauí (2012) denominou como ideologia do 'discurso competente'[1].

1 A ideologia do discurso competente se manifesta quando algum representante de uma prática discursiva que possui estatuto de verdade, a coloca em prática diante de um outro que se submete a este. Neste sentido, para a autora, o 'especialista' não diz qualquer coisa, a qualquer um, a qualquer hora e em qualquer lugar.

É interessante destacar que podemos nos valer dos ensinamentos de Winnicott como uma das possíveis formas de lutar contra a ideologia do discurso competente e, por conseguinte, contribuirmos para o resgate do saber parental. Winnicott (2006, p.52), por exemplo, defendia que:

> **A mãe, não pode aprender a fazer as coisas que lhe competem a partir de livros, enfermeiras ou médicos. Ela pode ter aprendido muito a partir do fato de já ter sido uma criança, e também a partir da observação de outros pais com seus filhos, e do fato de ter ajudado a tomar conta de seus irmãos; acima de tudo, porém, ela aprendeu muitas coisas de importância vital quando, ainda muito novinha, brincava de pai e mãe. [...] Seus conhecimentos têm de vir de um nível mais profundo, e não necessariamente daquela parte da mente onde há palavras para tudo.**

É notório, em se tratando do desenvolvimento de uma criança saudável, o quanto o autor valorizou, em primeiro lugar, a necessidade de um ambiente facilitador ao invés da inserção, via discurso competente, do saber de qualquer especialista em desenvolvimento infantil.

O ambiente facilitador seria aquele cujo principal objetivo residiria em permitir que o desenvolvimento, que o vir-a-ser da criança, isto é, que a sua tendência inata à integração, de fato, se concretizasse com a mínima incidência de percalços ou de pontos de congelamento para nos valermos do vocabulário de Winnicott. Neste sentido, o ambiente facilitador seria aquele representado, desde o primeiro momento, principalmente por aqueles que cuidam do bebê e que aqui definimos como pais. No entanto, é evidente que fazemos alusão a todos aqueles cuidadores ou figuras significativas da criança que exercem as funções materna e paterna e, por conseguinte, colaboram para o desenvolvimento emocional e físico do *infans*.

Para Winnicott (2006, p.52), se os pediatras ou psicanalistas se apresentam enquanto figuras relevantes quando uma criança adoece, "os pais são importantes o tempo todo, independentemente de a criança estar doente".

Neste sentido, fica explícita a mensagem de que para o psicanalista inglês- se tudo correr bem-não é preciso que nenhum 'especialista' ensine aos pais como cuidar de seus filhos.

De fato, temos inúmeros exemplos ao decorrer de sua obra, da valorização do saber e cuidados parentais. Opto por citar um dos artigos em que Winnicott explicita sua posição. No artigo intitulado "Um caso tratado em casa" (WINNICOTT, 2000) o psicanalista nos mostra a importância dos cuidados ambientais em um caso bastante grave. Trata-se, de fato, do relato de um caso que culminou em uma psicose infantil.

Kathleen, uma criança de 06 anos, encontrava-se extremamente ansiosa por ter de atuar como dama de honra no casamento de seu tio favorito. Conforme a data se aproximava, a criança foi se tornando mais e mais ansiosa até chegar a um ponto em que

> **Ela havia se tornado um caso de psicose. Desse ponto em diante, ela nunca mais foi a mesma, e perto do casamento, ficou realmente doente, de um modo que lembrava mais uma doença de hospital psiquiátrico do que uma psiconeurose. Passou a sentar-se e ficar olhando o vazio, recusando-se a falar. Certa manhã olhou para sua irmã e uma amiga e gritou aterrorizada para a mãe: 'Manda elas embora'. Disse que seus rostos pareciam horríveis de tão feios e que não suportava vê-los. Ela estava alucinando. (WINNICOTT, 2000, p.191).**

Foi neste grave cenário que Winnicott foi procurado para auxiliar a criança. Ao entrevistar os pais, no entanto, descobriu que "a família havia transformado a si mesma num hospital psiquiátrico, assumindo uma organização paranoide dentro da qual essa criança retraída adaptava-se admiravelmente" (WINNICOTT, 2000, p.188).

Com o objetivo de preservar a criança diante de estímulos que poderiam aterrorizá-la ainda mais, os pais de Kathleen pediram que seus amigos não mais frequentassem suas casas, que diferentes prestadores de serviços deixassem os produtos pedidos sem tocar a campainha e assim por diante. Até mesmo a escola em que Kathleen estudava, procurou colaborar para sua melhora. Nas palavras de Winnicott (2000, p.193):

A família toda estava envolvida. Em que clínica seria possível conseguir tudo isso?
Tive que perguntar a mim mesmo se eu poderia fornecer algo melhor do que ela estava recebendo em casa, e cheguei à conclusão de que não. [...] Foi notável o modo como as crianças e também os adultos adaptaram-se às necessidades da menina.

É importante destacar também que ainda que não tenha sido o protagonista do tratamento, Winnicott atendeu com alguma regularidade a mãe e a criança, chegando, em certos momentos, a efetuar encontros semanais de aproximadamente 10 minutos.

Ao longo de aproximadamente 15 meses, a criança- com todo o suporte ambiental que recebeu- conseguiu superar seu grave quadro e, ao encontrá-la alguns anos depois, Winnicott a descreve como uma criança normal e intensa. Em seu entender:

[...] é possível dizer que ela se recuperou. Eu ajudei à minha maneira. Os pais fizeram o trabalho mais importante e, para fazê-lo, não foi preciso que eles fossem inteligentes. Tiveram apenas que sentir que valia a pena fazer uma adaptação temporária às necessidades de sua filha doente. (WINNICOTT, 2000, p.195).

Penso, na esteira de Gilberto Safra (2011) e Michelle Petit (2013), que outra forma possível de se elaborar o resgate do saber parental e também de se promover uma maior aproximação entre pais e filhos pode ser efetuado por meio da narrativa. No entanto, para Walter Benjamin (1996, p.197), "[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente". Para o filósofo alemão, trata-se de um fenômeno do qual devemos sentir enorme pesar. Em seu entendimento, a narrativa propicia um intercâmbio de experiências e também traz em seu bojo uma concepção utilitária. Na experiência narrativa, entre o falante e o ouvinte, o narrador seria aquele que- ainda que de forma indireta- emite conselhos ao ouvinte. No entanto, é preciso que se destaque que para Benjamin (1996, p.200), "aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada". Dito de outra forma, o que se valoriza no aconselhamento é, novamente, a troca de experiências, a inter-relação entre falante e ouvinte.

Podemos encontrar semelhante grau de importância relegado a narrativa em uma interessantíssima estratégia de intervenção proposta por Gilberto Safra.

Em sua obra intitulada 'Curando com histórias', o autor- partindo do pressuposto [decorrente de uma avaliação inicial] que se encontra diante de uma família cuja dinâmica permite que ela colabore com o desenvolvimento da criança em sofrimento- postula o seguinte método de intervenção:

I. em um primeiro momento, caberá ao terapeuta elaborar uma entrevista inicial com os pais da criança para que estes possam expor suas queixas em relação ao desenvolvimento de seu filho. Como sempre, é importante que os pais se sintam compreendidos e não julgados ou culpabilizados pelo terapeuta;

II. posteriormente, elaborar-se-á um encontro com a criança com o objetivo de que ela expresse- de forma lúdica ou não, seus conflitos;

III. um reencontro com os pais, para que se possa transmitir o que foi compreendido dos conflitos da criança. É importante que o terapeuta procure utilizar, em sua exposição, material trazido pelos pais na primeira entrevista. Neste sentido, o terapeuta já está demonstrando o quanto os pais conseguem compreender os comportamentos e sentimentos de seu filho;

IV. elaboração, junto aos pais de uma história (recurso narrativo) para lidar com os conflitos e angústias emergentes da criança;

V. *follow up*: é importante que se entre em contato com os pais por volta de um ou dois meses após a

elaboração da história para se verificar se a criança, com o auxílio de seus pais, pôde retomar o processo de amadurecimento.

Gilberto Safra (2011, p.48) nos ensina que para a narrativa ser útil e, portanto, contribua para a retomada do desenvolvimento da criança, é necessário que contemple "a angústia básica da criança, suas organizações defensivas, o tipo de relação objetal e um personagem que funcione como um objeto compreensivo, que ajude na integração do *self*".

Procurei me valer deste método em um contexto institucional, isto é, no Serviço-Escola de uma universidade que procura atender uma crescente demanda de pais que, por vezes, se sentem incapazes de cuidar de seus filhos.

Relato a vocês o caso de Igor (nome fictício), que tive a oportunidade de conhecer em 2011.

O garoto, de seis anos de idade, apresentava o que poderíamos denominar de terror noturno. Constantemente acordava de madrugada bastante assustado e clamando pela presença de seus pais. Somente quando os pais o assistiam o garoto conseguia retomar o sono.

Em um primeiro encontro, conheço os pais de Igor, Rui e Patrícia, que me pareceram bastante preocupados com o estado emocional de seu filho. Estes me afirmaram não saber como lidar com a criança. O estado em que Igor acordava os preocupava muito e eles estavam aflitos de que a criança pudesse sofrer de algum quadro psiquiátrico e me indagaram se eu não poderia pedir para que algum médico ligado a universidade o examinasse e requisitasse a realização de exames neurológicos.

Respondi que compreendia seus temores, porém antes de efetuar um possível encaminhamento, gostaria de saber um pouco mais da história deles e de seu filho.

O casal me relatou que tinham se conhecido há aproximadamente nove anos, namoraram por dois anos e, posteriormente, decidiram se casar. Viviam de forma harmoniosa, ambos trabalhavam e em suas palavras, 'curtiam a vida de casal'.

A gravidez, não foi desejada mas desde que soube de sua gestação, Patrícia passou a esperar com bastante ansiedade o nascimento de Igor, e Rui também logo se afeiçoou a criança. Patrícia também relatou que Rui passou a trabalhar muito mais e este respondeu que isto se fez necessário para prestar os melhores cuidados possíveis a sua família. Em suma: embora eu conseguisse escutar pequenos mal-entendidos entre o casal, estes me pareceram exclusivamente decorrentes da alteração da dinâmica familiar com a chegada de Igor e, desta forma, não foram objeto de maiores preocupações.

Após entrevistar os pais, digo a eles que gostaria de conhecer Igor na próxima semana e que, dali a quinze dias, gostaria de encontrar os pais novamente e, talvez, lhes propor um trabalho em conjunto. Estes se mostraram um pouco curiosos mas concordaram com meus pedidos.

Na semana seguinte, conforme combinado, conheci Igor. O garoto chegou ao Serviço-Escola apenas acompanhado por sua mãe e, assim que me foi apresentado, largou de sua mão e caminhou comigo até a sala de atendimento.

Já na sala de atendimento, perguntei ao garoto se ele sabia o motivo pelo qual seus pais haviam procurado o Serviço-Escola e o que ele fazia ali. Igor me respondeu que não dormia muito bem, que acordava assustado e, por isso, assustava seus pais. Igor então concluiu que os pais procuraram a universidade pois estavam com 'muito medo'.

Neste primeiro momento, escutei a fantasia do garoto a respeito de seu mal-estar e as possíveis conseqüências que seu sofrimento originava em seus pais, isto é, o seu temor também deixava seus pais atemorizados. Não comuniquei nada ao garoto mas lhe apresentei o material lúdico que se encontrava disponível para ele: uma pasta gráfica e uma caixa contendo diferentes materiais, mais ou menos estruturados em consonância com os ensinamentos de Melanie Klein.

Logo após lhe apresentar a caixa, Igor se aproximou dela com entusiasmo, demonstrando curiosidade em explorar o material presente e, posso também inferir, algum grau de confiança em si e em mim, na medida em que parecia se comportar como se estivesse em um ambiente familiar, portanto, seguro e digno de confiança.

Igor explorou de forma um tanto rápida o material da caixa e se deteve na pasta gráfica. No decorrer de nosso encontro, elaborou um desenho no qual uma criança se encontrava em casa, acompanhada apenas de um adulto.

Sugeri que Igor me contasse um pouco a respeito daquele desenho: quem eram os personagens desenhados, que casa era aquela, o que os personagens estavam fazendo e assim por diante.

Igor me relatou que se tratava de uma criança que, às vezes se sentia bastante só. Na verdade, esta criança não ligava muito de ficar sozinha, somente a noite quando sentia um pouco de medo. Perguntei a ele o que aquele adulto fazia na casa. A criança me respondeu que achava que aquele adulto não ligava muito para ela, pois sempre a colocava pra dormir no mesmo horário e ficava só aguardando o outro adulto chegar. Às vezes, esta criança ficava muito assustada e sonhava que estavam entrando em sua casa e que lá, não havia ninguém para protegê-la.

Estávamos chegando ao final de nosso encontro e eu disse a Igor que tinha sido legal conhecê-lo, que ele- se quisesse- poderia levar o desenho que elaborou, e que eu iria encontrar os pais dele mais uma vez para relatar um pouco do que havíamos conversado naquele dia. Ele me respondeu que tudo bem e disse que gostaria de levar o desenho elaborado para casa.

No retorno dos pais, comuniquei-lhes o material apresentado na sessão e disse que Igor talvez estivesse se sentindo um tanto só, principalmente no período noturno. A mãe então me relatou que às vezes seu marido chega muito tarde do trabalho e Igor já está dormindo. Ela costuma colocá-lo na cama por volta das 20:30h e depois fica assistindo televisão enquanto aguarda o marido chegar. Em sua opinião, o marido também volta muito tarde do trabalho mas "é necessário que seja assim".

Relato a eles a respeito do sonho de Igor e digo que seu conteúdo parece representar possivelmente um sentimento de solidão e insegurança do garoto. Sugiro aos pais que elaboremos uma história para contar ao garoto antes dele dormir tendo esta hipótese como disparador inicial.

Os pais se mostram dispostos a colaborar e juntos elaboramos uma história que, resumidamente, apresentava o seguinte enredo: "Era uma vez uma criança que, num reino distante, às vezes se sentia triste e sozinha. Esta criança, tinha pai e mãe mas mesmo assim acreditava que os pais não ligavam muito pra ela. Algumas vezes, quando ia dormir, a criança se sentia ainda mais sozinha e chegava a sonhar que estava desprotegida e que algumas pessoas estranhas iam entrar em sua casa, o que a assustava muito e a seus pais também, porque ninguém gostava de estranhos naquela casa. Os pais, quando souberam disso, ficaram muito surpresos porque amavam muito seu filho. Na verdade, os pais ficavam pouco com a criança porque tinham que buscar comida pra ele num lugar que era muito distante do reino mas, sabendo do que estava se passando, eles começaram a pensar se não teria um jeito de encontrar comida num lugar mais próximo para poder ficar mais tempo com seu filho. A mãe, chegou até a pensar que poderia esperar junto com seu filho o pai voltar deste reino distante, assim um faria companhia ao outro enquanto aguardavam".

Combinei com os pais, que eles poderiam contar esta história para Igor no momento em que ele fosse dormir. No caso do pai não se encontrar em casa, a história poderia ser contada apenas pela mãe. Sugeri que eles fizessem isso por um mês e, que após este período, o Serviço-Escola entraria em contato para saber a respeito do estado emocional de Igor e da necessidade de se elaborar algum outro tipo de intervenção.

Por ocasião do *follow-up*, os pais relataram que efetuaram o procedimento tal como sugerido no encontro anterior. Nem sempre o pai estava presente mas, em sua ausência, a mãe sustentou o procedimento e, no transcorrer do mês, Igor não havia acordado assustado durante a madrugada.

A mãe contou que, já na primeira semana, Igor perguntou se não era a história de sua própria família que estava sendo narrada. A mãe respondeu que sim, que às vezes, seu pai precisava ficar um pouco mais distante e que, assim como ele, ela sentia falta de seu marido mas que também eles poderiam aproveitar estes momentos para ficarem um pouco mais juntos.

O breve recorte que elaborei aqui trouxe, sem dúvida alguma, um cenário nos quais os pais e a criança se encontravam disponíveis e com recursos que legitimaram este tipo de intervenção. É evidente que esta estratégia não contempla as mais variadas demandas presentes num Serviço-Escola ou em nossa prática clínica. No entanto,

penso que sua relevância reside no fato de ser uma estratégia de intervenção pontual, rápida e que redireciona aos pais a capacidade que possuem, tão relevante e hoje talvez um tanto desacreditada, de cuidarem de seus próprios filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____. **Obras Escolhidas volume 1**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BIRMAN, Joel. **O Mal-Estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. 5.ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a ideologia do discurso competente**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.

PETIT, Michelle. **A arte de ler**. São Paulo: Editora 34, 2013.

SAFRA, Gilberto. **Curando com histórias.** A inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança. 2.ed. São Paulo: Sobornost, 2011.

WINNICOTT, Donald Woods. Um caso tratado em casa. In:_____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.187-198.

WINNICOTT, Donald Woods. O ambiente saudável na infância. In:_____. **Os bebês e suas mães**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 51-60.

Eduardo Fraga de Almeida Prado
Graduação em Direito e Psicologia. Especialista em Teoria Psicanalítica pela PUC-SP. Mestre e Doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Formação em Psicanálise com Crianças pelo ISS. Membro Efetivo do departamento de Psicanálise com Crianças do ISS. Professor do curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

DESDOBRAMENTOS DA CULTURA DO CONSUMO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: O SUJEITO ENTRE O SER E O TER

Helena Julio Rizzi (apresentadora)
Victor Oliveira de Carvalho.

RESUMO

Tendo como fio condutor a discussão de um caso, a partir da articulação teórico-clínica amparada pela psicanálise, buscamos estabelecer relações entre a constituição subjetiva e aspectos contemporâneos associados à cultura do consumo. Partimos do Complexo de Édipo como operador que instaura a falta para o sujeito, isto é, que marca o neurótico com o imperativo da castração. Na atualidade, a posse dos prazeres apresenta uma possibilidade de tamponar a falta estrutural, assim, o sujeito estaria diante de uma fantasia de defender-se completamente do desamparo e das evidências da castração. Ponderamos que o modo como o sujeito se posiciona no laço carrega singularidades de sua história e dos caminhos percorridos por sua libido, e aspectos culturais do contexto no qual está inserido, a saber, marcado pela substituição do *ser* pelo *ter*.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Infância, Complexo de Édipo, Cultura do consumo.

As reflexões tecidas no presente trabalho foram despertadas em meio ao fazer clínico em um dispositivo terapêutico operante no Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis – PECP. O serviço atua, de forma intersetorial e multidisciplinar, no campo da infância e da adolescência, e tem como objetivo geral desenvolver ações de prevenção e promoção de saúde e cidadania junto aos beneficiários do Programa.

O dispositivo mencionado acima, denominado Grupo de Acolhimento, configura-se como uma modalidade de avaliação interventiva realizada pelos psicólogos, na qual a criança e os responsáveis participam de quatro encontros grupais, separados em adultos e crianças, seguidas de ao menos uma sessão de devolutiva (efetuada com a criança e com seus cuidadores).

Apoiado na leitura de Faria (1998), entendemos esse momento inicial como o tempo de transformação de um sintoma-queixa no discurso/sintoma analítico. Nas palavras da autora "promover essa passagem seria desmontar a estrutura que se apresentou a nós, desatar esse enodamento que une sintomaticamente pais e criança, remeter cada um a suas próprias questões" (pg.104). Com as crianças, se aposta em conversas e brincadeiras que, a partir do encontro na diferença e na semelhança, possibilitam mais que a observação e a construção de hipóteses diagnósticas daqueles sujeitos, mas algo próximo da intervenção analítica, que forja caminhos, nomes e resoluções para impasses.

Vinícius tinha 7 anos e foi encaminhado para avaliação psicológica pelo pediatra a pedido de sua mãe, por queixa de "nervosismo" (sic), e da escola, por dificuldade de aprendizagem.

No grupo de adultos, a mãe falava em "crises" (sic), dizendo que "do nada" (sic) a criança ficava muito nervosa, chorava sem parar e às vezes batia em quem estivesse ao seu redor. Inicialmente, descrevia as situações sem conseguir fazer qualquer hipótese sobre quando e porque tal comportamento ocorria ou mesmo falar sobre como ela agia. Na escola, segundo a mãe, a demanda centrava-se na dificuldade de concentração, que o atrapalhava a aprender; não tinha queixas de comportamento.

Ao longo dos encontros, a partir de um pedido da psicóloga para que ela estivesse atenta aos rompantes de nervosismo, pôde discriminar que estes pareciam associados aos momentos em que algo não saia como ele esperava ou queria, quando tentavam lhe impor algum limite ou apresentavam uma impossibilidade. A mãe revelou o quanto também ficava nervosa "Parece que ele faz de propósito para me irritar!" (sic).

Ela retomou a história de Vinícius, do seu filho mais velho, de 11 anos, e do mais novo, de 3; cada um fruto de um relacionamento diferente. A respeito do filho mais velho, comentou ser sempre muito educado e obediente; apesar de ela ter se separado de seu pai, este seguiu tendo bastante contato com o filho. A mãe continuava casada com o pai do filho mais novo, que se preocupava com as questões de Vinícius; desde a separação dos pais, ele pouco teve contato com o próprio pai e, ao contrário de seus irmãos, este não arcava com suas despesas.

Sem se dar conta, a mãe falava sobre os três filhos entrelaçando suas histórias e estabelecendo comparações entre eles, nas quais Vinícius invariavelmente saia perdendo: o filho mais novo fazia gracinhas, ele não; o filho mais novo era carinhoso, ele não; o filho mais velho era inteligente, ele não; o filho mais velho obedecia, ele não; o filho mais velho e o filho mais novo tinham os pais presentes, ele não. O irmão mais velho quando brigava com Vinícius até dizia "Pelo menos eu tenho pai!".

No grupo com as crianças, Vinícius comentou vir ao psicólogo por não conseguir aprender a ler e escrever, precisava de ajuda com isso. Para se apresentar, contava para os demais integrantes sobre o que já sabia fazer, o quanto era bom nos games, as coisas que tinha, os amigos com quem brincava... A todo o momento, mesmo nas brincadeiras, parecia tentar ocupar sempre o lugar daquele que fazia mais, sabia mais e tinha mais: "Eu tenho isso também"; "Esse amigo gosta mais de mim"; "Sou melhor nesse jogo do que você" (sic).

No dia em que as crianças fizeram desenhos numa mesma folha, ele se mostrou muito atento às produções dos demais, sem conseguir fazer o seu. Tentava copiar o dos outros, mas fazia desenhos um em cima do outro. Não conseguia também escolher uma brincadeira ou mesmo um brinquedo, participava das sugestões dos demais, marcando o quanto era melhor do que os outros. Diante deste modo de se relacionar, as crianças começaram ora a ignorá-lo, ora a se afastar dele para brincar. Alguns tentaram em vão questioná-lo sobre as coisas que trazia, mas ele pouco se afetava e seguia apenas tentando ocupar posição preponderante sobre os outros.

No último atendimento em grupo, jogando damas com outra criança, ele mudava as regras para ser favorecido ou ganhar, vangloriando-se para o outro, que estava fadado a ser o perdedor. Com a intervenção do psicólogo no sentido de garantir a continuidade e permanência das regras previamente acordadas, Vinícius terminou por ser derrotado; pôde, enfim, falar sobre o quanto é ruim perder, "Fico triste..." (sic). Contou que seu irmão mais velho também sempre ganhava dele nos jogos e parecia ser melhor em tudo.

Na devolutiva, a mãe voltou a trazer os sintomas da criança apresentados por ela inicialmente, delimitando também o quanto achava que ela mesma não estava sabendo como lidar com as questões do filho. Vinícius, entretanto, passou a sessão fazendo denuncias sobre a mãe, apontando o fracasso dela em satisfazer seus pedidos; comparava-se a seus irmãos, como se estivesse sempre em desvantagem.

O que tal modo de estabelecimento de laço com o outro revela a respeito do funcionamento desta criança?

Partimos do Complexo de Édipo para elucidar tal questão, na medida em que apresenta uma teoria sobre a constituição do sujeito, sobre a maneira como ele lida com a falta que o atravessa, marcada pela produção de fantasias e pelo estabelecimento de identificações. Descreveremos brevemente os três tempos do Édipo.

O primeiro tempo pode ser considerado a partir do *estádio do espelho*, em que a mãe (função materna encarnada), para além de satisfazer as necessidades do corpo de seu filho, é aquela que faz suposições sobre ele, atribui sentido a seus choros, movimentos e expressões, simboliza seus atos. O bebê recebe a primeira imagem unificada de si, oferecida pela mãe. Nesse sentido, o bebê supõe uma mãe onipotente, que tudo sabe e tudo pode fazer por ele, já que todas as suas necessidades dependem da mãe para serem satisfeitas; se ela não o faz, não é neste momento por não ter meios de fazê-lo, mas por não querer, recusar-se. O bebê vive, assim, a falta do objeto enquanto frustração.

Para a mãe, marcada pelo imperativo da falta, tudo se passa a partir da ocupação da posição de falo por seu bebê, ainda que saiba que este não o é. O bebê, entretanto, tem a ilusão de realmente sê-lo (por identificação imaginária), ou seja, "a identificação fálica é, de um lado, o que lhe dá condições de fazer a passagem de um corpo despedaçado a uma unidade do eu; mas, de outro, é também o que mantém a criança em completo assujeitamento diante da onipotência do Outro" (Faria, 2010, pg.52).

O segundo tempo é marcado pela percepção por parte do bebê de que sua mãe tem outros interesses para além dele; há um *ir* e *vir* da mãe, que a marca como sujeito de desejo, orientado para outros objetos, além do bebê. Deste modo, a um só tempo, o bebê percebe não ser o falo da mãe, do que decorre inevitavelmente que o Outro materno é também marcado por uma falta.

Neste momento, o duplo presença-ausência é introduzido pela mãe na relação com seu filho, substituindo o Outro onipotente pelo Outro desejante. A experiência de frustração é, então, substituída pela noção de privação, pois para o pequeno é como se ele e a mãe fossem privados do objeto, que poderia ainda ser encontrado em outro lugar. O pai representa por um lado a interdição da relação da mãe com o bebê e, por outro, o objeto de desejo da mãe, assumindo, portanto, a posição de privador e também de onipotente, uma vez que o bebê supõe a ele a detenção do falo.

O bebê se dá conta, porém, de que, ainda que sua mãe vá buscar satisfação de seu desejo em outros objetos, volta a procurá-lo, ou seja, o pai também não a preenche totalmente, o que implica numa mudança do estatuto do objeto para o bebê. Esta é a entrada no terceiro tempo. Segundo Faria, "Se a mãe volta, é porque esse falo, embora tenha consistência como objeto de seu desejo, objeto que o pai tem e dá, é um objeto que não a completa. Ou seja, para além da busca desse objeto, o desejo materno mantém-se vivo" (idem, pg.77).

O pai assume, assim, uma posição potente, de quem tem o falo e pode dar, como pai doador e o que ele doa nada mais é do que a própria ordem simbólica, ou seja, o falo como objeto simbólico. "Um objeto que, por um lado, aponta a possibilidade de preenchimento daquilo que falta e, por outro, não satura completamente esta falta" (idem, pg.78).

No caso da neurose, a saída do Édipo implica na constituição do sujeito enquanto barrado, com o imperativo da castração. Há uma falta estrutural que, por mais que o sujeito não deixe de tentar tamponar, não vai de forma alguma deixar de existir, ainda que mantido inconsciente, sob os efeitos do recalque.

As produções do sujeito, especificamente da criança, podem ser, então, compreendidas a partir de duas perspectivas: "de um lado, a que considera que a posição do sujeito é absolutamente singular; e de outro, a que considera que essa posição singular se define na particularidade de uma estrutura cuja sustentação depende de um pai e uma mãe" (idem, pg.20). Evidenciamos ainda um terceiro elemento, considerando o comparecimento da contemporaneidade que, se não determina tais produções, introduz marcas. A cultura faz suporte para instauração da falta e concomitante do desejo.

A atividade de consumir tornou-se, desde o século XX, o principal motor da economia ocidental. Simultâneo à centralidade que tomou tal fenômeno na cultura, observamos o espraiamento do consumo nos diferentes campos da experiência do homem — a cultura do consumo passa, nos dias de hoje, a incidir diretamente nas relações do sujeito com os outros a sua volta (Calligaris, 2007a). Na transição do capitalismo com base na produção para o capitalismo contemporâneo, o homem passa a valer mais enquanto usuário dos bens de consumo do que como produtor, ou seja, há nesse percurso uma inversão na forma como o sujeito é tomado pela estrutura cultural. Não se exalta mais o sacrifício e o esforço, mas o direito ao prazer, o imperativo e a obrigação de gozar sem limites.

Atentando para os processos de constituição do sujeito, podemos notar desdobramentos dessa mudança nas possibilidades de posicionamento do homem na cultura e nos processos de subjetivação em meio ao cenário atual. Seguindo a linha de raciocínio de Kehl (2002), que faz uma leitura do *supereu* como o representante psíquico dos imperativos sociais vigentes, instancia herdeira do complexo de Édipo e estrutural no sujeito neurótico, somos capazes de observar peculiaridades dessa inversão no funcionamento deste sujeito. Para a autora, o supereu funciona fundamentalmente no evitamento da falta, porém, diferente da época de Freud – em que ele atuava como instancia repressora, representante das exigências vigentes na cultura do capitalismo industrial, do sacrifício e da renúncia dos prazeres, a fim de manter o convívio social – ele agora demanda do sujeito neurótico o excesso, o prazer e o gozo sem limites, tão importantes para a manutenção desta nova configuração social do capitalismo. Ou seja, um *ideial de eu* não mais penitente, esforçado, trabalhador e produtor de bens, mas alguém que se afirme na felicidade suprema, portador do bem soberano, tal como veiculado no discurso midiático, alguém que gozando de tudo o que é ofertado, pode exibir uma imagem de suposta completude.

Para melhor entender essa relação entre a cultura do consumo e os modos de relação e subjetivação em que o homem está imerso atualmente no ocidente, vale tecer alguns comentários sobre a forma de circulação do discurso a respeito do consumo na estrutura social. A peça chave para a manutenção e aprimoramento dessa fase do capitalismo é a ciência da publicidade (Kehl, 2004). O que o discurso publicitário faz, de maneira geral, é oferecer um ente caracterizado como garantia de satisfação, e que tendo tal status elevaria o ser humano ao estagio de "completude", como exposto acima. Mas como pensar essa passagem, da oferta das propagandas e a internalização do discurso em cada sujeito? A lógica da publicidade vai ao encontro com uma das questões centrais do neurótico, pois o discurso publicitário é maquinado para oferecer justamente o que o neurótico procura: o desejo do outro. Tendo, então, a possibilidade de adquirir e gozar de objetos capazes de garantir a satisfação do desejo, que no caso da neurose remonta a relação de *ser* o falo do outro, essa ficção constrói a ilusão de tamponar a falta e o processo de castração, de que padece o neurótico.

O imperativo da posse dos prazeres, apresentados como "objetos-tampão" da falta estrutural, retoma a questão fundamental desse sujeito, que se posiciona na busca de defender-se do desamparo e das evidencias da castração, tal como anteriormente mencionado. Segundo Kehl (2002), na sociedade de consumo o gozo dos bens não se relacionam mais com sua utilidade e necessidade, o acesso a esses produtos revelam fundamentalmente o seu valor imaginário. O desfrute destes prazeres, retomando a lógica fálica, servem para garantir ao sujeito a possibilidade de privar o outro dessa condição, "poder de afastar de si, atribuindo-a ao outro, a dimensão da falta" (idem, pg.102).

Retomando o caso, consideramos que a maneira como Vinícius se relaciona com os outros, a saber, marcando o que faz, o que sabe e o que tem, aponta para o modo como tenta lidar com a falta por ele vivida: com sua própria castração.

Por traz de suas incansáveis tentativas de se afirmar como potente na relação com o outro, há o desejo de ser desejado, que se revela com as perguntas fundamentais ao neurótico "Quem sou eu para o outro?" ou "O que quer o outro de mim?". Vinícius tenta responder a essas perguntas de várias formas e, a partir dos elementos que estão no discurso, busca mostrar uma imagem de detenção do lugar privilegiado de quem tem *a mais* do que os outros, ou de quem tem o que os demais não têm. O outro comparece, então, para Vinícius imaginariamente como aquele que está em falta, já que não faz, não sabe e não tem. Nesse movimento, ponderamos que Vinicius ao colocar a falta no outro, alivia para si a condição de faltante, produzindo um mecanismo de satisfação imaginária, que sustenta a permanência e repetição de seu sintoma.

Se por um lado, traz alívio, por outro, evidencia sua angustia: na medida em que não pode entrar em contato com sinais da castração, com a possibilidade de não corresponder ao que supõe serem as expectativas do outro, não consegue realizar produções singulares, pouco desenha ou escolhe brincadeiras nas sessões. Apenas no último dia, consegue falar sobre a falta então colocada ao perder um jogo, atribuindo sentido e retomando sua experiência com o irmão, que para ele, sempre ganha.

Além disso, o discurso de sua mãe se configura como afirmação de que o irmão mais velho teria as características de "um bom filho", aparecendo aqui como ideal de eu. O sintoma de Vinícius se apresenta como resposta a este discurso familiar e a esta construção de ideal de eu, na qual ele é sempre identificado à posição de falta. Um dos aspectos observados no modo como Vinicius estabelece laço é que, na medida em que se enrijece na busca de elementos que construiriam uma possibilidade de apresentação de imagem de si, angustia-se e apresenta dificuldades de simbolizar e quebrar as repetições nas quais está inserido. Ponderamos que os recursos que a cultura do consumo oferece para os sujeitos lidarem com a castração e as peculiaridades citadas na cena familiar de Vinícius intensificam um processo de operações no campo do imaginário que parecem fortalecer algumas de suas defesas e repetições sintomáticas.

A criança, a fim de garantir a posição de que *não tem falta*, busca construir uma imagem de que *tem tudo*, garantindo imaginariamente uma posição privilegiada para o outro, como se amparado na ilusão de *tudo ter*, pudesse de alguma forma restaurar a posição de *ser* anteriormente vivida. Nesta dinâmica, encontramos também desdobramentos da cultura em que a criança está inserida, que propaga o discurso e a promessa de que o acesso e a obtenção de determinados entes socialmente valorizados garantiriam uma posição no laço social privilegiada,

que em última instancia asseguraria ao sujeito o lugar de reconhecimento e desejo do outro (Calligaris, 2007b).

A partir das reflexões despertadas no presente estudo, consideramos os impasses impostos pela sociedade do consumo no delicado processo de constituição subjetiva. Não é novidade a influência do imperativo do consumo nos neuróticos assim constituídos, porém, como pensar seus efeitos na infância? Como conceber o processo de castração em vias de constituição, a partir da qual o sujeito se organiza libidinalmente, concomitante a um apelo social marcado pela lógica de excessos? Seria nesse sentido um retorno à questão colocada pelo processo edípico: entre o *ser* e o *ter*?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, C. "Vida estética". In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 ago. 2007. Ilustrada (2007a).

CALLIGARIS, C. "Narciso no país das maravilhas". In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 nov. 2007. Ilustrada (2007b).

FARIA, M.R. *Introdução à psicanálise de crianças*: o lugar dos pais. São Paulo: Hacker Editores, 1998.

FARIA, M.R. *Constituição do sujeito e estrutura familiar* – O complexo de Édipo de Freud a Lacan. São Paulo: Cabral, 2010.

KEHL, M.R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KEHL, M.R. "A publicidade e o mestre do gozo". In: *Revista Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo: v. 1, n. 2, 2004.

Helena Julio Rizzi
Psicóloga pela USP (2009); aprimoramento em Psicologia Hospitalar pelo Instituto da Criança do HC-FMUSP (2011); psicóloga clínica em consultório particular e no Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis; psicóloga no Movimento Comunitário Estrela Nova.

Victor Oliveira de Carvalho
Psicólogo pela PUC-SP (2012); formação especializada em intervenções clínicas com famílias no CEARAS-FMUSP (2015); psicólogo clínico em consultório particular e no Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis; e acompanhante terapêutico.

A SUPLÊNCIA DOS IRMÃOS DIANTE DO DESMENTIDO DOS ADULTOS NOS CASOS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR.

Isabella Ferraz Lacerda de Mello

RESUMO

O acompanhamento de casos de abuso sexual intrafamiliares envolvendo crianças e adolescentes tem revelado cada vez mais a complexidade da trama abusiva e a extensão dos impactos a outros familiares, muito além das vítimas diretas. A opção pelo desmentido por parte dos adultos destitui o sentido da violência vivida, reforçando ainda mais o traumatismo.
Verificamos, em alguns casos, como a crença dos irmãos da vítima na ocorrência do abuso sexual realiza um trabalho particular de suplência aos efeitos negativos do desmentido. Ilustraremos nossas premissas com uma vinheta clínica em que o pacto de confiança entre duas irmãs revela-se fundamental para validar a situação de violência sexual entre uma delas e seu padrasto, além de destacar a importância do estudo do complexo fraterno na construção da subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: abuso sexual, desmentido, suplência, complexo fraterno.

Diante de uma das questões-chave do IV Colóquio de Psicanálise com Crianças - *"Como pensar os desdobramentos da subjetividade diante do enfraquecimento dos adultos?"* - nos deparamos com as dificuldades do enfrentamento à violência sexual intrafamiliar no Projeto CAVAS/UFMG (Projeto de Pesquisa e Extensão de Atenção às Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual) quando crianças e adolescentes não podem contar com a proteção e o apoio dos adultos na árdua tarefa de simbolização das suas vivências traumáticas, no momento em que a denúncia de abuso sexual vem à tona. Em muitos casos, vemos que a busca por uma pessoa de confiança que possa dar sentido ao incompreendido que a violência sexual provoca geralmente fracassa, pois o violentado depara-se com a negação do relato contado e a não aceitação da violência pelo adulto. A não confirmação pelo adulto da realidade do evento traumático pelo qual a criança passou, adulto esse que deveria protegê-la e ampará-la, é nomeado por Ferenczi (1932/2011) como *desmentido* e considerado uma importante fonte para o trauma. Nas palavras de Uchitel (2000), "o desmentido destitui o sentido, coloca em dúvida o universo simbólico, o sentido de realidade, a sustentação do eu, a percepção e a organização psíquica" (p. 141), pois a impossibilidade de representar verbalmente o ocorrido impossibilita o processo de simbolização. Notamos como o posicionamento dos adultos nesses casos impede o acolhimento do sofrimento da criança e a compreensão do que houve consigo, levando-a a um profundo sentimento de abandono e desamparo.

Frequentemente, nos vemos diante de um cenário familiar cujas funções dos membros responsáveis pela prole se mostram arruinadas. Pensando como exemplo o modelo de família nuclear, temos, de um lado, o pai morto em sua função paterna, tanto por não ter funcionado como paraexcitador (termo usado por Freud em "Além do princípio do prazer", 1920, para designar a proteção contra a excitação, na teoria do traumatismo) como por não ter garantido o interdito do tabu do incesto. Do outro lado, temos a mãe, geralmente cúmplice consciente ou inconsciente do pai, com quem a criança ou o adolescente mantém um vínculo afetivo pouco consistente, pois sabe da negligência por parte dela para com seu mundo, conhece a patologia da família, sabe que não pode confiar inteiramente na progenitora (França, 2010). Com as funções paterna e materna tão comprometidas e a impossibilidade de elaboração da experiência traumática, haveria mais alguém da família com quem contar? -

Contrapondo à cegueira que muitas vezes absorve os familiares que fingem não saber da violência sexual e optam pela negação dos fatos, chamou-nos atenção a possibilidade da união fraterna como um modo particular de validar os fatos abusivos até então encobertos pelo mecanismo do "desmentido" familiar. Ilustraremos nossas premissas com uma breve vinheta clínica[1] em que o pacto de confiança entre duas irmãs adolescentes revela-se fundamental para validar a situação de violência sexual entre uma delas e seu padrasto.

DUAS IRMÃS, UMA ÚNICA SENTENÇA

Arrebatada pela angústia em seu choro ininterrupto, uma adolescente vive na própria pele o que entendemos ser o segundo tempo do traumatismo psíquico, ao ressignificar as marcas de percepções que teve anteriormente, em que o pai abusava sexualmente de sua irmã. No dia fatídico em que se fechou o sentido do que se esboçava como algo provável, ou seja, do abuso sexual praticado pelo pai contra sua meia-irmã, foi possível entender uma cena perdida na memória: o pai, na calada da noite, ajoelhado no chão, ao lado da cama, apoiado no colchão.

A irmã, que sempre dormia no primeiro andar da beliche, já lhe contara sobre o comportamento do pai e lhe propusera uma troca de lugares, mas, tomada pelo medo, não foi capaz de aceitar de imediato. Entretanto, uma certa noite em que assistiam um filme de terror juntas, ela optou por deitar-se no colchão de baixo junto com a irmã, porque sentiu medo, e aí dormiu. Seu pai apareceu no meio da noite e lhe tocou o seio. Não sabe se ele se confundiu e pensou que era sua irmã ou se realmente desejou tocá-la. Apesar de não ter tido reação alguma naquele momento, no dia seguinte, a adolescente contou tudo para sua mãe, tanto essa cena como a anterior, em que o pai estava ajoelhado na cama da irmã. Dessa forma, acabou ajudando a irmã que, mesmo tendo fugido de casa anteriormente sob a alegação de ter sido molestada pelo padrasto, não havia conseguido que acreditassem nela.

Depois do incidente, a mãe chama uma das filhas e o marido para conversar. Nesta ocasião, o pai pergunta diretamente à filha se alguma vez encostou em seu seio. Ela confirma, enquanto ele nega tudo. No dia seguinte, a mãe chama a outra filha para conversar com o padrasto e este lhe pergunta diretamente se havia tocado seu corpo. A enteada confirma e ele dispara a chorar dizendo que não acreditava no que estava acontecendo e que era tudo uma grande mentira. Apesar dele mesmo ter se entregado com perguntas tão certeiras, a mãe custou a acreditar, sentia pena do marido e não queria que seu filho de apenas dois anos perdesse o contato com o pai. Finalmente, após anos de abusos sexuais na família, a mãe pede ao marido que saia de casa. Porém, a falta de discriminação de lugares nesta família que gerava confusões e espelhamentos, tais como os filhos terem o mesmo nome e fazerem aniversário no mesmo dia, novamente se reafirmou. Desta vez, através de uma excentricidade menos grave: mãe e filhos saíram da casa que era da avó materna enquanto o marido lá ficou, condenado a pagar o aluguel mensal do local.

Em outro momento, a filha biológica desaba em prantos ao dar-se conta que a imagem do seu pai havia caído por terra depois de tudo o que descobriu. Era difícil aceitar o que ele havia feito. A garota se mostra pesarosa e até certo ponto responsável por fazer com que as outras pessoas acreditassem no que estava acontecendo com sua meia-irmã. Sentiu-se na obrigação de contar à sua mãe para ajudar a irmã, porque, do contrário, pensariam que era mentira e ainda se sentiria culpada.

A decepção sentida pela filha legítima diante do que seu pai fez foi tamanha que provocou a reação de denunciá-lo e sair em defesa da irmã, ou em sua própria defesa, já que ele terminou tocando-a também, ainda que permaneça a dúvida se foi algo proposital ou se ele se equivocou de corpos. Por sorte, a adolescente que sofreu os abusos pelo padrasto durante anos pôde confiar na irmã, pois sabia que, mesmo sendo filha legítima do agressor, ela seria capaz de ajudá-la a dar visibilidade ao seu sofrimento, ao contrário da mãe, que não deu créditos à sua história quando ela tentou denunciar os abusos sofridos.

Apesar do grande abalo familiar, a relação de confiança entre as irmãs no caso relatado foi crucial para colocar fim aos abusos sexuais. Não descartamos os sentimentos hostis que a caçula sentiu frente à irmã. Um dos motivos para isso foi que a denúncia levou ao afastamento do pai, por quem também passou a sustentar

1 As pacientes foram acompanhadas pela psicóloga Susana Toporosi, coordenadora da área de adolescência do *Hospital de Niños Ricardo Gutierrez*, Buenos Aires, Argentina.

sentimentos ambivalentes. A partir deste e outros casos que tiveram desfechos semelhantes, a questão do pacto fraterno despertou nosso interesse quanto à qualidade dos desejos e sentimentos entre irmãos e seus impactos na formação deles como sujeitos. Por isso, gostaríamos de destacar a importância de estudarmos um tema fecundo, porém ainda nebuloso dentro da psicanálise: o papel do complexo fraterno na construção subjetiva. Tentaremos expor algumas de suas especificidades adiante considerando-o não como mero deslocamento do complexo de Édipo, mas como um complexo com estrutura e características próprias que se complementa ao primeiro.

O COMPLEXO FRATERNO NA PSICANÁLISE

A questão do fraterno tem se tornado objeto de estudo nas ciências humanas principalmente a partir do século XX. Um dos motivos para isso, segundo Kaës (2011), é que o movimento de declínio da função paterna acompanha as mudanças na configuração nuclear das famílias ao longo dos anos, as quais têm sofrido efeitos das transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas nos países industrializados e urbanizados da Europa desde o século XIX e ao longo do século XX. Assim, "o estudo das relações fraternas nas famílias adotivas, nas famílias monoparentais e nas chamadas famílias recompostas, (...) coloca à luz a complexidade das mudanças introduzidas por essas novas configurações do casal, da família e da fratria" (p. 12).

Verificamos que os trabalhos sobre a questão do complexo fraterno exclusivamente a partir do viés psicanalítico são raros, talvez pelo fato de que esse conceito tenha sido considerado negligenciável ou secundário pelo pensamento psicanalítico. Tamanho desapreço é também confirmado pela ausência do termo complexo fraterno nos dicionários de psicanálise mais comumente usados (Laplanche e Pontalis, 2001; Roudinesco, 1998) – neles contamos somente com o conceito de complexo, o qual representa um "conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes" (Laplanche e Pontalis, 2001, p.70).-

Por mais que Freud talvez tenha hesitado quanto à centralidade da questão do fraterno em sua obra, vemos como esse tema ocupa um lugar importante, por exemplo, quando ele busca explicar os efeitos das relações entre irmãos e irmãs na organização psíquica ulterior e trabalha o papel desempenhado pelos laços fraternos na formação dos laços sociais; ainda que o termo complexo fraterno tenha aparecido uma única vez em 1922, no texto "Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo" (Kaës, 2011). Alguns autores pós-freudianos se aproximaram um pouco mais da temática, como Adler, Klein, Lacan e Laplanche, mas o estudo das especificidades desse complexo é considerado recente. O psicanalista argentino Luis Kancyper (2004) destaca que o complexo fraterno não deve ser considerado um simples deslocamento do edípico, pois tem a sua própria envergadura estrutural. Ele apresenta uma definição do complexo fraterno como "um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta com relação a seus irmãos" (p. 243). Desta maneira, aponta a necessidade que todo sujeito tem pela figura de um outro, personificado em um irmão imaginário e simbólico, cuja presença funciona como uma garantia dupla que vai assegurar a possibilidade de se livrar do poder edípico, uma relação horizontal com um "outro fraterno" que cumpra a função de "auxiliar, modelo e objeto de complementação e reconhecimento" (p. 241).

Kancyper (2004) indica a existência de dois modelos básicos de complexos fraternos: o complexo fraterno tanático, caracterizado pelo irmão que se relaciona de modo paranoide com o outro e o vê como um odioso intruso e rival, capaz de perturbar, roubar ou destruir seu lugar de único (como na história de Caim e Abel); e o complexo fraterno regido por Eros, em que prevalecem os laços de solidariedade, admitindo o outro como ser semelhante, mas também diferente, como por exemplo, na história da filha de Édipo, Antígona, a irmã paradigmática que reivindica os direitos da fratria e enfrenta o poder do seu tio, e o papel desempenhado pela filha legítima na vinheta que apresentamos.

Segundo o autor, podemos destacar quatro funções essenciais do complexo fraterno: substitutiva, defensiva, elaborativa e estruturante. De maneira concisa, a função *substitutiva* funciona como alternativa para suprir e compensar funções parentais falidas, além de poder operar, por um lado, como função elaborativa do complexo de Édipo e do narcisismo e, por outro, como função defensiva de angústias e sentimentos hostis. A função *defensiva* manifesta-se quando o complexo fraterno encobre conflitos edípicos ou narcísicos não resolvidos. Em muitos casos, também serve para desmentir a confrontação geracional. A terceira função do complexo fraterno,

a *elaborativa*, coopera no incessante trabalho de elaboração do narcisismo e da dinâmica edípica presentes ao longo da vida. Assim como o complexo de Édipo coloca limite à ilusão de onipotência do narcisismo, o complexo fraterno também participa do desapego das figuras edípicas detentoras do poder vertical e estabelece limites às crenças narcísicas que giram em torno da fantasia de ser o único. Quanto ao papel *estruturante* do complexo fraterno, dizemos que ele possui um caráter fundador na organização da vida anímica do indivíduo, dos povos e da cultura, assim como Freud considerou o desfecho do complexo de Édipo como chave para o início da religião, ética, sociedade e arte (Freud, 1913/2012).

Como vimos anteriormente, as modificações nas configurações familiares sugerem que tanto as relações verticais como horizontais devem ser revistas. Na vinheta apresentada, mostramos um caso de violência sexual em que o enfraquecimento dos adultos colabora com as confusões de lugares e funções na família, mas sabemos que isso também pode ser percebido em famílias em que a violência sexual não está presente. Pelo que vemos na prática atual, perguntamo-nos se manter a centralidade da psicanálise no complexo de Édipo seria suficiente para abarcar as novas possibilidades de subjetivação que se apresentam. Compartilhamos da indagação de Kaës (2011):

> **A questão que nos ocupa é saber se o valor nuclear reconhecido ao complexo de Édipo e o acento colocado por Freud, por necessidade de fundação, sobre a questão do Pai (como Ancestral fundador e garante da lei), não ocultaram a dimensão própria do complexo fraterno e seu alcance na elaboração clínico-teórica da psicanálise (p. 38).**

Assim, tratemos de abrir as portas da psicanálise para novas formas de se pensar a formação do sujeito, suas escolhas objetais, suas identificações, seus conflitos psicossexuais a partir do que vivenciamos na prática, pois, com relação à produção da subjetividade, a psicanálise deve se reinventar de tempos em tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ferenczi, S. (2011). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: *Obras completas - Psicanálise IV.* (2a ed., pp. 111-121). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932).

França, C. P. (2010). Incesto: os desígnios do Édipo consumado. In: Cassandra Pereira França (Org.) *Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil.* (pp. 165-168). Rio de Janeiro: Imago.

Freud S. (2012). Totem e tabu. In: *Obras Completas, Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913]).

Kaës, René. (2011). *O complexo fraterno.* São Paulo: Ideias & Letras.

Kancyper, L. (2004). *El Complejo fraterno – estudio psicanalítico.* (1ª ed.). Buenos Aires: Lumen.

Uchitel, M. (2000). Em busca de uma clínica para o trauma. In: Fuks, L. B., & Ferraz, F. C. (Orgs.) *A clínica conta histórias.* (pp. 135-150). São Paulo: Escuta.

Isabella Ferraz Lacerda de Mello
Psicóloga clínica, mestre em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Pesquisadora do Projeto CAVAS/UFMG (Projeto de Pesquisa e Extensão que atende crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual) desde outubro de 2011.

ABUSO SEXUAL E SUICÍDIO: A LUTA PELA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE

Izabela Dias Velludo Roman (apresentadora)
Laura Facury Moreira

RESUMO

A partir da apresentação de um caso clínico, iremos percorrer o tema do suicídio nas contribuições de Freud e Laplanche partindo da premissa de que, em algumas ocasiões, a tentativa de autoextermínio acontece a serviço da manutenção da vida, da permanência e da preservação psíquica, em detrimento da consideração mais comum de que o suicídio funciona apenas como uma manifestação da pulsão de morte. Concordamos com Laplanche ao afirmar que o autoextermínio funciona como uma tentativa de conservação de uma imagem de si mesmo, uma imagem do ego, um ideal. Para corroborar esta ideia, iremos apresentar a proposição de Lichtenstein sobre a primazia da identidade em relação à conservação da vida. Para o autor, o narcisismo não possui compromisso com a vida, mas sim com a constituição e a manutenção da identidade.

PALAVRAS-CHAVE: abuso sexual, suicídio, identidade, adolescência.

A violência sexual constitui um trauma capaz de desorganizar psiquicamente o sujeito e gerar impactos disruptivos em sua constituição psíquica. O acompanhamento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual realizado no Projeto CAVAS/UFMG[2] permite a observação dos mais variados efeitos mortíferos deste tipo de traumatismo. O presente trabalho pretende lançar luz sobre a relação possível entre o abuso sexual infantojuvenil e o suicídio. Temos evidências estatísticas de que o fenômeno do suicídio pode estar diretamente relacionado com os efeitos psíquicos gerados pelo abuso sexual infantojuvenil, pois de acordo com os dados levantados por uma pesquisa realizada pela Childhood Brasil em oito estados brasileiros cerca de 60,9% das crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual já pensaram em suicídio, sendo que 58,1% realmente tentaram se matar. Desses, 20% o fizeram por ter sofrido violência sexual.

Considerando essa possível correlação entre violência sexual e suicídio, iremos analisar as tentativas de autoextermínio praticadas por uma pré-adolescente vítima de abuso sexual a partir das contribuições de Freud e Laplanche. Apostamos na premissa de que, em algumas ocasiões, a tentativa de autoextermínio acontece a serviço da manutenção da vida, da permanência e da preservação psíquica, em detrimento da consideração mais comum de que a tentativa de suicídio funciona apenas como uma manifestação da pulsão de morte.

Débora foi encaminhada para atendimento psicológico após a ocorrência de uma tentativa de suicídio que a pré-adolescente havia realizado na porta da escola. A menina se jogou na frente de um carro em um momento de extrema desorganização, que foi identificado pelos profissionais da escola como um "surto", que teria sido desencadeado em uma aula sobre sexualidade. Na tentativa de dar algum tratamento ao ocorrido as professoras conversaram com a garota e, diante de seus relatos, suspeitaram que esta havia sofrido abuso sexual por parte de um jovem vizinho. A escola então, encaminha o caso para o Conselho Tutelar e informa a mãe sobre o ocorrido. De acordo com relatos desta, o abuso teria ocorrido na casa do pai quando a filha contava 10 anos, mas os detalhes do que teria ocorrido são desconhecidos. Mesmo realizando a denúncia, o processo judicial foi interrompido após a morte, por assassinato, do suposto abusador.

Nesta ocasião, de acordo com os relatos da adolescente, uma professora teria "quebrado" sua confiança quando, contando à ela "coisas muito íntimas e sérias", todos da escola (professores e alunos) ficaram sabendo do

2 Projeto de pesquisa e extensão do Departamento de Psicologia da UFMG que atende crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. O projeto é coordenado pela Prfa. Dra. Cassandra Pereira França.

ocorrido, o que motivou muitos comentários e zombaria por parte dos colegas. Débora era conhecida na escola como "louca", por ter tentado suicídio e por, posteriormente, apresentar comportamentos de automutilação.

Sobre as relações sexuais praticadas com o vizinho, Débora diz: "*Pois é, todo mundo acha que ele me estuprou. Eu e ele éramos muito amigos, a gente era muito grudado. Aí a gente beijou um dia. Aí depois, eu queria chamar atenção e inventei pra todo mundo que a gente tinha transado. Foi nesse dia que eu tentei suicidar. Consegui a atenção das pessoas: eu era bonitinha, magra, fofinha, todos queriam ficar comigo. Era o sabão da escola. As pessoas me chamavam de puta, de vagabunda. Aí quando ficavam sabendo que eu já tinha transado, todos vinham me perguntar, pegar umas dicas*." Diante desse relato, a analista aponta que ela também ganhou outro tipo de atenção: a dos adultos. "*Nossa, nem me fale. Eu tive que ir na delegacia várias vezes, tive que ir no psiquiatra, no psicólogo. Ficava calada, não queria desmentir. Meu pai e minha mãe iam me xingar muito. Todo mundo ia me achar mentirosa. Por causa disso, eu não invento nenhuma mentira mais. Quando ele morreu, foi bom porque eu não tive que ir lá na audiência desmentir pra ele não se ferrar e eu também*."

Fica claro como a possível situação de abuso, que foi caracterizada pela adolescente como a primeira vivência de relação sexual, ocasionou uma série de mudanças significativas na vida da garota e, principalmente, na sua identidade. Na tentativa de ganhar status e fama na escola, Débora conta para as pessoas que já havia vivido sua primeira relação sexual. No entanto, este relato é interpretado como um abuso pelas professoras da escola. Por um lado, Débora ganha a atenção que queria dos colegas, fica popular e sexualmente atraente para os pares (conta com orgulho que tem três namorados) – é importante ressaltar que a garota era obesa e precisava de tratamento médico para cuidar do sobrepeso. No entanto, por outro lado, Débora tem que lidar com as repercussões de uma acusação de violência sexual e com o olhar das pessoas sobre uma garota abusada sexualmente.

Débora interrompe o tratamento, decidindo não frequentar mais as sessões de análise após acreditar que suas histórias estavam entediando a analista. Dois anos depois, a adolescente retoma o contato com a analista e solicita o retorno do acompanhamento psicológico. No reencontro, Débora apresentou-se de forma bastante diferente: uma adolescente extremamente responsável pelas suas tarefas e funções domésticas, consciente de seus deveres e direitos de adolescente e certa de seu desejo sexual por mulheres. A adolescente, com 15 anos, conta o que viveu no período em que estava afastada da análise. Ao ter se apaixonado por uma professora na escola, viu-se impossibilitada de permanecer naquela instituição, por não ser correspondida e, também, pelo fato de já não ser bem vista pelas pessoas com as quais convivia ali. Débora então, decide transferir seus estudos para outra escola, o que avalia como extremamente negativo, uma vez que a primeira era uma escola de maior qualidade e renome.

O tratamento foi retomado, então, a partir de questões relativas à sua postura na nova escola e aos meandres da nova identidade de gênero. Com o tempo, foram sendo descritos comportamentos de automutilação ainda mais severos: cortes constantes em várias partes do corpo, inclusive na genitália, provocados por giletes, estiletes, facas, e ingestão de algodão para diminuir a fome. Além disso, durante os dois anos subsequentes acompanhados pela analista, Débora anunciava o desejo de suicidar-se, tendo realizado diversas pesquisas sobre formas de suicídio que ela julgava serem mais adequadas, chegando a tentar concretizar estas ameaças algumas vezes. Estes episódios eram sempre motivados por situações em que Débora não conseguia concretizar expectativas construídas por ela mesma sobre seu desempenho escolar e situações em que as pessoas lhe cobravam um posicionamento, que ela acreditava ser impossível alcançar, principalmente em relação à sua identidade de gênero. Além disso, situações relativadas às vivências de sua sexualidade eram extremamente angustiantes e mortíferas, uma vez que a adolescente experimentava, na maioria das vezes, rejeições e desencontros sexuais.

Após dois anos de acompanhamento, Débora disse que estava preparada para compartilhar com a analista um grande segredo, que não havia confiado a ninguém até aquele momento. Débora manteve relações sexuais com seu avô durante um longo período entre o final da infância e o início da adolescência. Acreditamos ser este o motivo de tamanho sentimento de culpa, uma vez que a paciente julgava-se responsável pela ocorrência desta relação. A análise passou a tratar, então, das questões relativas à esta vivência, que teria motivado os comportamentos manifestos na escola, dos quais Débora sentia grande vergonha e arrependimento. A paciente não conseguia esquecer tantas atitudes que, agora, eram reprovadas por ela: a "permissão" dos convites sexuais

do avô, o comportamento promíscuo com os colegas da escola, as relações e brincadeiras sexuais vivenciadas com o vizinho, a exposição destas primeiras vivências para sua rede de amigos a fim de obter atenção e fama, enfim, ter sua intimidade invadida e divulgada. Apenas quando se cortava sentia o alívio de um castigo merecido. Débora esforçava-se para afastar e distanciar dessa imagem que outrora fora construída por ela, pela família e pela escola: louca, vadia e prostituta, mas, muitas vezes, acreditava que o passado não poderia ser apagado e que, sua única saída, era o suicídio.

A situação do abuso sexual sofrido, que na verdade foi perpretado pelo avô e não pelo vizinho, gerou não só o sentimento de culpa por tê-lo seduzido, mas por ter marcado o encontro com sua sexualidade de maneira tão exposta e invadida pelo outro. Os episódios vivenciados na escola e os constantes ataques e acusações de louca, marcaram profundamente a constituição de sua identidade, principalmente, na sua relação com a manifestação da sexualidade. Por ter conhecimento precoce de relações sexuais (advindo da relação estabelecida com o avô, que deve ter sido ressignificada na aula sobre sexualidade na escola), Débora pôde conquistar a atenção dos colegas, nutrida pela curiosidade sexual dos mesmos, que estavam às voltas com grandes questões comumente manifestas no período da puberdade. Além de poder falar sobre como as relações sexuais acontecem, Débora também estava apta a demonstrar, "ficando" com vários colegas, o que garantiu a ilusão de ser amada e bem quista pelos mesmos. Tudo isso, à princípio, pareceu extremamente prazeroso e vantajoso: ser a primeira menina a transar e saber sobre sexo, ser a "popular". No entanto, com o passar do tempo, com a vivência de novos encontros e desencontros sexuais, Débora começa a perceber estes efeitos como extremamente negativos e vergonhosos. Diante de uma compreensão maior sobre seus próprios comportamentos e atitudes Débora se sente impossibilitada de lidar com esta nova concepção e, consequentemente, com uma nova visão sobre si mesma, e resolve apostar na morte como saída para a manutenção da nova identidade: responsável, inteligente, estudiosa, lésbica.

O fenômeno do suicídio pode ser lido de formas muito diversas a partir da teoria psicanalítica. O caso descrito nos convida a trilhar um caminho diferente do que é comumente percorrido na tentativa de compreensão do suicídio, qual seja, sua relação direta com a melancolia ou como a representação (ação) própria da pulsão de morte. Débora nos convida a pensar em uma hipótese aparentemente paradoxal: e se o suicídio não fosse necessariamente uma manifestação da morte? Se não fosse necessariamente (auto)destrutivo? E se o suicídio estivesse mais a serviço de elementos de vida, da permanência, da preservação, do que ele pode evidenciar à primeira vista?

Esta provocação, que nos é muito útil neste trabalho, foi feita por Laplanche, em entrevista com Marta Rezende Cardoso. Como uma ilha apartada do continente, nesta entrevista Laplanche faz uma afirmação aparentemente distante de todo o arcabouço teórico que a sustenta:

> **Há muitas espécies de suicídio. Há os que são profundamente auto conservativos e narcísicos. Nem todos são destruição, apesar da aparência. Alguns se dão para conservar alguma coisa, uma imagem de si mesmo, uma imagem do ego, e mesmo um ideal. Creio que não se pode passar diretamente da autoagressão, ou do masoquismo, para o suicídio. Não penso que todo suicídio seja masoquista. (Laplanche & Cardoso 2000, p. 60)**

O paradoxo evidente que se anuncia é que a tentativa de dar fim à vida seja justamente uma tentativa de preservar algo, nomeado neste trecho como "uma imagem de si mesmo", "uma imagem do ego" ou até mesmo um ideal. Percebe-se que morte e vida, ou preservação da vida, são aqui tratadas não como necessariamente excludentes, mas quase como complementares.

A noção de um atacante interno, que é proveniente de um núcleo completamente desconhecido ao sujeito, porém que faz parte dele, nos parece a chave para compreender essa afirmação paradoxal. Laplanche diz que existe uma força atacante dentro do próprio sujeito que o ataca por dentro, que ataca o aparelho psíquico e ameaça a constituição egóica. Esta noção de *inimigo interno* parece já estar presente desde a concepção freudiana de trauma, ou mesmo, se formos mais rigorosos na busca, na própria descoberta do inconsciente. Freud

promove uma revolução no pensamento de sua época ao afirmar que o homem não seria o sujeito de si, ou seja, que algo, sobre o qual ele não tem domínio, o habita.

Nos aventurando na Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, este objeto atacante, este *inimigo interno* pode ser compreendido justamente como um núcleo interno enigmático, implantado no bebê por um outro que se apresenta em sua complexidade inconsciente e sexual. Tal núcleo, referido anteriormente, é justamente parte desta *"sexualidade que [o sujeito] não consegue dominar".* Este núcleo, que provocaria efeitos os mais diversos, seria também o responsável pelos ataques pulsionais, ataques que podem ser ameaçadores para a constituição do Eu e sua preservação. Nas palavras de Laplanche, "O ataque da pulsão supõe sempre um tempo em que ela ataca o ego (...) É o momento em que a pulsão se constitui. Ela se constitui como ataque do ego. Portanto o próprio ego torna a projetar, digamos assim, a pulsão para o exterior." (Laplanche & Cardoso, 2000, p. 59)

Lichtenstein, que pode ser considerado precursor de Laplanche de acordo com Ribeiro e Belo (2016), também tem contribuições importantes para esta discussão ao afirmar que o narcisismo e a noção de identidade também estão atrelados à este ataque internopulsional, existindo, assim, uma primazia da identidade em relação à conservação da vida.

Partindo da consideração de uma sedução originária, Lichtenstein denomina como "tema de identidade" aquilo que é inseparável das características específicas da sexualidade, ou seja, algo oriundo da relação com o outro desde os primórdios da constituição psíquica. Por se tratar de algo que não carrega nada de inato ou endógeno, esse "tema de identidade" configura-se como uma exigência de permanente manutenção, ou seja, algo que precisa ser repetidamente vivenciado para sustentar um padrão e garantir a construção da identidade e o sentimento de existência. Ou seja, o ser humano tem uma identidade construída a partir do uso de sua sexualidade e precisa, constantemente, encontrar formas de sustentá-la. Trata-se, portanto, de considerar a fragilidade e a preacriedade que caracterizam as manifestações da sexualidade e a noção de identidade e, antes disso, de ressaltar seu caráter inconsciente e pulsional.

A partir destas considerações, o autor vai sugerir a existência de um narcisismo que está além do princípio do prazer e que é totalmente dependente do objeto e dos efeitos da sexualidade inconsciente, pois

> **"Por mais que a compulsão a repetir esse padrão sexual se distancie ou até mesmo se oponha à autoconservação, por mais que a manutenção dessa identidade sexual seja autodestrutiva e não adaptativa, paradoxalmente, ela não deixa de inscrever-se na esfera do narcisismo, justamente por se tratar de um mecanismo do qual depende a afirmação e a manutenção de um si mesmo, ainda que tal afirmação seja um atentado à própria unidade corporal e à preservação da vida. Em outras palavras, Lichtensteinnos fala de um narcisismo além do ego, um narcisismo a ser situado além do espelho e da imagem unificada de si mesmo."(p. 117)**

Tem-se, portanto, a instalação de um conflito psíquico sustentando pela oposição de duas exigências pulsionais e narcísicas: aquela criada pela sedução originária, pelo "tema de identidade" e aquela oriunda das forças de ligação e unificação que constituem o ego e o narcisismo conectado ao amor e à vida. Neste sentido, para Lichtentein a pulsão é sempre sexual e conectada a uma identidade, a um modo de funcionamento narcísico que se opõe ao egóico.

Retomando o caso clínico apresentado, questionamos se as manifestações da sexualidade desregradas e compulsivas às quais Débora esteve sujeita ao longo de sua adolescência, mantinham seu tema de identidade inconsciente e sexual ao mesmo tempo em que representavam uma despersonalização e uma desroganização egóicas tamanhas, tendo sido capazes de motivarem as ideações suicídias e passagens ao ato como tentativas de manutenção de uma imagem de si, de uma identidade egóica e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Belo, F. (2004). A primazia da Alteridade. In: *Psicanálise, Religião e Teoria da Sedução Generalizada* (pp. 07-14). Belo Horizonte: Sêlo Editorial.

Cardoso, M. M. (2000). *Entrevista com Jean Laplanche*. Caderno Psicanalítico SPCRJ, vol 16 (n 9), p. 57-82.

Laplanche, J. (1988). Da Teoria de sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In:*Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*.(pp 108-125) Porto Alegre: Artes Médicas.

Ribeiro, P. C. e Belo, F. (2016). Narcisismo, gênero e sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler. In: Birman, J. et al (org). Amar a si mesmo e amar o outro. (pp. 113-127). São Paulo: Zagodoni Editora.

Izabela Dias Velludo Roman
Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela UFMG, Mestre em Estudos Psicanalíticos pela mesma instituição, psicóloga e pesquisadora do Projeto CAVAS/UFMG e psicóloga clínica. Atuou como Analista de Políticas Públicas da Prefeitura de Belo Horizonte.

Laura Facury Moreira
Especialista em Teoria Psicanalítica pela UFMG, psicóloga e pesquisadora do Projeto CAVAS/UFMG e psicóloga clínica. Atuou como psicóloga hospitalar em hospital público de Belo Horizonte.

O ENLACE ENTRE O CORPO E AS REPRESENTAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE UM CASO DE ATENDIMENTO PSICANALÍTICO MÃE-BEBÊ COM IMPASSES NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO.

Julia Garcia Durand

RESUMO

O presente trabalho discute a articulação entre dificuldades motoras em bebês e impasses nos processos de representação psíquica das experiências vividas no encontro com seus cuidadores. Além disto, propõe uma reflexão sobre estratégias clínicas dentro do campo psicanalítico para o cuidado de mães e bebês acometidos por tais questões. A partir de um caso clínico de uma mãe e um bebê com sinais de sofrimento psíquico, discute aspectos da psicoterapia psicanalítica que podem favorecer o despertar da disponibilidade lúdica materna e a constituição de um campo de jogo e trocas afetivas, nos quais entra em funcionamento o processo de representação da ausência na presença. Sugere que o processo analítico pode ter contribuído para transformar aspectos da experiência corporal daquele bebê.

PALAVRAS CHAVE: clínica psicanalítica, intervenção precoce, corpo, autismo

O presente escrito tem por objetivo discutir a articulação entre dificuldades motoras em bebês e impasses nos processos de representação psíquica das experiências vividas no encontro com seus cuidadores. Além disto, propõe uma reflexão sobre estratégias clínicas dentro do campo psicanalítico para o cuidado de mães e bebês acometidos por tais questões.

Diversos psicanalistas desenvolveram investigações acerca das experiências corporais dos bebês nos processos de constituição psíquica, bem como suas manifestações em situações de sofrimento emocional intenso.

Um dos pontos nodais desta questão, ao qual me deterei neste trabalho, refere-se à passagem do estado de indiferenciado do bebê com sua mãe ou substituto, no qual predominam vivencias de correntes de sensações desordenadas, incontidas e amorfas, para outro no qual predominam experiências de coesão corporal, separação e diferenciação. A psicanálise vem mostrando que o processo de subjetivação, que vem acompanhado do sentimento de coesão do corpo e de uma mente separada, dependerá de o bebê ter podido sentir a continuidade de sua existência (Winnicott), sem rupturas abruptas, que lhe permitirão estabelecer um envelope psíquico, uma pele psíquica que o separa do mundo externo (Bick). E isso dependerá tanto da qualidade dos cuidados que receberá do ambiente, isto é, da receptividade materna aos seus ritmos e estados emocionais, de sua capacidade de transformá-los e de se diferenciar deles, sua disponibilidade lúdica e abertura ao terceiro (Guerra, 2015) e de sua capacidade narrativa (Golse, 2003), como também dos aspectos constitucionais do bebê. Algumas crianças podem apresentar predisposições orgânicas que dificultem o estabelecimento deste processo como, por exemplo, hipersensibilidade às expressões faciais e a estados emocionais intensos, hiperacusia entre outras.

Via introjeção e identificação com a capacidade materna de continência e tolerância da separação, o bebê comum poderá se identificar como ser humano separado. Neste processo, a capacidade de representação psíquica, por meio do pensamento, de fantasias e de sonhos substituirá gradualmente as descargas motoras e os movimentos corporais desordenados.

Bernard Golse descreve o trabalho psíquico envolvido no movimento corporal dos bebês comuns, a partir da observação de vídeos de crianças em atividade livre: "É *de fato muito impressionante e emocionante ver a criança se lançar em um verdadeiro trabalho psíquico: tudo se passa como se ela tentasse, apoiando-se nas lembranças do recente encontro com o adulto, simbolizar ou pré-simbolizar esses restos mnésicos através da manipulação dos objetos colocados à sua disposição, ou até mesmo de seu próprio corpo*." (Golse, 2003 p 67)

Neste momento, nos perguntamos então o que se passa com aqueles bebês que se tornarão autistas, cujo corpo permanece como meio de descarga das erupções sensoriais, por meio das estereotipias?

A hipótese que algumas autoras irão sustentar é de que "*se a cesura, o fenômeno da separação e a percepção da separabilidade forem vivenciados como laceração traumática* e *ameaça de queda no nada, reações de extrema proteção podem ser mobilizadas, tais como a construção de barreiras autísticas. O objetivo das barreiras autísticas é proteger a criança contra o risco de ocorrerem mudanças catastróficas, mas elas também a impedem de ter a experiência de ser um corpo, um corpo nascido separado com estrutura cada vez mais sólida e de vir a se conhecer como entidade corporal viva, um ego corporal*." (Maiello, 2015).

Vale ainda apresentar a distinção entre as noções de esquema corporal e imagem de corpo desenvolvida por Françoise Dolto, segundo a qual o esquema corporal funciona como intérprete da imagem inconsciente do corpo, esta última entendida como memória de todo o vivido relacional desde as experiências iniciais do bebê com seus cuidadores. A imagem inconsciente do corpo, segundo a autora, pode ser considerada a representação psíquica das sensações corporais, dos ritmos, das narrativas, das experiências de satisfação e frustração envolvidas nas trocas entre o bebê e seus cuidadores.

A partir de suas experiências clínicas, Dolto propõe que *nos pacientes autistas a atividade simbolizante e representativa da imagem corporal está adormecida*. Ou seja, as dificuldades motoras precocemente identificadas em bebês que se tornaram autistas, relacionadas ao tônus muscular, à simetria e às estereotipias podem sinalizar impasses nos processos representacionais e simbolizantes das experiências emocionais na troca com os outros. Neste sentido, estas dificuldades anunciam que na falta de uma possibilidade de ligação psíquica conveniente, a excitação se descarrega pela estimulação do corpo. Como se justamente as dificuldades dos autistas fossem de constituir traços mnésicos das representações do outro, de si e das suas interações.

Do ponto de vista das estratégias clínicas, partirei das proposições de Anne Alvarez, segundo a qual, com pacientes acometidos por graves problemas psíquicos, a receptividade e continência dos estados emocionais primitivos vividos na relação transferencial podem se mostrar abordagens clínicas insuficientes, demandando do analista ações de resgate e reinvindicação ativa de sua presença, que irão ajudá-los a reconhecer não apenas a existência dos outros, mas sua própria. Esta abordagem a autora chamou de *reclamação* e a desenvolveu a partir de suas experiências contra-transferenciais com pacientes autistas, nas quais sentia uma *terrível urgência,* como se ela (terapeuta) funcionasse temporariamente "*como a totalidade do self do paciente - isto é, não apenas como o ego racional pensante, que escolhe, e também não apenas como o self infantil dependente, mas como algo possivelmente anterior a ambos: o próprio sentimento de estar vivo*" (Alvarez, 1992: p.67). A autora destaca que a ação analítica de reclamação assemelha-se à função reivindicatória, reclamativa das mães comuns que buscam ativamente seus bebês para a interação, provocando-o, entretendo-o e brincando com ele para retirá-los de estados nos quais eles se encontram retraídos. Destaca, então, a importância de o analista na clínica com crianças com sofrimentos psíquicos também se oferecer como uma companhia viva, que chama o seu paciente para a relação, produzindo, por meio de sua voz, da música e de suas proposições "cordas salva-vidas" para resgatá-los de estados em que não estão conscientes do mundo humano exterior e de si.

Em resumo, a hipótese que proponho é de que nos casos de crianças com grave sofrimento emocional e problemas motores, a atividade simbolizante e representativa da imagem corporal está comprometida e a abordagem clínica psicanalítica com mães e bebês, via processos de transformação das experiências emocionais primitivas vivenciadas na relação transferencial com aquela dupla (Bion) e de reinvindicação ativa do analista pelo bebê (Alvarez) constitui via importante do despertar do circuito de trocas do bebê e dos processos de simbolização. Enfatizarei ainda que, nas psicoterapias mãe-bebê, a via de construção do espaço de separação entre as duas partes terá que ser precedida pelo re(estabelecimento) da qualidade da presença materna, isto é, da construção do ritmo

intersubjetivo, da apresentação de objetos intermediários (tutores), como os brinquedos e a palavra, que permitirão ao bebê que inicie o processo de representação e simbolização da ausência ainda na presença (Guerra, 2015).

Abordarei estas questões a partir de um caso clínico de atendimento mãe e bebê, que chamarei aqui de A. Ele é irmão mais novo de uma criança que tem diagnóstico de autismo. Apresenta sinais de sofrimento, caracterizados por restrito engajamento na relação com sua mãe, pobreza na expressividade afetiva e limitações motoras. Aos 10 meses, idade de início do atendimento, o bebê tinha hipotonia nos membros inferiores e hiper-estimulação do tronco e da cabeça, na forma de balanceios e agitação dos braços.

Na avaliação inicial este bebê ficava entretido em um carrinho que sua mãe lhe oferecia. Ela o empurrava e, enquanto o carro se movimentava, ele se excitava, balançando seus braços com muita intensidade e emitindo um som. A mãe, percebendo o interesse de seu filho no movimento, repetia este gesto inúmeras vezes, sem variações. Durante esta "brincadeira", a mãe estava próxima dele, narrava o seu interesse pelo brinquedo e permanecia atenta a seus sinais. Ela percebia o quanto ele gostava deste movimento. Sua voz e postura corporal demonstraram satisfação quando, pela única vez, ele olha para ela e sorri. Contudo, é marcante a predominância do olhar do bebê para o objeto e como foram raros os movimentos de procura pela mãe para dividir sua experiência de prazer.

No momento em que fui chamá-los na sala de espera, escuto a mãe relatando suas preocupações às outras pessoas que ali se encontravam. Sua fala era transbordante, todos na sala ouviam-na e davam conselhos, enquanto ela alimentava seu bebê. Me perguntei como aquele bebê respondia às inundações produzidas pelo estado emocional materno? Ao mesmo tempo, me indaguei como esta mulher poderia estar disponível para funções maternantes diante de tamanho sofrimento?

Inicia as sessões com longos relatos sobre seu esforço para oferecer ao filho mais velho todas as oportunidades terapêuticas que encontrava a sua disposição. Tratava-se de uma peregrinação diária aos tratamentos e o bebê, neste cenário, era acompanhante e assíduo frequentador das salas de espera. O maior investimento materno era voltado ao mais velho, cujo diagnóstico havia sido vivido com dor. Perguntava-se sempre se era ela que havia produzido esta doença no filho. A ausência de clareza sobre a etiologia da doença a deixava angustiada e a fantasia de que ela o teria estragado, possivelmente produzia a necessidade de intensa reparação.

Em uma das sessões, chega muito aflita, relatando sua ida ao pronto-socorro, após ter deixado seu bebê cair de cima do trocador. Relata que este evento ocorreu em meio a uma briga com o marido, na qual ele teria dito que iria se ausentar por alguns dias de casa. Revela o desespero que ficou diante do pensamento de que o teria machucado. A., por sua vez, fica muito quieto nesta sessão, batendo um brinquedo no outro, sem vocalizar, nem convocar qualquer uma de nós. Nesta sessão, após escutar a mãe, conto para ele: "*Puxa, que medo que a mamãe sentiu de ter machucado você. Ela estava muito chateada com o papai, se sentindo abandonada por ele e ficou muito tensa. Você deve ter ficado assustado vendo a mamãe assim, naquele lugar cheio de pessoas mexendo em você, mas mostrou para ela que está bem e que ela já pode se tranqüilizar. Ela veio aqui junto com você para que a gente possa cuidar de vocês dois*". Quando passo a conversar com o bebê, a mãe vai se acalmando e o olhar dele para mim se torna um pouco mais freqüente.

A mãe inicia a sessão seguinte contando sobre um novo evento difícil vivido no fim de semana, seus desesperos e sua sobrecarga. Pensamos juntas também em como incluir o pai para participar do cuidado dos filhos. Sua entrada, contudo, só vai se dar, ainda que de modo restrito, após dois meses, quando a separação realmente se efetivará e ela, tendo ampliado sua condição de pensar seus estados emocionais, conseguirá exigir dele que cuide do mais velho nos fins de semana.

Nestas sessões iniciais, a fala materna carrega nível de angústia elevado e suas frases são engatadas uma na outra, sem intervalos. Nestes momentos não havia receptividade aos sinais do bebê, nem qualquer iniciativa de interação com ele. Demonstrava necessidade de ser contida, ela mesma na sua condição de mulher e do bebê existente nela, antes que a chamássemos para a relação com seu filho.

Enquanto a terapeuta e a mãe estavam absorvidas na conversa, o bebê ficava em silêncio, sentado em seu canto, mexendo em alguns brinquedos, sem buscar o olhar ou o contato com qualquer uma de nós. Atenta ao

estado de retraimento agudo do A., digo: "*Quando a mamãe está neste estado, muito preocupada e se sentindo insegura, você fica mais distante, mais longe*." Desta vez ele não me olha e não me parece ter sido receptivo a minha fala. A mãe segue falando das dificuldades motoras dele e eu comento como seus dois lados me parecem desintegrados. Um lado não acompanha o outro. Enquanto isto ele está com um copinho em uma mão e a outra fica solta no ar. Entrego a ele um copinho do lado da mão solta e este, unindo-os, começa a bater um copo no outro: Fico surpresa e começo a imitá-lo em suas batidas nos objetos. Antecipo de que está batucando, sugerindo identificação dele com a mãe que é musicista. Falo pelo bebê: "*Nossa mamãe, eu gosto muito de batucar. Gosto de música como a minha mamãe*!". Ele parece gostar muito deste jogo que estabelecemos e ao perceber sua resposta afetiva intensa diante de meu batuque, começo a cantar músicas do meu repertório próprio. Seu gesto de exploração sensorial que antes fazia com um brinquedo, parecia ter se transformado em uma brincadeira, na qual ora eu iniciava a música e ele me acompanhava, me olhando e batucando, ora ele me chamava para tocarmos juntos.

Foram trocas ricas e marcantes, que me sugeriam que algumas marcas, ainda que iniciais, estavam sendo inscritas. Contudo, quando eu me excedia nas reinvindicações, ele se fechava e se autoestimulava como descarga de suas excitações, o que sugeria que a atividade reinvindicatória do terapeuta precisa ser calibrada face aos ainda incipientes recursos que eles tem para regular suas emoções.

O nosso encontro, por meio da minha receptividade aos estados emocionais que emergiam na transferência e da possibilidade de transformá-los e contê-los, parece ter ajudado a promover a integração da experiência sensorial, articulando o som das batidas, os movimentos do corpo, a voz e o olhar. Isto parece ter permitido que se estabelecesse um ritmo entre os estímulos oferecidos pela terapeuta, a resposta pelo bebê e, por fim, a sua iniciativa de recomeçar a brincadeira.

Diria, contudo, que o elemento mais importante desta interação, tenha sido o prazer que ele percebeu que causava em mim, durante as nossas interações, e que eu fazia questão de acentuar pelo tom da minha voz, atribuindo a ele uma série de saberes e de competências como o "baterista" e o amante da música. Este jogo estabelecido entre nós assemelha-se ao que Julieta Jerusalisnky chamou de jogos constituintes: "*Esses jogos têm a peculiaridade de não ser nem só do bebê nem só da mãe, mas criações produzidas no laço mãe-bebê. A mãe sustenta a possibilidade de tais produções e até mesmo suscita que sejam postas em ato, e, quando o bebê entra no jogo, quando nele engaja gozosamente seu corpo, a mãe passa a atribuir a ele a autoria, o saber sobre tais produções*". Assim, começaram a se estabelecer trocas nas quais transitamos entre posições, ora um iniciando ora o outro.

No decorrer das sessões, F. estabelece mais frequentemente trocas prazerosas comigo, buscando-me para brincar de esconde-esconde e dar "deliciosas comidinhas" na minha boca. Como se estivesse gostando de me produzir prazer. Se estabelece na relação comigo o terceiro tempo do circuito pulsional, que Marie-Christine Laznik tem acentuado como tempo que não se instaura nos bebês que se tornarão autistas e cujo reestabelecimento é tido como aspecto fundamental do trabalho analítico.

Fico com a hipótese de que o olhar da mãe e sua voz estavam ainda muito carregados, o que produzia evitação do contato pelo seu bebê. Ela, percebendo como a interação comigo estava forte, me disse: "*Onde você aprendeu estas músicas, são tão lindas!*". Fico tocada como ela, profissional da música, flautista e violinista, estava com sua vitalidade rítmica e musical esvaziada.

Aos pouco, a mãe amplia a modulação de sua voz, que passa a captura-lo e começam a estabelecer brincadeiras juntos. Do lado da mãe, houve aumento da sua condição de identificar o ciclo negativo que se estabelecia entre eles, e o reconhecimento dos momentos em que ele estava mais fechado e o que o ajudava a se abrir para a interação. Os atendimentos favoreceram a ampliação de sua disponibilidade lúdica, permitindo que ela recuperasse sua criatividade, sua ritmicidade e vivacidade. Aos poucos começou a cantar e propor brincadeiras, o que permitiu que eu recuperasse um outro lugar se sustentação, não mais de proposição direta de repertório. Refere que pode criar em casa um cantinho de brincar para seu bebê.

De modo geral, os atendimentos parecem ter ajudado a mãe a discriminar melhor seus estados emocionais dos de seus dois filhos, e discriminar suas representações de um e outro, bem como a criar condições para que ela pudesse integrar suas experiências e diminuir suas ansiedades. Do lado do bebê, observou-se que

comportamentos auto-eróticos de sugar os pés, as mãos e os objetos foram se intensificando, acompanhados da aquisição, aos 14 meses, da capacidade de engatinhar e de fazer gracinhas para chamar a atenção da mãe. Aos 16 meses começou a andar. Atualmente apresenta um princípio de atividade simbólica, onde representa a separação, e o jogo da presença e ausência, como pode ser expresso pelo seu interesse por pintinhos e uma galinha da sala de atendimento, com os quais brinca de trazê-los para a mãe e para mim. Por meio deste caso, é possível identificar contribuições do atendimento psicanalítico, para o processo de subjetivação de um bebê com sinais de sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, A. (1994) **Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas**. Porto Alegre: Artes Médicas.

GOLSE, B. (2003) **Sobre a psicoterapiapais-bebê: narratividade, filiação e transmissão.** Trad. bras. Inês Catão. 1ª ed. (Coleção 1ª Infância) São Paulo: Casa do Psicólogo.

JERUSALINSKY, j. (2011) A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê .Salvador, BA: Ágalma, col De calças curtas.

LAZNIK, M. C. (2004) **A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, 2004.

Maiello, S “ Le corps inhabité de l›enfant autiste ”, *Journal de la psychanalyse de l'enfant* 2011 (Vol. 1).

Julia Garcia Durand
Psicóloga, pos-doutoranda do Instituto de psicologia da USP.
Fez especialização em psicologia da saúde na UNIFESP. Trabalhou por 6 anos no CRIA-UNIFESP.

DISFLUÊNCIA, DIFICULDADE DE ARTICULAÇÃO E *ACTING OUT*: UM DIZER QUE TRANSBORDA

Lia Lima Telles Rudge

RESUMO

Este artigo discute algumas sutilezas da clínica psicanalítica com crianças que apresentam desordens na fala, a partir do caso de um menino encaminhado para análise porque não conseguia transportar as significativas conquistas que alcançou durante um tratamento fonoaudiológico para outros contextos. Em análise trabalhou-se o caráter sintomático da disfluência e da dificuldade de articulação que persistiam em sua fala, coexistindo com gestos obscenos, ou agressivos, transbordamentos corporais e uma tendência a *acting outs*. A escrita deste caso busca elaborar os manejos transferenciais desta clínica que requer que o Outro – seja a analista ou a fono - ocupe o lugar de interlocutor privilegiado, tomando os gritos, os gestos e as atuações turbulentas da criança como mensagens endereçadas, permitindo que ela possa sustentar sua palavra.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise com crianças; desordens na fala; disfluência; *acting out*.

CASO BRUCE

O primeiro traço que me chamou a atenção neste paciente é que a dificuldade que apresentava para articular alguns fonemas como rê e grupos de r não comparecia quando enunciava seu nome, que contém, em sua primeira sílaba, um grupo de r. Tal peculiaridade sugeria que os obstáculos que enfrentava na função da fala não envolviam exclusivamente um comprometimento fono articulatório, apontando para outras determinações. Para transmitir tal ideia, escolhi designá-lo como Bruce.

ANTECEDENTES DA ANÁLISE

Aos seis anos, por indicação da coordenadora de sua escola, Bruce iniciou um tratamento fonoaudiológico, em função de uma disfluência e de uma dificuldade de articulação. Para a fono, a coordenadora acrescentou que Bruce apresentava "forte agitação que interferia no seu comportamento". A fono conta que nas primeiras sessões um elemento disto que poderia ser reconhecido como uma agitação veio à tona: Bruce abriu a janela e começou a gritar. Ela acolheu este movimento, por entendê-lo como uma via de expressão naquele primeiro tempo de constituição de um laço entre eles. Trata-se aí de uma aposta clínica que dialoga muito bem com a psicanálise, pois compartilha o pressuposto de que a sustentação da fala se dá quando alguém, seja a fono ou um analista, ocupa o lugar de interlocutor privilegiado que toma os gritos e as vocalizações da criança como apelos aos quais responde, inclusive através do seu silêncio. É somente por meio desse processo que manifestações que originalmente poderiam ser da ordem da descarga motora e emocional, adquirem o estatuto de demanda endereçada ao Outro, não o outro semelhante, mas alguém que encarna uma ordem simbólica para a qual a fala se dirige e a partir da qual ela é interpretada.

Paulatinamente, exercícios fonoaudiológicos mais sistematizados puderam ser introduzidos, o que resultou em conquistas significativas por parte de Bruce: na respiração, na postura assumida durante a emissão de mensagens, na possibilidade de discriminar fonemas, reproduzi-los e começar a escutar seus erros ou tropeços na articulação dos mesmos. Contudo, quando Bruce se encontrava no ambiente familiar ou escolar, algo travava sua fala ou a tornava incompreensível. Assim, após um ano e meio de tratamento, a fono recomendou que ele passasse por uma avaliação psicanalítica para investigar se este problema estava conectado a sua estrutura subjetiva.

ENTRADA EM ANÁLISE: DA DISFLUÊNCIA E DA DIFICULDADE ARTICULATÓRIA AOS PALAVRÕES, GESTOS DISRUPTIVOS E *ACTING OUTS*

Na primeira entrevista o pai de Bruce, preocupado com os obstáculos que o filho encontrava para falar e se fazer entender, diz: "O que parece é que ele fracassa na fala. Isso pode significar um limite do tratamento fonoaudiológico?". A mãe questiona: "Ou seria um problema da linha desta fono? Não seria mais interessante Bruce experimentar outro tipo de terapia fonoaudiológica? Uma análise é mesmo necessária?". O pai indaga se as provocações que o irmão de Bruce dirigia a ele poderiam contribuir para desorganizar sua fala, pois ele era constantemente interrompido. A mãe pergunta-se por que Bruce era carinhoso em algumas ocasiões e hostil e explosivo em outras.

Ao conhecer Bruce, percebi que a disfluência de sua fala se intensificava conforme ele se queixava de uma impotência para convencer a mãe da veracidade de suas palavras, alegando que para ela seus argumentos precisavam ser comprovados, através do testemunho de um terceiro, ou de uma prova palpável. A primeira hipótese que orientou este tratamento foi que a disfluência de Bruce funcionava como uma inibição, uma dificuldade importante que o fazia sofrer, cujo caráter sintomático foi trabalhado na medida em que tal inibição se converteu em sintoma analítico. Vejamos:

Nas primeiras sessões Bruce também buscou me persuadir: de que nada conseguiríamos juntos. Fiquei um tanto capturada pela sensação de impotência, mas logo percebi que face às suas hesitações, eu deveria evitar silêncios prolongados e paralisantes, inventando alguma forma de responder e dar credibilidade ao que ele se esforçava por me dizer. Numa sessão aconteceu uma mudança significativa no discurso de Bruce: chegou bastante angustiado, porque só lhe restava uma hora para confeccionar uma peruca que precisaria levar para participar de uma gincana na escola; no seu sofrimento, escutei uma abertura, pois ao se confrontar com demandas e limites, não recuava com o habitual "não dá". Retorno sua mensagem: "Você tá dizendo que só terá uma hora... Quando chegar em casa? Você não gostaria de aproveitar o tempo que temos aqui, pra dar uma olhada nos materiais e ver se podemos fazer juntos o que precisa?". Ele topou e a partir daí seu engajamento na análise foi outro, estabelecendo comigo uma relação de parceria, confiança e intimidade que não deixava de abranger silêncios produtivos, desafios e uma agressividade com tonalidade irônica. Ficou empolgado com a possibilidade de responder com um estilo singular às demandas que lhe eram propostas. Cria bandeiras, pulseiras com elásticos, tranças, objetos não mais aprisionados a modelos pré-estabelecidos, mas que podiam ser improvisados, reformulados e descartados. Deixa de fazer comparações entre os espaços da fono e da análise que, ao invés de permanecerem estanques, ou rivalizar, passaram a se conectar na elaboração das questões que ele trazia. Assim, sua fala e suas produções começaram a circular/fluir da análise para casa, de casa para a fono, da fono para a análise.

Se em sua fala disfluente Bruce parecia muito econômico e hesitante ao enunciar palavras, tal posição se alternava com uma dificuldade de articulação que também tomei como sintomática: fala que se solta e se destrava e, ao mesmo tempo, para ultrapassar a censura, perde os elos entre seus elementos constitutivos, tornando-se incompreensível. As dificuldades que Bruce apresentava na função da fala – disfluência e dificuldade de articulação - eram compensadas por uma linguagem gestual muito desenvolta e até despudorada. Por esta via ele se fazia ver, escutar e reconhecer como um menino grande, enunciando palavrões em alto e bom som, cantando raps em português e em inglês, acompanhados por danças, gestos obscenos ou agressivos. Deste vasto repertório simbólico, dei um valor destacado aos palavrões, considerando que, apesar de seu sentido de injúria, estavam mais do lado da fala do que do corpo e do ato, envolvendo um trabalho considerável de representação da pulsão, submetendo-a ao pacto civilizatório. Quando escutava um palavrão, eu o repetia, perguntando o que Bruce queria dizer. Quando ele se dava conta de que estava reproduzindo palavras cuja função ofensiva só captara a partir da entonação, já que ignorava o seu significado, eu o convidava a pesquisá-las no dicionário. Descobrimos usos inusitados.

Frente aos gestos agressivos e obscenos de Bruce, evitei encarnar uma voz crítica e feroz, procurando improvisar respostas que produzissem um corte, ou interdição, mas que preservassem a dimensão de surpresa e prazer que ele introduzia em suas provocações e um tom lúdico que o convocasse a se escutar. Numa dessas situações, Bruce deitou no divã, levantou para pegar uma fita crepe, voltou a deitar, colocou a fita crepe na boca,

abaixou um pouco a calça e soltou um pum. Pontuei: "É curioso o que você faz: tampa a boca, abaixa a calça, solta sons pelo ânus e não pela boca, troca palavras por puns. Que troca é esta? Acho que isso não vai nos levar muito longe. Você não acha mais interessante fazer algo mais produtivo?". Retirou o tampão da boca e disse: "Sim".

O que me deixava inquieta neste caso é que, mesmo quando o discurso de Bruce se tornava mais claro, subitamente ele era tomado por um tipo de atuação que surpreendia e desestabilizava o ambiente. Numa sessão após as férias, por exemplo, ele voltou muito animado, contando suas descobertas durante uma viagem, designando e localizando com precisão as cidades por onde passou, descrevendo detalhes de seu relevo e atmosfera. Alguns pontos do relato chegaram a ser poéticos: a aproximação de um vulcão que não estava extinto; o banho no lago de águas calmas, geladas e transparentes. Explora diferentes recursos da língua para, ao mesmo tempo, transmitir a intensidade de suas emoções e conferir verossimilhança/credibilidade a seu discurso. Fiquei tão tocada com sua narrativa que telefonei para sua mãe para compartilhar minha impressão sobre os promissores efeitos que as experiências vividas em família produziram na fala de Bruce, que estava mais encarnada, articulada e fluente. Na próxima semana, recebo um recado da mãe de Bruce contando que ele faltaria porque na véspera teve uma queda, sem maiores consequências, exceto o susto acarretado nele próprio. Quando liguei para ela, explicou que, pela primeira vez, autorizara o filho a brincar com os amigos no térreo do prédio, sem a presença da babá, porque ele insistiu, alegando que "só jogaria futebol". Contudo, ele acabou subindo num lugar alto e caiu. Ela se perguntou então: "Por que subiu lá se sabia que era perigoso?". Quando encontrei Bruce, retomei esta pergunta e ele a manteve em aberto, fez um desenho e o assinou, parecendo se assumir neste ato enigmático, um dizer que não estava em seus ditos.

A psicanálise designa como *acting out* esses atos aparentemente incompreensíveis, cuja qualidade simbólica só pode ser reconhecida se forem considerados como parte de uma cena, onde o sujeito atua uma fantasia ou desejo, desconhecendo sua natureza repetitiva. Na cena descrita anteriormente, se por um lado Bruce podia aceder a uma posição de menino grande quando sua mãe finalmente dava crédito a seu desejo e condição de autonomia expresso no enunciado "Posso descer sozinho"; por outro lado ele ainda não conseguia sustentar o movimento de separação aí implicado, já que sua queda convocava a presença materna, confirmando a fantasia que assombrava a mãe de que seu filho correria riscos na sua ausência.

Numa outra sessão Bruce chega muito angustiado e vai direto ao assunto: "Lia, preciso te dizer uma coisa: fiquei muito agitado ontem, bati a mão no óculos de minha mãe, ele caiu e quebrou (...) Ela tava lendo um livro (...) Chamei ela muitas vezes, por que ela não me olhava?". Ao se confrontar com a ausência do olhar materno, Bruce a chama, ela não lhe dirige seu olhar, nem palavras; ele parte para o ato atualizando a fantasia: um objeto precioso pode sofrer danos. Neste circuito se desencadeia a agitação de Bruce, da qual ele começa a se apropriar, pois a inclui num discurso em primeira pessoa: "fiquei (...) agitado".

Quando a mãe de Bruce telefonou para contar os fatos já abordados por ele, eu a convidei para nossa próxima sessão. Ao entrarem, dirigiram-se ao divã. Bruce deitou, mexendo as pernas agitadamente, quase atingindo o rosto da mãe. Ela permanecia sentada, parecendo imperturbável; falava para mim, sobre Bruce, sem dirigir o olhar, nem a palavra a ele. Quem ficou angustiada fui eu: falei continuamente na tentativa de promover uma conversa entre mãe e filho. Só depois elaborei tais observações, quando me pus a pensar sobre meu ato falho: ao me voltar para Bruce eu o chamei de filho. Ao me ouvir, fiquei surpresa, constrangida e me calei. A mãe olhou para Bruce e lhe disse: "Parece que você tem agora duas mães". Ele a olhou com bastante ternura, como se esta designação e este reconhecimento fosse o que esperasse dela.

Penso que meu ato falho funcionou aqui como um ato analítico, pois produziu um giro no discurso da mãe: ela não apenas passou a falar para Bruce e dirigir o seu olhar a ele, como realizou, ela própria, aquilo que Austin designa como ato ilocucionário: um ato ao dizer. Através da declaração "Você tem agora duas mães", ela se assumiu como mãe de Bruce e me reconheceu como parceira nesta tarefa.

Bruce narra em outra sessão mais um episódio que o deixou "agitado": "Fiz uma pergunta pra minha professora e ela respondeu 'Quem te perguntou?' Ela não tem o direito de dizer isto, eu posso perguntar coisas pra ela sim". Apesar de afirmar o direito de fazer perguntas, Bruce ainda não conseguia sustentar tal desejo. Assim, ao invés de se fazer escutar endereçando queixas à coordenadora da escola como cogitou em análise, atuou: atrasou

na entrega de um livro na biblioteca, mesmo sabendo que implicaria numa pequena multa; apelou para os pais pagarem sua dívida, mas eles sustentaram que descontariam de sua mesada; ficou transtornado ao devolver o livro e efetuar o pagamento, berrando palavrões. Observando sua desorganização neste momento, a coordenadora da escola optou por não intervir até conversar comigo e com a fono, para esboçarmos coletivamente uma leitura desta situação e estratégias para abordá-la.

Em análise, quando Bruce trazia suas queixas ou curiosidades, eu apostava que por essa via ele começaria a se perguntar. Numa sessão notei o tom menos reivindicativo e mais indagativo de seu discurso. Fez uma caixinha com tal aprimoramento, que tentei reproduzi-la, mas rapidamente interrompi tal exercício. Observando minha hesitação perguntou: "Que aconteceu?". Respondi: "Acho que não passei cola o suficiente, não consegui colar". Retomou este ponto na sessão seguinte: "Lia, quando você disse que não conseguiu você não conseguiu mesmo? Ou isto é parte do tratamento?". Respondi: "Puxa! Não sei... De fato tenho te mostrado que nem sempre a gente consegue algo, mas, naquele caso... não consegui mesmo". Respondeu: "Na minha família ninguém fala isto". Bruce começa a se posicionar como alguém que não apenas fala, mas também escuta, lê no que o outro lhe diz, ou no que ele enuncia um sentido surpreendentemente construído a partir da relação entre o enunciado e seus possíveis significados e a direção dessa enunciação: por que, para que, para quem, em nome do que se diz algo? Como diz Lacan no *Seminário 11* (2008/1964, p. 209): "Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança (...) ele me diz isso, mas o que é que ele quer? (...) O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso (...)". Nesse ponto de falta onde a criança lê o desejo materno pode se constituir o desejo do sujeito. Trata-se de um ponto de torção essencial para engatar a fase de saída da transferência.

PERSPECTIVA DE FINAL DE ANÁLISE

Conversando sobre o final da análise, Bruce se reporta a um livro sobre um grupo de adolescentes que se envolve com uma droga da obediência, cujo perigo consistia em tornar seu usuário "fiel como um cãozinho". Refere-se a cobaias em tratamentos e à tentativa de domesticar. Conclui: "Por isto estou aqui, por causa da fala, da desobediência, minha mãe fala, não obedeço". Dá um sentido singular e se apropria de seu sintoma, enquanto resposta à fala ou demanda materna. Finalizamos com perguntas:

A fala tem que ser seguida pela obediência, ou por seu contrário, a desobediência? Escutar é obedecer? Falar é ordenar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J.L. (1962). *Quando dizer é fazer – palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho.

FREUD, S. (1926/1925). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. V. XX.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____(1962-1963). *O seminário, livro10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____(1964-1965). *O seminário, livro11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

OLIVEIRA, L. F. L. (2002). *Injúria – A pulsão na ponta da língua*. Ijuí: Ed. Unijuí.

VIVÈS, J. M. (2016). "A improvisação materna". Tradução livre disponível na Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. São Paulo, 2016.

Lia Lima Telles Rudge
Psicóloga pela USP, Psicanalista pelo Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae, membro do Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae e do Grupo Acesso: Estudos, Intervenções e Pesquisa sobre Adoção da Clínica Psicológica do Sedes.

O COMPLEXO DE ÉDIPO NA HISTÓRIA: DE SEU INÍCIO ÀS "NOVAS" CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Érica Silva do Espírito Santo
Jhonatan Jeison de Miranda
Julinéia Soares
Marcus Vinicius Neto Silva
Olívia Loureiro Viana

RESUMO

Recentemente, o debate sobre as novas formas de relações familiares ou novas estruturas de parentesco tem se intensificado. Tal acentuação se dá, em parte, devido à luta pela legalização de modelos familiares diferentes dos tradicionais, como é o caso das famílias formadas por pessoas do mesmo sexo/gênero. Diante dessa questão, a psicanálise se vê convocada a se posicionar.
O questionamento das novas configurações coloca em foco um dos pilares da teoria psicanalítica: o complexo de Édipo, que em sua concepção clássica, era amparado por um modelo bastante específico de família burguesa, composto por pai, mãe e crianças.
Com isso em vista, abordaremos inicialmente autores contemporâneos, como Marie Helene Brousse e Eric Laurent, para elencar alguns posicionamentos atuais acerca do tema. Em seguida, recorreremos a autoras pioneiras da psicanálise, como Helene Deutsch e Karen Horney, com o intuito de investigar se e como a questão dos arranjos familiares era tratada no início do século XX.
A retomada da obra dessas autoras tem por objetivo: questionar se a discussão sobre configurações familiares é realmente nova; recuperar a potência da produção de autoras importantes na construção da psicanálise; interrogar sobre quais forças motivam sua invisibilização sistemática.
O presente trabalho se insere no eixo Complexo de Édipo, mais especificamente no que se refere a discussão sobre Novas Configurações Familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Complexo de Édipo, novas configurações familiares, pioneiras da psicanálise, gênero

O complexo de édipo ocupa, tanto na psicanálise freudiana quanto na de seus herdeiros, um lugar de destaque. Entretanto, ao longo dos anos, seu lugar foi se deslocando do centro da teoria para a periferia. Se para Freud (1923/1996) o supereu era "o herdeiro do complexo de Édipo" (p. 48) e, portanto, a própria participação dos indivíduos na cultura dependia de seu desfecho, aos poucos ocorre um recuo para momentos anteriores ao drama edípico, e é colocada cada vez mais ênfase nas relações pré-edipianas da criança. Paralelamente a isso, também é possível notar que as figuras de pai e mãe, tão importantes para pensarmos a trama do Édipo, são de algum modo tornadas mais flexíveis. Brousse (2010) chega a afirmar que, para Lacan tanto o pai quanto a mãe não passam de funções[1].

A utilização do complexo de Édipo como chave de leitura para a compreensão das novas configurações familiares divide os autores contemporâneos. Parte desses autores, como Rodriguez e Gomes (2012), movidos principalmente por um esforço de compreender os arranjos familiares contemporâneos, percebem que o modelo edípico pode não ser mais suficiente para pensar toda a ampla gama de questões que tais configurações familiares levantam. Essas autoras, a partir da homoparentalidade, questionam tanto o modelo de complementaridade presente nas relações entre feminino e masculino quanto o complexo de Édipo como estruturante de identidades e subjetividades.

1 A autora investiga esse tema mais a fundo, demonstrando que, se acompanharmos o ensino de Lacan, o veremos ainda transformar esse modelo estrutural em matemas, o que, a nosso ver, marca ainda mais esse afastamento do modelo edípico que servia de guia ao raciocínio freudiano.

Ela [homoparentalidade] só poderá adquirir outro status, mais próximo da normalidade, se aceitarmos outra lógica como constituinte do ser humano, ou seja, aquela assentada na supremacia dos vínculos e funções, independentemente do sexo biológico de quem as exerça. Sendo assim, a ênfase na triangulação edípica recairá na estrutura de exclusão que a constitui e no lugar que cada um ocupa, bem como na transmissão decorrente dessa nova maneira de conceber o conceito. (Rodriguez & Gomes, 2012, p. 34).

Por outro lado, vários autores (Costa & Queiroz, 2011; Ferreira, Silva & Donelli, 2012; Oliveira e Darriba, 2015; Teixeira, Parente e Boris, 2009) adotam um tom alarmista, muitas vezes insinuando que a flexibilização dos papéis exercidos pelo pai e pela mãe causaria prejuízo em sua execução, resultando em certos tipos de sintomas ou distúrbios. Em certos momentos, os textos apresentam uma postura moralista, mesmo que de modo discreto.

Pensando nestas mudanças, Brousse (2010) propõe que possamos recorrer ao termo parentalidade, que serviria para pensar esse cenário em que a autoridade paterna já não predomina. Em sua visão, há um apagamento da diferença entre as funções paterna e materna (que anteriormente poderiam ser pensadas como complementares, em alguma medida). A partir de Brousse (2010) podemos deduzir que o próprio modelo edipiano entra em colapso, já que ele se assenta nessa diferença.

Esse argumento, de que o modelo edípico talvez esteja em declínio, ou de que o complexo de édipo já não é capaz de elucidar as configurações atuais de parentesco pode esconder uma outra hipótese muito mais interessante: a de que o complexo de édipo tenha operado, desde sua formulação, muito mais como um ideal do que como uma descrição de um arranjo familiar que teria existido de fato nos tempos de Freud.

Para investigar tal hipótese, podemos voltar nosso olhar para a produção psicanalítica das décadas de 1920 e 1930, período de intensos debates sobre a universalidade do Édipo e questionamentos sobre o que era visto como centralidade do édipo masculino na teoria.

AS CRÍTICAS AO MODELO EDIPIANO NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

A teoria freudiana do complexo de Édipo foi sendo construída em etapas não muito facilmente detectáveis em sua obra. É possível localizar referências ao mito de Édipo já em suas cartas a Fliess[2], e, mais evidentemente, em "A Interpretação dos Sonhos" (1900). Descrito em termos gerais[3], a criança experimentaria sentimentos amorosos com relação ao genitor do sexo oposto e sentimentos hostis dirigidos ao genitor do mesmo sexo. Dito de outro modo, o menino ama e deseja a mãe, e rivaliza com o pai.

O desfecho desse cenário seria tipicamente o seguinte: o garoto, diante desse conflito, teme uma vingança do pai (na forma de uma ameaça de castração) e devido a isso abandona seus desejos pela mãe. Nesse processo, ele se identifica ao pai, na expectativa de incorporar certos aspectos dele e poder, assim, ter acesso ao seu objeto de amor.

Essa forma de pensar o desenvolvimento sexual e também a construção da identidade da criança, se depara com algumas dificuldades desde o princípio. O modelo utilizado é o menino e supõe-se que, no caso da menina, o mesmo se dê, invertendo apenas o sexo dos seus objetos de amor e ódio. O Édipo da menina seria, portanto, quase idêntico ao do menino.

Durante a década de 1920, algumas autoras começam a questionar essa forma de explicar o Édipo. Partindo principalmente da observação de suas pacientes, percebem que o desenvolvimento da sexualidade feminina não seguia os moldes descritos por Freud e que toda a questão precisava ser repensada. Dentre essas autoras, temos principalmente Karen Horney e Helene Deutsch[4].

---

2 A carta de 15 de outubro de 1897 contém referências a situações da infância do próprio Freud em que ele localiza o amor pela sua mãe e ciúmes do pai. Ali, ele ainda afirma que acredita que tal evento seja universal e completa: "cada pessoa na plateia foi um pequeno Édipo na fantasia" (Masson, 1985, p.272).

3 Conforme havíamos indicado, as descrições de Freud do complexo de Édipo se encontram diluídas ao longo de sua obra. Essa versão um pouco geral que fornecemos pode ser coletada de textos como "O Eu e o Id" (1923), "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924) e "Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos" (1925).

4 Na verdade, outras autoras também contribuíram em maior ou menor escala para esse debate. Poderíamos citar brevemente os nomes de Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick e Marie Bonaparte, que também discutem a sexualidade feminina.

Deutsch se mantém claramente sob a influência do pensamento freudiano, promovendo modificações mínimas nas hipóteses de seu mestre. De toda forma, é possível notar, quando comparamos seu texto de 1925, "The Psychology of Woman in Relation to the Functions of Reproduction", com outro de 1932, "On Female Homosexuality", que seu raciocínio se complexifica e a sexualidade feminina passa a ser considerada de um modo ligeiramente diferente. No primeiro desses textos, ela toma como ponto de partida as afirmações de Freud de que a diferença sexual se constrói em torno de apenas um órgão, o pênis. Enquanto o menino teme que possa perdê-lo ao observar sua ausência nas mulheres, a menina, observando a falta em si mesma, se consola com fantasias de que terá um no futuro, e inveja o órgão do menino. A isso, Deutsch (1925) acrescenta, que a menina também passa por uma fase fálica idêntica à do menino, concentrando libido no clitóris, que faz as vezes de um pequeno pênis. Em seu argumento, a menina deverá abandonar esse investimento e transferir sua libido para uma posição passiva ao mesmo tempo em que também desloca para a vagina a erogeneidade que estava dispersa pelas outras zonas (oral, anal, etc). A autora se serve desse raciocínio para colocar em primeiro plano a capacidade da mulher de ser mãe, o que, de acordo com o desdobramento de suas proposições, seria o caminho ideal para a solução de toda a situação inicial.

Entretanto, em "On Female Homosexuality", Deustch (1932) nota, ao tratar de casos de homossexualidade feminina, que há toda uma série de conflitos que antecedem a situação edípica e as dificuldades da descoberta da diferença sexual. Nesse texto, coloca ênfase nas primeiras relações da menina com a mãe, num período pré-edípico, e chega a propor a ideia de uma inveja oral, fazendo uma espécie de analogia com a inveja do pênis descrita por Freud. Assinala ainda que em muitos dos casos que tratou não foi possível perceber o contraste entre masculino e feminino (ou entre atividade e passividade), de modo que a satisfação estaria na possibilidade de representar um papel duplo.

Embora os questionamentos levantados por Deutsch no texto de 1932 apontem um caminho interessante para pensar num período anterior ao Édipo e à diferenciação sexual, colocando em segundo plano a inveja do pênis e o complexo de castração, ela parece considerar estas proposições como meros apêndices à teoria freudiana. Ela também insiste na maternidade como saída para a mulher diante de uma suposta inferioridade anatômica, o que termina por limitar o alcance inovador de algumas de suas hipóteses.

Karen Horney, por sua vez, é provavelmente uma das autoras que apresenta uma das visões mais críticas à teoria freudiana do complexo de Édipo. Boa parte de sua produção está centrada em temas como sexualidade feminina, a relação entre os sexos, o problema da maternidade e as dificuldades no casamento. Sua crítica ao modelo edípico pode ser pensada principalmente a partir dos seguintes pontos:

1) A suposta equivalência do desenvolvimento pulsional precoce dos meninos e meninas. Com relação a isso, ela levanta questões não somente quanto ao fato de haver apenas um órgão genital em jogo (a saber, o pênis), mas também com referência às hipóteses sobre o desenvolvimento sexual posterior, já que ambos inicialmente experimentariam uma ligação libidinal com a mãe.

2) Uma espécie de naturalização da inferioridade feminina. Isso se daria de modos diversos, mas que ela localiza, por exemplo, na proposição da centralidade do pênis e na equivalência, nada evidente, entre feminilidade, masoquismo e passividade.

Horney se pergunta, em "A Fuga da Feminilidade" (1926/1991), se os paralelos tão bem estabelecidos entre o desenvolvimento sexual da menina e do menino não seriam "talvez a expressão de unilateralidade de nossas observações, por serem feitas a partir de perspectiva masculina" (p. 55). Ela considera as hipóteses freudianas insuficientes para explicar o desenvolvimento feminino e chama atenção para fatores culturais que podem influenciá-lo. De acordo com ela, "devido ao caráter até agora puramente masculino da nossa civilização, tem sido muito mais difícil para as mulheres alcançarem qualquer tipo de sublimação que realmente satisfizesse a sua natureza" (Horney, 1926/1991, p. 66). Na visão da autora, isso alimenta a ilusão da inferioridade constitucional das mulheres, e até mesmo dificulta que possamos discutir psicanaliticamente o tema.

Em outro de seus textos, "A Negação da Vagina" (1933/1991), Horney critica diretamente o que vê como um problema da teoria freudiana. Se o desenvolvimento da menina for de fato igual ao do menino (tanto com relação às zonas erógenas, quanto com relação aos primeiros objetos de amor), seria inevitável a conclusão de

que as meninas "sentem-se inadequadamente equipadas para esta orientação fálica da sua libido e não podem fazer outra coisa senão invejar nos meninos os dotes superiores" (Horney, 1933/1991, p. 145). Ela se posiciona contrária a este tipo de proposição e passa a discutir as bases do desenvolvimento sexual da menina. De certo modo, ela ainda se mantém dentro do campo da psicanálise freudiana (mesmo discordando de alguns pontos), já que ela se esforça por recuperar hipóteses levantadas pelo próprio Freud para contrapor aos argumentos que julga serem incorretos[5].

Horney observa que há casos de meninos que expressam desejos de possuir seios ou de ter filhos, fato geralmente colocado em segundo plano. Para ela, estas manifestações talvez pudessem ser colocadas no mesmo patamar da inveja do pênis localizada nas meninas. A autora insiste, também, que tais manifestações não têm "qualquer influência no comportamento da criança como um todo" (Horney, 1933/1991, p.149). Se considerarmos a disposição bissexual dos seres humanos, então não nos surpreenderemos ao descobrir que "a atitude das crianças quanto ao próprio papel sexual é, de início, incerta e experimental" (Horney, 1933/1991, p.149).

Vemos, portanto, que Horney interpela os psicanalistas da época e tenta chamar a atenção deles para o fato de termos de considerar mais detidamente as influências culturais/sociais na constituição dos indivíduos e também para que possamos extrair da hipótese da bissexualidade as devidas consequências.

Todo o cenário de controvérsias desse período não passou despercebido a Freud. É até mesmo possível que ele já tivesse notado certos aspectos destacados por estas autoras. Podemos ver, por exemplo, em "O Ego e o Id" (1923/1996) que, imediatamente após afirmar que o desfecho do Édipo na menina será idêntico ao do menino, aponta que:

> **(...) de modo algum o complexo de Édipo simples é a sua forma mais comum (...) um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança". (Freud, 1923/1996, p. 45).**

Assim, seria preciso pensar que, tanto no caso de meninos quanto no de meninas, há duas correntes: uma afetuosa dirigida ao pai e agressiva com relação à mãe e outra de rivalidade com o pai e amor dirigido à mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos das tentativas de compreender os arranjos familiares contemporâneos e vimos como eles nos conduzem a diluir cada vez mais as funções exercidas pelas figuras do pai e da mãe. Esse caminho nos afasta de uma perspectiva focada na situação familiar edípica e coloca em questão um dos pontos centrais da teoria psicanalítica freudiana.

Para compreender esse tipo de questionamento, retornamos às autoras que primeiro efetuaram críticas ao modelo edipiano, baseadas principalmente num estudo da sexualidade feminina. Parece-nos que a produção das autoras discutidas, mesmo encontrando certas limitações, aponta o caminho para uma separação entre as figuras do pai e da mãe e as funções por eles exercidas. Ao mesmo tempo, há todo um questionamento das hipóteses sobre o desenvolvimento sexual da menina que recupera a noção de bissexualidade, dando-lhe um novo fôlego. O que desloca o desenvolvimento psíquico normal da criança de um modelo centralizado no menino.

Além disso, foi possível localizar, na obra de Freud, certos pontos em que ele próprio expõe o caráter esquemático de suas descrições, chamando a atenção para o fato de que, na realidade, o Édipo é um conceito bastante mais complexo do que inicialmente se poderia supor.

Teríamos então que considerar que o Édipo implica em relações afetivas ambivalentes com ambas as figuras parentais, o que nos parece anunciar a possibilidade de uma relativização das funções exercidas por cada uma das figuras no par parental. Talvez, seja exatamente na percepção de que há algo fluido no estabelecimento dessas

5 Em certo momento, Horney deixa isso explícito e pergunta "posso aventurar-me a colocar Freud contra Freud?" (p.155) Ela contrapõe o argumento freudiano de que o apego excessivo ao clitóris contribui para o desconhecimento da vagina pela menina às hipóteses apresentadas em "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" de que qualquer parte do corpo pode ser alçada à categoria de zona erógena e que até mesmo atividades que originalmente não tinham caráter sexual podem ser erotizadas.

relações da criança com ambos os pais, que possamos amarrar os argumentos de Brousse (2010) levantados no início da discussão. De toda forma, as mudanças culturais que ocorreram desde que Freud formulou suas hipóteses, podem nos ajudar a compreender porque uma diversidade maior de arranjos familiares se torna mais visível.

Também aqui podemos valorizar as percepções de Horney (1926/1991) quanto à pressão masculinista da cultura, que para ela cristalizava o papel feminino e dificultava uma descrição do desenvolvimento da mulher pela teoria psicanalítica. Na medida em que estas exigências culturais se alteraram, a própria teoria psicanalítica pôde se ver um pouco mais livre de tais pressões.

É curioso notar que já na primeira metade do século passado os trabalhos de autoras como Deutsch e Horney colocavam em questão o modelo edípico e abriam espaço para se pensar as "novas" configurações familiares. No entanto, tal expressão surge com o caráter de novidade apenas recentemente e se fundamentam em referências masculinas. Mesmo assim, pode-se dizer que a psicanálise avançou em direção a perspectivas menos reguladas pela dominância dos homens, a qual se ratificava principalmente pelo modelo edípico em sua versão tradicional. Apesar dessas mudanças, como podemos perceber, há ainda autores que se mantém apegados a certos modelos explicativos mais rígidos, que resultam numa patologização dos arranjos que eles consideram como desviantes. Nossa tarefa, como psicanalistas, é não apenas questionar tais visões, mas cuidar para que a psicanálise não se torne instrumento de legitimação de posições e políticas que produzam efeitos de exclusão e segregação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brousse, M.-H. (2010). Un Neologismo de la Actualidad: la Parentalidad. In: M. Torres, G. Schnitzer, & J. Faraoni, *Uniones del Mismo sexo - diferencia, invención y sexuación* (pp. 139-148). Buenos Aires: Grama.

Costa, V. A. S. F., & Queiroz, E. F. (2011). Transtorno de pânico: uma manifestação clínica do desamparo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *31*(3), 444-456.

Deutsch, H. (1924/1948). The Psychology of Woman in Relation to the Functions of Reproduction. In: R. Fliess, *The Psychoanalytic Reader* (pp. 192-206). New York: International Universities Press.

Deutsch, H. (1932/1948). On Female Homosexuality. In: R. Fliess, *The Psychoanalytic Reader* (pp. 237-260). New York: International Universities Press.

Ferrari, A.G; Silva, M. da R.; Donelli, T.S. (2012). A criança e seus pais: alguns interrogantes sobre as funções parentais na atualidade. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, 7(14). Disponível em <www.isepol.com/asephallus>. Acesso em 9 ago 2016.

Freud, S. (1900/1996). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completa de Sigmund Freud* (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/1996). O Ego e o Id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completa de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1924/1996). A dissolução do complexo de édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completa de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1924/1996). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completa de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Horney, K. (1923/1991). A Gênese do Complexo de Castração nas Mulheres. In: K. Horney, *Psicologia Feminina* (pp. 35-50). Rio de Janeiro: Bertrand.

Horney, K. (1926/1991). A Fuga da Feminilidade. In: K. Horney, *Psicologia Feminina* (pp. 51-66). Rio de Janeiro: Bertrand.

Horney, K. (1933/1991). A Negação da Vagina. In: K. Horney, *Psicologia Feminina* (pp. 145-158). Rio de Janeiro: Bertand.

Masson, J. (1985) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.

Oliveira, F. L. G. & Darriba, V. A. (2015). Sobre a transmissão parental do desejo para a psicanálise a partir de um caso de obesidade infantil. *Estilos clin.*, *20*(2), 265-278.

Rodriguez, B. C.; Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia,* 136, 29-36.

Teixeira, L. C.; Parente, F. S.; Boris, G. D. B. (2009). Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina. *Psico*, 40(1), 24-31.

Érica Silva do Espírito Santo
Doutoranda em psicologia, pesquisa sobre Adoção Tardia e Internacional (UFMG 2016-2020), Mestre em Psicologia (UFMG-2014) em que realizou estudos sobre Adoção e Homoparentalidade, Psicóloga Clínica, bordagem psicanalítica (Graduada pela UFMG - 2005).

Jhonatan Jeison de Miranda
Psicólogo (UFMG), especialista em Teoria Psicanalitica (UFMG), mestrando em Psicologia (UFMG).

Julinéia Soares
Psicóloga (UFMG), Mestranda em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG.

Marcus Vinicius Neto Silva
Psicólogo (Newton Paiva), especialista em Teoria Psicanalítica (UFMG), mestre em Psicologia (UFMG), doutorando em Psicologia (UFMG).

Olívia Loureiro Viana
Graduanda em Psicologia (UFMG).

O TRAUMA NO ABUSO SEXUAL INFANTIL

Margarete dos Santos Marques

RESUMO

A partir da escuta um caso de suposto abuso sexual infantil, refletiremos sobre a questão do trauma: um menino de oito anos de idade que presenciou o abuso sexual de sua irmã de nove anos. Vimos que seu irmão estava visivelmente em sofrimento, porem a menina aparentemente estava bem. A partir dos fragmentos clínicos trabalharemos o conceito freudiano de que o traumático só pode advir a posteriori e traz um efeito de perda, de desestabilização ao sujeito. Entretanto que nem sempre a situação de abuso sexual é vivenciada pela criança como traumática.

PALAVRAS-CHAVE: Trauma, abuso sexual, infância, psicanálise.

I – INTRODUÇÃO

Freud em 1905 no texto Três ensaios sobre a teoria sexual, nos mostrou que a criança é ativa em relação a sua sexualidade e que se implica nas experiências de que toma parte. Essa implicação faz com que possa vir a se responsabilizar subjetivamente por suas escolhas. A psicanálise desvela uma criança ativa e que sente prazer no contato corporal com o outro desde a experiência da amamentação. Entretanto em nome dos direitos da criança e de uma sexualidade "saudável" e, tomados pelo discurso jurídico que coloca no lugar de vítima todo aquele ou aquela que passou pela experiência do abuso sexual, o psicanalista corre o risco de deixar de escutar a singularidade de cada sujeito envolvido na cena do abuso e acabar negando *o desejo sexual da criança localizando-o exclusivamente no adulto* (Albert, 2014).

A partir de fragmentos de um caso clínico discutiremos o mecanismo da instauração do trauma e a responsabilidade do psicanalista em escutar o singular de cada criança mesmo nas situações de abuso sexual.

II – CASO CLÍNICO [1]

Fui procurada pela profissional da casa de acolhimento que recebera uma família de quatro irmãos. Dois deles precisavam de atendimento psicológico. José foi tomado em análise por mim. Seu pai havia falecido, de sua mãe não tínhamos notícias e a avó, já idosa, não conseguia cuidar das crianças. Havia a suspeita de que Ana, sua irmã de nove anos, teria sido abusada sexualmente pelo padrasto e José havia presenciado. *José chorava demais e quando um adulto lhe dirigia a palavra ele abaixava a cabeça e não respondia, com as outras crianças brincava normalmente* (fala da profissional da casa de acolhida).

Tomando como verdade a fala desta profissional, combinei com uma colega que eu atenderia José e ela atenderia Ana. Lembrando que a criança é falada pelo outro e a fala deste outro provoca marcas em sua subjetividade. Esses irmãos foram trazidos para a análise a partir da fala, desta marca: o abuso sexual.

1 Os nomes são fictícios para preservar o sigilo do caso.

Ana se mostrava bem adaptada a rotina da casa de acolhida, fez amizades, brincava, gostava da escola e tinha boas notas. Essa falta de sintomatologia de Ana poderia se tornar uma armadilha para sua analista, pois diante da escuta dos casos de abuso sexual ou maus tratos, somos tocados em nossas próprias cenas traumáticas, mobilizadoras da contratransferência, a ponto de nos indignarmos com a aparente falta de sintoma na menina e procurarmos trauma onde ele ainda efetivamente não se instaurou. Assim, dependendo da fala do analista, ele pode produzir um trauma, pois *a interpretação 'a posteriori' ao fator traumatogênico pode fazer com que o objeto do abuso sexual ressignifique o acontecido como efetivamente traumático.* (Mees, 2001, pg 14). Desta forma, sob o efeito da transferência, o que falamos sobre o que alguém viveu tem o poder de gerar significação, pois a psicanálise guarda como aquisição o aspecto temporal da instauração do trauma, ou seja, 'apréscoup'. O traumatismo tem dois tempos, pois nada se inscreve no inconsciente humano senão na relação de ao menos dois acontecimentos, separados no tempo por um momento de mutação que permite ao sujeito reagir de outro modo à primeira experiência.

A saída criada por Ana foi a rápida adaptação a nova rotina e, a ausência de sofrimento fez com que, naquele momento, seu processo de análise não se justificasse. Neste momento observamos que a menina vivenciou o abuso como *a inscrição de uma experiência penosa, não sendo, entretanto traumática.* (Mees, 2001, pg 104), o que não significa que 'a posteriori' Ana pudesse vir a entrar em sofrimento e, aí sim, o processo de análise se justifica.

Já a análise de José durou até a sua adolescência, pois foi necessário ser escutado para elaborar, a partir da transferência, cenas vividas: inicialmente ele era silencioso observava tudo, não tocava em nada, ignorava a presença da analista e se mantinha distante fisicamente, até que um dia vê um jogo e diz: *Mico doído [...] Tá escrito mico doido, mas pra mim é mico* ***doído.*** (fala de José). A partir da invenção do acento na palavra doido que passou a ser *doído* José fala do seu mal-estar. Acha a casa de acolhimento muito barulhenta e sobre os seus pais diz: *Sabe porque meu pai morreu? De tanto tomar pinga. Meu pai batia na minha mãe só porque* ***ela não quis dar pinga para ele****... eu me* ***escondia*** *porque poderia* ***sobrar para mim****.* (fala de José).

Aqui está em jogo a cena primária, ou seja, a cena em que a criança descobre que a mãe deseja algo, geralmente o pai, que não é a própria criança. É a partir desta experiência que entramos no édipo que se constitui da tarefa de abrirmos mão do desejo incestuoso pela mãe e permitirmos a entrada do pai na mediação desta relação. Se suprimirmos a palavra 'pinga' lemos: *meu pai batia na minha mãe porque* ***ela não quis dar pra ele***. (fala de José). Se ela não quis dar é porque em algum momento 'deu'. E José se *escondia* provavelmente por medo (inconsciente) da castração.

> **Para Freud a fantasia é estruturante na neurose, mas se apresenta ao neurótico como cena difusa e paradoxal. Ao se dedicar à descrição de como isso ocorre nas fantasias de espancamento de suas pacientes, ele notou a existência de três tempos descritas no texto Uma criança é espancada, de 1919. Freud notou que a criança espancada jamais é o próprio analisando. Embora a identidade de quem bate seja inicialmente obscura, sempre se revela como um adulto, geralmente o pai da criança porem a cena é descria em três fases, com espaço de tempo entre elas:**
> *"1º Uma criança qualquer é espancada" [...];*
> *2º "Estou sendo espancada pelo meu pai" [...];*
> *3º "Provavelmente estou olhando uma criança ser espancada" [...]:* **(FREUD, 1996, pg.194 a 200).**

Lembra-se de mais uma cena, diz: *minha mãe via bichos na parede, ela tinha medo deles, pedia para* nós e para *meu padrasto que tirasse os bichos de lá, depois veio a ambulância e eles levaram ela,* ***eu corri atrás, mas não consegui alcançar****.* (fala de José). Essa cena nos dá pistas de um provável surto psicótico de sua mãe, e ocorreu pouco antes dos irmãos serem abrigados e, ambas as cenas o marcam de tal forma que, a figura de sua mãe foi projetada, mais tarde, nos seus amigos que José se vê na incumbência de proteger, diz: *Eu quero ficar sempre na quinta serie porque na minha sala eu não deixo ninguém bater nos meus amigos, sou eu quem protege todos eles.* Notemos que o significante 'bater' retorna várias vezes em sua fala.

É a partir da observação desse mecanismo de repetição da cena traumática que, em 1926 no texto Além

do princípio do prazer, Freud postula que além da regulação psíquica pelo princípio do prazer, que afasta a experiência de dor, existe um movimento dentro da subjetividade que tenta se desfazer da própria organização psíquica desses fatos de violência e crueldade. Há algo além da força que alia a pulsão, o objeto e a satisfação, há uma força que desfaz essas ligações e que pode produzir a dor – a pulsão de morte.

João já era púbere, quando recebi a queixa de que ele estava explosivo, que falava palavrões e que tinha colocado fogo na lixeira. Soube que havia outra perda significativa para acontecer em sua vida, além da perda do corpo infantil. A profissional do abrigo a qual ele mais se vinculara, iria se aposentar. A sua separação dessa pessoa era insuportável para ele. Supus que suas explosões advinham desta notícia. Essa agressividade de José expressava o insuportável da sua dor, tal como Freud postula em 1926, pois quando essas experiências são voltadas a nós mesmos podem nos fazer sofrer (masoquismo) e quando voltadas para fora de nós, para evitarmos sofrer, fazemos sofrer o outro (sadismo). Consideramos que essa foi uma saída mais 'saudável' porque ao invés de abaixar a cabeça e inibir-se, ele se pôs a expressar seu sofrimento, o que levou aos profissionais do abrigo a combinar com ele a continuidade dos seus passeios aos finais de semana à casa desta profissional, mesmo após seu desligamento da instituição.

Logo suas questões se apaziguam, no jogo de forca propôs que eu decifrasse nomes de sua mãe, pai e irmãos. Remontamos sua linhagem familiar. Interessou-se por 'fotografias' que foram 'reveladas' em papel. Os significantes, 'fotografia' e 'revelação' anunciavam um giro na sua análise, pois passou a contar suas lembranças de uma maneira serena e afetiva incluindo a figura de seu pai, diz: *Meu pai trabalhava na olaria fabricando tijolos no sitio em que morávamos, tinha cabelos compridos eram amarrados num "rabo de cavalo. Eu montava cavalo com ele, a gente galopava juntos. Eu me segurava na clina do cavalo para não cair.* (Fala de José). Passa a escrever pequenos versos que logo viram poemas. Assim, ressignifica sua dor, só agora e não antes, pôde dizer de um pai protetor, afetivo e trabalhador.

III – COMENTÁRIOS FINAIS

Neste trabalho vimos que o psicanalista se interessa pela realidade do inconsciente que constitui o sustentáculo do sujeito. Procura escutar a posição subjetiva que este assume em suas relações e as implicações de seu desejo nas experiências, das quais participa, incluindo as sexuais. Vimos que o traumático só pode advir a posteriori e traz um efeito de perda, de desestabilização, no que fornece sustentação subjetiva ao sujeito. Impossível de ser elaborado, fica sem sentido e produzindo efeitos de mal-estar, manifestado de diferentes formas na vida do sujeito. José se permitiu enfrentar questões difíceis e conseguiu transformar uma história trágica em narrativa possível de ser compartilhada que só foi possível a partir da sua implicação efetiva em seu processo de análise. Quanto a Ana, ela conseguiu lidar de forma ativa com a questão, não se identificou com o lugar de vítima, muito pelo contrário, tratou de escolarizar-se e fazer novos amigos na casa em que foi acolhida.

IV – BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Sonia e PIZA, Luciana. *A criança como sujeito e como objeto entre duas formas de investigação do abuso sexual.* In. Psicologia clínica. vol.26 n.2. Rio de Janeiro - Júlio/dezembro. 2014.

CALVI, Bettina. *A problemática do abuso sexual infantil em psicanálise. O silêncio das mulheres.* In. Estilos da Clínica. vol.4 n.6. São Paulo. Março/1999.

FREUD, Sigmund (1893). *Estudos sobre Histeria.* In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905). *Três ensaios sobre sexualidade.* In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1919). *Uma criança é espancada. Contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais.* In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1920). *Além do princípio do prazer*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1927*). O mal-estar na civilização*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MEES, Lucia A. *Abuso Sexual. Trauma Infantil e fantasias femininas*. Porto Alegre. Artes e Ofícios, 2001.

MARQUES, Margarete S. *A escuta ao abuso sexual infantil: o psicólogo e o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente sob a visão da psicanálise*. Dissertação de mestrado. PUC. São Paulo. 2006.

PRADO, Maria do C. C. e CARNEIRO, Terezinha F. *Abuso sexual e traumatismo psíquico*. In. Interações v.10 nº20. São Paulo dez. 2005.

Margarete dos Santos Marques
Psicóloga clínica, mestre em psicologia social - PUC-SP, especialista em gestão em serviços públicos de saúde - UNIFESP. Foi professora universitária convidada da UNIFIEO e da Universidade São Marcos. Foi consultora da CHIDHOOD Brasil. Atualmente atende em consultório particular, é apoiadora em saúde e consultora em projetos sociais.

O SINTOMA NEURÓTICO NA CRIANÇA: IMPASSES E SAÍDAS DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Maria Carolina Accioly de Carvalho e Silva

RESUMO

Este trabalho pretende pensar sobre a formação de sintomas ligados aos conflitos intersubjetivos e às moções pulsionais características do momento edípico.

Nesta trama metapsicológica pretendo tecer uma interlocução dos textos freudianos e de outros autores como Silvia Bleichmar com a prática clínica - a partir de vinhetas que narram o desdobramento de uma análise com um menino de três anos, no qual o sintoma da criança se apresenta como um impasse no avançar do Édipo, um impasse na entrada de um terceiro. O sintoma na infância pode ser uma resposta ao que existe de sintomático no casal parental, podendo se manifestar como uma tentativa da criança de se deslocar do lugar que ela ocupa na economia psíquica dos pais. Neste caso, de que neurose a criança precisaria ser curada?

PALAVRAS CHAVE: sintoma, complexo de Édipo, pulsão, recalque

Este trabalho pretende pensar o processo de formação de sintomas ligados aos conflitos intersubjetivos e às moções pulsionais características do momento edípico. Apresentarei algumas vinhetas que narram o desdobramento de uma análise com um menino de três anos, no qual o sintoma da criança apresenta um impasse no avançar do Édipo, um impasse na entrada de um terceiro.

O sintoma na infância pode ser uma resposta ao que existe de sintomático na família, podendo se manifestar como uma tentativa da criança de se deslocar do lugar que ela ocupa na economia psíquica dos pais. Neste caso, de que neurose a criança precisaria ser curada?

Os estudos sobre a constituição psíquica e a clínica com a primeira infância trouxeram contribuições significativas à metapsicologia e prática clínica. Ao pensar sobre conflitos neuróticos infantis e formação de sintomas me aproximo das investigações sobre a constituição do psiquismo e a fundação do inconsciente.

Para a psicanálise a constituição do sujeito está intrinsecamente ligada à sexualidade e se define pela intersubjetividade, ou seja, a partir da relação com o outro que o bebê se constitui enquanto sujeito humano sexuado.

Freud formulou conceitos fundamentais que se tornaram pilares da psicanálise: a existência da sexualidade infantil polimorfa, o conceito de pulsão - força constante sem objeto fixo e sempre parcial-, o Complexo de Édipo, o falo e a angústia de castração, tomando o modelo fálico-castrado como o organizador simbólico do momento edípico.

A alteridade marca a maneira singular pela qual o sujeito humano se constitui a partir de inscrições que o inconsciente do adulto produz no psiquismo em formação do bebê. Bleichmar propõe pensar a constituição do sujeito nesta relação primordial com o adulto que exerce a função materna, e que assim submete o bebê a uma intrusão de excitações desprendidas da própria sexualidade inconsciente, ou seja, além da narcisização e da satisfação das necessidades do bebê, a função materna inclui a erotização, a constituição da sexualidade do mesmo. É por essa via, que o corpo do bebê se torna um corpo pulsional.

Esta autora concorda em situar o sujeito numa constituição intersubjetiva, mas entende que o conflito não se constitui tampouco se manifesta apenas intersubjetivamente, pois sustenta o conceito de inconsciente como sistema intrapsíquico.

Como se dá a formação do sintoma na infância? Freud (1918) afirmou que "toda neurose de um adulto se constrói sobre sua neurose infantil" (p.132), ou sobre os "conflitos neuróticos infantis", como diria Bleichmar (1993). Como está bem colocado nesta citação (Moloy, Lagnado, Fernandes, Oliveira e Vianna, 2008) : "A neurose infantil é a resposta que a criança dá aos enigmas da diferença sexual e do desejo do Outro. (...) sabemos que não é dessa neurose que ela precisa ser curada, mas daquela que, porventura, venha a forjar ao se engajar no esforço de realizar bem demais o ideal parental." (p.95)

Se entendemos o sintoma neurótico como uma solução de compromisso entre instâncias psíquicas em conflito de interesses, resultado do processo de recalcamento, estamos diante um psiquismo já estruturado. Em uma criança ainda na primeira infância, em processo de constituição, podemos já falar em sintoma neurótico? Essa pergunta me fez pensar no atendimento de um paciente, vou chama-lo de Manuel.

Manuel chega à análise com 3 anos. Seus pais me procuram preocupados com o filho que apresenta um quadro de encoprese (constipação intestinal): fica dias sem fazer cocô, precisa ir ao médico, tomar remédios, chegou a ter que fazer uma lavagem intestinal no hospital o que deixou a mãe muito assustada. É clara a angústia materna diante o sofrimento do filho. É ela quem vem na primeira entrevista. Me conta que o intestino dele sempre foi preguiçoso, como o dela, e que este transtorno de ficar dias sem evacuar se iniciou aos dois anos, quando ela estava grávida do segundo filho. Conta que decidiu ter o segundo filho para dar um irmão ao Manuel. O processo do desfralde ela relata ter sido difícil e ter se completado há poucos meses, já aos três anos. Ao tirar a fralda piorou a constipação. Ele fica dias sem ir ao banheiro, a mãe percebe que ele tem vontade mas parece que ele segura.

Durante os primeiros atendimentos com Manuel escolho o atendimento conjunto com a mãe devido a angústia materna e a dificuldade de separação entre eles. Num segundo momento faço a mudança de enquadre e a análise individual dele se inicia, quando a mãe também começa ela mesma uma psicoterapia individual.

Durante toda análise ocorreram alguns encontros com os pais, frequentemente apenas a mãe, entretanto as conversas com o pai sempre foram importantes e tiveram efeitos significativos no desdobramento do tratamento.

Escolhi três vinhetas deste atendimento, que mostram o desenrolar do sintoma, do recalque e do édipo no decorrer da análise.

Vinheta 1 (início da análise individual)

Brincando com a casinha e a família de pano, havia dois bebês e duas crianças mais velhas, um irmão e uma irmã no escorregador. Ele coloca os bebês no "berço", que ele diz ser embaixo do móvel, assim os bebês ficam "quentinhos", e escondidos.

Neste primeiro momento da brincadeira aparece a ambivalência com a figura dos bebês escondidos embaixo do móvel, que poderia remeter à fala da mãe de que Manuel quer ser um bebê como seu irmão mais novo. Mas na brincadeira que ele monta, os bebês ficam escondidos, guardados, e as crianças mais velhas brincando no escorregador. O bebê guardado remete ainda à gestação, os bebês ainda no corpo materno. Estaria ele me contando também algo sobre o que está guardado na sua barriga?

Então com o jogo de montar constrói um objeto que diz ser escada, colchão, pula-pula, e ele diz que "na outra ponta sai o leite da vaca, que vai pra barriga depois pra privada, e aí de novo pra mamadeira".

Como bem disse Rodrigué (1978) sobre a análise com crianças, "o peixe do inconsciente não se pesca nas redes da atenção flutuante. A unidade expressiva da criança pequena não é a palavra, mas a polivalência do símbolo plástico, do brinquedo" . Veremos no decorrer dessa análise que a palavra também se faz polivalente.

A imagem de circuitos fechados aparece muitas vezes em suas montagens, e nos remete à obstrução que vive em seu corpo. O que segura o seu cocô?

Este circuito volta a ter função na brincadeira com a família, pois tem um banheiro para fazer cocô. Ele pega o bebê pra fazer cocô, e se irrita, fica agitado e joga alguns brinquedos. Depois se esconde em seu esconderijo (que nesta fase da análise é embaixo do divã, onde ele se esconde sempre que algo lhe escapa, como um pum). Quando sai, falamos sobre fazer cocô e ele diz que não faz todo dia, ele diz: "eu seguro para ele sair" e depois "eu

solto mas não sai". Começando assim a colocar em palavras a confusão que acontecia em seu corpo, e também na relação com sua mãe.

A imagem do circuito fechado possibilita pensar no funcionamento de seu corpo pulsional, em como se montam os circuitos pulsionais no seu corpo e na relação com os objetos. Algo parecia fazer um entrave, um impasse, à circulação. Com o que a mãe ficava tão angustiada? Um dia ela me disse, "ele segura para mim". *De fato, ao segurar seu cocô, ele retinha a mãe.*

Freud, ao descrever o caso do Homem dos lobos (1918), fala tanto da zona erógena e do prazer na defecação como também já anuncia o lugar do Outro nesse jogo de demandas. Ele diz "para a defecação é decisivo tomar um objeto, diante do qual a criança é obediente ou agradável" (p.109, nota de rodapé) e afirma também que "a entrega do excremento em favor (por amor) de alguém se torna, por sua vez, o modelo da castração, é o primeiro caso da renúncia a um pedaço do corpo, para ganhar o favor de alguém que se ama" (p.113).

Lacan no Seminário 11 diz que "não há nenhuma relação de engendramento de uma das pulsões parciais à seguinte. A passagem da pulsão oral à pulsão anal não se produz por um processo de maturação, mas pela intervenção de algo que não é do campo da pulsão - pela intervenção, o reviramento, da demanda do Outro" (p.171)

Manuel negava este presente à sua mãe. Ele segurava. E assim a mantinha presa à ele, pela via da angústia. Angústia da mãe, presente desde os primeiros momentos de formação do sintoma, quando o recalque ainda não estava totalmente instalado, mas a fixação pulsional na retenção das fezes já se apresentava, marcando o prazer e o conflito que montariam em breve o sintoma. E posteriormente, no momento edípico, a angústia de castração do Manuel e o recalque propriamente dito "ali onde a libido sofreu uma fixação", como diz Freud (1915, p.411), mantinham ainda mais amarrado o sintoma.

Podemos perceber o conflito desde o lugar de Manuel na economia psíquica da mãe, angustiada e se mantendo ocupada com o cocô do filho. Ao mesmo tempo se condensavam elementos para a formação do sintoma intrapsíquico: um impulso recalcado - o prazer sádico na evacuação e seus representantes (sujeira, fezes, agressividade); um sintoma - a constipação; e um motivo - angústia frente à separação e perda do amor, e a angústia de castração.

O Édipo é um momento estrutural que rearticula os laços com os objetos primários, sendo o «primeiro momento em que se unem moções eróticas e amorosas com o objeto» (Bleichmar, 2014, p.122). Colocar o Édipo como marco da constituição psíquica assinala os grandes movimentos que o sujeito humano deve atravessar na primeira infância, que segundo Bleichmar são: "o desprendimento da mãe e a constituição de uma estrutura singular que lhe permita situar-se no mundo enquanto sujeito" (1993, p. 30).

A passagem pelo Édipo reorganiza as defesas precoces e os movimentos pulsionais, instalando o recalque e constituindo a tópica intrapsíquica do sujeito cindido. Freud (1915), no texto sobre o recalque, apresenta os dois tempos de instalação do mesmo: uma primeira fase do recalque, o recalque originário, "que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Com isso estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele" (p.153) Então o segundo momento do recalque, "o recalque propriamente dito, afeta os derivados psíquicos do representante recalcado, ou sucessão de pensamentos que tenham entrado em ligação associativa com ele". Seguimos com Manuel quando aparecem mudanças em seu sintoma e os efeitos disso na dinâmica intersubjetiva.

Durante um fim de semana a mãe me envia uma mensagem dizendo estar muito feliz pois pela primeira vez na vida Manuel foi ao banheiro sozinho. Ela estava muito orgulhosa. Na sessão seguinte reaparece uma situação que há tempos não aparecia. Manuel não quer se separar da mãe para entrar no consultório enquanto ela fica na sala de espera, quer abrir a porta para vê-la durante a sessão, e ficar passando desenhos para ela por baixo da porta. Produzindo um dos desenhos diz "gosto de roxo e rosa, como a mamãe... o papai do céu que quis assim". Também nessa sessão deixa de lado suas repetidas brincadeiras e experiências com cola e massinha - materiais que produziam mais sujeira.

A angústia diante a separação aparece junto a esse enunciado em tom de destino sobre a identificação com a mãe. Então no mesmo desenho ele faz uma chaminé na casa, que se transforma num monstro. Atrás surge um trem para matar o monstro. Um passarinho morre. Aí levanta para abrir a porta e ver a mãe. Eu lhe asseguro que a mamãe estará lá esperando-o quando a sessão terminar, e que aqui é o espaço dele. Ele então vai até a casinha, pega um móvel e faz de binóculos. "estou vendo um pipi feio!" ele diz e me olha, e ao encontrar meu olhar, joga o objeto no meu rosto. Percebe que me machucou e fica mais agitado. Depois de se acalmar, acaba a sessão com ele pegando os bonecos de super heróis representando pai e filho voando juntos.

Aqui situo um segundo tempo da análise, que marca uma transformação. Quando a mãe comemora a mudança, quando ele consegue se separar do seu cocô, aparece na sessão o lugar intersubjetivo que ele ocupava: de ser como a mamãe, de ser inseparável dela, de ser o bebê dessa mãe - ainda que ela tenha tido outro bebê, é ele que ocupa esse lugar para esta mãe que está angustiada, *e retém o filho*. A demanda da mãe para ele ser limpinho e carinhoso mostrava a dificuldade em reconhecer os impulsos agressivos. Começaram a partir de então a surgir cenas agressivas dele também em relação a ela, ao irmão, em casa.

A curiosidade da criança sobre o interior do corpo materno está vinculada ao sadismo nesse processo de separação: a pergunta 'de onde vem os bebês?' "instala-se nesse espaço que inaugura uma distância em relação à mãe e que constitui a primeira tentativa de abertura de um lugar para cada um dos membros da díade" (Bleichmar 1993, p.176). Bleichmar conclui que "o sadismo que impregna esta batalha por apoderar-se dos conteúdos maternos não pode ser senão o produto de uma separação que gera um espaço exterior que marca o limite de todas as possessões possíveis" (p.177).

A angústia em Manuel emerge quando ocorre este deslocamento do lugar sintomático. Afinal com o sintoma ele invertia a demanda da mãe - ao não dar o coco para a mãe, ele a mantinha presa, retida a ele. Ao mesmo tempo, ela o mantinha retido à ela. Os dois juntos não permitiam que o objeto caísse.

A curiosidade pela diferença anatômica ocupa agora um lugar central. A fala sobre um pipi feio se repete. Bleichmar (2009), sobre a constituição da sexualidade masculina, afirma que "o atributo real, biológico, existente no corpo do menino, não é suficiente para constituir a masculinidade genital e a potência fálica. É necessário que este pênis se invista de potência genital, a qual se recebe de outro homem", e a isso se soma a significação que o pênis do filho tem para a mãe. Nesta vinheta e a partir de então começam a aparecer efeitos da entrada de um terceiro: a função de corte e de outras saídas identificatórias.

A última vinheta aconteceu após ocorrerem duas mudanças importantes no enquadre da sessão: a mudança de esconderijo (que era embaixo do divã, onde ele ficava encolhido, para atrás da poltrona, um espaço maior que ele pode se mover e fazer coisas escondidas) e a flexibilização de significado em relação aos seus atos agressivos de jogar as coisas. De menino enfezado e bravo, vai aparecendo que ele também é bagunceiro e festeiro, nesse jogo que se repete nas sessões de jogar objetos para longe, podendo expressar seus impulsos hostis na elaboração da presença- ausência materna.

Manuel entra no consultório trazendo uma sacola escondida, vai para seu novo esconderijo, começa um teatro e pede que eu cumprimente seus super-heróis. Aí começa, lá do esconderijo, a jogar coisas pra cima, a fazer "muita bagunça", "sou festeiro... é para enfeitar a festa... tá tudo feio». Aí me chama para montar um jogo com ele, só se eu for festeira também. Uma peça não encaixa direito e ele a joga e diz «peça pipizada». E começa a rir agitado falando pipi-pipizado, bunda-bundado. Falar isso agita o corpo. Se esconde de novo, e começa a me xingar: pipi no olho, calcinha fedida, bunda fedida.

Depois desenha um menino e uma menina com bunda e me conta "pipi só menino tem". Desenha um avião com flor e coração e dentro há dois homens um mostrando o pipi e o outro a bunda. Ao ver o coração diz "você ama pipizado". E antes de sair dessa sessão risca o sofá, deixando uma marca.

As palavras pipizado, cocozado marcam a criação de algo novo, a produção de um novo significante, ainda não ligado a um significado específico, e portanto não se trata (ainda) de um enigma a ser decifrado. É algo que pode circular nas brincadeiras durante as próximas sessões: "eca, isso é pipizado", ou "nossa legal, que

pipizado!", ... e assim abre-se para Manuel as perguntas sobre as diferenças entre os sexos, a possibilidade para se identificar também com o pai e os gostos do pai, e instaura-se um interesse e uma identificação com o irmão.

Ele começa a conseguir deixar na sua pasta o que se produz na análise, um risco no sofá primeiramente mas depois começa a deixar outras produções, já que antes tudo produzido era destinado para a mãe e precisava ir para casa.

Com seu sintoma, Manuel encontrava uma resposta à demanda da mãe mantendo-a angustiada: ela não podia ser descompletada, e ele se mantinha como o bebê inseparável... ao mesmo tempo que não entregar o coco era uma forma sintomática de descompleta-la.

Nesse tempo final da análise a falta, nele e no outro, começa a ser admitida. Algo aponta que ele pode seguir seu percurso no Édipo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bleichmar, S. *Nas origens do sujeito psíquico - Do mito à história.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

------ *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2014

Freud, S. (1915) O recalque. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro, Imago, 1996*;* v.XIV

------- (1918) *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"): Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)/* Sigmund Freud*;* tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das letras, 2010

Lacan, J. (1964) *O Seminário livro 11- os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

Moloy, C., Lagnado, G., Fernandes, L., Oliveira, M.C., Vianna, M.C. "Não preciso vir mais aqui! - Os finais de análise com crianças e seu fundamentos. IN*: Clínica com crianças: enlaces e desenlaces*. Mira Wajtal (org) - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008

Rodrigué, E. A Psicanálise com crianças. Conferência proferida em Salvador para o primeiro grupo de formação de psicanalistas. 1978

Maria Carolina Accioly de Carvalho e Silva.
Psicanalista, aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientae.

A FALTA DE AR NO LUGAR DE PALAVRAS: A POSIÇÃO SUBJETIVA E O LUGAR DE GOZO NA INCIDÊNCIA DO FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO

Mariana Rodrigues Anconi

RESUMO

O presente trabalho é fruto dos atendimentos realizados durante o período de capacitação no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas em São Paulo (HC/ICr-FMUSP). A capacitação é composta por horas de atendimento, supervisão e seminários teóricos. A partir de um caso atendido e supervisionado neste serviço, busca-se pensar a especificidade das patologias referentes ao campo da psicossomática, que colocam muitas questões para o analista inserido no serviço de pediatria em saúde pública, que supostamente deverá estabelecer um diálogo com as outras áreas. Não é novidade que a medicina, pelo avanço científico, acaba deixando de considerar que existe um sujeito do inconsciente que, diz de um saber não sabido, relativo a sua história, portanto, singular. Parece que a desconsideração disto estabelece um hiato, uma lacuna entre saber médico e alguns fenômenos que escapam a esta saber, como o Fenômeno Psicossomático (FSP), onde o ser humano é atingido por aquilo que é impossível de dizer pela linguagem e os significantes. Sendo assim, poderíamos pensar que as doenças psicossomáticas acabam, cada vez mais, se tornando enigmas quase intransponíveis pela medicina? No Fenômeno Psicossomático o corpo se deixa escrever algo que não consegue ser dialetizável, algo imprime uma marca. Esta falta de sentido do Fenômeno Psicossomático (FPS) pode ser pensada através da teoria da holófrase. A holófrase da primeira dupla significante, S1-S2=S1, faz com que no Fenômeno psicossomático o sujeito esteja colado a o S1 enigmático, colado em uma erupção de gozo que, consequentemente, fere o corpo, em outras palavras, a carne. Na clínica infantil o gozo aparece como elemento importante na dupla mãe-filho, e o manejo transferencial se faz imprescindível com a dupla, para que o tratamento avance. O eixo escolhido para apresentar este trabalho refere-se a "A criança como lugar de gozo do adulto", e, com efeitos, vemos na clínica infantil o desenrolar disso, quando se é oferecido uma escuta com possibilidade de construção de narrativas singulares. Este trabalho, tem por objetivo ilustrar esta problemática a partir dos atendimentos realizados com um pré-adolescente de 11 anos diagnosticado com asma (grave) e urticária crônica. Uma pergunta que surge desde o início: Há espaço para JP fazer questão com seu sofrimento ? Para a equipe médica as questões da mãe sobrepunham as do filho — a quem o atendimento deveria ser destinado — e JP permanecia em sua repetição (crises de falta de ar) numa posição de quem confirma e atesta a fala da mãe perante a equipe médica, mantendo-se no lugar de doente. A que o sintoma de JP estava respondendo? Ou melhor (…ou pior), o que representa sair desse lugar de objeto de gozo materno? Os atendimentos foram na direção de tais questionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: gozo; sintoma; fenômeno psicossomático; atendimento infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das questões que surgiram dos atendimentos realizados durante o período de capacitação no ambulatório do serviço de psiquiatria e psicologia de um hospital público em São Paulo. A capacitação configura-se por 10 horas de atendimento semanais, supervisão e seminários teóricos. A partir de um caso atendido e supervisionado neste serviço, mais a especificidade das patologias referentes ao campo da psicossomática – que colocam muitas questões para o analista em articulação com o campo da medicina – busca-se pensar questões relacionadas a posição subjetiva e o lugar de gozo.

A instituição onde o paciente foi acompanhado é regida pelo discurso médico e tem como características principais a cura dos fenômenos patológicos, através – principalmente – das manifestações no corpo. Os efeitos

desse discurso são diversos e, muitas vezes, acompanham uma lógica normatizadora, com uma apropriação do corpo reduzido a objeto de intervenção da medicina.

No entanto, o corpo é a sede de manifestações que ao mesmo tempo escapam a esse saber médico e anunciam que há um sujeito em causa.

Sendo assim, será que poderíamos pensar que as doenças psicossomáticas acabam, cada vez mais, se tornando enigmas para a medicina? De fato, nesta clínica (psicossomática) é possível destacar dificuldades muito peculiares encontradas em pacientes que apresentam os chamados fenômenos psicossomáticos (FPS).

De acordo com Pitanga (2006) dificuldades como estas referem-se a um "desafetamento" no que diz respeito ao que acontece em seus corpos, aonde a instância simbólica parece estar elidida, implicando um aparente abandono de seus corpos à sorte da biologia e dos procedimentos médicos.

O discurso dos pacientes reproduz o discurso médico, traduzindo a posição a que estão identificados: de objetos, assujeitados pela lesão que carregam, apontando para um ponto em suas estruturas psíquicas sobre o que não têm condições de significar.

Se, para a medicina, as disfunções sem causa orgânica são diagnosticadas como doenças psicossomáticas, para a psicanálise impõe-se precisar a diferença entre sintoma e fenômeno psicossomático para a direção de tratamento. Sabe - se que a instauração do ato analítico só se realiza com a demanda, por parte do analisante, de se desembaraçar de um sintoma. Este, para a psicanálise, é aquilo que o sujeito sabe que tem a ver com ele, mas não sabe o quê. Isso que não sabe, transfere a um sujeito suposto saber, no caso o analista. Diferentemente do sintoma, o FPS concerne ao real (LACAN, 1954-55/1985), tendo uma inscrição ilegível, pois está fora da dimensão simbólica. Logo, considerando o contexto ambulatorial cuja oferta de escuta do analista é anterior a demando do paciente, é possível um trabalho analítico na transferência com a construção de demanda? Veremos.

ENCAMINHAMENTO MÉDICO

O paciente Davi[1], na idade de 11 anos, foi encaminhado para a Psicologia pelo setor de Imunologia do hospital. A maneira como foi encaminhado merece destaque ao abordar o caso, pois

desviou-se da burocracia das "folhas amarelas" de encaminhamento – como é feito com a maioria dos pacientes – vindo à tona ao final de uma reunião com os psicanalistas do serviço.

Ao relatar o caso, a equipe médica demonstrou certa inquietação com a postura da mãe nos atendimentos e, mais ainda, a maneira como ela lidava com a patologia do filho. Lucia[2] aparecia com frequência ao PS do hospital, acompanhando o filho que estava sempre em crise asmática. Ao ser atendida, despejava toda sua aflição na equipe, reclamando que a medicação não tinha efeitos, e que Davi, seu filho, só piorava. A equipe por sua vez, não reconhecia a gravidade relatada na fala da mãe, pois muitas vezes ao ser atendida com Davi, ele não estava em crise.

O relato do caso feito pelos médicos aos psicanalistas – quando solicitaram o atendimento – girou em torno da angústia frente à posição da mãe, refletindo na dificuldade da equipe em manejar sua demanda no atendimento. Em outras palavras, o pedido de atendimento pelo médicos estava direcionado a mãe e não a Davi.

Ao receber um paciente – independente se for no contexto ambulatorial ou de consultório – deve-se situar de que lugar vem a queixa e o pedido por atendimento. É possível escutar esses pedidos, mas escutar não significa responder às diversas demandas (médicos, família, etc.), no sentido de resolver suas questões ou acabar com o mal estar presente. De fato, Davi tinha crises de falta de ar que o faziam, por exemplo, ficar longe da escola, dos amigos e do futebol que tanto gostava. Para uma criança isso não é qualquer coisa. Portanto, frente as tais demandas, o manejo adotado pela a analista foi na direção de uma oferta de escuta a quem estava sem demanda, sem palavras, sem ar: Davi.

---

2 nome fictício

OFERTA DE ESCUTA

O atendimento com Davi deu-se numa frequência semanal, com entrevistas iniciais na presença da mãe. Lucia tomava conta da cena analítica, relatava todas as dificuldades dela e do filho. Conta que não trabalhava pois tinha que cuidar dos 3 filhos (Davi é o do meio), e assim, poder levá-lo nas inúmeras consultas. Moravam com seus pais (avós maternos de Davi) e estes eram responsáveis pelas despesas da família, trabalhavam num mercado perto de casa. O pai teve um breve relacionamento com a mãe, nunca foi presente, trabalhava dirigindo caminhões, para fora do estado. A asma eclodiu quando tinha 6 anos de idade, época da alfabetização. Desde então foi só piorando. Quando bebê ainda, teve bronquite, que curou, mas depois aos 6 anos apareceu a asma.

Davi ao ouvir o relato da mãe "afundava" na cadeira, e quase não se ouvia sua voz quando a analista se dirigia a ele. Quando falava, ficava numa posição de quem confirma e atesta a fala da mãe, repetindo seu diagnóstico, mantendo-se no lugar de doente, alienado de seu desejo. Nesse ponto, uma pergunta surge: A que o FPS de Davi estava respondendo? Essa era a minha pergunta, mas e a de Davi? Ele tinha perguntas? Ainda não.

Após algumas sessões na presença da mãe, começo a atender Davi sem a presença dela na sala. Estava sempre quieto, quase não encostava na cadeira, sentava bem na ponta, como quem não quisesse demorar ali. Respondia as perguntas de maneira objetiva e monossilábica. Não tinha uma narrativa associativa, as sessões era repletas de lacunas e silêncios.

Quando a analista perguntava sobre as crises de asma, ou mesmo a etiologia de sua patologia, Davi inicialmente não tinha uma história, repetia o que ouvira dos médicos e da mãe ou apenas dizia que sempre teve as tais crises e que sempre foi assim. Relata que já não ia mais à escola devido sua condição.

Aqui, evidenciava-se uma fixação ao diagnóstico médico de doença psicossomática (asma) reforçado veementemente pela mãe, que levava a analista a indagar-se sobre a possibilidade de trabalho analítico frente tamanha aridez da fala do paciente. Logo as características do seu discurso ficaram evidentes, tais como a aderência ao discurso médico, a fala descritiva e concreta em que aparentemente a angústia não estava presente. Não apresentava sinais de abertura à transferência, não formulando uma questão que pudesse endereçar à analista.

Nas formações psicossomáticas, há sempre um evento corporal que não faz história. (...) É comum encontrarmos uma articulação da memória sem história, da vontade sem desejo, da imaginação sem fantasia. (...) Há equivalentes de angústia, mas com relativa indiferença a à indução de sentido ou de saber sobre o sintoma". (Dunker, 20011, p. 112).

No entanto, os FPS atravessam o trabalho de análise de maneira peculiar, silenciosa e insidiosa, interrogando a psicanálise nas suas bases, exigindo um posicionamento ético do psicanalista. Neste sentido, segue-se com o apontamento de Lacan de que psicossomática só tem algum valor para a psicanálise porque mantém uma relação com gozo e posicionamento subjetivo.

Destaca-se aqui, uma diferença importante para direção de tratamento de pacientes com FPS e sintoma histérico e o envolvimento do corpo nas suas manifestações. O primeiro (FPS) apresenta prejuízo orgânico identificável, como furo na carne; no segundo, o prejuízo é funcional, o sintoma tem caráter de metáfora. Esta distinção tem uma consequência importante para o alcance do trabalho analítico, pois os FPS não funcionam como representações e, assim, são inacessíveis à interpretação. Portanto, chega-se ao ponto no qual o analista faz uma aposta da passagem do fenômeno para algo do alcance da interpretação, o que é sustentado pelo desejo do analista.

PSICOSSOMÁTICA E TEORIA LACANIANA

Para avançar com o questionamento da possibilidade de trabalho analítico com pacientes psicossomáticos e na possibilidade de estabelecer um trabalho analítico via transferencia, é necessário situar – mesmo que brevemente – o percurso teórico realizado por Lacan em 3 tempos articulados a três direções: a dimensão narcísica, a dimensão significante e a dimensão do gozo.

No primeiro momento, no "Seminário 2" dedicado à temática do eu na teoria e na técnica da psicanálise, Lacan se limita a dizer que, diferentemente do sintoma neurótico, que se constitui a partir e no registro simbólico, o fenômeno psicossomático é da ordem do real e está relacionado com o autoerotismo.

O segundo momento ocorre no "Seminário 11" no qual Lacan está interessado em formalizar os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, onde aparece a dimensão significante, com o conceito de holófrase, como a gelidificação do par de significantes S1 e S2. Neste caso, a psicossomática está incluída como um dos efeitos dessa gelidificação, entre a debilidade mental e a psicose. Quando ocorre a holófrase, há um ataque à metáfora subjetiva, não ocorrendo afânise, nem queda do objeto a. A afânise remete à constituição do sujeito, sendo um termo que Lacan retoma de Ernest Jones, em um sentido mais radical, para descrever o efeito de desaparecimento do sujeito, quando representado de um significante para outro. A ausência da afânise do sujeito implica que não há intervalo entre S1 e S2 (primeiro par de significantes), ficando estes significantes fundamentais holofraseados. Ele se refere à holófrase como emassamento, gelidificação, cristalização, colagem, quando o significante materno ou também chamado de significante mestre (S1) não é substituído pelo significante da metáfora paterna (S2), permanecendo ambos colados, aderidos. O efeito causado pela gelidificação dos significantes é a impossibilidade de haver uma dialética entre os significantes que permita o surgimento do sujeito no intervalo entre eles. Trata-se da enunciação de uma frase inteira com uma única locução, por exemplo: em vez de dizer "Eu gosto de carne.", digo "Eugostodecarne". No primeiro caso, a frase faz sentido, pois há um intervalo entre cada palavra. No segundo não; a estranha palavra produzida só possui sentido ao ser desmembrada, ou seja, ao se lhe intercalarem espaços.

E o terceiro momento em que Lacan aborda o fenômeno psicossomático na conferência que proferiu em 1975 em Genebra (Suíça) sobre o sintoma, desenvolvendo a ideia de que o fenômeno psicossomático está profundamente enraizado no imaginário e não no real, o que se coaduna com suas novas elaborações acerca do registro do real.

Ainda nesta conferência, Lacan frisa mais dois aspectos: 1. A analogia entre o fenômeno psicossomático e um hieróglifo, o qual constitui a unidade fundamental da escrita egípcia antiga que era de cunho ideográfico. Ou seja, no FPS se constitui como uma espécie de escrita no corpo, uma escrita que está baseada num código estranho e que só faz sentido a partir desse código, não sendo, portanto, apreensível; 2. Em relação ao FPS, é preciso encontrar o que ele chama de "gozo específico" e que podemos entender através da seguinte pergunta: "A que o fenômeno psicossomático satisfaz? A que ele responde?". Como veremos posteriormente, Lacan pensa esse fenômeno como uma resposta a algo da ordem da fixação, entendida a partir do conceito freudiano de fixierung que significa a marca, o traço deixado pela experiência no corpo.

Nesse sentido, um trabalho analítico possível seria na direção de uma intervenção na economia de gozo que pudesse revelar o gozo específico que há na fixação, produzindo um distanciamento entre o traço e a inscrição corporal, através do trabalho com o inconsciente. É esta a direção indicada pelo ensino de Lacan, já que "o psicossomático é algo que, de todo modo, no seu fundamento, está profundamente arraigado no imaginário" (LACAN, 1975/1998, p.14).

A análise será o trabalho de sair dessa fixação para escrever a própria história, fabricar uma ficção. O que se espera na direção da cura é um tratamento do gozo que possa bordejar o real, dar-lhe um sentido, sentido esse que aponta para um gozo específico, sustentado por um significante indutor, ao qual o sujeito está aprisionado (NICOLAU, 2008).

Quando o sujeito está petrificado por sua doença, seu corpo se torna fonte ilimitada de gozo, apontando para um corpo do qual a palavra desertou, não havendo uma escrita legível. Tomado desta maneira, o órgão funciona como sendo de um outro, feito para gozar como se pertencesse a esse outro. Na direção da cura, é este gozo que deve ser reduzido.

NA DIREÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Lacan indicou que no trabalho da análise é preciso fazer uma sutura, um cerzido entre o imaginário e o simbólico com o saber inconsciente. (LACAN, 1975-76/2007, p.70-71). Voltando ao caso, no decorrer do tratamento, Davi pode ir construindo sua própria narrativa, foi se apropriando desse espaço de escuta que fora muito bem demarcado para ele. Aos poucos, foi falando de sua família, principalmente dos avós, por quem tem um imenso carinho. Davi tem duas irmãs de pais diferentes. Uma mais velha e outra menor que ele. Falava também de sua relação pacífica com elas, e com todos. Contava muito de sua relação com os avós e poucas vezes mencionou sobre o pai que mora em outro estado, e, quando o fez, sempre com um tom de indiferença.

Sobre sua mãe relatava situações em que ela foi agredida pelo ex marido e também quando ficava doente, que ele cuidava dela, tirava pressão, etc. Em seu discurso, apresentava-se como o filho que cuida. Há uns anos atras o avô sofreu um acidente quando dirigia um caminhão, o que o deixou muito abalado, com medo de perdê-lo. Esse período coincide com a idade em que a asma aparece.

Sobre o diagnóstico, aos poucos foi se descolando da fala da mãe e relacionou a asma com a sujeira dos pombos no teto de sua escola, que caía na sala de aula. A partir disso, começou a faltar às aulas com frequência — coisa que não gostava — e passou a viver em casa com a mãe ou nas consultas médicas. Em relação as aulas que perdia, seu primo anotava as atividades e passava para ele, mas afirmava sentir falta da escola.

Conforme o tratamento avançava, as crises de falta de ar de Davi diminuíam cada vez mais, até que voltou a frequentar a escola e as aulas de futebol. Nesse sentido, a possibilidade de ser

escutado enquanto sujeito numa aposta para o desejo, sustentou as poucas – e importantes – palavras no início, até a construção de sua narrativa própria, descolada de significantes dos outros (médicos, mãe, etc). Além disso, essa construção de narrativa própria diz da aposta feita em colocar a cadeia de significantes em movimento, com as associações do paciente, no sentido de deslocar de um significante a outro e, no intervalo disso, emergir o sujeito. Assim, Davi foi deixando de ocupar totalmente o lugar de quem nada quer saber sobre seu desejo até o lugar de quem pode desejar ou mesmo sonhar, por exemplo, em ser jogador de futebol.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO MATERNA

Retomando os primeiros atendimentos em que Lucia estava presente, existia sempre ao final da sessão uma insistência para que a analista que lhe desse um “diagnóstico psicológico” pois sabia que a asma era efeito de fatores emocionais. Também solicitava relatórios para levar a escola, já que

Davi faltava bastante devido as crises de asma. Lucia queria um “diagnóstico psicológico”, um atestado de que Davi não estava bem e que confirmasse sua fala: a de que seu filho permaneciadoente e precisava continuar os tratamentos.

Depois de algumas semanas de atendimento, Davi melhorou e houve a diminuição das crises de falta de ar, mas isso não fez com que Lucia, a mãe, saísse do seu lugar de queixa. Nesse ponto, ela começou a aparecer nas sessões sem Davi, alegando que ele não estava bem e por isso havia ficado em casa, ou que estava na escola. Esta atitude da mãe chamou atenção da analista.

Ao deixar Davi fora da cena analítica, o que Lucia (mãe) queria falar? A analista se questiona sobre o manejo que faria diferença no atendimento: Deveria abrir este espaço de escuta e acolher sua demanda? Ao se deparar com a mae no atendimento sem Davi, o primeiro manejo foi no sentido de reafirmar o espaço de escuta destinado a Davi. Depois, visto os efeitos que esse corte proporcionou no tratamento (faltas no atendimento), a analista se reposicionou frente a demanda da mãe, abrindo a possibilidade de escutá-la em alguns momentos possibilitando que o tratamento avançasse.

PARA FINALIZAR

O caso possibilitou a construção de várias questões ao longo de seu andamento como vimos no texto. O fato de Davi conseguir – na transferência com a analista – dar sentido ao seu fenômeno psicossomático, ou seja, construir sua verdade na condição de ficção, e assim, poder avançar na vida, voltar frequentar a escola, rever os amigos, retomar suas atividades, etc., indicou a abertura para construção de uma demanda (que parecia impossível no começo).

No entanto, o ponto que destaco, e pelo qual foi o primeiro motivo de encaminhamento, foi o de que, mesmo com todas as conquistas de Davi, a angustia em sua mãe não cessou. Em vez disso, ela se manteve na posição de antes, assim como com os médicos, de queixa e angústia, além disso, deixou de levar Davi na sessões, ia sozinha. O que alertou a analista de que se não houvesse uma abertura de escuta para Lucia, provavelmente o tratamento de Davi seria interrompido.

A partir do manejo da analista, em que autoriza a mãe a falar, recebendo-a em alguns momentos, em paralelo ao atendimento de Davi, ela pode falar de sua angustia, suas questões, assim como Davi já estava fazendo, o que teria efeitos na relação entre os dois.

O trabalho analítico com Davi seguiu no sentido de fazer enigma frente a angústia, numa aposta de passagem de fenômeno para sintoma. Por outro lado, a mãe, transforma sua queixa em demanda para atendimento, formulando algumas questões sobre o lugar que Davi estava localizado em sua fala.

Assim, na clínica infantil, o gozo aparece como elemento importante no manejo transferencial com mãe e filho. Não se tratando de uma dupla, pois não há único gozo em questão, mas sim, há dois sujeitos, com questões e posicionamentos subjetivos diferentes, que em alguns momentos se enodam e em outros, se entrelaçam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Heloísa Helena A. e Ramirez; Tatiana C. Assadi; Christian Ingo R. Dunker (orgs.) A pele como litoral. São Paulo: Annablume, 2011.

LACAN, J. (1954-55/1985) O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1964/1998) O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar Editor.

_____. (1975-76/2007) O Seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1975) Conferência in Ginebra sobre el sintoma. Intervenciones y textos. Buenos Aires: Manantial.

NICOLAU, R. (2008) A psicossomática e a escrita do real. Mal-Estar e Subjetividade v.8, n.4, p. 959-990. Fortaleza: Universidade de Fortaleza.

PITANGA, C. (2006). Psicanálise e psicossomática: por uma análise possível. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em www.pgpsa.uerj.br.

Mariana Rodrigues Anconi
Psicóloga e Psicanalista. Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública (Faculdade de Saúde Pública da USP). Mestranda em Psicologia e Desenvolvimento humano pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP). Pesquisadora da Metodologia IRDI nas creches.

A CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA DIANTE DOS IMPASSES NA FUNÇÃO MATERNA E NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA INFANTIL.

Mariana Fontoura Terra Bento
Responsável pela apresentação
Thais Siqueira

RESUMO

Abordaremos sintomas de um paciente que surgem desde os primeiros meses de vida, tais como dificuldades alimentares, atrasos motores e de fala significativos, os quais parecem se articular com dificuldades no estabelecimento das relações fundamentais para o desenvolvimento psíquico da criança. A partir dessa reflexão de caso, o presente trabalho pretende discutir a peculiaridade da clínica psicanalítica contemporânea diante dos impasses na constituição subjetiva. Considerando a estruturação edípica, quais seriam as marcas desse desencontro entre mãe e filho, e quais manejos se fazem necessários para uma possibilidade de análise e seu desenrolar? Abordaremos as manifestações de uma sexualidade perverso polimorfa e suas possíveis elaborações lúdicas nas sessões; além das tentativas de *resgate* desse laço materno e familiar, como também de sua *construção*, já que a transferência nesse caso evidencia não apenas o desvelamento.

PALAVRAS-CHAVE: relação mãe-bebê, constituição psíquica, retificação pulsional, construção em análise.

Gostaríamos nesta apresentação de discutir os efeitos subjetivos e sintomáticos para uma criança dos desencontros primeiros nas suas relações de cuidado e filiação, assim como suas implicações para um tratamento psicanalítico. O atendimento psicológico de Igor[1] foi realizado em distintos dispositivos e momentos pelas autoras, quando trabalhavam no PECP (Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis), instituição de apoio à rede pública de saúde da região. Igor foi encaminhado para avaliação psicológica devido à dificuldade de tolerar frustrações. Inicialmente, ele e seus pais foram convocados a participar do grupo de intervenção breve, com duração de vinte sessões, ora conjuntas, ora com grupos de pais e crianças separados, cujo objetivo seria promover intervenções nas relações entre eles. Após o encerramento do grupo, Igor foi encaminhado para psicoterapia individual.

Nos primeiros atendimentos, em conjunto com Igor e seus pais, estes apresentaram o filho destacando os atrasos no desenvolvimento presentes desde o seu nascimento, que fora prematuro, tais como aprender a andar e falar apenas aos dois anos e meio, após tratamento médico. Naquele momento, ele contava com sete anos, e os pais o descreviam como muito agitado, sem limites e sem autonomia na realização das atividades da vida diária (trocar as roupas, escovar os dentes, comer, etc.), solicitando-os constantemente. Os pais associavam tais comportamentos a uma condição orgânica nomeada por eles como "falta de mielina no cérebro". Tal diagnóstico teria sido dado a partir de um exame de imagem e essa condição justificaria para eles o fato de Igor "enjoar rápido das coisas", o que descreviam acontecer também na relação dele com a alimentação e atividades (trocas de uma brincadeira para outra). Quando questionados acerca dessa relação causal, os pais pouco tinham a dizer alegando não entender bem "dessas coisas". Tentavam resgatar os termos técnicos do médico que realizou o exame, sem sucesso e, por fim, diante a sustentação do questionamento por parte das terapeutas, eles acabavam por silenciar.

1 Nome fictício

Esse exame, para os pais, parecia assim cumprir uma função de justificação e cristalização de Igor em uma posição de atraso no desenvolvimento. A articulação causa-efeito entre a condição orgânica e os sintomas o retirava de cena e parecia inclusive impedir que a história do seu começo da vida e dessa relação familiar fossem contadas. Os relatos fundados no real do corpo soavam estéreis, excluindo a dimensão do prazer tanto no que tange ao casal parental quanto no que se refere ao desenvolvimento funcional da criança, cuja restrição se justificava devido a impossibilidades inatas. Segundo Terzaghi e Coriat (2000), a constatação médica de um problema orgânico na criança pode gerar obstáculos à filiação, "(...) Algumas vezes um diagnóstico, uma diferença, situa o bebê em uma posição de dúvida, de indagação, (...) na qual nada pode se instalar..." (p. 20).

Para a psicanálise, o desenvolvimento de uma criança se encontra em profunda articulação com a possibilidade dos cuidadores suporem um sujeito, um advir para além daquela realidade orgânica, seja diagnosticada ou meramente observável. Freud (1914) afirma que o ego teria que ser desenvolvido: "os instintos auto-eróticos (...) ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo" (p. 84). O narcisismo seria necessário para a participação desse bebê no mundo dos homens, seus semelhantes, a partir da construção de uma imagem unificada do corpo, investida libidinalmente. "Tal unidade seria precipitada por uma determinada imagem que o sujeito adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o ego. O narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem" (Laplanche e Pontalis, 2004, p. 288).

Freud (1914) ainda ressalta que o amor dos pais pelo bebê seria seu próprio narcisismo renascido e transformado em amor objetal. O bebê dependeria assim de seu encontro com um outro, investido nessa relação, para se constituir psiquicamente e organizar a dispersão pulsional em que nasce. Como bem afirma Bergès (1988), "(...), o corpo é antes de mais nada um receptáculo, um lugar de inscrição, uma trama implacavelmente destinada a imprimir-se com os cenários, as cores de outrem, a começar pela cópia servil do motivo." (p. 51).

Dessa forma, a imagem que o outro lhe projeta seria fundamental. Nesse sentido, Lasnik (2004) aborda a importância do "erolhar" dos pais (era do olhar) em sua complexa articulação com a realidade orgânica do bebê, para que este possa constituir a vivência de seu corpo e entrada na linguagem:

> **O olhar justamente no que ele se opõe à visão, avista não o que está aí, mas um vir a ser, um advir – o que nos leva à noção de** *"ilusão antecipadora"* **(...) seria então comparável ao que Freud (1914) propõe em seu texto Introdução ao Narcisismo quando ele fala da necessidade de que a criança venha ocupar o lugar de "***His majesty the baby".* **(p. 55, grifo da autora)**

Além deste olhar, seria fundamental também uma escuta necessariamente iludida, que anteciparia mensagens significantes nos sons da criança. Ainda quanto à importância desses encontros na relação de um bebê com o seu entorno, Iaconelli (2015) afirma que "cabe ao adulto interpretar a necessidade do bebê (orgânica) como um pedido, como demanda (psíquica). Os pais antecipam um sujeito onde ainda não existe, o que lhe dá condição de vir a existir." (p. 117)

Entretanto, se essa ilusão não ocorre na relação entre um bebê e seus pais, ou acontece precariamente, quais seriam seus possíveis efeitos subjetivos e sintomáticos para a criança? É o que observamos no caso de Igor, um bebê prematuro que permaneceu colado predominantemente a uma imagem de seu real orgânico em falta. Embora essa antecipação da qual falamos tenha claramente ocorrido neste caso, já que não se trata de uma criança autista, ela parece ter se dado de forma particular e marcada fortemente pelo atravessamento do discurso médico. Ao mesmo tempo em que este permitiu um cuidado desses sintomas de Igor, também colaborou para que seus pais vissem sobretudo o bebê real, em seu choro, em seu desnudamento, dificultando a suposição de um apelo endereçado a eles. Nas sessões, era possível notar que os pais de Igor, na maior parte das vezes, não tomavam suas falas como tentativas de expressão, dotadas de sentido. Falas dos pais como "as crianças não entendem o que falamos, é muito fácil ser criança" eram seguidas de expressões de Igor como "Eu estou ouvindo, eu não cresço", sem que os pais reconhecessem a relação entre elas.

Para acontecer essa era do olhar e escuta entre o bebê e seus cuidadores, seria necessário então um descolamento do real orgânico, dos sentidos da visão e audição, pelo atravessamento do desejo, estruturante do

sujeito. Uma vez atravessados pelo desejo, os pais poderiam inscrever também esse bebê no registro da pulsão, em separação ao nível da necessidade, no qual inicialmente se "apoia" (Freud, 1905, p.171). Nesse sentido, cabe complementar que

> **A passagem do nível da necessidade para o nível da demanda se dá por meio das trocas corporais entre o bebê e o adulto que dele se ocupa. Nessas trocas, ambos precisam ser investidos. Não há como virtualizar a relação. (...), cabe enfatizar que não há psiquismo que se constitua fora da relação entre um corpo erotizado e que erotiza outro, para que a necessidade dê lugar à pulsão. (Iaconelli, 2015, p. 118)**

Os desencontros vivenciados entre os pais e a criança nesses primórdios trouxeram marcas evidentes na relação de Igor com seu corpo, com o outro, e no seu modo de se posicionar no discurso. Contudo, é interessante notar que as dificuldades alimentares de Igor, assim como os outros sintomas relatados pelos pais, eram descritas como falhas da criança. A mãe falava odiosamente das recusas de Igor a mamar, contando-lhe como um bebê caprichoso, "Ele não gostava de mamar, não tinha jeito, era esquisito. Como um bebê pode não mamar?". A indignação da mãe sugeria impasses na possibilidade dela em reconhecer Igor como seu bebê, implicando-se também nessa relação.

Segundo Iaconelli (2015), a mãe além de atribuir algo de seu ao bebê reconhecendo-o na filiação, também precisaria deixar em aberto um espaço, admiti-lo como outro, estranhá-lo. A tônica da relação entre Igor e sua mãe era a desse estranhamento, ainda assim, alguma suposição de sujeito acontecera, mesmo que predominantemente pelo negativo. Havia então um desencontro em que ela não podia refletir-se nele, e ele demonstrava uma recusa defensiva dessa imagem de um sujeito que falha. Um aspecto que evidenciava essa dinâmica era o modo que Igor se dirigia ou se referia a sua mãe, somente pelo nome próprio dela. Ela tampouco utilizava a referência de filho com frequência, mas se ressentia por não ser chamada de mãe, assim como era o pai.

Os impasses na construção dessa filiação se manifestavam prioritariamente pela oralidade da criança desde seus primeiros meses até o momento atual. Além das dificuldades iniciais com a amamentação, a saúde de Igor, ao longo da sua infância, apresentava-se vulnerável devido ao baixo peso e à variedade restrita de alimentos que aceitava. Segundo Jerusalinsky (2008), além de se relacionar à imagem inconsciente do corpo, a modalização da oralidade constitui um ponto sensível e simbolicamente representativo da relação da criança com o mundo e com seus cuidadores.

Essa relação, no caso de Igor e seus pais, se tornava ainda mais clara em contraponto à experiência da segunda gestação da mãe, pelas comparações constantes com o irmão que estava por vir. Ao início do grupo, ela estava no sétimo mês gestacional e valorizava bastante essa gravidez, que fora planejada, e este segundo bebê, como mais calmo, em contraste com as dificuldades relacionadas ao momento em que engravidara de Igor. Após o nascimento, a mãe enfatizava que este bebê mamava, enquanto Igor se alimentaria mal. Mãe e filho se contrapunham, rivalizavam. A magreza dele parecia lhe incomodar, levando-a a tecer críticas intensas a sua aparência.

A princípio, ela não parecia reconhecer os sentimentos dele quanto à chegada do irmão ou em relação às comparações feitas. Negava a existência de ansiedade, rivalidade ou expectativa, o que por outro lado se fazia evidente nas brincadeiras e falas da criança. No momento da aproximação do nascimento do bebê, os pais trouxeram ainda a possibilidade de que Igor ficasse em outro bairro, na casa de parentes distantes. Frente a isso, ele expressou preocupação em interromper suas atividades. As terapeutas intervieram na tentativa de legitimar a fala da criança, demonstrando que tal ruptura seria muito prejudicial. Na semana seguinte, os pais contaram que haviam se organizado de outra maneira e que Igor ficaria com eles neste momento. Aos poucos, a falta de escuta e reconhecimento da criança pelos pais foi então sendo nomeada.

Era possível notar os entraves na circulação da palavra. A comunicação parecia sempre falhar, a fala de um atingia o outro reverberando a afetação sem transmitir mensagem ou compartilhar experiências. Além disso, a falta de histórias sobre a relação do casal parental, sobre suas próprias configurações familiares e sobre o momento do nascimento do Igor evidenciavam a inacessibilidade dos pais à memória. Esta, por sua vez, parecia influenciar diretamente no desenrolar do tratamento da criança, os não-ditos dos pais demonstravam retornar nas

construções sintomáticas do filho. Assim, o trabalho visava mobilizar transformações nessa dinâmica. Segundo Dolto (1988), a criança por vezes faz a função de psicanalista dos pais permitindo, após ser tomada em tratamento, que os pais falem ao analista o que estava inacessível, por vezes, completamente esquecido.

Neste caso, tal movimentação se deu após alguns meses de atendimento. Em sessão com a analista responsável pelos atendimentos individuais da criança, em meio à repetição, já conhecida, das queixas acerca da alimentação do filho, a mãe se emocionou ao resgatar suas próprias dificuldades financeiras para se alimentar durante sua gestação. Relatou que não havia planejado ser mãe naquele momento, descrevendo-o como muito inadequado para a chegada de uma criança, tanto no que se refere aos aspectos materiais quanto aos relacionais e emocionais. Além disso, falou sobre os cuidados e temores relacionados à prematuridade de Igor, que parecia se manter, no discurso da mãe, como uma criança cuja vida está constantemente em risco. Atravessada por essas experiências, ela demonstrava dificuldade em reconhecer seu desenvolvimento e suas produções, por mais evidentes que estas se fizessem.

> **Certas crianças são marcadas, não em seu próprio nome, mas em nome daquilo que herdaram, com o peso do interdito do dizer, anterior à sua concepção ou concomitante com seu nascimento, sendo então seu corpo (seu *habitus*) que manifesta e significa o não dizível. (Dolto, 1988, p. 16)**

Neste sentido, a partir da memória resgatada pela mãe foi possível aos poucos refletir sobre a radicalidade da experiência da gestação de Igor. Como teria sido a experiência de gestar um outro ser no limite de sua própria sobrevivência? Como poder libidinizar, erotizar um corpo que compete diretamente com o seu próprio no limite da falta de recursos materiais? O que significaria ao bebê se alimentar neste contexto? Quais afetos de rivalidade e ódio podem ter despertado e marcado a relação mãe-bebê nesses primórdios? E como estes, a partir de então, seguiram operando silenciosamente nas manifestações da criança?

Após essa primeira revelação, outras vieram à cena analítica pelos relatos da mãe e da criança. Nesse sentido, o nascimento do irmão e a presença do bebê em algumas sessões familiares, mobilizaram resgate de novas palavras e construção de outras posições. Através da nomeação do quanto o segundo filho se parecia com ela, como era um bebê faminto, esperto e amado, foi possível, ainda que pela negativa, falar sobre suas fantasias e consequentes frustrações diante do bebê que Igor tinha sido, assim como de situá-lo, por meio da comparação e diferença com seu irmão, como "parecido com o pai" em alguns aspectos, marcando assim uma filiação. Além disso, a segunda gestação da mãe, agora investida libidinalmente e reconhecida socialmente, parece ter permitido uma reorganização do seu lugar de mãe, e um novo reconhecimento de sua função parental. De modo amplo, a partir do nascimento do bebê, foi possível observar uma significativa reorganização familiar. Ao Igor adveio um lugar de irmão mais velho, um salto para uma posição de quem devia "ajudar em casa" e "conseguia olhar o irmão". Por outro lado, também permitiu a ele uma importante experiência de castração, cujos efeitos podem ser relacionados aos avanços observados em seu desenvolvimento. Estes se faziam perceber na construção de suas brincadeiras, em sua organização discursiva, na evolução das aquisições na aprendizagem e na diminuição de sua restrição alimentar.

Nas sessões individuais, Igor apresentava em suas narrativas a intensidade de suas pulsões parciais, sendo realizado um movimento de gradativa organização e nomeação destas, via perlaboração transferencial materno-amorosa com a analista. O objetivo da terapia psicanalítica, que seria tornar consciente o inconsciente, amplia-se após 1920 diante das noções freudianas de pulsão de morte e compulsão à repetição, como também a partir das contribuições lacanianas, no que tange à retificação da pulsão. Podemos considerar então que o analista, como estrangeiro, em uma especial posição especular, retoma com seu olhar, sua palavra, como também com seus atos e seu corpo especialmente na clínica da infância, essa função parental de instauração, armação e regulação pulsional, indo além do desvelamento inconsciente.

No caso de Igor, as pulsões escopofílica, de dominação e crueldade se mostravam em sua disposição perverso polimorfa infantil originária, sem muitas barreiras de asco, vergonha, compaixão, autoridade ou interditos morais (Freud, 1905). Eram frequentes as referências orais e sobretudo anais nas brincadeiras, com destaque a cenas de alimentação, excreção e exposição da nudez entre os personagens. Mais tarde, essas expressões lúdicas de sua sexualidade agregariam também manifestações da pulsão de saber, com observações da região genital das bonecas e encenações de parto.

Uma cena lúdica marcante foi um episódio de contaminação alienígena. Quando tocados por um outro contaminado, os personagens eram tomados por massinha verde na boca e nos olhos. Ingerindo-a deixavam de enxergar e morriam a princípio, mas depois em estado zumbi andavam às cegas, com os braços suspensos pra frente, chamando "mamãe". Quem respondia o chamado era o personagem predileto de Igor, um médico, que viajava no tempo-espaço, retornando com uma poção mágica que os salvaria. É interessante pensar nessa contaminação oral que impede a visão e o encontro materno, e também no médico como aquele que responde ao chamado, como representantes do desencontro entre Igor e sua mãe desde a amamentação, e do atravessamento de sua constituição subjetiva pelo discurso médico.

Era evidente também a peculiar relação da criança com o tempo e o espaço; era possível nas brincadeiras ir e voltar no espaço-tempo, sem constrangimentos. Além disso, as interrupções entre sessões pareciam operar de forma frágil. Ao final, havia sempre o anúncio do "próximo episódio", lançando a um devir, a um desdobramento constante da história. Contudo, mesmo que uma continuidade se mantivesse, havia um intervalo, que inscrevia assim uma borda.

Depois de algum tempo, Igor passaria a nomear sempre a mesma boneca como personagem da analista, indicando um vínculo transferencial importante. Em algumas histórias, eles seriam os únicos sobreviventes, "além de nós mesmos", como ele destacava. Curioso pensar nessa menção ao seu corpo e ao da analista, o que reforça a impressão da importância deste nessa clínica, mas também sua necessidade concreta para Igor, ainda não totalmente simbolizável nos personagens.

De lutas globais travadas em cenários complexos entre personagens sobrenaturais e humanos, progressivamente as histórias construídas nas sessões foram se aproximando de contextos do cotidiano da criança. Era possível acompanhar em seus enredos a relação entre dois personagens irmãos, o que remetia ao momento de reorganização familiar e à construção de sua relação com o bebê. Com frequência, ele reproduzia brigas violentas entre os irmãos e solicitava mediações de personagens adultos, sem que estas surtissem efeito inicialmente. As cenas se repetiam e aos poucos essas intervenções passavam a operar. Em uma das sessões, por exemplo, Igor solicita que a personagem da terapeuta, a mãe, entre em contato com o médico, figura paterna, para solucionar uma disputa por comida entre os irmãos, sendo proposto "dividir". Posteriormente, os personagens irmãos se uniriam em cenas de bagunça e provocação aos adultos. Igor começaria a trazer seu celular com fotos do irmão às sessões, além de se mostrar bastante atento aos sons dele na sala de espera.

Em alguns momentos das últimas sessões, as intensidades dos atos cediam lugar a algumas falas em nome próprio, sem representações lúdicas, apenas relatos evocando seus sentimentos, medos ou expectativas na vida diária escolar ou familiar, as quais ele teria que "enfrentar". As contribuições da terapeuta também eram cada vez mais consideradas. Era possível acompanhar uma passagem do visceral catártico a uma possibilidade cada vez maior de nomeação e simbolização de seus conflitos inconscientes, e desse indizível familiar que lhe fazia sintoma.

A clínica contemporânea, especialmente a da infância, exige assim uma posição ativa por parte do analista, que se empresta na transferência enquanto corpo, palavra e fantasia, para não apenas resgatar essas conexões, como também forjá-las. Para além do desvelamento inconsciente, realizar construções em análise (Freud, 1937). Viajar por esses "vãos do espaço-tempo", como fazia o personagem de Igor, para realizar um resgate de marcas e histórias, sejam elas vividas, fantasiadas ou herdadas, e então ensaiar outros sentidos, contornos, elaborações, regulações, interdições, ou mesmo uma organização do que ainda não adveio, não se constituiu, e que se apresenta assim na relação analítica via transferência como possibilidade de perlaboração e construção.

Nesse sentido, é interessante retomar as contribuições clínicas de Dolto, que em seu contato com a plasticidade da infância, propunha em alguns casos uma ausência de castração ao redor de uma experiência específica, cuja reatualização em análise e reinscrição na linguagem permitiria então uma revinculação simbólica (François, 1968). Diferentemente das concepções de Lacan, essa ausência de castração não seria nestes casos determinante estruturalmente. O rápido desdobramento dos sintomas de Igor fazem notar uma possibilidade de retomada da montagem desse circuito pulsional e da castração nesse sentido proposto por Dolto, colocando em suspenso um diagnóstico clássico de psicose. Sem dúvida, uma discussão maior seria necessária, deixamos assim aqui apenas uma provocação do que poderia ser uma reflexão futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGÈS, J. 1988. O corpo e o olhar do outro *in Escritos da Criança*. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, n. 2, 3 ed.

DOLTO, F. 1988. A dificuldade de viver. Françoise Dolto: trad. de Alceu Edir Fillmann e Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas. Cap. 1, p. 7-66.

FRANÇOIS, Y. 1968. *Françoise Dolto: de la ética a la práctica del psicoanálisis de niños*. Buenos Aires: Nueva Visíon.

FREUD, S. Construções em Análise. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1937/1996, v. 23.

_____. Introdução ao Narcisismo. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996, v. 14.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996, v. 7.

IACONELLI, V. 2015. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume. Cap. 5 e 6, p. 113-153.

JERUSALINSKY, A.N. 2008. Considerações acerca da Avaliação Psicanalítica de crianças de 3 a 4 anos – AP3. In: Lerner, R., Kupfer, M.C.M. (orgs) *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo, SP: Escuta-FAPESP. p. 117-136.

LASNIK, M.C. 2004. A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador, BA: Ágalma. Parte I, p. 21-109.

TERZAGHI, M.A e CORIAT, H.L. 2000. Fundamentos e limites da estimulação precoce. Algumas reflexões. *Estilos da clínica*, Revista sobre a Infância com Problemas, Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida. IPUSP, 5(8):18-23.

Mariana Fontoura Terra Bento
Psicóloga graduada e licenciada pela USP-SP. Estagiou na Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida e na Revista Psicologia USP como assistente de editoração. Realizou aprimoramento profissional em psicologia clínica no Hospital do Servidor Público Estadual. Mestrado em psicanálise e psicopatologia pela Universidade Paris 7, revalidado pela USP-SP. Trabalhou como psicóloga plena no Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis. Atuação clínica em consultório particular.

Thais Siqueira
Psicóloga graduada pela PUC-SP. Estagiou em La Borde e na École Experimentale de Bonneuil-sur-Marne. Trabalhou no Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis. Professora e orientadora do curso de Pós-graduação em Psicanálise e Saúde do HIAE. Colaboradora voluntária do programa Com Tato do Instituto Fazendo História. Acompanhante terapêutica membro da Equipe HIATO e atuação clínica em consultório particular. Atual formação em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae.

ABUSOS CURTIDOS? REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL E MÍDIAS SOCIAIS.

Mira Wajntal

RESUMO

Aliado à "ditadura da criança" está o abuso das comunicações digitais que colaboram muito para o desalojamento dos familiares enquanto aqueles que introduzem e balizam a lei, quer seja da interdição, como dos valores éticos sociais. A criança se vê siderada pela escravidão das curtidas, criando uma "intimidade hiper exposta", cujo único valor é o olhar anônimo da platéia digital que introduz como o novo e valoroso objeto "o curtir". Ato anônimo que subverte os valores para a criança de forma radical. A transmissão cultural passa a circular nesta nova moeda.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade infantil e internet; violência; Psicanálise com crianças.

Muitos anos atrás, século passado, idos tempos, trabalhava na "Secretaria do Menor", me vi na seguinte situação, quando fui chamada para atender uma denúncia sobre abuso de uma criança de nove anos. A queixa era mais ou menos assim: "mãe que trabalhava em um motel na região central levou a filha que fora violentada pelo padrasto para o trabalho. Está ferida – a situação é muito séria!"

Cheguei ao local, vi uma menina de 9 anos, calma, tranquila, parecia bem, tinha pequenas escoriações no joelho. Contou com detalhes sobre a violência, de forma dramática e valorizava muito o fato de ser a vítima, mostrava seus joelhos como prova da agressão. Parecia contar com prazer. Estranhei. Muito atípico de tudo que havia visto até então naquela função. Fomos todos para a delegacia.

Estávamos eu, mãe e tia dentro do camburão a caminho da delegacia. A menina tinha ido no carro da Secretaria com outro profissional. A tia estava inconformada. Estimulei que ela falasse. Ela não se conformava com a relação mãe/filha – "está tudo invertido", ela dizia. Contou que quando a menina saía de casa, a mãe aproveitava para brincar de comindinha com as bonecas dela. Segundo a tia, a mãe não tivera infância. Imediatamente pensei: então este é o jeito dela, a menina brincar de casinha! Ocupou o lugar da mãe em relação ao padrasto para devolver à mãe a sua infância!

Uma família deste século, me procura pelo fato da filha adolescente estar se expondo nua nas mídias sociais. A investigação analítica revelou que por trás deste comportamento havia uma história de violência sexual sofrida por esta garota quando pequena.

O que estaria acontecendo com estas crianças? O que estão expondo exatamente? A que estão sendo expostas? Creio que em ambos os casos, em tempos culturais distintos, estamos falando da mesma coisa.

Podemos afirmar que ambas as meninas, uma ao simular uma violência sexual, a outra ao se expor violentamente, nas mídias sociais, estavam apelando por uma mensagem, um dizer não silenciado. Ambas denunciavam que foram colocadas de fora de uma ordem vigente, de suas garantias de serem crianças. Provavelmente a menina que simulou uma violência, foi exposta precocemente a conteúdos sexuais aos quais ela não conseguiu elaborar e na dúvida em rivalizar com sua mãe, ou se identificar com ela, acabou por fazer uma cena para todos. Cena que questionava a posição subjetiva dos adultos e demandava que suas histórias pudessem ser inscritas. Podemos supor, à guisa de Freud quando falou das fantasias de sedução nas histéricas, que a fantasia desta menina passava por esta encenação para que todos vissem.

A garota que se expunha nas mídias também pedia socorro! Apelava para alguém dizer que tudo que lhe ocorreu é errado, não deveria acontecer, ela fora vítima. Mas para entender a agressão que se submetera na infância, precisou recordar tudo em ato. Um ato grotesco para todos verem. Um ato que, com certeza, só a fez reviver a violência. Quer pela exposição, quer pela reação da família, com a diferença que desta vez ela era ativa na cena, ela tinha prazer ao dominar a cena. O trabalho de escuta feito com ela revelou que esta foi a forma de a olharem, conhecerem uma história velada. Desta forma, ela pôde sair da passividade para uma cena na qual ela dominava, mesmo que de forma muito violenta.

Porém, além dos destinatários da mensagem, neste caso, contamos com a rede dos internautas "vouyer", que a assistiram. O que viram? o que entenderam? Como receberam esta mensagem? E, o mais importante, como a utilizaram?

Keep calm! We have 500 likes!

"Fique calmo! Temos 500 curtidas!", diz uma postagem.

Este post traz algumas respostas e milhões de questões sobre a atual hiper exposição das crianças. Por que precisam de tantos "Likes"?

"Likes" se tornou a moeda do momento. Sim, esta mesma que se equivale a seio, falo, fezes e bebê. "Quem tem likes tem tudo".

"Uma garota de 13 anos me contou que se afastou de sua melhor amiga que se fotografava, cada vez com menos roupas para postar nas mídias sociais – mas ela era quem tinha mais "likes" na página dela, comenta com resquícios de inveja."

Uma moeda, que diferente das antigas, não dá trabalho, não dá tempo para a elaboração, apenas demanda "olhares"- preciso que me curtam! Tanto faz o depois, tanto faz o tempo, tanto faz a mensagem. Estes olhares, "likes" ou curtidas também são, em geral, descarregados de mensagens ou conteúdo. Simplesmente um "Like". O que quer dizer um "like"? Viu? Gostou? Não gostou? Horrorizou? O que efetivamente está sendo transmitido e recebido? Tem gente que cria perfil falso apenas para dar curtidas a si próprio. Afinal, quem tem muitos "likes" faz com que apareça mais e, claro, obtenha mais "likes" ainda.

Parece que o império das curtidas e visualizações aliena o sujeito em um narcisismo concreto que nunca se desloca, figura ou realmente se expressa. Isto provoca uma sideração que nem sempre vem associada a uma mensagem, apenas se mostra, mas é extremamente escravizante, um puro olhar, alienante e destituído de palavras. Muitas vezes o interlocutor é anônimo. Então, diante do número de visualizações, está uma plateia anônima que não diz nada! Não reflete nada, mas viu! Isto que importa!

Que grande paradoxo!

Uma moeda que, neste século, desde o nascimento, o bebê aprende a obter. Lembro-me de um menino que desde pequeno perguntava para a mãe quantas pessoas e quem curtiu a foto que ela havia postado dele.

Muito precocemente as crianças já podem fotografar, postar e medir seus likes. Cada vez mais há ferramentas perpétuas ou instantâneas que fazem com que todos saibam quem está, aonde e com quem, quem está de fora e quem tem mais "Likes". Qualquer "Stalker" na internet facilmente mede a popularidade do amigo ou rival.

Enquanto o mundo digital introduz como um novo e valoroso objeto "o curtir"- ato anônimo que subverte os valores para a criança de forma radical - a transmissão cultural passa a circular nesta nova moeda. Uma moeda que se adquire sem trabalho ou elaboração, colocando a criança em um imediatismo, comprometendo, inclusive, sua relação com o tempo, com a noção de causa e consequência. Não há limites, a imagem de completude, alterna-se entre presença e volatilidade.

E se não tiver "likes"?

Parece que se mergulha em uma espécie de invisibilidade. Lembrando, um pouco, a angústia que uma criança poderia demonstrar em uma brincadeira na qual ninguém a vê. Diferente de um esconde-esconde em que lhe procuram, estando implícita a ideia de que a reconhecem e buscam por ela, na brincadeira em que a criança é invisível, parece que não se nota sua existência. Para alguns, especialmente os infantes, isto pode ser muito angustiante.

O que uma criança pode fazer para ser vista? Ouvida? Ao que pode se submeter para tal finalidade?

Dentre as respostas, podemos elencar "nudes", cortes, bullying e se expor a riscos demasiados para a idade.

À moda antiga do "eu e o isso" podemos questionar Likes para qual instância? Do eu ou do Isso? Como processar tal conflito?

"Likes or not likes? This is the question."

Para quem e para quê.

A hiper exposição, enquanto demanda, vem atender aos anseios parentais? A uma necessidade mais primitiva de aceitação? A imagem de Eu?

A mídia social coloca as crianças na tirania, maior que seu eu, de aprovação. As feridas narcísicas tomam proporções continentais quando a régua é o número de Likes.

Como manter a calma?

A ferramenta digital, "tão tão" rápida, parece que deixa tudo "tão tão" distante! A dúvida respondida imediatamente pelo Dr. Google, aborta tudo que conhecemos sobre o nome de elaboração, apropriação.

O jovem internauta, por sua vez, comete atos sem pensar e depois não consegue se apropriar de sua autoria. No mundo virtual, pode dizer e fazer qualquer coisa, não se consegue vislumbrar as consequências. Vive-se um ato sem autor, sem sujeito. E aquilo, que até então, seu ilusório objeto de desejo, "Likes", sem que se saiba ou perceba, cai em desgraça. Para ter um like pode-se tudo, pensa-se que não há regras ou lei.

Sabemos que punição, sanção e castração são as chaves escondidas da humanização, da sexualidade, chaves que abrem, como vemos habitualmente na nossa experiência, os acidentes da evolução do desejo. Como criar um humano com a vivência de que tudo pode e sem a noção de elaboração e de tempo? Será que no meio mais moderno de comunicação, estamos promovendo uma vivência para as crianças e adolescentes de reconhecimento fugaz, que frequentemente desemboca na falta de reconhecimento?

As Mudanças tecnológicas permitem uma intimidade à distância não associada à coorporeidade. Um encontro que prescinde do corpo, do tempo e do espaço! O sujeito parece ser convocado a encarnar seu próprio corpo apenas com acometimento da angústia. A angústia é que convoca o internauta navegante a saber-se corpo.

Cris, 17 anos, gótico, inteligente, tentando entrar na faculdade. Sua família procura ajuda, pois ele vem se cortando. Além do mais, acabara de tentar "suicídio" ingerindo bebida alcoólica junto com anti-depressivos indicados devido a seu comportamento de automutilação.
Associa o ato de se cortar com o fato de sua irmã mais velha ter engravidado solteira e com o fim de seu namoro com a garota de quem gostava – era o fim de sua família ideal. Não podia vislumbrar um futuro, sentia-se caindo em desgraça.

Cris cortava-se para não sentir a dor. Havia uma barganha na qual trocava a dor da carne pela dor narcísica. Seriam de fato equivalentes? O corte inscreve uma diferenciação? Pode instaurar um lugar para o Eu?

Cris parecia ocupar o lugar do "dislike", "desgostado". A angústia de sua decepção o colocava em uma espécie de invisibilidade. Angústia que o convocava a nada poder, a ser corpo. Romper com o corpo era a melhor maneira de sanar a dor.

Diante do freqüente comportamento juvenil de se cortar, podemos nos perguntar se por trás deste ato, tem a ilusão de um corpo descartável, que se torna presente através da angústia e que a dor de uma lesão pode

superar tal realidade? Isto é, a lesão seria a negação do limite, do corpo que nos circunscreve em um tempo, em um espaço. Além disto, paradoxalmente, o corte na carne insere o jovem em um grupo - os que se cortam - garantindo-lhe uma pertinência identitária virtual!

Como a psicanálise pode intervir em meio a tudo isto?

Lembro-me do visionário filme sobre o império da imagem, "Até o Fim do Mundo" de Wim Wenders, 1991, quando alguns personagens se veem intoxicados pelo mundo virtual. Na trama, a cura veio através da narrativa escrita e oral que reconduzia os personagens para suas histórias ou tradições, realizando uma inscrição simbólica, um deslocamento da imagem.

Em nossa clinica também temos ao nosso alcance esta condução. Quando uma família nos procura com queixas sobre um jovem que padece deste males, procuramos realizar um percurso semelhante para que possam compreender, se posicionar e resignificar suas agruras da vida e socialização.

Por outro lado, pensaremos na família como parceira, uma vez que esta costuma ser o local, por excelência, de transmissão de cultura. Mas, observamos que, na passagem deste século, há uma mudança na família que vem deixando de exercer esta função, quer pelo fato das crianças irem, cada vez mais precocemente, para uma escola ou creche; quer pela ausência cada vez mais prolongada de seus pais que trabalham; desalojando dos familiares este lugar de quem introduz e baliza a lei, quer seja da interdição, como dos valores éticos sociais. Bernadino e Kupfer (2008).

Ao lado disto, os pais conferem aos filhos um ideal de "vida" sem limites, frustrações ou desafios, oferecendo-lhes uma profusão de objetos, com intuito de substituir sua falta e lhes proporcionar uma "boa vida" a qual se sentiram privados. Crescem sob a ilusão que nada lhes falta, somado a este ideal que delega aos filhos gozar de tudo que os próprios pais não tiveram a oportunidade de fazer. Tentam reparar as privações que sentem narcisicamente cerceados. Cada vez mais, a palavra e a troca afetiva vem sendo substituída pelo mundo da imagem. Os jovens estão muito mais preocupadas com o que se tem, e não com o que se é. A cultura vigente ordena às crianças que desfrutem, que gozem de todos os bens - nosso novo ideal de felicidade. (*idem 2008)*

Ao lado disto, outro complicador é o fato de que o mundo adulto expõe, cada vez mais, a criança a um erotismo precoce. E, não menos importante, é o fato desta geração crescer sendo a detentora do domínio das ferramentas digitais, passando esta a ser a instrutora de seus pais, confirmando que a mesma é que detem o saber. Esta equação mantém a criança como aquela que pode decidir tudo em casa.(*ibiden, 2008)*

Isto vem trazendo consequências para a criança, quer seja na sua relação com o seu corpo, na sua socialização e escolarização. Os comportamentos de risco se multiplicam, cada vez com mais ferramentas e recursos digitais, não deixando aos olhos de quem os vê muitos indícios ou rastros. Parece que as inscrições simbólicas e seus representantes na tradição familiar estão cada vez mais desautorizados pelo mundo instantâneo do digital. Isto impõe aos analistas uma dupla tarefa: não apenas assistir ao jovem a quem se dirige a queixa mas procurar resgatar a função de mediador da cultura da geração antecedente.

Por outro lado, neste ponto, aonde parece que nos encontramos diante de uma encruzilhada, a psicanálise convoca suas interfaces com outras áreas do conhecimento quando nossa escuta abrange diagnósticos que vão além da clínica, propiciando que diversas áreas se entrelacem. Estamos diante não mais de questões que abrangem unicamente os sujeitos e suas famílias e a esfera de seu alcance, mas de questões de consumo, modos de produção, qualidade de vida e relações sociais, fazendo suas marcas nestes sujeitos e famílias.

As ferramentas digitais, principalmente para as gerações que as antecederam, trazem consigo não só a velocidade e a aproximação de elos distantes ou perdidos, como uma democratização do acesso a informação e divulgação de ideias. Mas também nos deixou alguns dos seus efeitos colaterais dos quais teremos como legado cuidar. A resolução destes efeitos aponta mais para uma composição multifatorial e multidisciplinar que possa refletir não só na qualidade de vida desta geração, como também em seus instrumentos de representação e confiabilidade para realizar uma transformação social que não priorize o individualismo, tão presente nos meios de produção de bens ou saber, nem promova a solidão e a exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

Freud, S - 1893 [1895] "Estudios sobre la Histeria", in: *Obras Completas de Freud*, Madri, Editora Biblioteca Nueva, 4ª edição, 1981.

_____ - 1908 "Teorias Sexuales Infantiles", in: *Obras Completas de Freud*, Madri, Editora Biblioteca Nueva, 4ª edição, 1981.

_____ - (1914) – "Recordar, Repetir e Elaborar", in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud*, RJ, Imago, Edição de 1980 - vol. XXII.

_____ (1998). *Além do Princípio do Prazer*. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro, Imago. (Original publicado em 1920).

_____- 1923 - "La Organizacion Genital Infantil" in in: *Obras Completas de Freud*, Madri, Editora Biblioteca Nueva, 4ª edição, 1981.

_____- 1925 - "Algumas Consecuencias Psiquicas de la Diferencia Sexual Anatômica", in: *Obras Completas de Freud*, Madri, Editora Biblioteca Nueva, 4ª edição, 1981.

Lacan, J.- "Hamlet por Lacan", Escuta/Liubliú. Campinas, 1986.

LMF Bernardino, MCM Kupfer - Revista Mal Estar e Subjetividade -Fortaleza - Vol.VII - No. 3 - p. 661-680 - SET/ 2008.

Pelbart, PP - A vertigem por um fio - Política da subjetividade comtenporânea. Iluminuras/ FAPESP, SP, 2000.

Mira Wajntal
Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Integrou equipes de Hospital-Dia Infantil e CAPS Infantil por 14 anos. Livros: *"Uma Clínica para a Construção do Corpo"*, Via Lettera, SP, 2004 e "Clínica com Crianças: Enlaces e Desenlaces", Ed. Casa do Psicólogo, SP, 2008. Coordenadora do Curso de Expansão Cultural (Sedes) "Autismo e Psicoses na Infância" e "O Bebê e seu entorno".

INCIDÊNCIAS DAS PALAVRAS DO ADULTO ACERCA DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

Anna Paula Njaime Mendes
Nívea de Fátima Gomes

RESUMO

A recorrência da violência sexual contra crianças nos convoca a pensar sobre o papel do outro: quais são os efeitos da palavra do adulto? Se os esclarecimentos e orientações sobre a origem dos bebês e a diferença anatômica continuam gerando tantas polêmicas, o que dizer sobre as tentativas de precaver as crianças sobre a possibilidade de um abuso sexual? Primeiramente, abordaremos as incidências das palavras do adulto diante do temor de uma violência sexual, assunto que se relaciona estreitamente com o tema do esclarecimento sexual infantil. Em seguida, discutiremos, nos âmbitos familiar e profissional, as reações dos adultos e seus efeitos para a criança diante do abuso sexual consumado.

PALAVRAS-CHAVE: orientação sexual, prevenção, trauma sexual, método clínico.

INCIDÊNCIAS DAS PALAVRAS DO ADULTO ACERCA DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

A despeito da liberação sexual e da erotização da infância assistida nas últimas décadas, a curiosidade das crianças ainda deixa perplexos, atrapalhados ou paralisados seus pais e educadores. Até que ponto se deve falar, como devem ser feitos os esclarecimentos, as recentes polêmicas sobre livros didáticos acerca da educação sexual e o temor de que possam promover a estimulação sexual precoce são alguns dos questionamentos que permeiam o cotidiano dos analistas de crianças.

As contribuições teóricas de Freud – partindo dos relatos de sedução de suas pacientes quando crianças até o desvelamento de que, para todos, a sexualidade começa na infância – trouxeram à tona a problematização do papel do adulto na constituição do psiquismo infantil e no trauma sexual. De fato, a desconfiança de que pode haver estimulação ou sedução nas trocas entre cuidador e criança não é descabida. Desde os "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905) e, depois, com a Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, não há dúvidas de que

> **o principal espaço capaz de reativar (*regen*) a sexualidade infantil adormecida no adulto é justamente a situação dos cuidados dispensados à criança: em tal situação coexistem a reciprocidade e a dissimetria. A reciprocidade corresponde às trocas adulto-infans no plano da autoconservação ou do apego. A dissimetria diz respeito ao fato de que só o adulto abriga em si mesmo um inconsciente infantil sexual recalcado e que esse inconsciente tentará se infiltrar na comunicação autoconservadora, ao ponto de torná-la quase ininteligível. (Laplanche, 2015, p.272)**

Partindo desse apontamento, indagamos: poderia ainda haver uma comunicação entre adultos e crianças no nível da orientação? Em "O esclarecimento sexual de crianças" (1907), Freud afirma, sem abrir ressalvas, que as crianças devem ser informadas sobre a vida sexual dos seres humanos e ressalta que "a curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem" (p. 129). O papel da escola também é claramente apontado, considerando que a sexualidade deveria ser tratada como os outros conteúdos escolares, de maneira gradual, respeitando as etapas do desenvolvimento infantil.

Mais tarde, em "Análise terminável e interminável" (1937), Freud ponderou o alcance dos esclarecimentos sexuais, levando-nos a pensar sobre os limites das informações oferecidas às crianças:

> **Estou longe de sustentar que isso é prejudicial ou desnecessário, mas é claro que o efeito profilático dessa medida liberal tem sido grandemente superestimado. Após tais esclarecimentos, as crianças sabem algo que não conheciam antes, mas não fazem uso do novo conhecimento que lhes foi presenteado (p. 250)**

O diálogo com os pais, no intuito de prepará-los para oferecer esclarecimentos aos filhos, foi a trilha escolhida por Dolto ao aceitar participar, na década de 70, de um programa de rádio francês que consistia em responder às cartas de pais com dúvidas sobre o desenvolvimento e a educação dos filhos[1]. Um dos aspectos notáveis nas respostas de Dolto – diante de uma variedade de temas, dentre os quais a sexualidade das crianças – é a importância atribuída à conversa simples, verdadeira e viva com os filhos.

Ressaltamos, ainda, suas orientações a respeito de comportamentos dos pais que podem, sem que percebam, excitar precocemente a criança. Dolto aponta que determinadas atitudes dos pais demarcam limites entre os adultos e as crianças e compõem a educação sexual. Atitudes e situações cotidianas – como ter um quarto individual ou um armário com chave para esconder dos pais e irmãos o que for mais precioso para a criança – transmitem simbolicamente os limites que nos resguardam nos contatos uns com os outros, conclui a autora. Do mesmo modo, quando uma criança se opõe a cumprimentar com abraços e beijos várias pessoas numa reunião social e não é forçada a isso, quando lhe explicam sobre a necessidade de ser tocada durante uma consulta médica ou quando o adulto estabelece regras para as brincadeiras corpo a corpo, algo estaria sendo comunicado a ela sobre os limites do outro sobre seu corpo e vice-versa.

A partir desses apontamentos, depreende-se que a educação sexual de crianças e, particularmente, a orientação para ajudá-las a identificar ou denunciar o abuso sexual, poderia ser introduzida e alicerçada por noções como as de privacidade, intimidade e limite, construídas na relação do outro com seu corpo, seus segredos, sua história, seus objetos mais valiosos… Dessa maneira, possivelmente, teremos um cenário mais favorável para que as palavras dos adultos e o conteúdo dos materiais (músicas, livros e vídeos) destinados a orientar as crianças sobre o risco de abuso sexual possam ser apropriados. Essa hipótese nos ajuda a compreender como algumas crianças que nunca receberam qualquer orientação direta, conseguem perceber que algo não está bem e são capazes de tentar cuidar de si e ainda proteger quem está mais vulnerável.

A ausência de orientação e diálogo com as crianças pode refletir o temor de que tratar do tema abertamente com crianças possa "implantar" ideias inapropriadas ao mundo infantil. Diante do medo e das dúvidas, alguns adultos refugiam-se no silêncio absoluto ou dizem para a criança que "só pode confiar no papai e na mamãe", transmitindo a ideia de que todos os outros seriam um perigo em potencial e ela própria, um objeto de desejo. No outro extremo, estão os pais que decidem falar e mostrar tudo à criança sem mediação ou recursos simbólicos.

Dispomos hoje de vários livros, cartilhas e vídeos destinados ao público infantil para orientação contra o abuso sexual. Muitos destes materiais ilustram situações abusivas, por exemplo: "*se alguém quiser fotografá-la sem roupa, lhe pedir para tocar nas suas partes íntimas, lhe dar presentes para que fique em silêncio... diga não!*"[2] ou então contrapõem situações suspeitas a outras que correspondem a demonstrações genuínas de carinho e cuidado por parte dos adultos. Pretende-se, assim, instrumentalizar a criança para que possa reconhecer quando um contato é abusivo e recorrer à ajuda de um adulto de confiança se for o caso.

A mensagem central destes materiais diz respeito à *proibição* do abuso sexual contra crianças. Nesse ato proibido, a vítima é sempre a criança, o que pode encorajar o pedido de ajuda, afinal, "a admissão de culpa e a vergonha resultante talvez sejam as razões básicas para que a criança molestada não fale" (Silva, Souza e Santos, 2013, p. 99). *Iara, de 9 anos, iniciou o relato à família sobre o abuso que vinha sofrendo, fazendo referência ao caráter proibitivo do abuso: "sabe aquele cartaz 'pedofilia é crime'? Pois é, o meu tio...*". Outra criança que negava

1 Esta experiência foi registrada no livro "Quando os filhos precisam dos pais: respostas a consultas de pais com dificuldades na educação dos filhos" (2008).

2 Os trechos aqui citados foram retirados de vídeos disponíveis na internet (youtube.com.br).

as evidências do abuso sofrido, pôde contar o que aconteceu após ver um vídeo que informava sobre o que um adulto não pode fazer com o corpo de uma criança.

No entanto, uma situação abusiva nem sempre é claramente discernível como tal. Desse modo, dizer à criança, por exemplo, que *"no nosso coração nós temos um radar para saber quando o mal quer nos pegar... Bons toques nos fazem sentir bem. Maus toques nos deixam confusos"* pode significar dar-lhe a responsabilidade de fazer um julgamento para o qual talvez não tenha recursos internos suficientes. Sabemos ainda que um contato abusivo nem sempre provoca imediatamente (ou apenas) reações desagradáveis, confusão ou angústia, podendo até mesmo ser confundido com manifestações de carinho.

Outro aspecto fundamental, com vistas a preservar a possibilidade de confiar nos adultos, é o esclarecimento de que a maioria das pessoas não comete abusos contra crianças (Silva, Souza e Santos, 2013). Ademais, para que o diálogo ultrapasse a mensagem sobre o risco de abuso e seja, de fato, uma proposta de orientação deve incluir o conhecimento sobre o próprio corpo, as diferenças entre adultos e crianças e o direito de dizer "não".

Talvez uma das contribuições mais importantes desses materiais informativos e lúdicos seja servir como suporte *para os adultos*, ante suas próprias dificuldades na medida em que podem criar abertura para que o tema seja abordado junto às crianças. O próprio fato de um adulto acompanhar a criança durante a leitura de uma cartilha ou exibição de um vídeo informa-lhe que este tema é legítimo. Além disso, os materiais servem ainda como uma tela de proteção entre os conteúdos sexuais inconscientes do adulto e o psiquismo infantil.

A problemática da violência sexual contra crianças tem se apresentado cotidianamente na clínica e, já não bastassem as questões inerentes a um trauma sexual – que de imediato colocam em xeque a confiabilidade, a capacidade de proteger e cuidar dos adultos que rodeiam essas crianças – ainda é preciso lidar com os tropeços dos pais, educadores e demais profissionais. A partir da denúncia que estanca ou deveria estancar a sangria de invasões e excitações ao corpo da criança, inicia-se uma peregrinação por diversos dispositivos sociais, da saúde e jurídicos: conselho tutelar, delegacia, hospital, IML, os quais têm se esforçado para humanizar e não revitimizar a criança. Apesar dessa intenção, nesses locais, a criança é inquirida e examinada, questionada, solicitada a repetir e detalhar o que lhe ocorreu, muitas vezes a despeito de sua vontade de manter o silêncio.

O caso de Iara, 9 anos, ilustra a questão. A criança relatou que vinha sofrendo abuso sexual. Seus pais fizeram a denúncia e ela prestou depoimento em cinco ocasiões diferentes. Passou mal durante o depoimento duas vezes, sendo que, em uma delas, chegou a evacuar na roupa. Então, ficou relutante para retornar à delegacia. Ao mesmo tempo, começavam os atendimentos psicológicos. Nada sobre o abuso sexual foi perguntado à criança, que trouxe o relato espontaneamente na terceira sessão. Pretendia-se demarcar diferenças entre o trabalho terapêutico e o investigativo e criar condições para a formação do laço transferencial, dando à criança a liberdade de falar no seu tempo ou até mesmo nada dizer diretamente.

Com o intuito de minimizar os danos à criança, torna-se imprescindível discutir, apurar as formas de proceder, encontrar referenciais teóricos que possam orientar e dar suporte para os profissionais e para nós, analistas de crianças. Introduzir o tema do abuso ou esperar, ater-se às intervenções no interior do jogo ou fazer referência direta às experiências da criança, buscar a rememoração e incitar a fala ou respeitar o silêncio... são alguns caminhos que o psicanalista de crianças terá que ponderar nestes casos. As palavras dos adultos – profissionais e familiares – terão impacto direto nas possibilidades de legitimação e elaboração do trauma vivido.

Observamos que as reações dos adultos podem estar fortemente relacionadas à existência ou não de violência física conjugada à vivência do abuso sexual infantil. Tendem a julgar que quanto mais sequelas corporais houver, mais intenso será o trauma psíquico resultante. Assim, de acordo com nossa experiência clínica, se a violência física é proeminente, todos se mostram muito sensibilizados: desdobram-se para oferecer cuidados e tomar as devidas providências. Por outro lado, nos casos de ausência de violência física, estabelece-se no entorno um sentimento de desconfiança de que pode ter havido um consenso entre a criança e o abusador ou de que seu relato possa ser fantasioso. Nesse ponto, chegamos a uma questão de extrema importância e que traz consequências desastrosas para a criança: a negação da realidade do evento traumático *não pela própria criança* (como acontece na rejeição ou recusa freudianas), mas justamente pelos adultos à sua volta.

O *desmentido*, peça essencial para a teoria do trauma ferencziana, é considerado mais decisivo do que a violência propriamente dita. Ocorre quando a criança procura contar sua experiência e é desacreditada, induzida a negar suas próprias sensações corporais e a desvalorizar seu relato, o que resulta na dissociação entre a inscrição psíquica da violência sofrida e a totalidade de seu ego. Diante da negação perversa da realidade, a criança desamparada e confusa fica impossibilitada de simbolizar sua experiência de sofrimento. Ferenczi (1933[1932]) aponta, inclusive, que a grande solidão enfrentada por essas crianças demarca o modo de transferência baseado na submissão, característico das análises de adultos traumatizados. Em "Reflexões sobre o trauma" (1934[1931-1932]), descreve que *O comportamento dos adultos em relação à criança*

que sofreu o traumatismo faz parte do modo de ação psíquica do trauma. Eles dão, em geral, e num elevado grau, prova de *incompreensão* aparente. A criança é *punida,* o que, entre outras coisas, age também sobre a criança pela enorme injustiça que representa... exige da criança um grau de heroísmo de que ela ainda não é capaz. Ou então os adultos reagem com um *silêncio de morte* que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja. (p. 111, itálicos do autor).

Nesse sentido, a violência sexual não seria, por si só e sempre, traumática. De acordo com Ferenczi (1933[1932]), o trauma advém da ausência de um acolhimento que possa ajudar a criança a dar alguma significação à experiência vivida. A falta de uma testemunha sensível torna o acidente inenarrável e traumático, assim como o acolhimento da criança e da sua linguagem é capaz de criar sentidos inéditos para o vivido (Kupperman, 2009).

Anne Alvarez (1994), psicanalista canadense que trabalhou por anos com crianças maltratadas e severamente deprimidas na Tavistock Clinic, afirma que, mesmo quando o abuso se assemelha mais a um carinho, isso não necessariamente anula seu impacto, pois "há um despertar, às vezes para uma poderosa experiência sensual que a criança não consegue deixar de temer profundamente... temos que trabalhar com grande delicadeza nesses momentos para ajudar a criança a distinguir amor de perversão sexual" (p.171). Sem dúvida, há uma grande dificuldade para abordar o fato do abuso com a delicadeza necessária. Ora ignoramos e oferecemos apenas o silêncio, ora nos excedemos e invadimos a criança com perguntas. Afinal de contas, por que é tão complicado?

Muitos autores já apontaram que a própria centralidade da noção de realidade psíquica nas teorizações psicanalíticas causou, por longa data, o ensurdecimento dos analistas para os relatos de abuso sexual e incestos realmente consumados. Por outro lado, Freud foi capaz de nos esclarecer sobre a comoção causada pela história de Édipo, na qual a mera encenação do ato incestuoso incidia em vivências psíquicas remotas, provocando angústia e estranhamento ao trazer à tona desejos que, há muito tempo, precisaram ser fortemente suprimidos, transformados em fantasias e identificações. Portanto, é nesse sentido que as relações sexuais entre pais e filhos ou entre crianças e adultos representam transgressões máximas, ao escancarar o acesso livre e a realização dos desejos que a grande maioria de nós precisou abdicar em troca da inserção na civilização e no mundo simbólico. Daí a repulsa e o afastamento, daí também se originam o fascínio e a compulsão de alguns profissionais por esmiuçar cada detalhe do que aconteceu à criança.

Alvarez (1994) faz apontamentos de extrema importância para nos ajudar a compreender o estado psíquico de uma criança que passou pela experiência de abuso e, assim, nos oferece instrumentos para lidar com nossas próprias reações:

a ideia que vigora na sociedade de que alguma coisa é modificada e resolvida pela revelação da situação de abuso pode não ser compartilhada pela criança... ela pode estar tão embotada emocional e cognitivamente que nada mais tem qualquer significado. Ou pode ter sido corrompida e ter se tornado fascinada pelo abuso ou ter se tornado, ela própria, alguém que abusa. Ela pode temer muito mais a pessoa que abusa do que o próprio ato de abuso. Pode ainda sentir um profundo amor pela figura de quem abusa dela (p.162)

Com isso, indica que devemos ser cuidadosos ao tentar impor a essas crianças noções de proteção e de justiça compartilhadas socialmente, e nos prepararmos para reações de rechaço, questionamento ou negação por parte delas.

No interior dos consultórios, acostumados a lidar com a problemática neurótica, muitos analistas tendem a compreender os deslocamentos e projeções feitos pela criança severamente traumatizada como defesas ou fugas da realidade, que deveriam, portanto, ser automaticamente interpretados e recolocados no seu devido lugar. Em seus registros clínicos, Alvarez (1994) observa que:

> **Enquanto o paciente mais moderadamente traumatizado, cujo distúrbio está afetando sua personalidade no nível neurótico, pode precisar lembrar o trauma para poder esquecer, as crianças mais danificadas, cujo trauma é mais severo e mais crônico, podem precisar esquecer o trauma para poderem ser capazes de lembrar (p.161)**

Aponta, com isso, que devemos avaliar com parcimônia se os deslocamentos, as inversões, as fugas e as projeções, a irritabilidade ao menor sinal de intrusão são puramente defensivos e, portanto, devem ser interpretados ou se esses movimentos para longe da experiência original configuram tentativas de explorar o trauma em um lugar mais tolerável: "o lugar novo, aparentemente inocente e não-traumático pode ser um lugar mais seguro se capacita a criança a pensar sobre seu trauma em porções digeríveis e manejáveis" (Alvarez, 1994, p.164).

A ideia da autora de deixar que a criança possa esquecer aspectos do abuso se enraiza no pensamento psicanalítico sobre o período da latência, fase do desenvolvimento infantil marcada pela defesa excessiva contra a fantasia e investimento em funções intelectuais. Não defende o conluio do terapeuta com a negação, mas a atenção para discriminar as tentativas de negar e as tentativas de superar.

Para concluir, apontamos uma possível comunicação entre a problemática "lembrar *x* esquecer", tratada por Alvarez (1994) nos casos de traumas e a premissa de Silvia Bleichmar sobre o recalcamento originário como constitutivo do psiquismo. A obra desta autora representa uma trilha possível para a continuidade desse trabalho. Ao ressituar o mito do recalcamento originário como conceito fundamental, Bleichmar dá um lugar ao esquecimento, problematizando a técnica clássica da interpretação. Assim, convoca-nos a pensar em outras modalidades de intervenção com sujeitos cujo psiquismo está em constituição ou começa a apresentar falhas a partir da invasão traumática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bleichmar, S. (2005). *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Anablume.

Dolto, F. (2008). *Quando os filhos precisam dos pais: respostas a consultas de pais com dificuldades na educação dos filhos*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Ferenczi, S. (2011). Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança (A linguagem da ternura e da paixão). In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).

Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934[1931-1932]).

Freud S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud S. (2006). O esclarecimento sexual de crianças. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 121-129). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud S. (2006). Análise terminável e interminável. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano - 2000-2008*. Porto Alegre: Dublinense.

Silva, M. C. P.; Souza, P. O. & Santos, Z. (2013). Violência sexual infantil. In Silva, M. C. P. (org), *Sexualidade começa na infância* (p. 95-111). São Paulo: Casa do psicólogo.

Anna Paula Njaime Mendes é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Estudos Psicanalíticos pela mesma instituição, concentrou suas pesquisas sobre o abuso sexual e as contribuições de Ferenczi sobre a temática. Psicóloga clínica com ênfase no atendimento infantojuvenil.

Nívea de Fátima Gomes é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Estudos Psicanalíticos pela mesma instituição. Docente do curso de Psicologia da faculdade Pitágoras/ Divinópolis. Membro do Parlêtre, Psicanálise, pesquisa e transmissão. Psicóloga clínica com ênfase no atendimento de crianças.

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL À LUZ DA TEORIA WINNICOTTIANA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO.

Omar Moreira Del Bianco
Prof.ª Dr. ª Rosa Maria Tosta

RESUMO

Este trabalho nasceu da experiência clínica com um menino de onze anos que apresentava, no processo psicoterápico, manifestações de identificação com o sexo oposto e apresentação de algumas características femininas. As dúvidas teóricas e práticas nos levaram a estudar a problemática identificatória e a constituição da identidade sexual. Tomando como base a teoria winnicottiana, o foco foi na compreensão do processo de constituição da identidade sexual do menino. Abordamos os registros do masculino e do feminino na constituição do *self,* bem como o processo de identificação da criança, perspectivas fundamentais para se compreender o processo de construção da identidade sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Masculino, Feminino, Identificação, D.W.Winnicot

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um estudo teórico-clínico sobre a constituição da identidade sexual na teoria winnicottiana. Para tal, recorre às elaborações psicanalíticas de D.W.Winnicott acerca do processo de identificação da criança e visa compreender os registros do masculino e do feminino na constituição do self. O questionamento que inspirou esta reflexão surgiu de um caso clínico.

No atendimento de um menino, dúvidas teóricas e práticas surgiram ao longo do processo terapêutico, que levaram à necessidade de aprofundar os estudos sobre a problemática identificatória e sobre a constituição da identidade sexual. A questão-tema foi: Tomando como base a teoria winnicottiana, quais os aportes teóricos que podem subsidiar a compreensão sobre o processo de identidade sexual do paciente em foco?

Ao aprofundar no tema, deparamo-nos com a complexidade do assunto para o exercício da prática clínica. Além disto, a construção da masculinidade não tem recebido o mesmo investimento teórico do que a feminilidade, e as questões da definição de gênero são de grande interesse na psicanálise atual (Barison, 2010). Sendo matéria de tamanha relevância no âmbito clínico e psicanalítico, justifica-se a tentativa do conhecimento acadêmico abordar as questões relativas à sexualidade.

As identificações, bem como os elementos feminino e masculino puros, são fundamentais para que se possa compreender a maneira como a sexualidade se apresenta, mas também trazem consigo um valor-diagnóstico, importantes perspectivas para a pratica clínica e para o cuidado à saúde.

APRESENTAÇÃO DO CASO CLÍNICO

Augusto (nome fictício) chegou à clinica da PUCSP depois de ter sido diagnosticado com “Transtorno do Pânico” numa UBS e ter sido encaminhado para psicoterapia. Na época sua mãe estava iniciando um novo relacionamento com outro homem.

No início da psicoterapia, com 11 anos, a mãe relata em entrevista que desde pequeno seu filho teve apenas ela e a avó por perto. Os pais se separaram quando ele tinha apenas um ano de idade, havendo pouco convívio com o seu progenitor. Desde o momento da separação, Augusto ficou sob os cuidados de sua mãe e avó, únicas pessoas que compõem o atual núcleo familiar do menino. A mãe revela sempre ter falado para o filho que iriam morar juntos, que teriam “um cantinho só para nós dois” (sic) e, também, queixa-se sobre a difícil

relação entre Augusto e seu namorado. Apesar das promessas, a mãe demostrou ser pouco acolhedora e muito crítica em relação ao filho. Na oportunidade, a mãe discorre que Augusto tinha um pai ausente, que a criança só o encontrava esporadicamente, e que "até os sete anos ele (Augusto) procurava um pouco o pai, depois o pai foi um pouco rejeitado por ele" (sic). Próximo ao final da sessão, a mãe expôs aquilo que, de fato, parecia se tratar de sua demanda principal – diz que o que mais a incomodava era que "Augusto baixou jogos de menina, assiste coisas de menina [...]; pego o celular dele e só vejo jogos de menina, de maquiagem, de cortar o cabelo..." (sic). Houve 28 sessões de atendimento em frequência mensal.

RECORRENDO A ALGUNS CONCEITOS

Winnicott, no texto "Creativity and its origins" (1971), relata sobre uma inusitada situação nunca antes vivenciada em seu trabalho clínico. Revela que, após longo tempo de psicoterapia com um paciente masculino, ocorreu-lhe, em uma sessão específica, que estava escutando uma mulher. Winnicott compartilha a sua contratransferência com o paciente, dizendo: "Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça [...]" (Winnicott, 1975, p. 105). Enfatiza que esta constatação nada tem a ver com homossexualidade. Foi a partir deste caso que, de acordo com Loparic (2005), a pesquisa de Winnicott sobre a sexualidade recebeu, já na fase tardia, um novo impulso, de um caso clínico em que se manifesta a dissociação de "características sexuais que são diferentes daquelas que o [...] sexo biológico justifica" (Winnicott apud Loparic, 2005, p. 338). Em outras palavras, foi neste caso que Winnicott percebeu a dissociação quase completa existente entre o homem e o aspecto da personalidade que possui o sexo oposto (Winnicott, 1975).

Sobre esta experiência clínica, Winnicott expõe que, embora seu paciente sentia-se como um homem sob todos os aspectos, em estágios precoces de sua vida sua mãe o viu como uma menina (Abram, 2000). Com efeito, na busca de atender a uma expectativa da mãe – a de ter uma menina – uma cisão desde muito cedo se estabelecera neste paciente, o qual pegou para si a loucura de sua progenitora (Hirchzon; Fonseca & Amiralian, 2003). Então, a partir desta vivência, Winnicott formula suas ideias sobre os fenômenos denominados de elemento feminino puro e elemento masculino puro.

De acordo com Winnicott (1975), o sentimento de eu (*self)* surge apenas na relação com o sentimento de SER, experiência estabelecida com base na relação de objeto do elemento feminino puro. Para Abram (2000), este elemento está presente desde o nascimento do bebê, quando ele e sua mãe estão fundidos, "não apenas sentindo-se como um, mas sendo um" (p.93). Consoante Safra (2009), é o elemento feminino puro que possibilita ao bebê identificar-se com o seio, experiência que é constitutiva. A mãe oferta o seio, e com ele é apresentada a possibilidade de ser. Winnicott (1975) enfatiza a importância vital desta "identificação primária" do bebê com a mãe para todas as subsequentes experiências de identificação. Trata-se de uma experiência fundadora de todo o desenvolvimento humano, e é a partir dela que têm origem os processos de identificação que levam à diferenciação entre eu e não-eu. (Abram, 2000).

O elemento masculino puro, por sua vez, está ligado ao fazer (Winnicott 1975). Afirma ainda que: "assim que se acha disponível a organização do ego, o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, ou separado [...]."(Winnicott, 1975, p. 115). Sem o elemento masculino "não há processo de diferenciação, pois o gesto não se coloca como ruptura do que era. É uma simples continuidade. " (Safra, 2009, p. 3). De acordo com o autor, são perspectivas fundamentais para o amadurecimento do elemento masculino (a) a presença do pai e, (b) o casal em ralação amorosa, pois possibilitam que o amor primitivo do bebê possa ocorrer sem riscos, e que a criança experimente a sua vitalidade tanto física quanto psíquica.

O sentimento de *self* depende de um casamento entre os elementos masculino e feminino, visto que o ser humano acontece na polarização dialética do feminino e do masculino (Abram, 2000; Safra, 2009). Deste modo, a integração entre o elemento feminino puro e o elemento masculino puro é condição primordial do viver criativo (Hirchzon et al.,2003). E a vida criativa é, para Winnicott, uma proposição associada à saúde. Existe, portanto, consoante Safra (2009), um valor-diagnóstico relacionado a estas perspectivas. De acordo com Winnicott (1975), "questão importante aqui é a avaliação de tudo isso em termos de saúde psiquiátrica" (p.111).

Mas os elementos masculino e feminino são também úteis para se compreender a maneira como a sexualidade se organiza (Safra, 2009). O autor refere que a sexualidade guarda íntima relação com a história do indivíduo, não podendo ser admitida apenas seguindo a concepção de "busca de prazer". A escolha do objeto sexual relaciona-se sempre às questões primitivas do indivíduo (Safra, 2009). Loparic (2005) também contribui para o assunto, afirmando que uma pessoa tem múltiplas identidades sexuais, umas instintuais e outras relacionais – as instintuais estão amparadas nas funções corpóreas ou no gênero (sexo biológico); já as relacionais são concebidas exclusivamente no contexto de relacionamentos interpessoais.

Partindo do inusitado caso clínico de seu paciente masculino, Winnicott elaborou a "teoria de uma segunda raiz da sexualidade, suplementar à instintualidade, baseado no estudo das propriedades de dois diferentes modos de relacionamento com outras pessoas – a identificação e a objetificação" (Loparic, 2005, p.338).

Winnicott (1990), à moda de Freud, atribui grande importância ao "Complexo de Édipo", afirmando que a saúde se estabelece na organização do primeiro relacionamento triangular. Ao descrevê-lo, a noção de identificação mostra-se central no processo de elaboração edípica e da identidade pessoal. Nesse fluxo, encontramos que, para Winnicott (1990), é por via da identificação com o pai – ou melhor, ao estabelecer um pacto homossexual com o pai -, que o menino chega a uma solução do Édipo, encontrando alívio para as ansiedades e conflitos inerentes à experiência instintiva. E, de acordo com a tese winnicottiana, é justamente a falta dessa experiência homossexual com o pai uma das etiologias possíveis da tendência homossexual masculina (Dias, 2013).

Para Winicott (1977), na vida infantil, a criança fica normalmente identificada com ambos os progenitores, mas, em um dado momento, especialmente com um deles, sendo "conveniente, naturalmente, quando a principal identificação é com o progenitor do mesmo sexo" (p.171). No Édipo, encontramos que o menino busca o pai como figura de identificação, visando integrar a masculinidade genital e chegar a uma resolução edípica. Porém, identificação só se estabelece dentro de uma relação real que a sustente e a torna verdadeira, isto é, se puder incluir a ambivalência de sentimentos: é preciso que o pai possa ser admirado e amado, mas também odiado e atacado (Galván, 2013).

Por fim, não podemos abordar o estágio edípico sem mencionarmos a questão da castração (Safra, 2009; Rosa 2009). De acordo com os autores, a castração traz consigo duas características opostas – uma é a ansiedade de castração, produzida pelo pai interventor, a qual causa medo e ódio; por outro lado, "traz também alívio, pois se o pai não estivesse lá para intervir, [...] a criança estaria exposta à sua impotência" (Rosa, 2009, p. 11). A castração é, consoante Safra (2009), questão fundamental para o estabelecimento da sexualidade masculina e feminina.

ANÁLISE DO CASO CLÍNICO

Quando realizamos uma aproximação entre a teoria dos elementos masculino e feminino puros e o caso clínico, algumas hipóteses puderam ser levantadas. Inicialmente, consideramos a possibilidade de que a falta da presença paterna, ou que o manejo materno não suficientemente bom, tenha dissociado alguma das dimensões fundamentais do *self* de Augusto. O viver pouco criativo observado no paciente nas fases iniciais do processo terapêutico, bem como o seu intenso sofrimento psíquico, foram vistos como reflexos desta problemática envolvendo os elementos masculino e feminino no menino. Em segundo lugar, aspectos e passagens clínicas sugeriram-nos que o registro do masculino ocorrera de maneira pouco satisfatória em Augusto. Três pontos principais foram levados em conta para ponderarmos esta hipótese, a saber: (a) "*a preguiça*"– isto é, ausência do fazer, do agir- tema frequente no percurso terapêutico do menino; (b) a sua agressividade reprimida e quase inexistente e; (c) o fato de que Augusto se apresentava de maneira pouco descolada de sua mãe, parecendo, não raras as vezes, se confundir com ela, não reconhecendo os seus próprios interesses, vontades e opiniões (lembremos que é o elemento masculino puro que possibilita uma diferenciação, uma ruptura do que era). Deduzimos, ainda, que o menino estava sob a égide do elemento feminino, e não do masculino, já que parecia tentar "usurpa(r) a posição da mãe ou seu lugar e vestimentas [...]." (Winnicott, 1975, p.120). O campo da masculinidade é o do agir no mundo; o inverso disso podia ser observado no menino, dada a sua postura pouco livre para agir, fazer ou deixar-se fazer. Ponderamos, igualmente, que frente a uma experiência prejudicada de SER – ou seja, com um afetado registro do elemento feminino puro, resultado de falhas de sustentação do ambiente (mãe) -, o FAZER (elemento masculino

puro) também aparecia de maneia débil e enfraquecida no menino. Isso porque é necessário "após ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo" (Winnicott, 1975, p.120). Neste texto, o autor difere a capacidade de cada mãe de transmitir a desejabilidade do seio bom (perspectiva relacionada ao elemento feminino), "e daí, temos que certos meninos e meninas estão fadados a crescerem com uma sexualidade assimétrica, mais carregada no lado errado de sua provisão biológica" (p. 118).

Por sua vez, ao relacionarmos os aportes teóricos que abarcavam o tema da identificação com o caso clínico, consideramos a hipótese de que Augusto pode não ter chegado a uma solução satisfatória para o Édipo devido à impossibilidade de ter se identificado e estabelecido um pacto homossexual com o seu pai (e posteriormente com o seu padrasto). A imaturidade emocional e a ausência física destes últimos foram fatores que nos levaram a considerar esta hipótese. Ponderamos, igualmente, que a mãe do garoto pode ter inviabilizado ou não sustentado a permanência do pai (e do padrasto) e a relação entre eles e seu filho. A mãe que prometia "um cantinho só para nós dois" (sic), e que posteriormente separou-se do namorado devido à "difícil relação entre ele (padrasto) e o filho" (sic), são fatores que parecem justificar a argumentação acima. A mãe, ela própria, demonstrava dar pouco lugar ao Outro, ou terceiro, em seu psiquismo, tentando capturar o menino para uma relação dual consigo. A despeito disto, (a) em busca de uma relação afetiva verdadeira (que sustente a ambivalência de sentimentos), (b) para se defender das angustias relacionadas a esta situação fusional e (c) para se proteger contra as ansiedades e os medos relativos ao Édipo, Augusto identifica-se predominantemente com a mãe, com o feminino, deixando de integrar os aspectos masculinos de sua personalidade. Talvez Augusto estivesse vivendo um conflito, representado pela tentativa (talvez influenciada por pressões sociais ou instintuais) de tornar-se homem (integrando os aspectos masculinos de sua personalidade) *versus* a impossibilidade disto, pois, caso contrário, teria que, em suas fantasias inconscientes, ser obrigado a satisfazer a sua mãe como mulher, visto que, em sua história edípica, não pode substituir a mãe por outro objeto de desejo (decorrente da impossibilidade de estabelecer um compromisso homossexual com o seu pai).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar, então, que ambos os progenitores possuem seus respectivos papéis no processo de construção da identidade sexual, seja em relação aos registros dos elementos masculino e feminino puros na constituição do self, seja no processo de identificação da criança. Na problemática identificatória do menino sublinhou-se a importância do pai sem, todavia, desconsiderar a da mãe.

Em relação à compreensão da situação transferencial, especificamente àquela que surge como repetição ou depósito de objetos internos, entendemos, assim como apontam Vives e Rocabert (2008), que o gênero tanto do paciente como do analista são particularmente relevantes, principalmente quando é revivida, na transferência, a problemática edípica. Conforme exposto no decorrer deste trabalho, entendemos que Augusto estava envolvido nos conflitos e angústias inerentes à esta relação triangular. No processo psicoterapêutico, Augusto frequentemente parecia encontrar no analista aspectos de sua figura paterna idealizada, os quais pareciam nele carecer. Deste modo, a presença do psicólogo pôde possibilitar à criança experimentar facetas de uma relação com a figura paterna na qual dimensões do masculino se tornaram possíveis. Em especial, consideramos que Augusto vivenciou, com o terapeuta, uma relação que contemplasse a ambivalência de sentimentos, sendo possível amar e odiar o psicólogo sem que lhe ocorresse uma resposta de punição ou retaliação.

Podemos reflexionar, por fim, que se a psicoterapia tivesse prosseguido, e se a situação terapêutica continuasse a ser sustentada no tempo e no espaço, Augusto poderia estabelecer um compromisso homossexual com o terapeuta, o que poderia promover, na criança, alívio das ansiedades e dos medos inerentes à situação edípica. De qualquer forma, a manifestação de sua agressividade, bem como o seu brincar mais criativo e espontâneo puderam ser vividos, e podem ser considerados aspectos positivos relacionados a esta situação transferencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abram, J. (2000). *A Linguagem de Winnicott: Dicionário das Palavras e Expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.

Barison, O. L. (2010). Para o gol: latência e identidade de gênero. *Jornal de Psicanálise*, *43*(79), 83-99.

Dias, E. O. (2013). Pai, identificação parental e homossexualidade masculina/ Father, parental identification and male homosexuality. *Winnicott ePrints. Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana*, *8*(1).

Galván, G. B. (2013). O pai e a problemática do falso simesmo em um contexto edípico: um caso de Winnicott/ The father and the matter of the false self in an oedipal context: a Winnicott's case. *Winnicott ePrints. Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana*, *8*(2).

Hirchzon, C. L. M., Fonseca, M. C. S. S., & Amiralian, M. L. D. T. M. (2003). Os elementos masculino puro e feminino puro na clínica: a história de Vítor. *Natureza humana*, *5*(2), 443-457.

Lartigue de Vives, T., & Vives Rocabert, J. (2008). Reações contratransferenciais e gênero do analista e analisando/a. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *42*(4), 145-152.

Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza humana*, *7*(2), 311-358.

Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza humana*, *11*(2), 55-96.

Safra, G. (2009). Os registros do masculino e feminino na constituição do self. *Jornal de Psicanálise*, *42*(76), 77-89.

Winnicott, D. W. (1971). *Playing and Reality*. London: Tavistock.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (José O. de A. Abreu e Vanede Nobre, Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada en 1971. Título original: Playing and Reality).

Winnicott, D. W. (1977). *A criança e o seu mundo*. (Álvaro Cabral, Trad.) (4ª ed). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada en 1957 e [1964]. Título original: The Child, the Family and the Outside World).

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. (Davi L. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada en 1988. Título original: Human Nature).

Omar Moreira Del Bianco.
Psicólogo. Formado em Psicologia pela PUC-SP (2014). Aprimoramento Profissional Clínico-Institucional pela PUC-SP (2015). Atua em seu consultório particular e na rede pública de saúde (psicólogo do SUS).

Rosa Maria Tosta.
Psicóloga, psicoterapeuta e supervisora. Doutora em Psicologia Clínica,professora associada da PUC-SP. Especialização em Psicologia Clínica, Psicologia Hospitalar e Psicossomática.Responsável pela modalidade de aprimoramento clínico-institucional "Psicoterapia winnicottiana na infância e adolescência", na Clínica da PUC-SP.

OS NOMES DO PAI: A RESSIGNIFICAÇÃO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Paul Kardous

RESUMO

O trabalho abaixo será desenvolvido com a intensão de refletirmos sobre a importância do significante do Nome do Pai na ressignificação da sexualidade na adolescência. Para tanto, iremos utilizar um caso clínico que permite exemplificar na experiência clínica o conceito que está sendo posto em discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Nome do Pai/adolescente/sexualidade/desejo

Este trabalho irá utilizar o conceito psicanalítico de Nome do Pai, para circunscrever a problemática da ressignificação da sexualidade na adolescência.

O conceito de Nome do Pai foi desenvolvido por Lacan durante toda sua obra (1953 -1981), sendo pensado como uma função inconsciente que possui incidências na formação da identidade e do posicionamento sexual do ser humano no decorrer de toda a sua vida. Ele não se confunde com a figura do pai da realidade, porém, operara sobre ela, sobre a mãe, sobre toda a família, inclusive sobre a cultura ocidental como um todo.

Lacan apoia-se em Freud e nos seus estudos sobre a constituição da família na horda primitiva, na função da castração, no posicionamento da criatividade em relação aos complexos paternos e na perspectiva de uma compreensão dos elementos reguladores da repressão social e das estruturas do recalque na formação da identidade e do sujeito moderno.

Neste sentido é que a psicanálise destaca-se das demais abordagens do homem, por introduzir a compreensão do humano a partir dos fenômenos de linguagem entendidos como fenômenos psíquicos. Assim, a função do Nome do Pai, será uma função que estará dentro dos fenômenos psíquicos, no interior da vivencia linguageira do humano, a saber, uma função que cientificamente é designada como simbólica que tem um efeito pacificador na relação com o outro, a partir do momento que a diferença se instaura como operador simbólico através do desejo de analista.

Existem três dimensões a serem consideradas do Nome do Pai: o Real, o Simbólico e o Imaginário.

O Pai Real é aquele que não se submete à castração e tem como seu equivalente a figura mítica o Pai da horda primitiva, de “Totem e tabu” em Freud.

Já o Pai Simbólico, é o que se submete à castração, cumprindo com a função fálica, dentro da qual ele se encontra em uma posição análoga ao que Freud denomina como o Pai do Complexo de Édipo, que é o agente da castração.

Finalmente, o Pai Imaginário seria o representante e responsável pela transmissão do conjunto das regras e valores sociais e dos símbolos da cultura.

Para exemplificar esse conceito do Nome do Pai e sua incidência sobre a ressignificação da sexualidade no adolescente, com sua influencia sobre a identidade e as identificações, iremos trazer um recorte de um caso clínico. Nesse sentido, iremos introduzir e explicar os conceitos no decorrer da exposição clínica por meio de um caso no qual o sujeito, em análise, conquista gradativamente a posição de ser responsável sobre si mesmo, no que tange ao desejo através de uma conquista e apoderamento progressivo de sua posição de ser falante.

Trata-se de um adolescente, de 17 anos que procura análise alegando estar deprimido, triste e mostrando que era patente a sua dor e sofrimento. Relaciona este quadro ao fracasso nos treinos para competições esportivas. Alega sentir-se muito culpado por não corresponder ao enorme investimento financeiro que seus pais fizeram para ele se tornar profissional. Sentia que havia os decepcionados muito, principalmente a mãe.

No decorrer das entrevistas preliminares ele relata que seu estado deprimido afetou sua capacidade de decisão na escolha da profissão e de saber se deveria continuar ou não o atual namoro. Lentamente foi se percebendo muito rígido quanto às suas ideias, sobretudo, quando são opostas às dos seus pais, o que tem sido um foco de conflitos frequentes que gerou muita angustia seguido de tristeza. Mas, ao mesmo tempo, percebe que não conseguiu deixar de querer impor as suas ideias.

Com a análise passou a se interessar mais pelas atividades do centro acadêmico, especialmente no que tange a organização de eventos esportivos. Decide então que iria se candidatar a presidente do centro acadêmico, pois acreditava que isso iria lhe dar muita experiência para o seu futuro profissional. Sua mãe era veementemente contra essa intenção, devido esta atividade não ser remunerada, e, dizia que ele fazia isso para não trabalhar.

O jovem via o seu pai como uma pessoa infeliz por não ter lutado para se realizar profissionalmente devido a uma doença infantil que frustrou a possibilidade de ingressar nos estudos para alcançar a profissão que desejava, passando a trabalhar com o sogro de forma subalterna e expressando sua insatisfação no ambiente familiar reiteradamente.

Também se queixava que os pais brigavam muito com ele alegando que ele deixava o seu quarto todo bagunçado e o mesmo não conseguia entender por que precisavam deste desgaste. Ele mesmo achava que era uma bagunça organizada e não via mal algum nisso.

Ao decorrer de sua análise após um sonho no qual relata estar nu em um campo, ele associa o sonho, com o hábito da família de andarem todos nus em casa. Associa também que aos nove anos surpreendeu seus pais tendo relações sexuais e que havia ficado muito impressionado. Isto o levou a associar com a falta de contato com as meninas durante a sua estadia no colégio religioso, onde foi estudar na clínica esportiva. Relembrou que ao voltar ao Brasil começou a namorar uma moça que é de família muito religiosa e que isso foi um foco de conflitos com ela e com a família dela, pois era muito inibida sexualmente e a família dela não a deixava dormir na casa dele nem tampouco viajar com ele.

DISCUSSÃO DO CASO

Vemos como o jovem está inserido num contexto familiar de linhagem materna com um avô materno forte e o seu pai duplamente diminuído. Primeiramente pela deficiência física adquirida em sua infância e ainda mais por não ter se realizado profissionalmente. Mesmo assim o Pai Real lhe transmitiu os elementos da heterossexualidade, na qual, a cena do coito parental foi determinante na identificação heterossexual, afirmando para o menino que na cama a hora da verdade, como diz Lacan, seu pai é um homem, o qual coloca sua mãe no lugar de causa de seu desejo. Em contra partida, sua mãe deseja este homem, por se perceber a causa do desejo de seu homem.

A prática do esporte é uma “coincidência” de interesse entre ele e a mãe. Poderia ficar rico, famoso e a mãe se vangloriar de seu herói para a sociedade. O projeto esportivo é atrapalhado no mesmo momento em que ele fica impedido pela Religião de se relacionar com as meninas, dai como recurso para satisfação sexual apela para a masturbação compulsiva, que obstaculizou seus estudos e seus treinos esportivos.

Ao voltar começam os conflitos, com seus pais, com a nova namorada e consigo mesmo (exames de consciência, ser ou não ser). Ingressa na faculdade, mas o que funciona como um Ideal é o centro acadêmico incorporado que serviu para se “contrapor” aos pais. A partir deste momento, ele torna-se capaz de falar diferentemente de seus pais, apoiado em um Ideal que vem de fora, introduzindo uma diferença de gerações e uma diferença de Ideais. As gerações dos filhos falam diferente que a dos pais (buscando Um Nome Próprio que o torne singular).

Se ele não é mais o agente esportivo passa a propiciar o prazer esportivo para os outros organizando torneios e eventos esportivos. Tal fenômeno o faz entrar na dimensão capitalista, nas quais as relações de organização e trabalho são colocadas de modo produtivo e fornecem reconhecimento. Com isso produz uma sublimação parcial do fracasso anterior, indicando que ele já está identificado a valores sociais através dos valores de vanguarda e esquerda.

Retornando no tempo, ao chegar a terras tupiniquins, começa a namorar uma moça de uma família tão religiosa quanto a sua experiência no exterior. Experimenta os prazeres do amor com a jovem "religiosa" e começa a desenvolver sofrimentos morais (relacionados com o Pai Imaginário e o Ideal do eu). Entra num verdadeiro conflito quando começa a demandar à moça e à família que mudem e aceitem os seus argumentos assumindo a posição de evangelizador, como contraponto do Pai Imaginário, apresentando para a família da namorada um novo Ideal do eu.

Através das pontuações do analista e de suas próprias apercepções da diferença entre ela e a família dela e ele, ele pode modular seus desejos num tom de argumentos e não mais de imposição e indignação, o que propiciou um remanejamento das relações entre as partes, regulado pelo registro Simbólico pacificador cada vez mais emergente. Doravante argumentando por conta e risco, passando a aceitar os argumentos do outro, sentindo que ele tem a possibilidade de ser por si mesmo como quiser, tal como ele (progressivo crescimento da ação do Pai simbólico pacificador).

A sua busca de ser o presidente do centro acadêmico é devido ele já ter se identificado ao significante do Nome do Pai e por isso ele necessita tanto de se fazer um Nome Próprio, que no caso é ser Presidente e ter voz própria (agora ele é senhor de sua própria voz). Este Nome Próprio que é endossado e reconhecido pelos outros extrafamiliares, que o elegeram na condição de semblantes de um sistema Simbólico. O elemento regulador aqui é o início de uma harmonização dialética entre o eu Ideal com o Ideal do eu, balanceados por uma função simbólica que se expressa no Pai simbólico, como já dito.

A pulsão escópica funciona como um índice do saber inconsciente na medida em que foi através da visão do coito parental que ele se identifica como pertencendo àquela família, já que pode interpretar que uma vez que os pais fazem amor, portanto, ele é o fruto desse amor, e que o seu irmão mais novo também nasceu dos prazeres do amor entre os seus pais. Destarte, a cena do coito aconteceu mais de uma vez, mamãe reitera o prazer sexual com um homem que papai lhe proporciona e vice versa.

Retornando um pouco na temporalidade da h(y)storia deste adolescente, temos o seguinte. Ele volta do exterior na busca de si mesmo. Sua única saída estrutural possível é a sublimação, já que lá ele perdeu os estudos e as possibilidades de desfrutar dos prazeres do amor com o outro que a juventude poderia lhe proporcionar.

Na ocasião, ele não contava com a repressão religiosa da escola, e sua resposta sexual a essa repressão foi fixar-se em uma atividade sexual autoerótica masturbatória, a qual contribuiu para a retirada da libido da atividade esportiva e dos estudos.

No setting analítico surge a relação entre a prática esportiva e o órgão sexual que o deslizamento significante produz pela aproximação fonológica, no sentido da audibilidade, entre Tênis e Pênis. Enquanto jogador identificou-se com a promessa de sucesso e a satisfação da mãe, com isso ganharia fama, prestigio, mulheres e o amor da mãe... Contudo, "fracassou" por causa do Pênis, equivalência simbólica entre as palavras Tênis e Pênis. Não avança no Tênis, mas fica fixado no Pênis. Esta metáfora só se produziu por que houve a inscrição de um operador simbólico que permite a substituição (condensação). Este operador lógico é chamado por Lacan de o significante do Nome do Pai, foi inscrito na origem e permite as trocas simbólicas: Tênis/Pênis; Namorada/Mãe etc.. Ao se inscrever esse operador, este produz o falo que realizará a função de regular as condições do desejo humano, através das trocas simbólicas. Assim, neste caso, Tênis é o representante do desejo da mãe que foi frustrado, furado e metaforizado pelo operador lógico significante do Nome do Pai. Está operação se chama alienação primeira do desejo do Outro e, separação, quando seu argumento já é por conta e risco próprio.

Do ponto de vista da manifestação sensível, bagunça no quarto, não podemos dizer que seja de fato um sintoma, mas um epifenômeno deste, mas toca na questão do espaço de si mesmo, que estava tudo jogado, espaço imaginário que tem algo de Real insuportável para esta mãe. Podemos dizer um real imaginarizado para a mãe, pelo sujeito do inconsciente do jovem.

Por outro lado, quando ele briga por causa do PT com os outros, aqui já é o adolescente se manifestando, crescendo e Simbolizando o imaginário S>I que pode confrontar o Pai, a partir de valores sociais, que são simbólicos, conceitos e, portanto, são significantes. Após um tempo de analise que destacou a diferenças de sexos, diferenças de gerações, ele não demandou mais de convencer os pais, mas sim firmar o seu argumento.

Já a querelência a cerca da bagunça provém do discurso materno. Mas depois de um período da análise onde foi muito trabalhado no setting a análise reforça o lugar de enunciação S>I, - "isso é você quem diz" -; ele confronta os valores dos pais, com os valores que são de fora de casa, trazendo para dentro, para superar e furar o sentido capitalista burguês dos pais, o que dá um efeito de descompletar o Outro que intenta ser absoluto. Ao descompletar o Outro, se afirma uma verdade que não tem garantia, e então ele pode crescer por conta e risco. Este processo decorre da aceitação de que o Outro é incompleto, ou seja, castrado.

Formalmente, argumentar o Nome do Pai, é encontrar o argumento que satisfaça a função de anolamento do Real, do Simbólico e do Imaginário, e por que não, do Nome do Nome do Nome, já que não há um discurso que possa nomear Um Pai no singular que regularia a sexualidade do ser falante. A análise deste adolescente nos ensina que o existem diversos Nomes do Pai. Ou seja, diversas respostas do vivente para anolar seu corpo aos significantes dando consistência à estrutura.

Como já foi dito acima, o Nome do Pai amarra em um todo o RSI em uma estrutura que coloca a vida em funcionamento. O analisante relata que sua mãe era sentida por ele como intrusiva. A identificação dela introjetada por ele é de que ela deseja regular sua vida através de uma nomeação que tem uma motivação inconsciente de estar no lugar do Pai Imaginário no singular, com isso negando as versões Simbólica e Real do Nome do Pai. Acarretando, assim, dificuldades desta amarração que possibilitasse funcionar satisfatoriamente sua vida no despertar da primavera.

Na América ele não conseguiu uma Americana tampouco uma colega estrangeira para o seu despertar da primavera. A namorada brasileira, religiosa, superegoica como a mãe, identificada e transferência ela é uma moça difícil, presa aos pais como a mãe dele é presa ao avô fálico, delicada, frágil e que se faz de difícil para ele. O que ela não percebia que ele precisava ocupar uma função para dar-se um nome. Como que para a sua mãe, o corpo dele pertencesse a ela, ou seja, nesta procura de um cargo no centro acadêmico ele estava procurando construir-se um nome dado por ele e ao mesmo tempo poder ter o sentimento de que o seu corpo pertencesse a ele e não a outrem, dito de outro modo, consolidar a sua identidade que não faz acordo com as suas identificações, já que a identidade ela é sempre refratária à identificação.

O conceito do Nome do Pai também permitirá verificarmos qual a influência do declínio das imagos parentais sobre a ressignificação da sexualidade na adolescência. E se tal declínio favoreceu a uma multiplicação de modelos parentais e de práticas sexuais que exercem grande influência no processo de identificação e a formação da identidade.

Paul Kardou
Psicanalista; Psicólogo; Mestre em comunicação e semiótica PUC-SP; membro da Associação Livre; membro do fórum do campo lacaniano; professor do Cogeae no curso Semiótica psicanalítica: clínica da cultura; autor do livro: "Impotência sexual: o Real, o Simbólico e o Imaginário" editora Casa do Psicólogo e coautor do livro: "Semiótica psicanalítica: clínica da cultura" editora Iluminuras.

Josseline Capua Rodrigues Sanches
Formação em Psicologia, Psicanálise, Acompanhamento Terapêutico, especialização em clínica psicanalítica e em formação em Psicanálise com crianças.

DO TRAUMA AO DESENHO: EXPRESSÕES DE DEFESAS PSÍQUICAS

Rafaela Cristina Bittencourt Garcia

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte de uma análise de uma menina acompanhada em um serviço de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. O acompanhamento dos desenhos da paciente permite observar o processo de elaboração que ela fez e localizar alguns dos efeitos reverberativos do trauma. As imagens mostram os mecanismos de defesa utilizados por ela. O traumatismo provocou a clivagem, expressa em divisões e duplicidades, e a clivagem, para se sustentar, se apoiou na *Verleugnung*. Após expressar suas respostas psíquicas, a menina apontou em sua análise para uma tentativa de integração, que possibilitou uma gradativa condensação de elementos desagregados.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso sexual infantil; Clivagem; *Verleugnung*.

A clínica psicanalítica tem sido campo de pesquisa para a compreensão dos desdobramentos da subjetividade em casos de violência sexual infantil e da interferência do trauma ao longo do desenvolvimento psíquico da criança. Será apresentado um recorte de uma análise de uma menina acompanhada no Projeto CAVAS/UFMG, que realiza pesquisas e intervenções com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.

A expressão da criança em análise por meio de desenhos a auxilia a elaborar seus conteúdos traumáticos, principalmente quando as associações verbais ainda não ocorrem com facilidade. Sendo assim, tais desenhos se tornam fonte de compreensão do funcionamento psíquico de algumas crianças. No caso apresentado a seguir, estabeleceu-se uma relação entre as formas e os conteúdos dos desenhos feitos em análise e os mecanismos de defesa utilizados pela criança para lidar com as situações traumáticas que vivenciou.

Júlia chega com quase oito anos de idade para receber atendimento psicológico no Projeto CAVAS/UFMG. A avó materna conta que quando a neta tinha cerca de três ou quatro anos de idade, ela percebeu marcas no corpo da menina que a levaram a denunciar o pai da criança. Fizeram exames médicos que comprovaram o abuso e a avó recebeu a guarda da neta. O pai sempre negou o ocorrido e a mãe acreditou nele, em um primeiro momento, o que a fez ser afastada da filha. Assim, a situação gerou grande rivalidade entre a avó e a mãe da menina, sendo que a disputa era intensa entre elas.

Houve um momento em que a avó materna contou, na presença da neta, que quando obteve a guarda da criança, os pais da menina ficaram de um lado da rua, os avós paternos de outro e elas ao centro. Tentavam pegar a menina à força. Julia conta, rindo, que ficou igual a “cabo de guerra”, cada um puxando para um lado. Mesmo assim, a avó conseguiu manter a criança sob seus cuidados. Após esse episódio, as brigas e ameaças se acentuaram.

Algum tempo depois, a mãe termina o relacionamento com o pai da menina, devido a agressões físicas que ela mesma sofreu, e passa a vê-lo como um possível abusador. O juiz liberou a criança de visitar a mãe e a menina queria voltar a morar com ela, mas a avó resistiu em ceder a guarda. Posteriormente, a mãe se muda de cidade, ficando distante de toda sua família.

Sobre a sintomatologia da criança, a única queixa da avó se referia a dificuldades escolares da neta. Ao longo dos atendimentos ficou claro que a menina apresentava um desempenho escolar satisfatório, apenas mostrando impasses localizados em pontos intrigantes: com divisões na matemática e com os ponteiros do relógio.

Quando os atendimentos já aconteciam há quase dois anos ela elaborou uma sequência de desenhos muito interessantes. No primeiro desenho, quando questionada sobre o que era, ela respondeu que desenhava o que lhe vinha à cabeça. Aos poucos contou que eram princesas que lutavam contra uma bruxa. Foi desenhando os poderes que elas emitiam, aumentando-os dos dois lados, gradativamente. Apesar da menina não ter feito associações verbais sobre o desenho, pode-se considerar a hipótese de que ele estaria relacionado ao conflito entre a avó e a mãe, ou entre a própria criança e a sua história de abuso que ela ouviu repetidas vezes de forma tão intrusiva.

No próximo atendimento, durante metade do tempo da sessão ela levou alguns problemas matemáticos. Mostrou dificuldade com metades, como as de cento e de dúzia. Quando resolvidos os problemas, a analista relembra o desenho da sessão anterior. Então, ela fez casinhas a lápis, apagou e pediu que a analista fizesse uma vila feliz. Enquanto isso, ela desenhou duas florestas: uma antes, momento quando a bruxa existia, e uma depois, quando a bruxa havia sido vencida. Nas sessões seguintes foram feitos os outros desenhos que contrastam o período em que a bruxa existia com o período após a luta com as princesas. O último desenho dessa série foi uma flor e a palavra 'fim'. Após desenhar essa flor com um caule bem espesso, não desenha mais nada relacionado à história e pede figuras impressas para colorir.

As imagens ressaltam as cisões que ela propõe que sejam feitas no tempo. Divisões que podem ser interpretadas como espelhamentos de um psiquismo clivado. O acompanhamento dos desenhos da paciente nos permite observar o processo de elaboração que ela fez e localizar alguns dos efeitos reverberativos do trauma. Nesse caso clínico, acredita-se que, assim como em outros pacientes que passaram por uma situação muito traumática, algo em seu psiquismo se alterou. Durante a infância, quando os toques do pai extrapolaram sua função de cuidado e se concretizaram em invasões abusivas, algo na criança se destroçou. A disputa de sua guarda e a rivalidade entre mãe e avó, também contribuíram para que houvesse uma cisão, dividindo a família, polarizando os afetos e clivando seu psiquismo. Mesmo depois de cessados os episódios traumáticos, algo ecoa, persiste e aparece nas nuances de seus desenhos.

Para explicar a clivagem do Eu como um processo de defesa, Freud diz:

> **Posso caracterizar genericamente as condições sob as quais tal comportamento do Eu ocorre, dizendo que são situações em que há um trauma psíquico. (...) Ela [a criança] responde ao conflito com duas reações opostas, ambas válidas e ativas. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, ela rechaça a realidade e rejeita quaisquer proibições; por outro, ao mesmo tempo, ela reconhece o perigo que emana da realidade, acata dentro de si esse medo (*Angst*) como um sintoma e mais adiante tenta lidar com esse medo. Em princípio, essa é uma solução bastante engenhosa. Ambas as partes em disputa recebem seu quinhão: permite-se à pulsão obter a satisfação (*Befriedigung*) almejada e, ao mesmo tempo, tributa-se à realidade o respeito necessário. Mas, como reza o dito popular: só a morte nos é dada de graça. Esse resultado tão bem-sucedido só foi alcançado ao preço de um rompimento na tessitura (*Einriss*) do Eu, a qual não mais cicatriza, ao contrário, só aumenta à medida que o tempo passa. Assim, as duas reações opostas com as quais o Eu respondeu ao conflito passam a subsistir como núcleo de uma cisão no Eu. (Freud, 1938, p. 174)**

A clivagem foi um mecanismo de defesa importante para que a menina conseguisse lidar com os conflitos presentes em sua história e em seu psiquismo. Seus desenhos podem ser interpretados como a apresentação das duas reações que ela desenvolveu para lidar com conteúdos traumáticos. Por um lado, a realidade é retratada como algo perfeito e belo, como se nada de destrutivo houvesse acontecido. Ao mesmo tempo, do outro lado, há um reconhecimento do aspecto devastador do que lhe ocorreu. Uma parte da figura revela como ela rechaça e denega a violência que sofreu e suas consequências, enquanto o outro fragmento zela certo respeito pela realidade psíquica e factual em seus aspectos desagregadores.

Um autor que estuda o trauma e descreve a clivagem como mecanismo para a manutenção da integridade narcísica do indivíduo é Luís Cláudio Figueiredo (2008). Ele afirma que

> **(...) o traumático é essencialmente** *heterogêneo* **e, portanto, anterior ao conflitivo – ele nem pertence apenas ao campo das forças que se opõe, nem apenas ao campo dos sentidos que se contradizem, mas nasce justamente do encontro e desencontro dos dois planos; o modo mais primitivo e radical de lidar com essa situação será a de impedir que ela evolua na direção de se tornar um campo conflitivo, ou seja, as cisões cumprem essa tarefa básica de proteção, impedindo que o conflito e suas tensões se instalem no psiquismo. (Figueiredo, 2008, p. 16)**

No caso aqui relatado, antes dos desenhos elaborados, a menina não trazia para a análise conteúdos divergentes, ambivalência de sentimentos ou posicionamentos de inconformidade ou revolta. Para a compreensão do caso, pode-se pensar que o traumatismo provocou a clivagem, expressa em divisões e duplicidades, e a clivagem, para se sustentar, provocou a *Verleugnung*. Esse mecanismo de defesa vem para dar suporte ao conteúdo clivado que precisa ser, de certa forma, negado, afastado da realidade.

Figueiredo (2008) propõe traduzir o termo *Verleugnung* por desautorização.

> **Trata-se, em primeiro lugar, de um "acontecimento" sem autoria legitimada, de um "episódio" sem sujeito da experiência em que a própria distinção entre externo e interno se anula. Mas, fundamentalmente, trata-se de** *negar a autorização* **para que esse episódio de ruptura se inscreva no campo da experiência de alguém e para que esse alguém se converta em sujeito (autor) de uma determinada experiência. As decorrências serão tanto a permanência do episódio em uma condição de** *enclave psíquico***, como que um "desvio" sem saída na rede de tramitações do psiquismo, como a impossibilidade de ir adiante, de transitar, de tirar consequências da experiência. A realidade do acontecimento traumático não é, assim, totalmente ignorada, o que poderia ser sugerido pelo termo "recusa": o que se passa é que ela não recebe a autorização para se transformar em experiência em um campo subjetivo relativamente unificado e ramificado, aberto às metabolizações, metaforizações e disseminações. Nessa medida, o episódio traumatizante desautorizado não impõe uma transformação radical no conjunto da experiência (que tende a permanecer intacto), mas passa a existir em uma área separada, paralela, incomunicável, ele também intacto e inacessível. (Figueiredo, 2008, p. 20)**

No diálogo com a menina e em suas brincadeiras, o conteúdo traumático não estava sendo acessado antes dos desenhos. Havia uma tentativa da analista em tangenciar tais conteúdos, mas a criança sempre se distanciava de associações que pudessem rememorar a época de contato com o abusador ou dos conflitos entre mãe e avó. Quando o nome de seu pai foi citado, ela prontamente disse que ele não era seu pai e se negou a conversar sobre isso. Mas é importante destacar que seu afastamento de tais conteúdos não pareciam ser motivados por uma recusa, mas sim por impossibilidade em transitar por tais lembranças e afetos, como se eles não pudessem ser alcançados por suas associações.

> **O que se desmente, por sua vez, não é o significado da percepção, pois este pode ser conservado. Não se trata, por exemplo, de negar o que se vê no seu sentido próprio, mas de impedir que o que se vê leve o psiquismo ao que se poderia inferir daquilo que foi visto:** *"Eu sei, mas mesmo assim..."***. O "***eu sei"* **não é puramente ou liminarmente desmentido; o que se impede é a consequência desse saber; nessa medida, o "***mesmo assim..."* **aponta para a preservação de uma posição subjetiva que não pode ser alterada. (Figueiredo, 2008, p. 60)**

A avó estava constantemente recontando fragmentos da história na presença da neta e a passagem da menina pela rede de enfrentamento da violência sexual da sua cidade, que incluía o Conselho Tutelar que a encaminhou para o atendimento psicológico, também reafirma que sua trama não foi esquecida. Ela sabia do que havia ocorrido com ela, mas refutava a realidade e se mantinha impossibilitada de associar a partir de tais conteúdos.

O que se pode pensar a respeito dessa tessitura do Eu que não mais cicatriza e que não pode ser alterada? Almeja-se que a análise possa fomentar o estabelecimento de elos que possibilitem a agregação entre os conteúdos polarizados. Em um árduo e longo trabalho de acompanhamento da criança, ela consegue se mostrar pelos desenhos. É a partir desse momento que ficam mais claros quais eram seus mecanismos de defesa, o que possibilitou direcionar intervenções que visassem a integração psíquica.

Certo dia, enquanto a menina coloria figuras impressas, a analista retomou a história das sessões anteriores. Comentou que havia reparado que a bruxa que ela desenhou era muito bonita e ela concordou. A analista disse algo sobre as pessoas às vezes aparentarem serem uma coisa e serem outra e ela também concordou. Conversaram sobre um desenho em que a criança havia pedido que a analista fizesse um anjo e um pássaro, que seriam as formas da bruxa e de seu ajudante depois da luta contra as princesas. A analista disse que achava aquele o desenho mais legal que havíam feito. Ela se empolgou e disse que achava o mesmo, mas não explicou o motivo. Pensando em uma intervenção que pudesse, de alguma forma, fomentar o início de uma possível integração, disse que gostava daquela ideia de que o vilão poderia se transformar em algo bom e a menina se empolgou. Discorreram sobre a vida não ser igual aos filmes e aos desenhos, em que o mau é só do mal e o bom é só do bem, que as coisas eram mais misturadas, que as pessoas ruins também poderiam ter algo de bom. Entusiasmada, a garota disse que essa seria a moral da história e escreveu próximo à flor: os vilões também podem ser bons. Conversaram sobre como o vilão havia ficado bom e ela disse que ele rezou muito pedindo perdão, sendo perdoado por Deus e por quem ele havia feito o mal.

Os desenhos foram novamente deixados de lado e ela pediu para colorir figuras de um desenho animado que gostava. Ao contar o enredo dessa série infantojuvenil, enfatizou a rivalidade entre dois grupos de meninas, filhas de personagens de contos de fadas: um grupo queria que as histórias permanecessem com o final descrito nos livros infantis, já a outra turma desejava que houvesse a possibilidade de mudança desse final, em que cada um pudesse escolher seu destino. Ela se identificava com uma personagem desse segundo grupo. Após algum tempo colorindo e me contando de alguns episódios, a série de televisão chegou ao fim da temporada daquele ano. A conclusão formulada pelas garotas rivais foi a constatação de que não precisavam ser divididas, todas podiam ser amigas. O que mais empolgou a paciente foi a moral da história relatada por ela: cada um pode escolher seu próprio final.

Algum tempo depois ela chega ao atendimento dizendo que se lembrou de algo muito importante. Conta que nada daquilo que fazia parte da sua história havia ocorrido de verdade. Diz que a mãe, por precisar se ver livre de seu pai agressivo, inventou os episódios de abuso. Nesse momento ela decide criar o final de sua própria história. Não era o final de seu trabalho analítico, pelo contrário, era o início de uma nova fase. Os conteúdos que antes não eram acessíveis, começaram a aparecer em suas associações. O trabalho continuou árduo, com várias resistências, mas a partir de outro foco.

> **As cisões (clivagens) e as repressões ou recalcamentos podem ser vistos como modos distintos de lidar com o intolerável, o inadmissível, o ambivalente ou incompatível na experiência humana; no primeiro caso (o das cisões), criam-se barreiras verticais que mantêm lado a lado porções segregadas da realidade objetiva e da subjetividade; no segundo (os recalcamentos), criam-se barreiras horizontais em que parte da experiência (representações, mas também afetos) são excluídas da consciência e "soterradas". Em contraposição aos modos neuróticos e "normais" de** *enfrentar os conflitos* **– o que se dá predominantemente pelas vias do recalcamento e da repressão -, quando predominam as cisões o que se tenta é** *evitar a constituição do conflito psíquico.* **(Figueiredo, 2008, p. 16)**

Nesse momento do trabalho analítico, as barreiras da paciente pareciam se declinar, mudavam de ângulo. Sua cisão vertical parecia ser cada vez menos necessária, possibilitando a utilização das barreiras horizontais para lidar com aquelas experiências. O que antes estava em um núcleo independente e incomunicável se deslocava, permitindo a ação do recalcamento. Os conflitos passaram a ser o foco de seu trabalho analítico.

A menina que tinha dificuldade em dividir metades, se transformou em uma adolescente que falava sobre afetos ambivalentes e se angustiava com injustiças. A criança que não entendia os ponteiros das horas, agora tinha seu relógio de pulso, monitorando sua sessão e seu destino. A direção do tratamento da criança buscou percorrer caminhos que objetivavam uma circulação dos conteúdos entre as partes cindidas, proporcionando uma mobilidade psíquica. O objetivo era proporcionar "que os afetos *passem* às linguagens, que as linguagens *passem* aos corpos, que os corpos *passem* aos afetos, que cada um *dê passagem* aos demais, e assim por diante." (Figueiredo, 2008, p. 36)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Figueiredo, L. C. (2008). *Psicanálise: Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1927). Fetichismo. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1938). A cisão do Eu no processo de defesa. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1938). Esboço de Psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Laplanche, J. & Pontalis J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Rafaela Cristina Bittencourt Garcia
Especialização em teoria psicanalítica na UFMG (em curso); Psicóloga graduada pela UFMG (2012); Técnica do Projeto CAVAS/UFMG (Pesquisa e intervenção com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual)

REFLEXÕES ACERCA DA UTILIZAÇÃO E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS BLOGS MATERNOS NA ATUALIDADE E SEUS POSSÍVEIS EFEITOS NA CONSTRUÇÃO DA FUNÇÃO MATERNA

Patrícia L. Paione Grinfeld
Roberta Alencar
Silvia Paula Leite Bicudo
autor apresentador

RESUMO

O surgimento dos blogs como ferramenta de comunicação a partir dos anos 90 e mais precisamente dos blogs maternos na década seguinte, inaugura de modo inédito o debate público sobre as representações da maternidade dentro de nossa sociedade através da voz das próprias mães confrontando, assim, a imagem da mãe perfeita presente no imaginário social. No entanto, embora a visão romantizada da maternidade venha sendo contestada em alguns sentidos, observamos que em muitas comunidades maternas virtuais também existe um certo ideal do que é ser "boa mãe", o que acaba por transformar esses espaços num palco de julgamento e exclusão.
Neste contexto, o presente trabalho visa levantar hipóteses acerca das possíveis relações que vêm sendo estabelecidas entre a construção função materna e o uso de blogs e outras comunidades virtuais pelas mães, procurando identificar suas funções e representações.

PALAVRAS-CHAVE: blogs maternos, função materna, representação social, maternidade

O presente trabalho traz algumas reflexões acerca da utilização e das representações que os blogs maternos e outras comunidades virtuais têm ocupado na construção da função materna nos dias atuais.

De acordo com Iaconelli (2015) muitos foram os estudos sobre como um bebê e seu cuidador estabelecem vínculos, mas pouco se pesquisou sobre como se dá a transmissão cultural dos conhecimentos em relação aos cuidados e manejo com o bebê.

Partindo deste apontamento, o percurso aqui realizado se apoia na transmissão cultural, ainda que este seja um recorte meramente elucidativo, pois, se entendemos que a construção da função materna se dá a partir da articulação entre psiquismo e laço social, não podemos pensar um separado do outro. No entanto, o pouco interesse e preocupação com o tema da transmissão cultural, parece, segundo a autora acima citada, ser fruto da falsa impressão de que o saber a este respeito é compreendido como naturalmente feminino, dado pela fisiologia, não havendo, por isso, o que se transmitir culturalmente.

O mito do amor materno construído no ocidente a partir de interesses políticos e econômicos ao longo dos séculos XVI-XVIII, se baseia na teoria de um suposto instinto maternal da mulher, que, por sua vez, reduz toda a complexidade da função materna ao campo do inato, restringindo-a ao sexo feminino (BADINTER, 1985).

Com os avanços da ciência e a consequente descentralização do poder na modernidade, bem como através de importantes discussões sócio-políticas levantadas por movimentos de minorias (como o feminista), entre outros fatores que ganharam força no século XIX, a mulher passa a explorar e a ocupar o espaço público. Se até então a maternidade era destino, seja por imposição, salvação ou desejo, a pós-modernidade se estrutura de tal maneira que a opção por ter filhos se torna apenas uma, entre tantas outras possibilidades de escolha, fazendo insustentável a compreensão do instinto materno como um sentimento inerente à mulher.

Em paralelo, com a inauguração da noção de individualidade na modernidade, as famílias, que no período medieval eram extensas, tendo diferentes gerações convivendo em uma mesma propriedade, agora se dividem

em núcleos – as famílias nucleares – sendo compostas apenas pelos pais e seus filhos.

Além disso, o confisco do corpo enquanto objeto de estudo de diversas áreas da ciência levou a medicina a outorgar para si o controle e a sabedoria dos cuidados sobre o mesmo (FOCAULT 1988). A obstetrícia, por exemplo, transportou o conhecimento e as experiências relacionadas ao parto e à gestação para os consultórios particulares e hospitais públicos, de modo que, diferentemente das mulheres das sociedades estáveis, que desde a mais tenra idade conviviam entre si em tempo integral participando dos cuidados da gestação, parto e puerpério uma das outras, a mulher moderna fica alienada de seu corpo e distante de sua comunidade de referência.

Essas novas configurações trazem à mulher contemporânea um grande desafio: se acomodar ao novo panorama social feminino que tem uma dupla jornada de trabalho, materna e profissional, e ainda corresponder aos ideais de maternidade de uma época anterior – porém, sem poder contar com os recursos sociais que esta mesma época proporcionava – para lidar com os impasses atuais.

É neste amplo contexto que a convocação do especialista para o centro da relação entre mãe e filho, enquanto intermediário, se faz, aparentemente, necessária. Temos, de um lado, uma mãe que "não sabe", mas que "deveria saber" e, de outro, um especialista que detém o "saber absoluto", criando uma relação polarizada que dificulta, quando não impede, uma interlocução entre esses "saberes". Claro que não estamos deixando de reconhecer a importância da intervenção ou do auxílio de profissionais em determinadas situações; a questão que se coloca é qual o lugar por eles ocupado em cada circunstância.

Se os especialistas ficam na posição de quem dita como deve ser feito, ignoram que a transmissão do conhecimento não vem apenas da aprendizagem formal, através de consultas, palestras, leituras indicadas e afins, mas também das "experiências sociais que o sujeito vai vivendo ao longo de toda sua vida". E ainda, que tais experiências, "partem de uma concepção cultural antecedente à mulher sobre o que é um bebê e o que é uma mãe, partem do bebê que ela mesma foi um dia, das experiências nas quais pôde conviver com bebês e observar os cuidados que lhes eram reservados e, por fim, da necessidade de construir uma identidade própria diante desses diferentes marcos identificatórios, sejam conscientes ou não" (IACONELLI, 2015, p.72-73).

Esta postura didática, corre, ainda, o risco de atropelar as construções e experimentações dos pais na relação com seus filhos, desestimulando suas percepções ou mesmo desautorizando-os de suas funções.

De acordo com Roudinesco (2003), as novas configurações familiares, legitimadas pela oficialização do divórcio, também contribuíram para que os especialistas entrassem pela porta da frente direto para o seio familiar. Isso porque, na medida em que se desvincula o casamento e a procriação, a instituição família, nos moldes anteriores, fica ameaçada. Assim sendo, especialistas de todas as modalidades das ciências humanas e sociais são convocados para estabelecer uma nova ordem, buscando controlar não só a demografia, mas também a vida privada de modo geral, decretando regras e aconselhando os casais a respeito de sua vida sexual e criação dos filhos.

A entrada na pós-modernidade, se dá sob grande vigilância e com recursos limitados para lidar com os impasses herdados dos períodos históricos anteriores: a ausência do saber adquirido na convivência familiar e comunitária, e dificuldades no manejo com o bebê *versus* discursos especializados. Os primeiros meses da maternidade ou são da ordem da patologia, na medida em que o inato não comparece e que o corpo da mulher é visto como deficitário, ou estão fadados a intensas vivências de falhas e fracassos, uma vez submetidos às condições que a nova organização social produziu.

Seriam, então, os blogs maternos e outras comunidades virtuais uma tentativa de construir saídas para as questões apresentadas, tanto em termos de conciliação entre o privado-público, quanto na tentativa de recuperação de espaços de compartilhamento e elaboração de experiências?

OS BLOGS MATERNOS E SUAS POSSÍVEIS COMPREENSÕES

O surgimento dos blogs como ferramenta de comunicação a partir dos anos 90 e, mais precisamente, dos blogs maternos na década seguinte, inaugura de modo inédito o debate público sobre as representações da maternidade dentro de nossa sociedade através da voz das mães.

Para Da Silva (2009) os blogs permitem fazer ver e ser visto, uma vez que "o autor de *blog*[1] se forma em função de suas visitas em outros *blogs*[2], seja para ver o que o outro está dizendo, seja para copiar ou nele se basear" (p.194). Já Nardi et al (2004, apud LOPEZ, 2009) apontam que as pessoas blogam pelo desejo de documentar a própria vida, para expressar suas opiniões, ter uma saída catártica, inspirar a própria criatividade e participar de um fórum da comunidade.

Embora traços do gênero diário[3] possam ser identificados na constituição dos blogs, a comunicação estabelecida através deles é, de acordo com Komesu (2004), uma das práticas possíveis para se buscar no outro respostas às questões subjetivas. Neste sentido, os blogs maternos parecem servir tanto para o resgate de referências quanto para a oferta de novos modelos, mais horizontais, na transmissão de conhecimentos e experiências em relação aos cuidados com os filhos.

No entanto, como a maternidade comumente é vista sob o viés da esfera privada, como algo inato e bem-sucedido, as mulheres que começaram a "falar" sobre a maternidade utilizando-se desta ferramenta foram, na primeira BlogHer Conference[4], alvo de crítica pelas mulheres que almejavam a equidade de gênero na blogosfera. Como resultado, a marginalidade e o desprezo aos blogs que falavam sobre a criação dos filhos fez com que a terminologia mãe-blogueira fosse ao mesmo tempo fonte de orgulho e embaraço para tais mulheres. Por outro lado, nessa mesma conferência, a colocação de uma das participantes, Alice Bradley, de que os blogs maternos são um *ato radical* por terem o potencial de mudar o discurso em torno das representações da maternidade, conferiu um novo status a essa categoria de blogs. Na conferência do ano seguinte, uma sessão inteira foi dedicada ao tema, revelando que se criticadas ou abraçadas, as mães blogueiras estavam sendo reconhecidas pelos dispositivos midiáticos como importante força que não podia ser ignorada.

Conforme coloca Lopez (2009), o formato fragmentado dos blogs permite capturar o retrato multifacetado da maternidade de maneira que nenhum outro meio de comunicação fora capaz de realizar, possibilitando a discussão sobre a maternidade de um modo bastante distinto da imagem da mãe perfeita difundida pelas mídias convencionais e, podemos acrescentar, pelo discurso social vigente.

Na medida em que a rede de apoio às mães foi ficando cada vez mais restrita ao núcleo familiar e os especialistas cada vez mais cuidando das partes do ser humano e não dele de modo integral, os blogs maternos parecem ter se tornado um dos meios para a elaboração dos conteúdos intensificados ou aflorados pela experiência de ser mãe, bem como um importante canal para a desnaturalização da maternidade. Através de registros do cotidiano, eles têm retratado a pluralidade da maternidade, legitimando vivências que não as idealizadas[5].

Entretanto, justamente porque apontam para a variedade das experiências maternas, com o crescimento do número deles (e de outras redes sociais virtuais), aumentam também as referências e os modelos sobre a maternidade, convidando seus usuários a se encontrarem e dialogarem nas semelhanças. Isso nos leva a compreender os blogs maternos como um espaço para os "iguais" e não para os "diferentes" e, portanto, que a comunidade que se cria, enquanto ambiente de compartilhamento, ocorre pela via da identificação[6].

Se por um lado o processo de identificação é favorável à construção das identidades, no caso a identidade materna, por outro, há uma polarização que se traduz pelo "o que 'eu e meu grupo fazemos' e o 'resto', a 'minha verdade e a do meu grupo' e o 'resto', o 'meu bebê e os bebês do meu grupo' e o 'resto. De acordo com Braga (2008), essa discordância, que pode ser destrutiva em relações particulares, não tem necessariamente o mesmo

1 Grifo do autor.

2 Idem.

3 Diário é um gênero textual escrito em linguagem informal, normalmente utilizado para registrar acontecimentos importantes do dia a dia e, em geral, tem o próprio escritor como destinatário.

4 Conferência realizada em 2005 em San Jose, Califórnia, reunindo mais de 300 blogueiras para discutir o lugar da mulher na blogosfera – http://www.blogher.com.

5 Observamos que o número de homens que escreve sobre a paternidade tem crescido, o que nos leva a crer que os mesmos têm buscado espaços para falar sobre o papel que os pais têm ocupado na criação dos filhos e as vivências desencadeadas pela paternidade.

6 No senso comum e não em toda a complexidade de seu sentido psicanalítico.

efeito no relacionamento total do grupo, já que as hostilidades preservam limites em seu interior e muitas vezes garantem suas condições de sobrevivência, demarcando a unidade grupal" (GRINFELD, 2015, p.2) .

Contudo, ainda segundo Grinfeld (2015), na relação grupal tal discordância pode se revelar intolerância, equivalendo, em certos casos, "àquilo que Freud (1930) denominou *narcisismo das pequenas diferenças*[7], uma forma de preservar a coesão do grupo, segregando de maneira hostil aquilo que não é possível suportar, olhar, reconhecer" (p.2).

Quando os blogs maternos se constituem a partir da chave semelhança-diferença, eles acabam por reproduzir a lógica binária que convida o especialista a atuar, dando seu veredito final. Não é por acaso que nesses ambientes muitas mães acabam contestando não apenas outras mães, mas também a visão dos especialistas (BRAGA, 2009), transformando os fóruns de discussão em um palco de julgamentos e rígidas posições que disputam o lugar de saber absoluto.

É neste cenário que muitas blogueiras que escrevem sobre maternidade acabam por conferir uma marca universal às suas experiências particulares. Ao se posicionarem enquanto especialistas, atribuem aos blogs maternos um tom quase profissional, fazendo recomendações ou contra-indicações que parecem ignorar os atravessamentos de suas próprias vivências e a singularidade daquilo que elas e outras mulheres vivenciam. Um exemplo clássico são os blogs nos quais a mulher se descreve profissionalmente conforme sua formação (jornalista, nutricionista, psicóloga, etc.) e "mãe do fulano e da fulana" – modelo que se repete também nas revistas dedicadas ao cuidado dos filhos. Ser "mãe do fulano" é o que a define pessoal e profissionalmente, ainda que não apenas, tornando impossível a distinção entre a vida privada e a pública da mãe[8].

A partir deste exemplo, temos que os blogs maternos podem se apresentar como uma saída interessante para o desafio vivenciado na contemporaneidade pelas mães que desejam conciliar maternidade e carreira profissional. Porém, muitas vezes, essa conciliação borra os limites entre a identidade materna e a identidade profissional ao condensar essas duas esferas numa única faceta da mulher. Nestes casos, ao mesmo tempo em que os blogs maternos se apresentam para estas mulheres como uma possibilidade de participação da vida pública sem que tenham que abrir mão da vida privada, ao se colocarem como especialistas acabam por reproduzir a falta de espaços livres de imposições e julgamentos para o compartilhamento e as trocas de experiências. Diante deste paradoxo, podemos dizer que estes blogs maternos, embora se apresentem como uma tentativa de a mulher construir maneiras próprias de maternar – o que parece ter sido o que justamente motivou sua origem –, acabam, em alguma medida, minando seu objetivo primordial (exceto quando conseguem escapar do binarismo certo-errado, bom-ruim, entre outros).

Na medida em que o sujeito se constitui através da linguagem, podemos pensar na constituição do sujeito-mãe como aquele que precisa falar ou, escrever, no caso dos blogs. Se a psicanálise é a ferramenta que dá sustentação para que a subjetividade de quem produz a fala se manifeste, parece-nos que também é ela que pode dar sustentação ao que é escrito pelas mães nos blogs, sem beneficiar ou ressaltar um saber em detrimento do outro, mas aproveitando dos diversos e distintos saberes conforme a subjetividade e a história de vida de cada mãe que escreve. Pensar de que forma esta intervenção pode acontecer, é o desafio que nos cabe enquanto psicanalistas.

7 Grifo da autora.

8 Observamos o inverso também ocorrer com muita frequência entre as mães que são figuras públicas e que levam seu universo privado para o público. Tal situação sugere que a necessidade de falar sobre a experiência materna extrapola o espaço limitado do mundo privado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATINDER, E. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRAGA, A. *Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

DA SILVA, F.M. *O leitor de blog: configurações modal e enunciativa*. Signo (Revista do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul), v.34, n.56, p. 184-197, jan.-jun., 2009. http://bit.ly/2aPh7P8

FOCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GRINFELD, P.L.P *Quem se agarra a quem, a quê e para quê?*. Trabalho apresentado no III Encontro Internacional e X Encontro Nacional sobre o Bebê (ABEBÊ). Rio de Janeiro, 02/11/2015. Disponível em formato Word em: http://bit.ly/2aVIAPI

IACONELLI, V. *Mal estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Annablume, 2015.

KOMESU, F. *Blogs* e as práticas de escrita sobre si na internet. In: "*Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido". Marcuschi, L.A. e Xavier, A.C. (org.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119. Disponível em formato Word em: http://bit.ly/2b18qot

LOPEZ, L.K. The radical act of 'mommy blogging': redefining motherhood through the blogosphere. New Media & Society, Chicago (EUA), vol. 11, nº 5, p. 729-747, ago. 2009.

ROUDINESCO, E. "O poder das mães". In: *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 147-179.

ROJAS, P. Neurose e desamparo. Sobre as encruzilhadas da modernidade. Trabalho de conclusão de curso apresentado no Seminário "Neurose", no curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em fevereiro de 2016.

Silvia Paula Leite Bicudo
Psicóloga e psicanalista, possui formação em psicologia perinatal pelo Instituto Gerar. Faz parte da equipe do Ninguém Cresce Sozinho.

Patrícia L. Paione Grinfeld
Psicóloga clínica, idealizadora e co-fundadora do Ninguém Cresce Sozinho.

Roberta Alencar
Psicóloga e psicanalista. Faz parte da equipe do Ninguém Cresce Sozinho. Foi coordenadora do Programa Palavra de Bebê do Instituto Fazendo História e é co-autora do livro "Entre o singular e o coletivo - O acolhimento de bebês em abrigos".

ALGUNS CUIDADOS NA ESCUTA DE CRIANÇAS E DAS QUESTÕES DE GÊNERO

Vanessa Chreim

RESUMO

O presente trabalho busca delinear alguns aspectos do atendimento a crianças que apresentam questões relacionadas a gênero, ressaltando a especificidade da sexualidade infantil e sua expressão na fantasia, segundo aportes psicanalíticos. A partir dessa consideração, busco refletir acerca da condução do caso e do campo de intervenção que promove uma análise de crianças, como um espaço que permita a formulação de questões e interrogações, e não de definições sobre a futura sexualidade do paciente. Levando em conta a complexidade do assunto e o fato de ainda persistirem muitas incertezas na condução destes casos, inclusive de adultos, procuro identificar possíveis atravessamentos e desafios que permeiam estes atendimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras chave: gênero, sexualidade infantil, psicanálise

A questão de gênero ja há algum tempo tem ganhado espaço em alguns filmes, como “Tomboy” (2011), “Eu, mamãe e os meninos” (2013) e os mais recentes “A Garota Dinamarquesa”(2015) e “De Gravata e Unha Vermelha” (2015). Mas tem também aparecido nos nossos consultórios, inclusive na clinica com crianças, demandando da psicanálise algumas respostas e posicionamentos. Sem dúvida é um grande desafio tratar do tema atualmente, momento em que muitas perguntas estão no ar, muitas teorias estão em suspenso e os preconceitos ainda não estão caindo por terra. Parece-me que a questão hoje ocupa um lugar social similar ao que a homossexualidade já teve algumas décadas atrás, em que indivíduos eram submetidos a castração química e, mesmo na psicanálise, por um tempo categorizada como desvio ou perversão. Ayouch, em artigo na Revista Percurso, detalha como alguns psicanalistas tem se posicionado a respeito dos transexuais, compreendendo que se trate de casos de psicose ou perversão, a partir de uma aplicação do conceito de castração mais restrito à diferença entre os sexos. Neste sentido, o autor afirma que sao posturas clínico-teóricas que contribuem para a patologização da questão, e que é necessário que se desenhe uma psicanálise pos-transexualidade. Embora concorde com o autor, me pergunto se é caso de aqueles que exercem a psicanálise se reverem, ou se a teoria psicanalítica tem que ser revista. No entanto também considero a declaração recente de Roudinesco de que não podemos tomar a obra de Freud como a-temporal, o que me pareceu uma alternativa muito razoável, pois não exclui a psicanálise dessa difícil conversa, e está alinhada à recomendação de Ayouch, de nos atentarmos a própria historicidade deste saber que está sendo construindo.

Minha experiência clínica e o espaço que a questão ganhou recentemente no âmbito cultural me instigaram a me aproximar do tema com mais envolvimento e cautela. Minha impressão é de um terreno de encontro e também de desencontros, entre a psiquiatria, a psicanálise, e as dimensões culturais, sociais e históricas, no âmbito singular e coletivo. Sensibilizei-me a questão das identidades de gênero e passei a notar que permeava o atendimento de uma garota se indagando sobre seu feminismo e seu machismo. Também a encontrei no atendimento de uma senhora que considera que se tivesse nascido homem, sua vida teria sido menos sofrida. Ideia similar me comunicou uma criança em sua brincadeira de bonecas. Em todos os esses casos, masculino e feminino constantemente se apresentam em competição, com tons de opressão/submissão, ou superioridade/inferioridade, num entrecruzamento de questões culturais e singulares. Acredito que este olhar seja importante para que a discussão não fique centrada apenas naqueles pacientes que buscam uma operação de redesignação de sexo, embora a questão se torne mais delicada quando se fala em intervenções biológicas, mas não por isto

se deve encerrar este tema ao corpo.

O AMTIGOS (Ambulatório de Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual) do Núcleo de Psicologia e Psiquiatria Forense do Hospital das Clinicas, tem recebido para triagem e acompanhamento cada vez mais crianças, indicando que a questão que antes dizia respeito aos adultos, agora nos interroga a respeito da infância. Como ouvir a criança quanto ao que ela diz ser? E quanto ao que ela gostaria de ser? Quando é cedo ou tarde psiquicamente para se considerar chama-la por outro nome, ou ainda para uma intervenção biológica? Por um lado, compreendo que há uma preocupação quanto a um diagnóstico precoce, a fim de minimizar o sofrimento do paciente, e a fim de obter resultados esteticamente mais satisfatórios para o futuro adulto. No entanto, questiono se pode ser preciso um diagnóstico que diz da sexualidade adulta futura de uma criança. No meu ver, está se fazendo uma pergunta que não tem resposta - pois a infância é o tempo do ainda não vivido. Mas as perguntas, a depender de quem as formule e quem as escute, pode ter sentido e efeitos muito diferentes.

Apoio-me no conceito de Ferenczi (1933) a respeito da confusão de línguas, para pensar na necessidade de se tomar cuidados especiais na escuta da criança com questão de gênero. O autor, ao tratar do tema do abuso sexual de crianças, aborda o contraste da sexualidade adulta sobre a infantil nesta situação. O adulto na sua linguagem da paixão vive a cena que a criança representa na linguagem da ternura, causando uma importante e violenta confusão. É compreensível que os pais das crianças que estão envolvidas com questões de gênero busquem encontrar respostas rápidas e certeiras, movidos pela angústia, e procurem diagnósticos que afirmem: ele é ou não é trans? Mas essas são perguntas formuladas do ponto de vista do adulto, que antecipa o adulto que seu filho será. Se não cabe ao psicanalista fazer previsões a respeito do futuro da sexualidade de uma criança, é sua função alertar para o fato de que a infância é um momento de construção das identidades e do sujeito, e que o infantil deixa seus restos e marcas para a vida toda. O essencial no trabalho não é responder perguntas, e sim possibilitar *que sejam feitas pela criança, em seu tempo*, como forma de exploração e elaboração, como expressão da curiosidade e de seu desenvolvimento enquanto sujeito que vai encontrando seu lugar, conhecendo seu corpo e falando em nome próprio. Nesta escuta da criança, me parece muito importante identificar através da transferência, qual o sentido do que é dito, e muitas vezes pedido, e sensibilizar os cuidadores a outras questões que podem estar afetando a criança.

Considerando a especificidade da infância, uma identificação com o outro sexo pode ter sentidos variados. Encontrei na minha experiência clinica e na literatura – cito por exemplo o trabalho de Coimbra (2014) - meninos pequenos que tinham preferências por bonecas, pela cor rosa, por vestidos e princesas, que se revelou na transferência como um movimento de buscar reencontrar uma mãe perdida precocemente ou ausente na possibilidade de olhar seu filho, compondo um quadro de constituição de sujeito deficitária. Estes elementos se relacionavam ao processo de identificação relativo ao narcisismo primário, não a uma escolha objetal Edípica quanto menos a uma identificação sexual. Freud em “Feminilidade” (1932) aponta que brincar de boneca pode ser uma fantasia ativa, como quem se identifica com a mãe, que cuida de um bebê, ou passiva, onde a criança se retrata sendo cuidada pela mãe. Este é um dos cuidados na escuta de crianças a que me refiro no título deste trabalho, as nuances do infantil não podem se perder de vista, mas só se revelam na transferência, ou seja, na projeção de um modelo de relação com o outro, repetido com o analista.

Falando de crianças, não poderia deixar de falar dos pais, que são protagonistas essenciais na vida dos filhos e de cuja parceria depende a vinda da criança ao atendimento. Se entre os pais e a criança ocorre um jogo intersubjetivo de projeções e fantasmas, no caso das questões de gênero, não é diferente. O “assim” aparece com frequência para se referir ao motivo pelo qual a criança está em tratamento, substituindo uma série de outros termos, por vezes políticamente incorretos, porém mais fidedignos à fantasia parental, como “transtorno”, “questão”, “problema”, “doença”,“especial”, entre outros. Há situações em que são acusados por outros ou por si mesmos de terem falhado. Tal questão coloca os pais diante de seus preconceitos, seus valores, seus ideais, bem como os dos grupos com que convivem. Por vezes, no esforço de serem pais ideais, calam seus incômodos e estranhamentos, porém, com o risco de se desautorizarem como país seguindo a orientação dos especialistas, enquanto de fato se sentem perdidos. Quando olham para o filho como absolutamente diferente de si, não se reconhecem como país desta criança, pode haver uma atitude de desfiliação, que muitas vezes é vivida a nível social pelos adultos transexuais. Assim, penso que a escuta dos pais seja essencial neste trabalho, para que possam ver o filho além do motivo de consulta, e para que se sintam empoderados como país, apesar de tanto

terem que lidar com a indefinição da situação. No que diz respeito a sexualidade da criança, o imprescindível é que ela não fique órfã afetivamente, nem de função materna, nem de função paterna.

Neste sentido resgato a noção de castração numa compreensão mais ampla do que a da diferença anatômica entre os sexos, pois se ela nos impele a pensar o que significa isso que apresenta a criança, ela também é operadora da constituição psíquica da criança desde os anseios dos pais. Parece-me importante resgatar as noções da psicanálise quanto ao processo de constituição psíquica, pois as marcas que se inscrevem em um corpo são produzidas desde o momento onde se descobre a gravidez, e não cessam de serem produzidas e reatualizadas na vida adulta. Se é necessário que os pais projetem seus anseios sobre o corpo e o psiquismo da criança para que seja inscrita no campo da linguagem e do pulsional, para que ela tenha acesso ao desejo, é importante que em algum ponto algo fique barrado aos pais quanto a seu filho. Neste sentido, é importante que se pergunte, este corpo da criança, de quem é? Do médico, da avó, da mãe, do pai, ou dela mesma? Também considero que seja importante interrogar e diferenciar, o que são as angústias dos pais, e quais são as da criança, explicitando o contraste da sexualidade infantil com a adulta e a diferença entre as gerações. Abster-se de previsões sobre a sexualidade futura criança e apresentar aos pais a possibilidade de sustentar o "não-saber" sobre o filho, embora possa ser muito angustiante para eles, situa-os na temporalidade.

A questão de gênero atravessa a infância e as crianças formam suas ideias sobre papéis sociais de homens e mulheres desde cedo, especialmente observando as pessoas com que convive, e muitas vezes reproduzindo discursos que lhe são feitos, como "você joga como uma menina", jargão que o feminismo contemporâneo tem tentado ressignificar. Se por um lado as crianças ganharam voz e espaço para atendimento, preocupa-me um olhar dirigido a elas que muitas vezes deixa de lado o infantil, atribuindo noções da sexualidade adulta à criança, este me parece ser um cuidado essencial para que não se produzam violências. Algumas crianças são chamadas de hipersexualizadas porque falam de namoros e casamentos, mas nem sempre é o caso, a criança pode estar defensivamente querendo organizar duplas para garantir a sua, protegendo-se da exclusão. Ou quando se presume que um menino será homossexual ou transexual por causa dos objetos que escolhe brincar, não se leva em conta a complexidade do processo de identificação.

Em artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, de Foigel, Gagliatti e Saadeh (2014) podemos ter acesso aos protocolos de atendimento a adultos no AMTIGOS de 2014, numa fase ainda de adaptação para o trabalho com crianças. Neste artigo, na sigla do ambulatório, a letra "T" se refere a "Transtorno", e não a "Transdisciplinar", como consta hoje no site oficial. Neste funcionamento, apenas quem realmente tem diagnosticada a patologia – Disforia de Gênero – tem direito a intervenção cirúrgica, o que parece um paradoxo, destinar a alguém que é diagnosticado com um transtorno mental uma operação de grandes riscos físicos e psíquicos, onde a recuperação exige muito dos recursos emocionais do paciente. Uma compreensão que busque classificar e apenas reverter o desencontro no corpo, segundo Patrícia Porchat (2014), "... *desvaloriza a experiência pessoal em relação ao sexo e ao gênero, e estabelece um padrão de coerência entre sexo e gênero que dificilmente encontra consenso nas teorias, na clinica, e nas experiências individuais*" (pg. 118).

Não creio que a cirurgia deva ser excluída como opção de tratamento, mas me parece que não deve ser a prioridade. Na condição humana há um descompasso entre o tempo do desenvolvimento biológico e o tempo do desenvolvimento psíquico. Esta questão fica presente ao se pensar que uma criança pode menstruar, ter pêlos e início de peitos aos 8 anos, e querer brincar de bonecas. No sentido de que, seu corpo pode estar tomando a forma de uma mulher, não mais de criança, para uma menina que está ainda começando a se apropriar da sua feminilidade. Enfatizo aqui que o "ser mulher" do ponto de vista biológico tem outro tempo e outra dinâmica do que o "ser mulher" subjetivamente. Do ponto de vista da intervenção biológica, existe pressa em interferir, porém do ponto de vista psíquico, a intervenção no organismo pode ser prematura, pode dificultar o processo de apropriação subjetiva de um corpo em transformação ou no pior dos casos agravar o desencontro entre a identidade e o corpo, apresentando um risco psíquico. Se o tempo do aparecimento dos caracteres sexuais secundários for privilegiado ao tempo do processo de subjetivação, corre-se um risco de, em prol de uma perfeição estética, se relegar a segundo plano a saúde mental. Nesta linha, me parece que estaria-se reforçando esteriótipos culturais do que é ser homem e do que é ser mulher, atendo-se a anatomia, a fisiologia e a imagem, um modelo que não

comporta a bissexualidade como vicissitude da sexualidade. Se há homens "cis" que fazem depilação, e mulheres "cis" que raspam a barba, pergunto-me porque ao "trans" tem que ser indicado um padrão de beleza excepcional.

Neste sentido, se é importante que a transexualidade deixe de ser exclusivamente uma perversão ou doença psiquiátrica, é verdade que com frequência há um importante sofrimento psiquico, que através da escuta e da transferência, possa ter seu sentido revelado, elaborado ou construído. O que se manifesta como questão de gênero e como se entrelaça em cada sujeito é da ordem singular, mas também vai revelando marcas e heranças culturais, sociais e familiares. Parece-me essencial o cuidado de não cair em radicalismos: nem de afirmar que a transexualidade seja uma psicopatologia, nem excluir a possibilidade de que em alguns casos seja um sintoma ou uma fase exploratória, especialmente em crianças. Parece-me que diante de diretrizes e protocolos com resultados incertos, a psicanálise em um resgate da noção de sexualidade, sem confundi-la com genitalidade, tem muito a contribuir, ao considerar um corpo pulsional, histórico, e libidinalmente plástico. Ao considerar também a variedade de movimentos identificatorios e sua relação com a bissexualidade, e a ambivalência inerente à qualquer relação, pode haver um espaço para reduzir as cisões e conceber que coexistam aspectos masculinos e femininos em trânsito, em conflito ou em aberto em qualquer um.

Devemos a Freud as descobertas a respeito da sexualidade infantil, desde os "Três Ensaios Sobre a Sexualidade" (1905), embora ele tenha nos deixado com respostas insatisfatórias quanto ao complexo de Édipo feminino, por exemplo, quanto às conclusões de que a mulher não tem superego e que a relação mãe-bebê é a mais livre de ambivalência, presentes em "Feminilidade"(1932). É importante no entanto criticar o autor sem perder suas contribuições. Suas limitações nos revelam, junto a um contexto cultural, qual o lugar da mulher naquela sociedade, de modo que se pode interrogar se a histeria se relacionava num âmbito singular com um atravessamento social e cultural. Pensar de que forma a castração e a diferença entre os sexos circulava naquele discurso me parte importante pois a mesma questão se coloca atualmente, para qualquer paciente. No caso Dora (1905), por exemplo, as versões oferecidas a ela pela mãe e pela Sra K, quanto a feminino, eram muito diferentes.

É importante também recordar que todo o saber e o manejo com o tema está em construção, processo no qual os pacientes são protagonistas de um movimento na sociedade e que são também construtores da cultura que os atravessa. Neste sentido, é fundamental dar voz e oferecer escuta. Acredito que enquanto analistas de crianças temos um condição privilegiada de trabalhar com um psiquismo ainda não cristalizado, embora não hajam previsões sobre o futuro, há porém a oportunidade de uma interferência psicanalítica, jamais no sentido de uma cura-gay, mas no sentido de ajudar a lidar com os conflitos que a sexualidade apresenta para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ayouch, T. (2015). *Da transexualidade às transidentidades*. Percurso – 54, p. 53-62

Coimbra, R. E. L. (2014). *O Caminho do arco-iris: a esperança perdida*. Revista Brasileira de Psicanálise – Vol. 48, n. 4, p. 97-103.

Ferenczi, S. (1992). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. (A. Cabral, Trad.). In Psicanálise IV (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).

Freud, S. (1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. In: Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905). *Fragmento da Análise de um caso de Histeria*. In: Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1932). *Feminilidade*. In Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXXIII. In: Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Foigel, M. E., Gagliotti, D. A. M. & Saadeh, A. (2014). *De adultos a crianças : análise retrospectiva e psicanalítica de serviço ambulatorial de população com disforia de gênero - transtorno de identidade de gênero – transexualismo*. Revista Brasileira de Psicanálise – Vol. 48, n. 4, p. 73-80

Porchat, P (2014). *A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise*. Revista Brasileira de Psicanálise – Vol. 48, n. 4, p. 115-124

Filmes:

TOMBOY, Céline Sciamma, França, 2011

EU, MAMÃE E OS MENINOS, Guillaume Gallienne, França, 2013

A DAMA DINAMARQUESA, Tom Hooper, Estados Unidos, 2015

DE GRAVATA E UNHA VERMELHA, Miriam Chnaiderman,Brasil, 2015

Vanessa Chreim
Psicologa pela PUC-SP, membro acadêmico do Departamento Formação em Psicanálise, atuou na área da educação, hoje atende na Clínica do Instituto Sedes Sapientiae, além do consultório particular.